

MUSEU
MUNICIPAL
ABADE
PEDROSA

ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO

Álvaro Brito Moreira

MUSEU
MUNICIPAL
ABADE
PEDROSA

ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO

APRESENTAÇÃO

A abertura do Museu Municipal Abade Pedrosa após a requalificação do edifício da antiga hospedaria do Mosteiro de Santo Tirso, signo maior da identidade cultural concelhia, com base num projeto de coautoria de dois vultos da arquitetura internacional – Álvaro Siza Vieira e Eduardo Souto de Moura –, constitui um momento de enorme satisfação pessoal e de significativa importância institucional. De natureza pessoal porque a abertura do Museu Municipal ocorreu em 1989, no seguimento da implementação de uma política por nós protagonizada que tinha por objetivo a afirmação dos valores culturais do concelho e que esteve na base da estruturação dos serviços autárquicos, na qual se verificou um significativo reforço da área cultural. Desde essa altura, não posso deixar de sublinhar o papel fundamental assumido por Álvaro Moreira, na direção do Museu Municipal Abade Pedrosa. O Museu Municipal veio, assim, a desempenhar um papel fundamental na definição e concretização das linhas programáticas da atividade cultural do Município, assim como na defesa e valorização do património cultural, cujos projetos museológicos, de investigação e valorização constituem, atualmente, uma referência no panorama da museologia nacional. A conclusão do projeto assinala também um momento de especial relevância institucional, na medida em que a sua concretização constitui um momento de afirmação da capacidade de realização da comunidade de Santo Tirso, ilustrando de forma eloquente a importância da componente humanística na nossa matriz política, que tem como referencial a área cultural, enquanto setor estratégico de desenvolvimento económico e de valorização da condição cidadã.

Desde o primeiro momento que se sinaliza a pretensão da comunidade em criar um Museu Municipal em Santo Tirso, até à sua concretização em 1989, e daí à presente data, foram muitas as vicissitudes por que passou a instituição que, apesar de um contínuo e intenso esforço de atualização e melhoria das condições expositivas, o tempo e as circunstâncias não permitiram responder satisfatoriamente aos desígnios da “nova museologia”. O projeto de requalificação desenvolvido possibilitou refazer o suporte e o discurso de comunicação, assim como proporcionar uma melhor adequação do mobiliário ao espaço, garantindo excecionais condições expositivas, nomeadamente no que respeita à conservação e preservação do espólio, às condições de visibilidade das peças, à fluidez da circulação e melhoria das condições de acolhimento dos visitantes.

Atendendo a que um museu não pode ter apenas como objetivo a organização e disponibilização de testemunhos de valor patrimonial, e que verdadeiramente só cumpre a sua missão quando produz conhecimento e o disponibiliza à sociedade, contribuindo dessa forma para o seu desenvolvimento socioeconómico, a edição deste catálogo é uma peça essencial, na medida em que fundamenta cientificamente o conhecimento do património de Santo Tirso, valorizando a história enquanto valor matricial e elemento de coesão da comunidade.

O Presidente
Joaquim Barbosa Ferreira Couto, Dr.

PROJETO MUSEOLÓGICO
p.8

O ACERVO MUSEOLÓGICO
p.14

ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO
PRÉ-HISTÓRIA
p.19



ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO
PROTO-HISTÓRIA
p.37



ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO
ROMANIZAÇÃO
p.57



ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO
IDADE MÉDIA E MODERNA
p.113



ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO
ÉPOCA CONTEMPORÂNEA
p.131



ESTAÇÕES ARQUEOLÓGICAS
p.144

BIBLIOGRAFIA
p.178

PROJETO MUSEOLÓGICO

O museu municipal encontra-se instalado na antiga hospedaria do Mosteiro de Santo Tirso. O cenóbio foi fundado por Dona Unisco Godiniz no ano de 978, e a sua filiação à Ordem Beneditina data de 1092. Hoje, pouco resta do primitivo mosteiro e do seu templo de traça românica. A atual composição resulta, em grande medida, das amplas obras realizadas no séc. XVII, dirigidas por Frei João Turriano, onde se cruzam influências do Barroco Romano e do Rococó Francês e Alemão, refletindo um espírito inventivo e gracioso que a igreja transmite de forma exuberante. O seu interior, ricamente ornamentado em talha dourada, tem o risco de um dos mais notáveis entalhadores da “escola bracarense”, Frei José de Santo António Ferreira Vilaça.

O Museu Municipal Abade Pedrosa foi “reativado” pela deliberação camarária de 7 de novembro de 1985 (ata n.º 46, fl. 24-25), na qual se definiu o âmbito das suas coleções, a sua missão e objetivos. Em 10 de março de 1989, foi inaugurado e formalmente aberto ao público com uma exposição dedicada à arqueologia do concelho. Em 1997, no âmbito de uma candidatura ao Subprograma C do PRONORTE, a exposição permanente foi remodelada, tendo sido criados novos espaços expositivos e implementados os Serviços Educativos de uma Biblioteca especializada em Arqueologia. Em 2000, instalou-se um auditório com capacidade de 72 lugares.

O acervo museológico exposto é constituído essencialmente por objetos arqueológicos, provenientes de vários sítios, cujo horizonte cronológico se desenvolve desde o Paleolítico à Época Contemporânea, complementado por extensão dedicada à industrialização e à transformação do território e da paisagem, cujo processo se desenvolveu a partir de meados do séc. XIX. A exposição permanente procura documentar o quotidiano das populações nos diferentes períodos históricos, em estreita relação com as estações arqueológicas que constituem o repositório do conhecimento das culturas retratadas.

Em 13 de maio de 2002, o Museu Municipal integrou a Rede Portuguesa de Museus, passando, a partir dessa data, a fazer parte de um grupo relativamente restrito de instituições museológicas “credenciadas” pelo IPM/RPM, tendo a aprovação da candidatura sido transmitido à Câmara Municipal de Santo Tirso em ofício¹ com a data acima mencionada, cujo teor da comunicação parcialmente se transcreve;

(...) *Relativamente ao assunto em referência, informa-se V. Ex.ª que se encontra formalmente concluído o processo de apreciação da candidatura à Adesão à Rede Portuguesa de Museus, oportunamente formulado pelo Museu Municipal Abade Pedrosa. Tendo em conta a apreciação dos elementos constantes do processo de candidatura – de acordo com os critérios e parâmetros constantes do regulamento de Adesão à Rede Portuguesa de Museus e com a visita efectuada ao mesmo museu - venho por este meio informar que mereceu aprovação a integração do Museu Municipal Abade Pedrosa na Rede Portuguesa de Museus. (...).*

¹ Excerto do ofício enviado pelo Instituto Português de Museus – Rede Portuguesa de Museus (Ref. 380c/IPM-RPM/2002) datado de 13 de maio de 2002.

PROJETO MUSEOLÓGICO

Em 20 setembro de 2006 foi aprovado o Regulamento Interno e de Política de Incorporações do Museu Municipal Abade Pedrosa (ata n.º 18, ponto 2, fl. 8-26).

O museu possui como principais vocações - a) Estudar, documentar, conservar e divulgar o acervo que detém, bem como apoiar e colaborar no estudo, salvaguarda e divulgação do património arqueológico e arquitetónico, assim como estudos de carácter científico que envolvam realidades patrimoniais associadas à história e arqueologia da região em que se insere; b) Promover a sensibilização e divulgação da história e do património, assim como incentivar a realização de projetos de investigação no domínio das Ciências Sociais; c) Estimular a prática e frequência de atividades culturais, nomeadamente as que se relacionam com as exposições temporárias e demais atividades desenvolvidas nas suas diferentes valências, designadamente no domínio das artes plásticas e performativas.

São objetivos do museu - a) Salvaguardar, estudar e divulgar as coleções que constituem o seu acervo; b) Valorizar os bens arqueológicos enquanto testemunhos insubstituíveis para o conhecimento das culturas e realidades históricas precedentes; c) Apoiar e colaborar na salvaguarda, estudo e divulgação do património arqueológico e arquitetónico concelhio; d) Alargar e diversificar os públicos do museu; e) Estabelecer parcerias com instituições congéneres tendo em vista a conservação, estudo, divulgação e fruição do património cultural; f) Criar e desenvolver núcleos museológicos que venham a integrar a sua estrutura orgânica em diferentes domínios e realidades patrimoniais, associadas à arquitetura e arqueologia, de forma a promover a divulgação da história e do património do concelho; g) Colaborar na criação e organização de núcleos museológicos ou centros interpretativos a serem criados na área geográfica do concelho de Santo Tirso, incentivando a implementação de boas práticas inerentes à nova museologia.

O projeto de valorização que sustenta a atividade museológica agora implementado abarca duas áreas temáticas do património da cidade e do concelho: 1) Museu Internacional de Escultura Contemporânea de Santo Tirso; 2) Museu Municipal Abade Pedrosa. Genericamente, a intervenção incide sobre temáticas que se entrecruzam como referências da *memória e identidade* da cidade, integrando o património arqueológico exposto no Museu Municipal Abade Pedrosa enquanto referência civilizacional da etnogénese nacional, o património arquitetónico e histórico, corporizado no mosteiro beneditino de Santo Tirso enquanto elemento matricial da cultura e identidade nacional, e o património contemporâneo expresso no domínio das artes plásticas, composto pelo acervo do Museu Internacional de Escultura Contemporânea de Santo Tirso, que constitui uma referência de contemporaneidade e universalidade. Conceptualmente, a intervenção corporiza e transmite uma abordagem agregadora que, além de valorizar a memória coletiva, através da preservação dos elementos históricos e arquitetónicos, projeta a capacidade interventiva do presente na construção de novos valores patrimoniais a eles associados.

A opção de reunir no mesmo espaço físico o Museu Internacional de Escultura Contemporânea e o Museu Municipal Abade Pedrosa decorreu da vontade de concentrar recursos humanos e financeiros, tornando, simultaneamente, o projeto mais intenso e atrativo para o público². Por outro lado, tendo em consideração que o MMAP está instalado no Mosteiro de Santo Tirso, o museu constituirá um espaço de

acolhimento e interpretação para quem pretenda visitar o imóvel e a área que lhe está consignada, independentemente da utilização que lhe é dada ou dos diferentes proprietários. Este espaço será o ponto de partida e de chegada de quem decida conhecer este imóvel. O programa compreendeu a ampliação do MMAP para albergar a sede do MIECST, a requalificação do Museu Municipal Abade Pedrosa, enquadrando uma nova área de acolhimento e receção partilhada, cuja lógica construtiva realça igualmente as duas valências (Centro de Acolhimento e Sede do Museu Internacional de Escultura Contemporânea / Museu Municipal Abade Pedrosa) tendo como linha condutora a racionalização e partilha de espaços, serviços e recursos (materiais e humanos).

A exposição permanente estrutura um discurso coerente e interpretativo da ocupação do território desde as primeiras comunidades humanas até à contemporaneidade, que tem por base os vestígios materiais mais significativos de cada período em análise - Pré- história; Proto-história; Romanização; Idade Média e Moderna e Época Contemporânea -, estruturada em seis espaços (salas) expositivos, complementados por uma sala polivalente que pode receber exposições e outros eventos de carácter temporário, assim como converter-se num pequeno auditório capacitado para acolher fóruns científicos ou atividades de carácter lúdico.

Museu Municipal Abade Pedrosa Memória descritiva³

Respeitando e seguindo o programa preliminar entregue pela Câmara, a proposta assenta na construção dum edifício novo para albergar o acervo do MIEC e na requalificação do edifício onde neste momento funciona o MMAP. A ligação entre os dois edifícios é pontual e apesar de os ligar funcionalmente, permite mantê-los independentes na forma e linguagem. O objetivo é aceder aos dois Museus por uma entrada comum através do novo edifício. Pretende-se, com esta abordagem, criar um serviço de atendimento único -Átrio- com acesso aos dois Museus que, apesar de terem programas distintos, partilham algumas áreas em comum.

O Museu Municipal Abade Pedrosa encontra-se instalado na antiga hospedaria do Mosteiro de Santo Tirso, edifício que integra o conjunto patrimonial designado por Mosteiro de Santo Tirso, imóvel classificado como Monumento Nacional. O edifício encontra-se implantado na face norte da cidade de Santo Tirso, junto ao rio Ave, e confronta a:

– Oeste, o Largo Abade Pedrosa, que configura o adro da Igreja e o edifício conventual;
– Sul, a Rua Unisco Godinis;
– Este, uma via de acesso à Adega pertencente à atual escola agrícola;
O edifício tem dois pisos, embora só o piso superior, à cota da rua Unisco Godinis, pertença ao Museu. De planta retangular e desenvolvimento longitudinal, é configurado a Oeste por um corredor de circulação que ocupa todo o comprimento do edifício e a Este por várias salas de dimensões diferentes e com ligações pontuais entre si. O acesso às salas é realizado através do corredor por várias portas, por vezes mais do que uma por sala. O edifício, de alvenaria de granito, apresenta os paramentos rebocados com uma argamassa de saibro, pintados a branco, mantendo-se o granito aparente nos elementos estruturantes do edifício, caixilharias, pilares, fenestranções, entablamentos, etc.

² A realização deste projeto constituiu uma condição essencial para a permanência do MMAP na Rede Portuguesa de Museus e para a integração do MIECST nessa mesma rede, garantindo deste modo padrões de qualidade que lhe são impostas neste âmbito. Para além disso aumenta a visibilidade externa do espólio dos dois museus. Esta estrutura de acolhimento permite receber os visitantes e os investigadores em condições compatíveis com as suas necessidades e com a valia do património em causa.

³ Memória descritiva parcial do projeto de Requalificação do Museu Municipal Abade Pedrosa (Álvaro Siza 2 Arquitecto S.A. e Souto Moura Arquitectos S.A.).

O alçado Oeste, de dois pisos, exhibe portas e janelas no piso superior, alinhadas por aberturas no piso térreo por meio de painéis de recorte serpentino.

As janelas do andar superior, mais trabalhadas, apresentam frontões vazados e interrompidos, interior e exteriormente delimitados por linhas contracurvadas. O alçado Este, mais modesto exhibe janelas retangulares com frontões trifoliáceas, vazados, interrompidos por pilstras retangulares. O Alçado Sul tem um frontão muito realçado, onde se inscreve um monumental brasão da Congregação Beneditina. Simétrica à janela existente, no lugar da porta de entrada do atual museu e a enquadrar o brasão, existiu uma outra janela trifoliácea de igual recorte. Em 1982, no decurso de obras de adaptação, resultou a destruição dessa janela bem como a construção dum pequeno acrescento no topo Leste da fachada, cujas características arquitetónicas desvirtuaram a simetria rigorosa da composição original.

A cobertura do edifício é composta por um telhado de duas águas, em telha cerâmica, suportada por uma estrutura de madeira de castanho.

A proposta de intervenção assenta em dois princípios:

- Preservar as características arquitetónicas do edifício existente e repor os elementos que devolvam a sua composição original.
- Dotar o equipamento de estruturas necessárias ao regular funcionamento, designadamente no que concerne às questões decorrentes da aprovação do Plano de Segurança, às condições de acolhimento do público e às condições expositivas da galeria de exposições temporárias e permanentes. Para tal propõe-se as seguintes intervenções:

Organização funcional em quatro áreas principais

- 1 – um primeiro espaço intermédio entre os dois museus, com receção, instalações sanitárias de apoio e acesso à área técnica a localizar na cobertura.
- 2 – um corredor de circulação com uma área destinada à exposição multimédia e acessos a todas as salas do museu.
- 3 – um auditório para 56 pessoas, com mobiliário móvel de forma a permitir a flexibilidade da sala.
- 4 – 7 salas de exposição, atravessadas por um percurso, alternativo ao corredor, com um móvel expositivo (vitrina) por sala. Estas vitrinas servem simultaneamente como móvel expositivo, armazenamento, espaço necessário para acesso a áreas técnicas (quadros de coletores do pavimento radiante) e como elemento de suporte à iluminação das salas.

Áreas técnicas

Aproveitamento do vão do telhado para a localização duma unidade de tratamento de ar para apoio ao auditório, único espaço com necessidades de arrefecimento. O acesso a este espaço faz-se através duma escada retráctil a localizar no vestíbulo. Construção dum armário técnico para quadro elétrico e bastidor a localizar no vestíbulo. Dependência da área técnica a construir no edifício novo para as restantes infraestruturas.

Regulamento de Segurança Contra Incêndios

Abertura de um novo vão numa parede em pedra no extremo norte do corredor, que faz ligação com uma escada existente que dá acesso ao exterior. Esta abertura permite resolver o problema de impasse existente no museu atual.

Fachada exterior

Na fachada a Sul, reposição da janela demolida e demolição do anexo existente, repondo a simetria original da fachada. Nas restantes fachadas apenas manutenção do existente e o fecho de duas pequenas janelas sem cantaria de pedra na fachada a Nascente.

Cobertura

Desmontagem da cobertura em telha existente substituindo as que não estejam em condições, e aplicação de subtelha

(impermeabilização) e reabilitação da estrutura existente em madeira de castanho.

Tetos

No corredor, reabilitar o teto existente abobadado. Nas restantes salas e compartimentos, com exceção da receção (teto gesso cartonado), demolição dos tetos existente e construção dum teto em madeira para pintar tipo saia/camisa.

Paredes

Demolição de todos os elementos de exposição existentes. Reabilitação do revestimento das paredes dos corredores e restantes salas com exceção do auditório, propondo acima de um lambrim em reboco, um revestimento acústico. Nos sanitários propõe-se um revestimento a pedra.

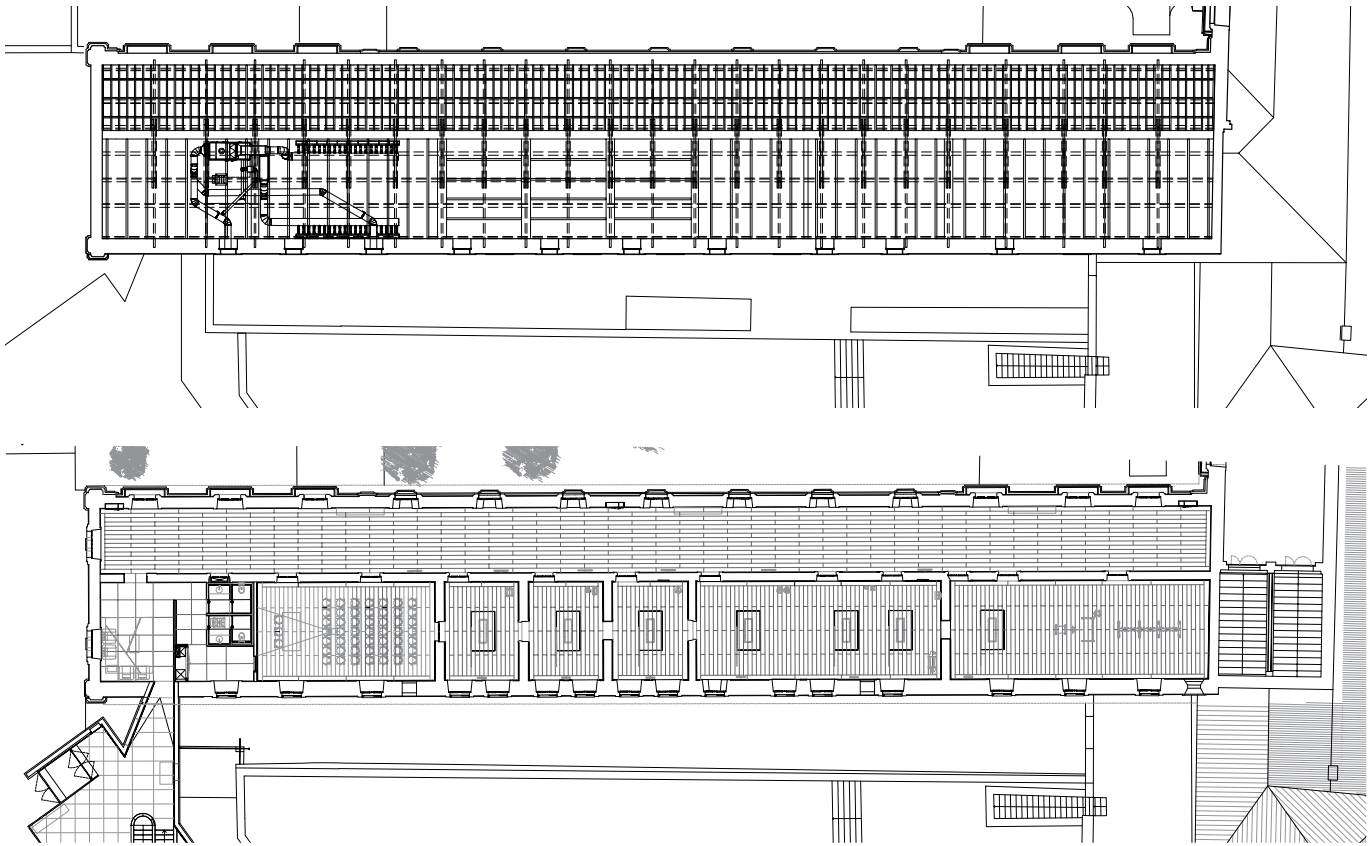
Pavimentos

Demolição total do pavimento de forma a criar uma estrutura nova e resistente, onde passam todas as infraestruturas elétricas e que serve de base para o pavimento radiante (aquecimento). Aplicação de soalho em riga velha em todos os compartimentos, com exceção da receção e instalações sanitárias, que serão em pedra dando continuidade ao pavimento do edifício novo.

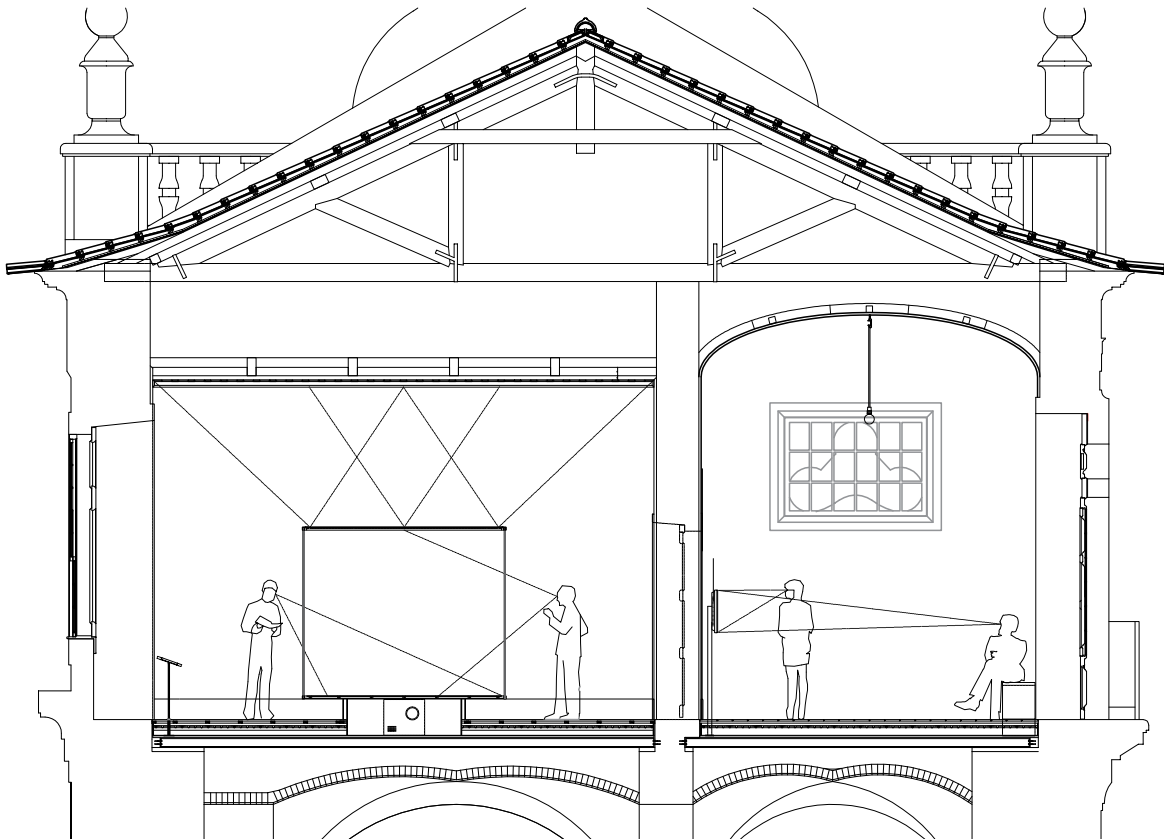
Carpintarias

Pintura e reabilitação de todas as carpintarias existentes - portas, portadas, janelas, guarnições, rodapés, intervindo pontualmente nos caixilhos para evitar a entrada de ar - frio/quente e água. Estas intervenções quando visíveis serão em peças em latão. Para a conceção do presente projeto foi respeitado o regime de acessibilidades aos edifícios, previsto no Decreto-Lei n° 163/2006, de 8 de agosto.

A relativa marginalidade da cidade de Santo Tirso, em relação aos principais núcleos urbanos da área meridional do norte de Portugal (Porto, Braga, Guimarães, Póvoa do Varzim e Vila do Conde), aliada à falta de opções que cumpram o espectro de turismo de praia e montanha, constitui um obstáculo à captação de visitantes. Neste sentido, o projeto integrado numa área de oferta cultural de grande exigência e qualidade, constitui uma forte aposta num “nicho de mercado” muito qualificado e com considerável poder aquisitivo. Nesta perspetiva, o projeto pode considerar-se estruturante para o desenvolvimento do concelho na medida que qualifica a oferta e, dessa forma, induz ao desenvolvimento económico e à coesão social, uma vez que contribui para a formação dos cidadãos. Ainda na perspetiva da coesão territorial considera-se fundamental o projeto porque reforça a centralidade da cidade de Santo Tirso colocando-a numa situação de equivalência relativamente a outros centros da região, nomeadamente Vila Nova de Famalicão, podendo funcionar em complementaridade com esta, com Guimarães e com os outros centros da Área Metropolitana do Porto. Sob ponto de vista social este projeto tem uma dimensão muito relevante. Para além de se localizar no Mosteiro de Santo Tirso, monumento que o município propôs para inscrição na lista de Património Mundial da Unesco, traduzindo a vontade coletiva dos cidadãos, constitui o principal ícone identitário da comunidade local. A sua valorização e a melhor divulgação do seu conteúdo contribuirão para a elevação e educação cultural aumentando os níveis de literacia no domínio da arte e da cultura em geral, não desvalorizando a sua dimensão económica, não só pelo potencial de atratividade de turistas, mas também pelos negócios criativos que pode gerar aproveitando sinergias com outros equipamentos da cidade, nomeadamente a Fábrica de Santo Thyrsó.



(cima) Planta geral, sótão. (meio) Planta geral, piso 0. (baixo) Corte construtivo.



O ACERVO MUSEOLÓGICO

O Museu Municipal Abade Pedrosa é depositário de coleções arqueológicas de grande relevância patrimonial e interesse científico. Os materiais que constituem o seu espólio foram recolhidos ao longo de um extenso período de tempo que medeia entre o final do século XIX e a atualidade, em várias estações arqueológicas localizadas no concelho de Santo Tirso e na região envolvente, ora tendo resultado de trabalhos de escavação arqueológica ora de achados fortuitos. Do amplo acervo arqueológico disponibilizado destacam-se, entre outros, os materiais líticos do período Neolítico e Calcolítico, provenientes de contextos funerários associados a expressões culturais vinculadas ao fenómeno megalítico; o conjunto de materiais cerâmicos e metálicos provenientes da necrópole do Corvilho, datada do Bronze Final; o espólio lítico, cerâmico, vítreo, metálico, numismático e osteológico proveniente do Castro do Padrão, cuja ocupação se desenvolve desde o Bronze Médio ao início do séc. XVII; o espólio lítico, cerâmico, vítreo, metálico e numismático proveniente do Castro de Alvarelhos, cuja ocupação aqui representada se desenvolve desde o Bronze Final a meados do séc. V; o espólio da necrópole galaico-romana de Rorigo Velho e os monumentos epigráficos de S. Bartolomeu, S. Pedro de Roriz, Mosteiro de Santo Tirso e o diversificado espólio associada à atividade industrial procedente da Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Tirso.

Na data da inauguração do Museu Municipal, em 10 de março de 1989, a coleção nuclear consistia num conjunto de objetos arqueológicos recolhidos por Joaquim Augusto da Fonseca Pedrosa nas últimas décadas do séc. XIX e primeira década do séc. XX, e no espólio arqueológico resultante das escavações realizadas no Castro do Padrão, dirigidas por Carlos Faya Santarém, na década de cinquenta.

A criação e implementação do Gabinete Municipal de Arqueologia, em 1990, cuja dinâmica se desenvolveu em estreita articulação com o Museu Municipal, permitiu implementar uma estratégia cujos objetivos consistiam no estudo e conservação do património arqueológico do concelho, dando início a uma nova fase de incremento do acervo museológico com a incorporação de materiais arqueológicos resultantes de trabalhos de prospeção e escavação, assim como no desenvolvimento de projetos monográficos de investigação, salvaguarda e valorização patrimonial dos principais imóveis do concelho, dos quais se destacam o Castro de Alvarelhos e Castro do Padrão, cuja escavação sistemática por nós dirigida proporcionou um significativo espólio arqueológico que hoje integra o acervo do Museu Municipal Abade Pedrosa.

O presente catálogo tem como propósito disponibilizar, de forma ordenada e sistematizada, a informação básica de carácter identificativo e interpretativo de cada peça, complementada por um anexo documental no qual se aborda o estudo das estações arqueológicas de origem dos objetos expostos. A estrutura da informação compreende oito campos:

- 1) Numeração e identificação – referência sinóptica caracterizante do objeto;
- 2) Proveniência – identificação da estação arqueológica, lugar, freguesia e concelho;
- 3) Material – Identificação do suporte em que o objeto está produzido com referência à cor das pastas e superfície dos recipientes cerâmicos e dos líticos tendo por base o código de cores de solos de A. Cailleux (CAILLEUX), e o pantone de cores de Munsell (Munsell Color System) para os vidros. No caso dos metais, em alguns casos, apresentam-se as percentagens dos diferentes componentes, cujas amostras foram resultantes de análises se espectrometria de Raio X;
- 4) Descrição – Memória descritiva e interpretativa dos objetos, tendo por referência os elementos caracterizantes e identificadores de tipologias, assim como os elementos decorativos, salientando os vínculos culturais associados;

O ACERVO MUSEOLÓGICO

- 5) Classificação e cronologia – Referencia-se a tipologia do objeto em função das estações epónimas e principais tipologias de referência, associadas à respetiva cronologia. No caso de materiais provenientes do Castro de Alvarelhos e do Castro do Padrão identifica-se a fase, cuja cronologia e fundamentação crono-estratigráfica se apresenta de forma detalhada no anexo relativo às “*Estações arqueológicas representadas na coleção*”;
- 6) Dimensões – Referência relativa às dimensões e coordenadas caracterizantes dos objetos, incluindo o peso e outros dados relevantes para sua interpretação técnico-funcional;
- 7) Depósito – Identificação da instituição de depósito com referência ao número de inventário e de proveniência no caso dos objetos procedentes de escavações arqueológicas [Identificação da estação arqueológica / Ano da campanha de escavação, identificação do sector / Quadrado (coordenada e abcissa), estrato de proveniência, e número de inventário geral ou de objeto posicionado];
- 8) Bibliografia – Identificação das principais referências cronológicas ordenadas cronologicamente.

ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO

ÉPOCA CONTEMPORÂNEA

IDADE MÉDIA E MODERNA

ROMANIZAÇÃO

PROTO-HISTÓRIA



PRÉ-HISTÓRIA



1 Biface

Proveniência Pinheiro Torto, Lama, Santo Tirso. **Material** Quartzito. Seixo rolado de proveniência fluvial de cor creme (L75). **Descrição** Formato amendoado de recorte simétrico. Talhe bifacial, assimétrico. Encontra-se parcialmente fraturado ao nível do córtex e do bico. Arestas erosionadas de perfil arredondado. Superfície com lustre e pátina acentuada. **Classificação e cronologia** Biface / Paleolítico Inferior. **Dimensões** Comprimento máximo 180 mm; Largura máxima 104 mm; Espessura máxima 60 mm; Peso 1301,2 gr.. **Depósito** MMAP, s/n. **Bibli.** MOREIRA 2013d, 35; 2014, 165.



2 Seixo talhado

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Quartzito. Seixo rolado de proveniência fluvial de cor castanho acinzentado (P51). **Descrição** Seixo talhado de recorte ovalado. Talhe unifacial elaborado por percussão direta com extrações bidirecionais de perfil curvo. Gume sem fio com arestas erosionadas. Superfície com lustre e pátina acentuada. **Classificação e cronologia** Pico / Epipaleolítico| Mesolítico (?). **Dimensões** Comprimento máximo 84 mm; Largura máxima 61 mm; Espessura máxima 29 mm; Peso 216 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. 03A, B1 (F23.01), op. 12]. **Bibli.** Inédito.



3 Seixo talhado

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Quartzito. Seixo rolado de proveniência fluvial de cor cinzento (N92). **Descrição** Seixo talhado de recorte arredondado. Talhe unifacial elaborado por percussão direta com extrações bidirecionais de perfil curvo. Gume sem fio com arestas erosionadas. Superfície com lustre e pátina acentuada. **Classificação e cronologia** Pico / Epipaleolítico| Mesolítico (?). **Dimensões** Comprimento máximo 75 mm; Largura máxima 62 mm; Espessura máxima 20 mm; Peso 122,5 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. 99, B1 (A27.01), op. 33]. **Bibli.** Inédito.



4 Pico asturiense

Proveniência Desconhecida. **Material** Quartzito. Seixo rolado de proveniência fluvial de cor branco (L73). **Descrição** Pico talhado. Talhe unifacial elaborado por técnica de percussão direta com extrações bidirecionais de perfil curvo, conservando apenas um terço do córtex. Gume sem fio com arestas erosionadas. **Classificação e cronologia** Pico / Epipaleolítico| Mesolítico (?). **Dimensões** Comprimento máximo 89 mm; Largura máxima 56 mm; Espessura máxima 47 mm; Peso 223,4 gr.. **Depósito** MMAP, n.º X, 286. **Bibli.** MOREIRA 2007, 47, n.º 8; 2013, 35-36; 2014, 165-166.

Objeto integrado na coleção nuclear do Abade Pedrosa cujo registo de proveniência, contexto e demais informações associadas à história do objeto são desconhecidas. Abundantemente documentada na região, nomeadamente nas jazidas costeiras

(cascalheiras), a ergologia característica do Epipaleolítico / Mesolítico, designadamente os picos, revela fortes tradições dos períodos anteriores inserindo-se tipologicamente nos complexos macrolíticos comuns do litoral do Noroeste Peninsular.



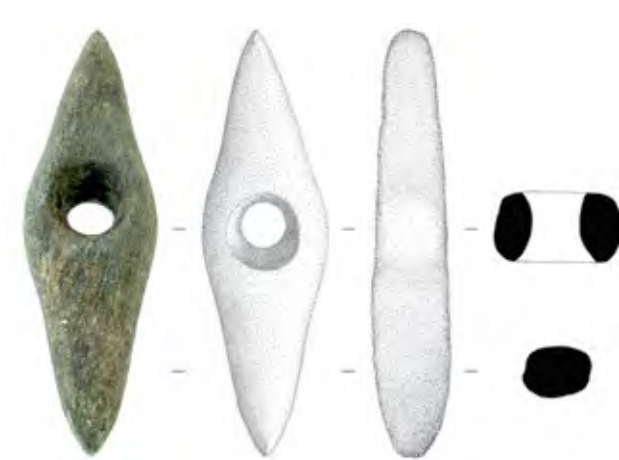
5 Machado/Placa perfurada

Proveniência Santuário da N. º Senhora da Assunção, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Granito de grão fino com abundante turmalina de cor amarelada (M71) e cinzenta (R73). **Descrição** Machado/placa integralmente polido. Contorno trapezoidal, alongado, com gume convexo descentrado e assimétrico. Talão pontiagudo de arestas arredondadas. Orifício para fixação/suspensão de secção bitroncocônico, ligeiramente descentrado e assimétrico. Secção biconvexa. Não revela vestígios de utilização. Possível utilização votiva. **Classificação e cronologia** Machado/Placa / Calcolítico. **Dimensões** Comprimento máximo 171 mm; Largura máxima do gume 43 mm; Diâmetro máximo do orifício 5 mm; Espessura máxima 13 mm; Peso 155,25 gr.. **Depósito** MMAP, n.º 934. **Bibli.** PINTO 1930, 306; SANTARÉM 1952, 106-109, fig. 1; MOREIRA 2007, 46, n.º 6; 2013d, 41-42; 2014, 166-167.

Machado-placa em pedra polida recolhido em 1915, no decurso das obras de ampliação da esplanada da “Capela Velha”, consagrada a Nossa Senhora da Assunção, em Monte Córdova¹. Genericamente datados do Calcolítico, cujo contexto arqueológico de todas as ocorrências conhecidas se relaciona com túmulos megalíticos, este tipo de objetos têm vindo a ser interpretados como um tipo de oferenda característico de contextos de enterramento, símbolo de prestígio e poder, revelador de um elevado estatuto hierárquico (LILLIOS; READ; ALVES 2000, 12-13) cujas características, nomeadamente a inexistência de vestígios de utilização do gume, assim como a ausência de desgaste nos orifícios de suspensão, parecem confirmar. Objeto de grande perfeição de talhe e polimento sobre

uma rocha particularmente dura e de constituição uniforme, revelando uma técnica de execução extraordinária com poucos paralelos em Portugal. Constitui um digno exemplar do relativo escasso grupo de machados/placas perfurados conhecidos no Noroeste Peninsular, entre os quais se destacam os provenientes da Lagoa de Óbidos (LILLIOS; READ; ALVES 2000, 5-13), do Monumento 3 de Vale de Rodrigo, Évora; da Orca de Fojinho, Vila Nova de Paiva, Viseu (LEISNER 1998, 58); de Fronteira, Alentejo (FERREIRA 1970, 167-168), e de Espanha provenientes de Abelleira, Xermade, Lugo (BOUZA BREY; OTERO; MARTÍNEZ 1973, 46, 50, 52, Lám. I.1; VALCARCE 1984, 153-154, fig. 18) e Cerro del Garrote, Cárceres (VALCARCE 1984, 153) e Santa Cruz, Oviedo (JORDÁ CERDÁ 1977, 186-187).

¹ (...) Este instrumento apareceu um pouco mais acima da meia encosta do Monte de Nossa Senhora da Assunção, elevação destacada a Norte do maciço orográfico denominado Monte Córdova, freguesia do mesmo nome, Concelho de Santo Tirso, quando em Maio de 1915 se fizeram escavações para o alargamento da esplanada, nas traseiras da Capela ali existente, que hoje é conhecida por Esplanada da Capela Velha (...) (SANTARÉM 1952, 106).



6 Machado polido/bipene

Proveniência Santuário da Nossa Senhora da Assunção, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Anfibolito de cor cinzenta (R92). **Descrição** Bipene integralmente polido com perfuração central. Duplo gume simétrico. Orifício central de recorte bitroncocónico. Secção circular. Gumes pontiagudos e afiados sem vestígios claros de utilização. Provável utilização votiva. **Classificação e cronologia** Fábregas Valcarce Tipo I.2B / Finais do III milénio - Primeira metade do II milénio. **Dimensões** Comprimento máximo 162 mm; Espessura máxima 29 mm; Largura máxima 47 mm; Diâmetro do orifício 17 mm; Peso 275,6 gr.. **Depósito** MMAP, n.º 11. **Bibli.** SANTARÉM 1956a, 69-72; MOREIRA 2007, 47, n.º 11; 2013, 43-44; 2014, 167-168.

Objeto recolhido em abril de 1954, no decurso da abertura da estrada que liga a esplanada do santuário de Nossa Senhora da Assunção ao Alto da Bela. Junto a este utensílio apareceu outro pequeno “machado” cujo paradeiro se desconhece. Peças morfologicamente afins estão documentadas desde a região danubiana ao mundo mediterrânico, central e oriental (ALARCÃO; BARROCA 2012, 60), colocando em evidência a existência de fortes conexões entre diferentes regiões atlânticas, perceptíveis pela distribuição de outros materiais como, por exemplo, as pontas tipo Palmela. A cronologia de referência para os utensílios líticos perfurados de outras proveniências continentais centra-se entre finais do III milénio e a primeira metade do II milénio, cujo contexto parece consistente com as ocorrências do Norte de Portugal e da Galiza, associando-se a este fenómeno uma eventual reestruturação ideológica cuja formulação poderia entroncar em transformações de carácter socioeconómico (VALCARCE 1992, pp. 265-280). Este tipo de instrumento, a par das duplas “azuelas”, reúne um conjunto de rasgos morfológicos que lhes

conferem um carácter de prestígio, perceptível pelo material em que são elaborados, o cuidado geral da execução das peças, em particular o polimento dos gumes e do orifício e, por último, a sua prevalência em contextos rituais, especificamente funerários, cuja cronologia e contexto cultural se relaciona com o aparecimento de sepulturas individuais de personagens masculinas de elevado estatuto na comunidade, tumultados com objetos impregnados de um simbolismo guerreiro, constituindo, portanto, um fenómeno limitado a um segmento muito reduzido da sociedade. Apesar de não ser conhecido o contexto do achado a área geográfica em que se insere permite, com alguma segurança, intuir um contexto funerário, sugerido pelo elevado número de monumentos megalíticos conhecido na área do planalto de Monte Córdova. São relativamente escassos os exemplares identificados no Noroeste Peninsular, onde se destacam os exemplares provenientes da Galiza de Veiga das Mamoas, Guntín, Lugo; Monte Campelo, Begonte, Lugo (RELLÁN; VALCARCE, 2011, p. 259, fig. 1) e de Portugal, na região de Pombal (CASTRO 1962, 7-9, fig. 1, n.º 7).



7 Machado polido

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Arenito de cor alaranjada (N40) e castanho avermelhado (N35). **Descrição** Machado integralmente polido. Formato triangular rematado por talão pontiagudo demarcado do corpo por um ligeiro estrangulamento originado por um sulco que cobre todas as superfícies eliminando as arestas dos diferentes planos. Gume em bisel, retilíneo, simétrico. Secção retangular com faces planas. Gume sem vestígios de utilização. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase I-III **Dimensões** Comprimento máximo 160 mm; Largura máxima 113 mm; Espessura máxima 31 mm; Peso 695,4 gr.. **Depósito** MMAP [PAD II X, 250]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 46, n.º 3.



8 Machado de pedra polida/azuela

Proveniência (?), Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Anfibolito de cor esverdeada (R92). **Descrição** Machado (azuela) com superfície integralmente polida. Contorno subelíptico, alongado, com gume plano-convexo, simétrico. Talão pontiagudo com extremidade arredondada. Secção subcircular de contorno irregular. Gume afiado sem vestígios de utilização. Apresenta uma ligeira deformação na área central do corpo. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Neolítico | Calcolítico / ... **Dimensões** Comprimento máximo 228 mm; Largura máxima 56 mm; Espessura máxima 56 mm; Peso 1033,5 gr.. **Depósito** MMAP, n.º 923. **Bibli.** LIMA 1940, 201-202; MOREIRA 2007, 47, n.º 9; 2014, 168-169.

Achado referido pelo Abade Pedrosa em carta dirigida a Martins Sarmento datada de 17.12.1888 - (...) Ahi vae mais uma novidade, que não é de desprezar, tenho em meu poder um machado de pédra, apparecido em Monte Cordova debaixo d’um penedo assim como mais cinco ou seis, que me devem ser entregues ainda esta semana. Logo que os receba hei-de ir ao sítio saber a historia, não vou já para não espantar a caça. Segundo me affirmarão, são de diferentes tamanhos, há-os de palmo e palmo e

meio, o que eu tenho mede um palmo escasso, tem d’um lado corte e do outro furador, ou ponta aguda. (...).

Atualmente encontram-se em depósito no MMAP três dos cinco machados referidos pelo Abade Pedrosa como provenientes de Monte Córdova, a que acrescem outros dois depositados no Museu da Sociedade Martins Sarmento, identificando-se, portanto, a totalidade do espólio identificado.



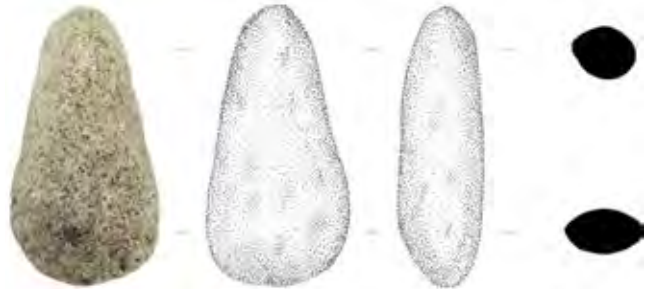
9 Machado polido

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Quartzito de cor branca (R31) e cinzenta (P31). **Descrição** Machado polido de reduzidas dimensões. Contorno triangular, gume convexo e ligeiramente assimétrico. Secção plano-convexa, irregular. Talão pontiagudo. Polimento integral. Gume com vestígios de utilização. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Alvarelhos - Fase I. **Dimensões** Comprimento máximo 49 mm; Largura máxima 37 mm; Espessura máxima 10 mm; Peso 27 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 94 A, op. 143]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 49; 2010, 1005, est. CCXXXV, n.º 7.

Os machados de pedra polida são instrumentos cuja morfologia apresenta soluções variadas, designadamente ao nível da forma, perfil, secção, configuração do gume e do talão. Em termos genéricos, poder-se-ão caracterizar por evidenciarem um desenvolvimento longitudinal de secção diferenciada, com extremos oponentes compostos pelo gume, geralmente de perfil retilíneo ou convexo e pelo talão que se apresenta sob uma forma apontada ou retangular. A sua dimensão revela uma variação considerável desde os exemplares de diminuta dimensão (4 cm), geralmente designados por machados votivos, ainda que a sua funcionalidade se relacione com atividades de carpintaria e não com fenómenos de caráter religioso, até aos exemplares de maior tamanho que podem ultrapassar os 25 cm de comprimento. Para efeitos de classificação, definem-se cinco áreas a considerar - Forma, Perfil, Recorte do gume, Gume e Secção. Quanto à forma, as quatro variantes mais comuns são a triangular, retangular, trapezoidal e “en boudin”. O perfil apresenta um recorte trapezoidal, biconvexo e en boudin. O gume apresenta-se nas seguintes variantes

- retilíneo, curvo, corrente e grosso. As secções podem ser retangulares, plano-convexas, biconvexas, ovais e circulares. O machado, no seu todo, incluiria também um cabo o qual estaria fixo através de inclusão num orifício de configuração troncocónica que permitiria um forte ajuste, ou mesmo, como sugerem alguns autores (EIROA; GIL; PÉREZ; MAURANDI 1999, 91), através da utilização de cordas, implicando, nesse caso, a existência de pequenas depressões nas faces laterais do machado para uma fixação mais eficaz.

A sua função específica consistiria no corte de madeira, nomeadamente para o derrube de árvores, através de uma incisão vertical ou perpendicular, sem qualquer ação de fricção, que se explica pelo facto dos gumes serem lisos. No Noroeste Peninsular a sua cronologia regista uma grande amplitude que se prolonga desde o Neolítico ao Bronze Final, estendendo-se inclusivamente a sua pervivência às duas primeiras fases da cultura castreja, embora neste período seja já discutível a sua função enquanto ferramenta utilitária.



10 Machado polido

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Granito de cor cinzenta clara (M73). **Descrição** Machado de reduzidas dimensões com polimento incipiente. Contorno trapezoidal, alongado, com gume plano-convexo, assimétrico. Secção subretangular com arestas arredondadas. Gume pouco definido sem fio. Talão pontiagudo. Provável utilização votiva. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase I-III **Dimensões** Comprimento máximo 62 mm; Largura máxima 32 mm; Espessura máxima 18 mm; Peso 45,8 gr.. **Depósito** CIMP [PAD. 02A, B1 (F2.00), 044]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 51.



11 Braçal de arqueiro

Proveniência Mamoa de Monte Grande, Alvarelhos, Trofa. **Material** Arenito de grão fino de tonalidade acinzentada (P73). **Descrição** Fragmento de braçal de arqueiro. Formato e secção retangular, ligeiramente assimétrico. Superfícies planas e cantos arredondados. Orifício de perfil troncocónico ligeiramente descentrado e de recorte irregular. Polimento integral. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Neolítico | Calcolítico / ... **Dimensões** Comprimento máximo 47 mm; Largura máxima 21 mm; Espessura máxima 7 mm; Diâmetro do orifício - face superior 7 mm; face inferior - 3 mm; Peso 13,9 gr.. **Depósito** MMAP, n.º 932. **Bibli.** MOREIRA 2007, 48, n.º 15.

O braçal de arqueiro é um instrumento cuja função se relaciona com a utilização do arco e flecha, concretamente na proteção da face anterior do antebraço do atirador no momento do disparo, designadamente dos golpes da corda do arco no movimento basculante. Do ponto de

vista cronológico e cultural, considera-se característico do “horizonte campaniforme” mas que terá sobrevivido no tempo ao longo de uma parte significativa dos desenvolvimentos culturais da Idade do Bronze (EIROA; GIL; PEREZ; MAURANDI 1999, 94).



12 Braçal de arqueiro

Proveniência Mamoa de Monte Grande, Alvarelhos, Trofa. **Material** Arenito de grão fino e cor castanho acinzentado (P71). **Descrição** - Fragmento de braçal de arqueiro. Formato e secção retangular de recorte assimétrico. Superfícies planas e cantos arredondados. Orifício de perfil troncocónico, assimétrico e recorte irregular. Polimento integral. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Neolítico | Calcolítico / ... **Dimensões** Comprimento máximo 33 mm; Largura máxima 17 mm; Espessura máxima 6 mm; Diâmetro do orifício - face superior 7 mm; face inferior - 3 mm; Peso 7,3 gr.. **Depósito** MMAP, n.º 931. **Bibli.** MOREIRA 2007, 48, n.º 16.



13 Pendente

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Quartzito de cor castanha acinzentado (P51). **Descrição** Pendente integralmente polido. Formato cónico, ligeiramente assimétrico. A face superior apresenta um orifício bitroncocónico, assimétrico e descentrado. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase I-III **Dimensões** Comprimento máximo 29 mm; Largura máxima 14 mm; Espessura máxima 9 mm; Diâmetro máximo do orifício 7 mm; Diâmetro mínimo do orifício 5 mm; Peso 5 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. 99 B1 (D30.00), op. 18]. **Bibli.** MOREIRA 2005b, 21; 2007, 48, n.º 16 (1).



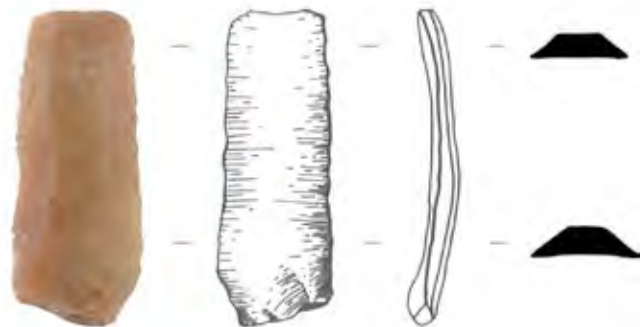
14 Lasca de talhe

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Sílex de cor acinzentada (S73). **Descrição** Lasca de dorso preparado sem retoque e vestígios de utilização. Conserva nos dois topos restos do córtex original composto por uma capa calcária, rugosa e porosa. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Alvarelhos - Fase I. **Dimensões** - Comprimento máximo 45 mm; Largura máxima 25 mm; Espessura máxima 12 mm; Peso 8,7 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 97 B3, A1 (D 16.01), op. 81]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 49; 2010, 1004, est. CCXXXIV, n.º 4.



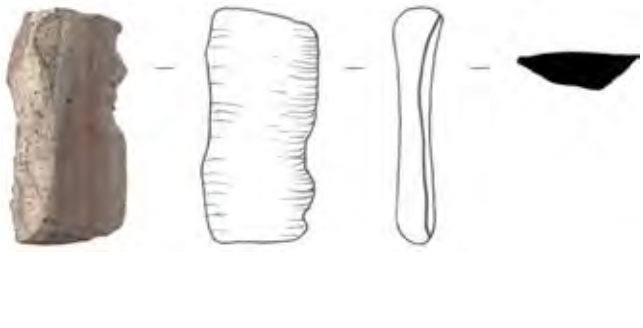
15 Lasca

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Sílex de cor cinzenta escura (P31) com restos de córtex calcário bege (L71). **Descrição** Lasca sem vestígios de talhe. Formato trapezoidal com negativo de lâmina resultante do tratamento de um núcleo para obtenção de lâminas de duplo fio. Fratura concoidal. Não revela ter tido qualquer tipo de utilização. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase I-III **Dimensões** Comprimento máximo 36 mm; Largura máxima 20 mm; Espessura máxima 19 mm; Peso 8,2 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. 07 (E68-01), 211]. **Bibli.** Inédito.



16 Lâmina

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Sílex de cor cinzenta rosada (M53). **Descrição** Fragmento de lâmina de dorso alongado de secção subtrapezoidal, não retocada. Talhe tipo levallois obtido a partir de um núcleo preparado, conservando na face dorsal o negativo de preparação do núcleo, própria desta técnica. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Alvarelhos - Fase I. **Dimensões** Comprimento máximo 46 mm; Largura máxima 17 mm; Espessura máxima 4 mm; Peso 4,4 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 97 B3, A1 (R17.01), op. 48]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 49, n.º 19; 2010, 1003-1004, vol. II, est. CCXXXIV, n.º 3.

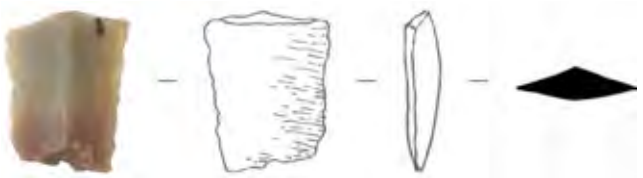


17 Lâmina

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Sílex de cor rosada (M11). Conserva numa das faces vestígios do córtex calcário original, branco (K31). **Descrição** Fragmento de lâmina alongada de dorso preparado com nervura central alteada de secção trapezoidal. Retoque parcial, unifacial, marginal e oblíquo. Lâmina de talhe tipo levallois obtida a partir de um núcleo preparado, tendo sido extraída de núcleos planos, conservando na face dorsal o negativo da extração de preparação do núcleo. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase I-III **Dimensões** Comprimento máximo 35 mm; Largura máxima 18 mm; Espessura máxima 6 mm; Peso 4,5 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. 95 A, op. 23]. **Bibli.** MOREIRA 2005, 19; 2007, 49, n.º 21.

O sílex é uma rocha sedimentar silicatada, constituída de quartzo criptocristalino, muito dura e com densidade elevada e fratura concoidal. Apresenta-se geralmente compacto, de cor cinzenta, negra, bege e outras. Ocorre sob a forma de nódulos, recebendo a designação de flint, com uma superfície exterior que o rodeia, carbonatada, denominada por córtex, ou em forma de massas em formações de giz ou calcário, recebendo a designação de chert, diferindo do primeiro pela presença de inclusões de calcite. Pode apresentar impurezas como argilas,

carbonato, silte, pirita e matéria orgânica. Apesar do sílex ser uma matéria-prima pouco abundante no noroeste, o expressivo número de artefactos recolhidos na região desde o Neolítico até ao Bronze Final, em ambientes habitacionais e funerários, permite admitir que o comércio proveniente de regiões mais meridionais, onde é abundante, deva ter-se mantido de forma regular, em particular na região costeira onde a sua presença é significativamente maior que no interior.



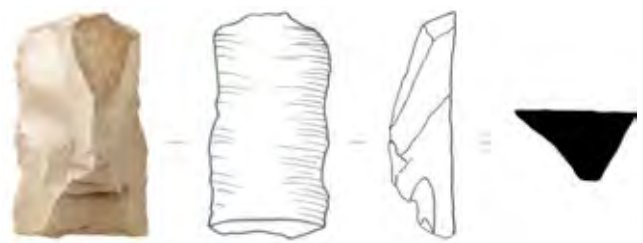
18 Lâmina

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Sílex de cor cinza rosado (L30) e rosa ténue (N11). **Descrição** Fragmento de lâmina alongada de dorso preparado com nervura central alteada de secção trapezoidal. Retoque integral, bifacial, marginal, oblíquo e escamoso. Os bordos foram retocados através de reavivamentos oblíquos diretos. Conserva vestígios evidentes de utilização. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase I-III **Dimensões** Comprimento máximo 22 mm; Largura máxima 18 mm; Espessura máxima 4 mm; Peso 1,8 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. 01 A, B1, Sep. 5, n.º 5211]. **Bibli.** MOREIRA 2005, 19; 2007, 50, n.º 21 (3).



19 Raspador

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Sílex de cor avermelhada (S13). **Descrição** Raspador duplo, transversal e lateral sobre lasca truncada. Gume lateral em coche, com retoque direto, muito oblíquo e descontínuo. Fortes vestígios de utilização. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Alvarelhos - Fase I. **Dimensões** Comprimento máximo 26 mm; Largura máxima 21 mm; Espessura máxima 10 mm; Peso 6,9 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 97, A2, op. 14]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 49; 2010, 1003-1004, est. CCXXXIV, n.º 2, 5.



20 Raspador

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Sílex de cor creme (K92). **Descrição** Raspador composto por fragmento de lâmina alongada de dorso preparado com nervura central alteada de secção trapezoidal. Retoque integral, bifacial, marginal e oblíquo. Os bordos foram retocados através de reavivamentos oblíquos diretos. Vestígios evidentes de utilização. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Alvarelhos - Fase I. **Dimensões** Comprimento máximo 39 mm; Largura máxima 21 mm; Espessura máxima 11 mm; Peso 10,2 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 96 B, A4, op. 197]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 49, n.º 19; 2010, 1003, est. CCXXXIV, n.º 2.

Os raspadores, de acordo com a definição de François Borde, constituem um conjunto de artefactos de lâminas e lascas, caracterizado por possuir numa ou em ambas as extremidades um retoque contínuo, frequentemente

laminar, que define uma frente mais ou menos arredondada que se denomina por frente de raspador (BORDE 1961, 31; 1967, 34).



21 Raspador

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Quartzo opalino. **Descrição** Raspador composto por fragmento de lâmina de formato trapezoidal, assimétrico, com vestígios de talhe no duplo fio. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase I-III **Dimensões** Comprimento máximo 53 mm; Largura máxima 35 mm; Espessura máxima 15 mm; Peso 34,7 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. 13A (L32.01), 3898]. **Bibli.** Inédito.



22 Polidor

Proveniência Desconhecida. **Material** Quartzito de cor castanha muito escura (T51). **Descrição** Polidor elaborado a partir de um seixo rolado integralmente polido. Contorno triangular com talão projetado. Faces planas e paralelas entre si. Arestas integralmente arredondadas. Talão vertical ligeiramente descentrado com inclinação à direita. Apresenta uma fratura na extremidade da área de polimento. Conserva uma patine lustrosa. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Neolítico | Calcolítico / ... **Dimensões** Comprimento máximo 87 mm; Largura máxima 93 mm; Espessura máxima 17 mm; Peso 205,5 gr.. **Depósito** MMAP, n.º 933. **Bibli.** MOREIRA 2007, 48.



23 Polidor

Proveniência Desconhecida. **Material** Quartzito. Seixo rolado de coloração castanha (M71). **Descrição** Contorno oval de recorte simétrico. Faces planas e polidas com faces laterais verticais e arestas arredondadas. Secção subretangular. Conserva uma patine lustrosa integral. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Neolítico | Calcolítico / ... **Dimensões** Comprimento máximo 117 mm; Largura máxima 63 mm; Espessura máxima 30 mm; Peso 377,3 gr.. **Depósito** MMAP, n.º 929. **Bibli.** MOREIRA 2007, 46, n.º 4.



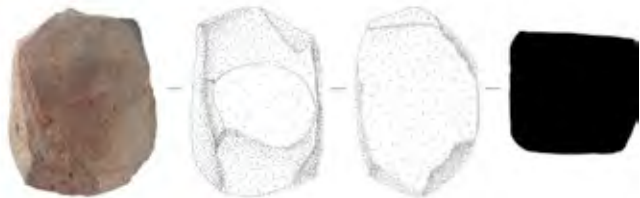
24 Polidor

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Quartzito. Seixo rolado de coloração avermelhada (T11) e castanha (P67). **Descrição** Contorno irregular de recorte assimétrico. Faces planas e intensamente polidas com faces laterais verticais e arestas arredondadas. Secção subretangular. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase I-III **Dimensões** Comprimento máximo 104 mm; Largura máxima 86 mm; Espessura máxima 34 mm; Peso 547 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. 03, B1 (G18.02), op. 38]. **Bibli.** Inédito.



25 Polidor

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Arenito de cor castanha (P70). **Descrição** Contorno sub-retangular, irregular de recorte assimétrico. Faces planas e intensamente polidas com faces laterais verticais e arestas arredondadas. Secção sub-retangular. Polimento irregular e pouco intenso. Extremidades fraturadas. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão Fase - I-III **Dimensões** Comprimento máximo 94 mm; Largura máxima 55 mm; Espessura máxima 49 mm; Peso 476,8 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. 13 A (L33.01), op. 152]. **Bibli.** Inédito.



26 Polidor

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Quartzito rolado de origem fluvial de cor castanha (P30). **Descrição** Contorno sub-retangular. Extremidades fragmentadas e irregulares de recorte assimétrico. Faces planas reduzidas e intensamente polidas. Arestas laterais verticais de arestas arredondadas. Secção subretangular. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase I-III **Dimensões** Comprimento máximo 60 mm; Largura máxima 40 mm; Espessura máxima 38 mm; Peso 147 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. 85 (M1.089), 3829]. **Bibli.** Inédito.



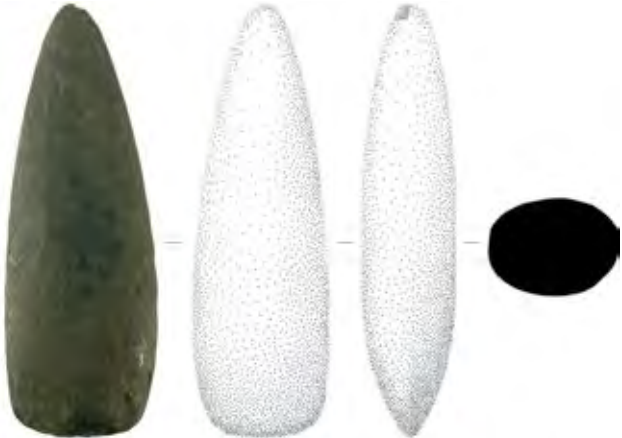
27 Polidor

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Quartzito de cor creme (M71). **Descrição** Contorno sub-retangular, fragmentado numa das extremidades. Recorte assimétrico. Três faces (duas laterais e uma plana), intensamente polidas e arestas arredondadas. Secção sub-retangular. Patine lustrosa. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase I-III. **Dimensões** Comprimento máximo 81 mm; Largura máxima 72 mm; Espessura máxima 27 mm; Peso 329 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. 92 A (I16.00), 639]. **Bibli.** Inédito.



28 Machado polido

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Arenito de cor acinzentada (P92). **Descrição** Machado integralmente polido. Contorno subelítico, alongado, de gume plano-convexo, regular e simétrico. Secção subcircular. Talão pontiagudo sem vestígios de utilização. Gume muito afiado com vestígios de utilização. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Alvarelhos - Fase I. **Dimensões** Comprimento máximo 121 mm; Largura máxima 54 mm; Espessura máxima 34 mm; Peso 282,3 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 97 B1, A1 (G15.01), op. 86]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 51; 2010, est. CCXXXVI, n.º 11.



29 Machado polido

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Anfibolito de cor cinzento esverdeado (T91). **Descrição** Machado integralmente polido. Contorno subelítico, alongado, de gume simétrico e contorno plano-convexo. Talão pontiagudo com vestígios de utilização. Secção subcircular. Gume afiado com vestígios de utilização. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase I-III. **Dimensões** Comprimento máximo 138 mm; Largura máxima 42 mm; Espessura máxima 32 mm; Peso 286 gr.. **Depósito** MMAP, n.º 925. **Bibli.** MOREIRA 2005, 20; 2007, 47.



30 Machado polido

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Anfibolito de cor cinzento escuro (S73). **Descrição** Machado integralmente polido de contorno subelíptico, alongado, de gume plano-convexo, irregular e assimétrico. Talão arredondado com vestígios de utilização. Secção subcircular. Gume afiado com vestígios de utilização. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Alvarelhos - Fase I. **Dimensões** Comprimento máximo 154 mm; Largura máxima 46 mm; Espessura máxima 47 mm; Peso 488,1 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 95 B, A1 (C17.00), n.º 1761]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 47; 2010, 1009, est. CCXXXVIII, n.º 15.



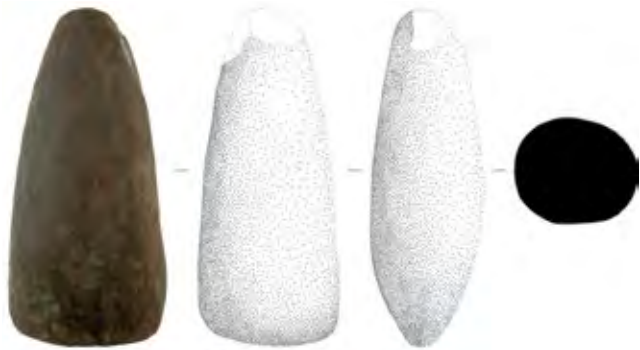
31 Machado polido

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Anfibolito de cor cinzenta esverdeada (S91). **Descrição** Machado integralmente polido. Contorno subtrapezoidal, alongado, de gume plano-convexo, irregular e assimétrico. Secção subcircular. Gume afiado com vestígios de utilização. Corpo assimétrico, ligeiramente deformado numa das faces laterais. Apresenta uma leve concavidade de recorte oval na face lateral do talão. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Alvarelhos - Fase I. **Dimensões** Comprimento máximo 127 mm; Largura máxima 49 mm; Espessura máxima 38 mm; Peso 321,5 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 98 B1, A1 (J11.00), op. 171]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 51; 2010, 1009, est. CCXXXVII n.º 12.



32 Machado polido

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Anfibolito de cor cinzenta (R73). **Descrição** Machado integralmente polido de contorno trapezoidal. Gume plano-convexo, simétrico. Secção subcircular. Talão apontado com vestígios de utilização. Gume afiado com intensos vestígios de utilização. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase I-III. **Dimensões** Comprimento máximo 98 mm; Largura máxima 53 mm; Espessura máxima 26 mm; Peso 274,8 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. 02, B1 (F 22.02), op. 61]. **Bibli.** MOREIRA 2005, 20; 2007, 51.



33 Machado polido

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Anfibolito de cor castanho escuro (S51). **Descrição** Machado integralmente polido de contorno subtrapezoidal, alongado. Gume plano-convexo, irregular e assimétrico de secção subcircular. Talão pontiagudo e gume afiado com vestígios de utilização. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Alvarelhos - Fase I. **Dimensões** Comprimento máximo 115 mm; Largura máxima 49 mm; Espessura máxima 38 mm; Peso 341,1 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 97 B1, A2 (E11.00), op. 72]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 51; 2010, 1009, est. CCXXXVIII, n.º 14.



34 Machado polido

Proveniência (?), Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Anfibolito de cor cinzenta (P92). **Descrição** Machado polido num único plano. Contorno trapezoidal assimétrico. Gume plano-convexo, descentrado e assimétrico. Talão de contorno retangular com claros vestígios de percussão. Secção subretangular. Gume pouco afiado com vestígios de utilização. Encontra-se fragmentado ao nível intermédio do corpo. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Neolítico | Calcolítico / ... **Dimensões** Comprimento máximo 127 mm; Largura máxima 44 mm; Espessura máxima 40 mm; Peso 393,4 gr.. **Depósito** MMAP, 224. **Bibli.** MOREIRA 2007, 47; 2014, 169.



35 Machado polido

Proveniência (?), Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Anfibolito de cor cinzenta (R92). **Descrição** Machado integralmente polido. Contorno retangular e gume plano-convexo. Secção subretangular. Talão largo e irregular com vestígios de precursão. Gume afiado com vestígios de utilização. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Neolítico | Calcolítico / ... **Dimensões** Comprimento máximo 104 mm; Largura máxima 46 mm; Espessura máxima 31 mm; Peso 304,6 gr.. **Depósito** MMAP, 922. **Bibli.** MOREIRA 2007, 46; 2014, 169.



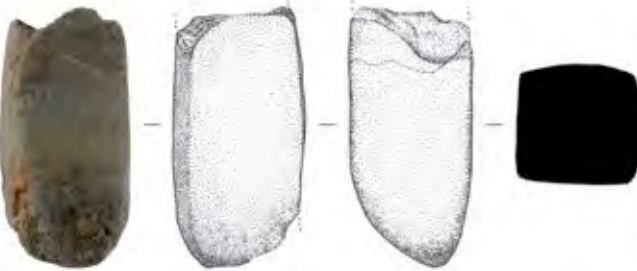
36 Machado polido

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Anfibolito de cor cinzenta (P73). **Descrição** Machado integralmente polido de contorno subtrapezoidal, alongado. Gume assimétrico e secção subretangular. Talão de contorno retangular. Faces laterais irregulares. Intenso polimento no gume que revela vestígios de utilização. **Classificação e cronologia** - Tipo ... / Castro de Alvarelhos - Fase I. **Dimensões** Comprimento máximo 101 mm; Largura máxima 49 mm; Espessura máxima 22 mm; Peso 177,4 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 98 B1, A1 (F15.01), op. 174]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 50; 2010, 1008, est. CCXXXV, n.º 6.



37 Machado polido

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Anfibolito de cor cinzento (R73). **Descrição** Fragmento de machado integralmente polido de contorno subtrapezoidal, alongado. Gume assimétrico e secção sub-retangular. Faces laterais retilíneas e paralelas entre si. Intenso polimento no gume que revela vestígios de utilização. Talão fragmentado. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Alvarelhos - Fase I. **Dimensões** Comprimento máximo 80 mm; Largura máxima 44 mm; Espessura máxima 22 mm; Peso 129,1 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 93 A, op. 121]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 50; 2010, 1009, est. CCXXXVI, n.º 9.



38 Machado polido

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Anfibolito de cor cinzento (R73). **Descrição** Fragmento de machado integralmente polido de contorno subquadrangular e gume plano-convexo, assimétrico. Secção quadrangular. Gume parcialmente fragmentado e pouco afiado. Talão ausente. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Alvarelhos - Fase I. **Dimensões** Comprimento máximo 62 mm; Largura máxima 30 mm; Espessura máxima 29 mm; Peso 91,1 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 93 A (H21.02), 2291]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 48; 2010, est. CCXXXVI, n.º10.



39 Machado polido

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Anfibolito de cor cinzento escuro (R31). **Descrição** Fragmento de machado integralmente polido. Contorno trapezoidal, simétrico. Gume plano-convexo, descentrado e assimétrico. Secção sub-retangular (?). Gume pouco afiado com vestígios de utilização. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase I. **Dimensões** Comprimento máximo 56 mm; Largura máxima 27 mm; Espessura máxima 23 mm; Peso 73,9 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. X, 91]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 50.



40 Machado polido

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Anfibolito de cor cinzenta esverdeada (R92). **Descrição** Machado integralmente polido. Contorno sub-retangular. Gume plano-convexo, simétrico, descentrado em relação ao eixo de simetria da peça. Secção sub-retangular com arestas arredondadas. Gume afiado com claros vestígios de utilização. Fragmentado ao nível intermédio do corpo. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Alvarelhos - Fase I. **Dimensões** Comprimento máximo 64 mm; Largura máxima 72 mm; Espessura máxima 13 mm; Peso 110,2 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 97 B3, (P14.00), op. 176]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 52; 2010, 1009, CCXXXV, n.º 8.



41 Mó dormente

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Granito de cor cinzenta (N73). **Descrição** Elemento dormente de mó manual de pequena dimensão. Contorno oval de recorte irregular. Face superior plana, muito polida, com arestas arredondadas. Secção subretangular com fundo regularizado. Faces laterais e inferior irregulares sem afeiçoamento. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase I-III **Dimensões** Comprimento máximo 250 mm; Largura máxima 143 mm; Espessura máxima 74 mm. **Depósito** MMAP, X 283. **Bibli.** MOREIRA 2005, 21; 2007, 46.



42 Mó movente

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Granito de cor creme (L71). **Descrição** Elemento movente de mó manual de pequena dimensão. Contorno circular de recorte regular. Face plana e polida com arestas arredondadas. Secção sub-retangular. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase I-III **Dimensões** Comprimento máximo 75 mm; Largura máxima 67 mm; Espessura máxima 42 mm; Peso 330,1 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. 85 X, M2]. **Bibli.** MOREIRA 2005, 21; 2007, 46.



43 Mó manual

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Granito de cor castanho claro (M71). **Descrição** Elemento movente de mó manual de pequena dimensão. Formato discóidal de recorte irregular. Faces planas e polidas com arestas arredondadas. Secção sub-retangular. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase I-III **Dimensões** Comprimento máximo 100 mm; Largura máxima 94 mm; Espessura máxima 29 mm; Peso 395,7 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. 94 (I12.00), 0688]. **Bibli.** Inédito.



44 Mó de naveta

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Granito de cor creme (L71). **Descrição** Elemento dormente de mó manual tipo naveta. Contorno barquiforme, sub-retangular, fraturado numa das extremidades. Superfície superior côncava integralmente polida. Faces laterais irregulares, sem afeiçoamento **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase I-III **Dimensões** Comprimento máximo 600 mm; Largura máxima 296 mm; Espessura máxima 230 mm. **Depósito** MMAP, s/n.º (PAD. Achado de superfície). **Bibli.** BETTENCOURT 2010, 85; MOREIRA 2014, 79.



45 Mó de naveta

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Granito de cor creme (L71), cinzento (N73) e avermelhado (P15). **Descrição** Mó manual (elemento movente) de contorno sub-retangular com as arestas arredondadas, fraturada numa das extremidades. Superfície superior convexa integralmente polida. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase I-III **Dimensões** Comprimento máximo 312 mm; Largura máxima 173 mm; Espessura máxima 91 mm. **Depósito** CIMP, s/n.º (achado de superfície). **Bibli.** BETTENCOURT 2010, 85; MOREIRA 2014, 79.



46 Trigo

A origem do trigo é bastante remota. Existem várias espécies de trigo, no entanto, o mais vulgar é o *triticum vulgare* e o segundo mais conhecido é o *triticum spelta* (trigo espelta). O trigo é originário da antiga Mesopotâmia e está presente há mais de 10 mil anos na história da humanidade. Da Mesopotâmia, o trigo se espalhou-se pelo mundo. A “invenção” do pão é atribuída aos egípcios que, por volta de 4000 a.C., descobriram o processo de fermentação do trigo. Em Portugal, na ocupação do período neolítico, identificada em vários locais, desde o VI até meados do IV milénio a.C., o registo arqueológico inclui cerâmica, artefactos líticos (microlíticos e macro utensilagem), machados, elementos de moagem, vestígios macro botânicos que atestam a presença de agricultura (cereais e leguminosas) e práticas de recolção (nozes, bolotas, pinhão). **Dimensões**



47 Bracetele decorada

Proveniência Necrópole do Corvilho, Santo Tirso, Santo Tirso. **Material** Bronze. **Descrição** Bracetele aberta, maciça, fundida em molde e posteriormente martelada. Forma circular, ligeiramente achatada na face superior e inferior. Secção subquadrangular com face interior plana. Dorso exterior de secção circular. Remates em botão, de secção arredondada, com face interior lisa. Apresenta decoração na face exterior constituída por uma composição geométrica formada por três linhas longitudinais paralelas entre si, originadas por pontos incisos. A partir dos remates apresenta incisões transversais no aro (nove de um lado e cinco do outro), paralelas entre si. **Classificação e cronologia** Tipo... / Bronze Final / Corvilho. **Dimensões** Diâmetro interno 61 mm; Espessura máxima do aro 13 mm; Remates 14 mm X 12 mm; Distância entre o extremo dos terminais 7 mm; Peso 150 gr.. **Depósito** MMAP, 34. **Bibli.** SANTARÉM 1956b, 401-402; PEREZ 1997, 5-11; MOREIRA 2007, 53; 2013, 49-50; 2014, 83.



48 Vaso troncocónico

Proveniência Necrópole do Corvilho, Santo Tirso, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta de estrutura compacta com abundantes elementos não plásticos formados por mica e quartzo de pequeno calibre. O tratamento da superfície exterior foi efetuado por alisamento simples. Conserva vestígios de exposição ao fogo (N70). Parcialmente restaurado. **Descrição** Vaso de modelação manual de perfil subelítico com inflexão acentuada ao nível do bojo. Fundo plano-convexo. Bordo formado por aba curta de orientação oblíqua com lábio arredondado. Asa lateral de desenvolvimento vertical, de secção retangular, implantada ao nível intermédio da parede. A decoração é composta por cinco saliências circulares de perfil subelítico “mamilos” implantados na face superior do bojo. **Classificação e cronologia** Tipo... / Bronze Final / Corvilho. **Dimensões** Altura máxima 82 mm; Diâmetro máximo do bordo 100 mm; Diâmetro máximo do bojo 95 mm; Diâmetro máximo do fundo 55 mm; Espessura média da parede 7 mm; Altura máxima da asa 41 mm; Largura média da asa 20 mm; Espessura média da asa 4 mm. **Depósito** MMAP [COR. 1086]. **Bibli.** SANTARÉM 1956b, 401-402; SANCHES 1981, 95; 1982, 56-61; MOREIRA 2007, 54; 2013, 49-50; 2014, 83.



49 Vaso troncocónico

Proveniência Necrópole do Corvilho, Santo Tirso, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta de estrutura compacta com abundantes elementos não plásticos constituídos por mica de calibre muito fino e, em menor percentagem, quartzo de calibre médio. A superfície, de cor castanha (N51), encontra-se bem polida. Na face interior regista os negativos das matérias orgânicas que integravam a pasta e que desapareceram no momento da cozedura. Conserva vestígios de exposição ao fogo. Parcialmente restaurado. **Descrição** Vaso de modelação manual de perfil troncocónico. Bordo formado por pequena aba de orientação oblíqua e face superior plana com lábio facetado. Carena interna muito marcada de perfil anguloso. A parede regista os negativos de implantação de uma asa de desenvolvimento vertical. Fundo plano. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Bronze Final / Corvilho. **Dimensões** Altura máxima 109 mm; Diâmetro máximo do bordo 122 mm; Diâmetro máximo do fundo 65 mm; Espessura média da parede 7 mm; Altura máxima da asa (?) 75 mm. **Depósito** MMAP, 39 [COR 1087]. **Bibli.** SANTARÉM 1956b, 401-402; SANCHES 1981, 95; 1982, 56-61; MOREIRA 2007, 53-54, MMAP 39; 2013, 49-50; 2014, 84-85.



50 Vaso troncocónico

Proveniência Necrópole do Corvilho, Santo Tirso, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta de estrutura compacta e constituição grosseira com abundantes elementos não plásticos formados por grãos de quartzo de calibre médio. A superfície, de cor castanha clara, é rugosa e encontra-se muito degradada. Conserva vestígios de exposição ao fogo (M51). Parcialmente restaurado. **Descrição** Vaso de modelação manual de perfil subelítico ligeiramente contracurvado com estrangulamento ao nível da face inferior do bordo. Lábio de secção trapezoidal com face superior plana. A parede regista os negativos de implantação de uma asa de desenvolvimento vertical. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Bronze Final / Corvilho. **Dimensões** Altura máxima 98 mm; Diâmetro máximo do bordo 102 mm; Espessura máxima do bordo 9 mm; Diâmetro máximo do bojo 112 mm; Diâmetro máximo do fundo 75 mm; Espessura média da parede 7 mm. **Depósito** MMAP, 37 [COR. 1088]. **Bibli.** SANTARÉM 1956a, 401-402; SANCHES 1981, 95; 1982, 56-61; MOREIRA 2013, 53-54, MMAP 37; 2013, 49-50; 2014, 84.



51 Vaso troncocónico

Proveniência Necrópole do Corvilho, Santo Tirso, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta de estrutura pouco compacta, muito friável, com núcleo negro. Abundantes elementos não plásticos constituídos por quartzo e, em menor percentagem, mica de pequeno calibre. A superfície conserva diferentes tonalidades que oscilam entre o castanho claro e o castanho muito escuro (M75). Apresenta um acabamento de má qualidade efetuado através de alisamento pouco cuidado. Conserva vestígios de exposição ao fogo. Parcialmente restaurado. **Descrição** Vaso de modelação manual de perfil troncocónico ligeiramente sinuoso. Fundo plano. Bordo vertical de secção triangular. A parede revela negativos de implantação de uma asa de desenvolvimento vertical e secção plano-convexa. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Bronze Final / Corvilho. **Dimensões** Altura máxima 75 mm; Diâmetro máximo do bordo 100 mm; Diâmetro máximo do fundo 60 mm; Espessura média da parede 9 mm. **Depósito** MMAP, 38 [COR 1089]. **Bibli.** SANTARÉM 1956a, 401-402; SANCHES 1981, 95; 1982, 56-61; MOREIRA 2007, 53-54, MMAP 38; 2013, 49-50; 2014, 84.



52 Vaso troncocónico

Proveniência Necrópole do Corvilho, Santo Tirso, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta de estrutura compacta com abundantes elementos não plásticos constituídos essencialmente por grãos de quartzo de calibre médio e, em menor percentagem, por mica. A superfície, de cor castanha, encontra-se bastante corroída conservando apenas algumas áreas com o alisamento original. Conserva vestígios de exposição ao fogo (N70). Parcialmente restaurado. **Descrição** Vaso de modelação manual de perfil troncocónico, levemente sinuoso. Bordo vertical com face plana e lábio de perfil pontiagudo projetado para o exterior. Paredes verticais de espessura irregular. Fundo plano e espesso, ligeiramente convexo. A parede regista os negativos de implantação de uma asa de desenvolvimento vertical. **Classificação e cronologia** Tipo... / Bronze Final / Corvilho. **Dimensões** Altura máxima 95 mm; Diâmetro máximo do bordo 102 mm; Espessura do bordo 11 mm; Diâmetro máximo do fundo 71 mm; Espessura média da parede 10 mm; Altura máxima provável da asa 40 mm. **Depósito** MMAP [COR 1091]. **Bibli.** SANTARÉM 1956a, 401-402; SANCHES 1981, 95; 1982, 56-61; MOREIRA 2007, 53-54, MMAP 38; 2013, 49-50; 2014, 84.



53 Vaso troncocónico

Proveniência Necrópole do Corvilho, Santo Tirso, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta de constituição compacta e composição grosseira, com abundantes elementos não plásticos constituídos por grãos de quartzo de calibre médio e mica de pequeno calibre. A superfície, de cor castanha, é apenas alisada e encontra-se muito corroída. Conserva vestígios de exposição ao fogo (P51). Parcialmente restaurado. **Descrição** Vaso de modelação manual de perfil troncocónico. Bordo extrovertido com lábio de secção arredondada. Fundo plano-convexo. A decoração é composta por uma fiada de quatro saliências circulares de perfil subelítico e extremidade arredondada "mamilos". **Classificação e cronologia** Tipo... / Bronze Final / Corvilho. **Dimensões** Altura máxima 82 mm; Diâmetro máximo do bordo 93 mm; Diâmetro máximo do fundo 65 mm; Espessura média da parede 5 mm. **Depósito** MMAP [COR 1040]. **Bibli** SANTARÉM 1956a, 401-402; SANCHES 1981, 95; 1982, 56-61; MOREIRA 2007, 53-54, MMAP 38; 2013, 49-50; 2014, 84.



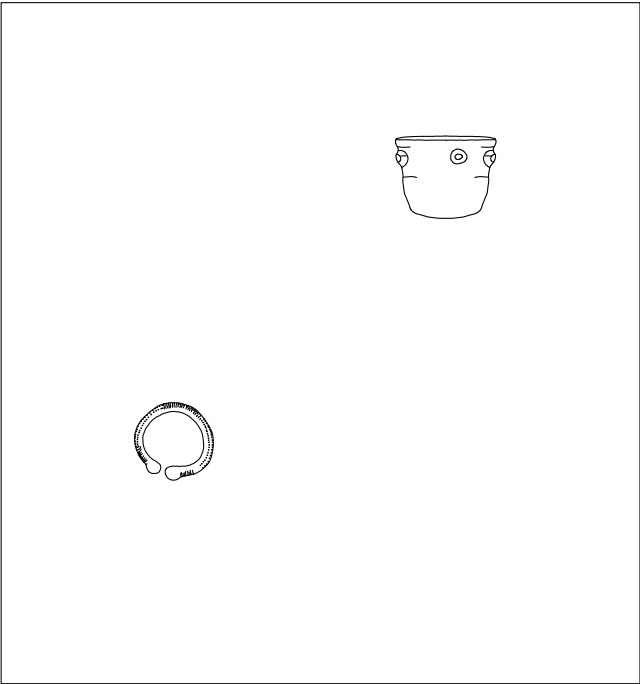
54 Vaso troncocónico — réplica

Processo de produção Técnica de modelação em rolo e aplicação de motivos decorativos (mamilos) por adição e secagem natural. **Matéria prima base** Pasta Darwi Classic. **Acabamentos** Pintura com tinta acrílica Winsor Newton, técnica da "boneca", secagem natural. **Dimensões** Altura máxima 82 mm; Diâmetro máximo do bordo 93 mm; Diâmetro máximo do fundo 65 mm; Espessura média da parede 5 mm.



55 Pulseira — réplica

Processo de produção Levantamento por molde com "Borracha de silicone RTV2 - HB FLEX 971". **Matéria prima base** Gesso cerâmico "Escayola E-35". **Acabamentos** Pintura com tinta acrílica Winsor Newton, técnica da "boneca", secagem natural. **Dimensões** Diâmetro interno 61 mm; Espessura máxima do aro 13 mm; Remates 14 mm X 12 mm; Distância entre o extremo dos terminais 7 mm; Peso 150 gr..



56 Cista — simulação

As cistas constituem estruturas funerárias características da Idade do Bronze. São geralmente retangulares, quadrangulares ou trapezoidais, delimitadas lateralmente por quatro lajes retangulares colocadas de cutelo (esteios), com uma laje maior a servir de cobertura. As dimensões destas estruturas são variáveis, embora o seu eixo maior pouco ultrapasse o metro de comprimento. Os esteios maiores são habitualmente travados pelos menores (o dos pés e o da cabeça), além de que pequenos blocos e pequenas lajes de pedra auxiliam nesse travamento e aplanam a área onde assenta a grande laje de cobertura. Constituem práticas funerárias de longa duração podendo conter inumações ou incenerações. O espólio que acompanha os enterramentos é constituído por cerâmica e, por vezes artefactos líticos. Distribuem-se, normalmente, em áreas próximas de vales férteis e, por vezes no interior de povoados contemporâneos. **Dimensões** Comprimento máximo 610 mm; Largura máxima 650 mm.



57 Mó de naveta de dupla face

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Granito de cor creme (L71). **Descrição** Fragmento de mó de naveta de grande dimensão. Contorno sub-retangular de recorte irregular. Face superior e inferior escavada, muito polida, com arestas arredondadas. Secção sub-retangular com fundo externo regularizado. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase I. **Dimensões** Comprimento máximo 610 mm; Largura máxima 430 mm; Altura máxima 190 mm. **Depósito** MMAP, 915. **Bibli.** SANTARÉM 1956a, 401-402; SANCHES 1981, 95; 1982, 56-61; MOREIRA 2007, 52, MMAP 38; 2013, 49-50; 2014, 84.

ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO

ÉPOCA CONTEMPORÂNEA

IDADE MÉDIA E MODERNA

ROMANIZAÇÃO

PROTO-HISTÓRIA

PRÉ-HISTÓRIA





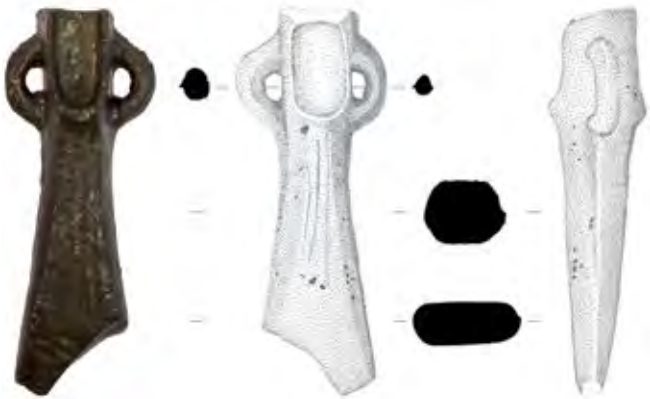
1 Machado de talão de dupla aselha

Proveniência Serra da Saia, Louro, Famalicão. **Material** Bronze. **Descrição** Machado de talão de duplo anel e faces simétricas. Lâmina plana, alargada por martelagem com gume de perfil curvo, ligeiramente fragmentado na extremidade. Apresenta três nervuras perpendiculares à lâmina em cada face com remate no encosto do talão. Talão com ressalto médio, elevado e espesso, com abas laterais decrescentes para o topo. Asas compostas por anéis de secção subcircular de diferente dimensão e levemente assimétricos. Ausência de cone de fundição. Talão levemente desgastado no topo. Inexistência de rebarbas de fundição e abundantes vestígios de utilização ao nível da lâmina, talão e gume. **Classificação e cronologia** Tipo Monteagudo 35 A / ... / Bronze Final. **Dimensões** Comprimento máximo 230 mm; Largura máxima 55 mm; Espessura máxima 33 mm; Peso 1134,1 gr.. **Depósito** MMAP, 31. **Bibli.** PINTO 1930, 306; MOREIRA 2005, 19; 2007, 53.



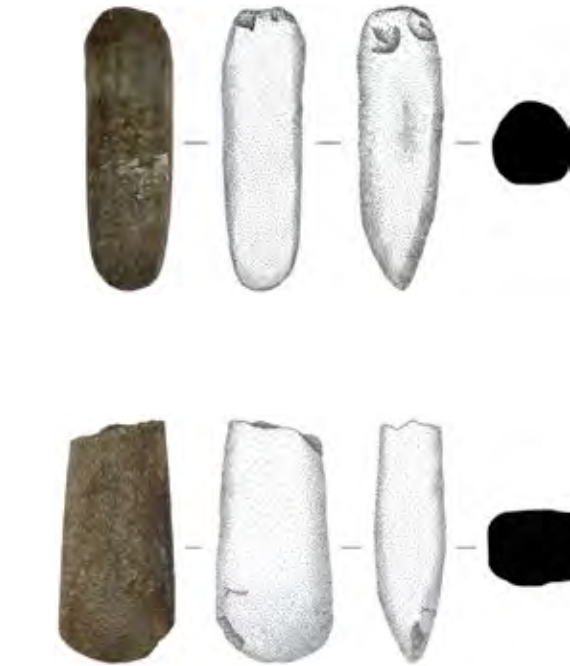
2 Machado de talão de uma aselha

Proveniência (?), Briteiros, Guimarães. **Material** Bronze. **Descrição** Machado de talão de um anel e faces simétricas. Lâmina plana, alargada com gume de perfil curvo. Apresenta três nervuras perpendiculares à lâmina em cada uma das faces que se desenvolvem do início do gume ao encosto do talão. Talão retangular com ressalto médio, elevado e espesso, com abas laterais decrescentes do início do talão ao topo. Anel de secção subcircular implantado no centro da face lateral a dividir a lâmina do talão. Ausência de cone de fundição. Inexistência de rebarbas de fundição e abundantes vestígios de utilização ao nível do gume e talão. **Classificação e cronologia** Tipo Monteagudo 36 A / ... / Bronze Final. **Dimensões** Comprimento máximo 185 mm; Largura máxima 40 mm; Espessura máxima 24 mm; Peso 441,7 gr.. **Depósito** MMAP, n.º 32. **Bibli.** PINTO 1930, 306; MOREIRA 2005, 19; 2007, 50.



3 Machado de talão de dupla aselha

Proveniência Chão da Presa, Fontiscos, Santo Tirso. **Material** Bronze. **Descrição** Machado de talão de dupla aselha e faces simétricas. Encontra-se fragmentado ao nível do arranque do talão que corresponde ao limite superior dos anéis. Lâmina plana e espessa, alargada, com gume de perfil curvo, isenta de nervuras. Lâmina de secção trapezoidal fragmentada ao nível do gume. Talão retangular com ressalto médio e espesso com abas laterais, fragmentado ao nível do arranque inferior. Anéis de secção subcircular, assimétricos, implantados no centro das faces laterais dividindo a lâmina do talão. Ausência de rebarbas de fundição. Os vestígios de utilização são visíveis em ambas as faces da lâmina e no gume. **Classificação e cronologia** Tipo Monteagudo 35 A / ... / Bronze Final. **Dimensões** Comprimento máximo 155 mm; Largura máxima 60 mm; Espessura máxima 43 mm; Peso 784,2 gr.. **Depósito** MMAP, n.º 33. **Bibli.** PINTO 1930, 306; MOREIRA 2005, 19; 2007, 50; 2013, 51-52; 2014, 171-172.



4 Cinzel polido

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Anfibolito de cor cinzenta (S73). **Descrição** Cinzel de reduzidas dimensões com polimento integral. Contorno sub-retangular, alongado, com gume plano-convexo, assimétrico. Talão de contorno quadrangular, pouco definido, sem polimento. Secção subquadrangular com arestas arredondadas. Gume afiado com claros vestígios de utilização. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase I-III **Dimensões** Comprimento máximo 79 mm; Largura máxima 22 mm; Espessura máxima 23 mm; Peso 74,6 gr.. **Depósito** MMAP [PAD 99 B1(D30.00), op. 18]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 51.



5 Machado polido

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Anfibolito de cor cinzenta (S71). **Descrição** Fragmento de machado polido de contorno sub-retangular. Gume convexo, ligeiramente assimétrico. Secção plano-convexa. Polimento integral, mais acentuado no gume que conserva vestígios de utilização, apesar de muito afiado. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase I-III **Dimensões** Comprimento máximo 59 mm; Largura máxima 28 mm; Espessura 16 mm; Peso 46,5 gr.. **Depósito** MMAP [PAD 85 (M1.117), n.º 4046]. **Bibli.** MARTINS 1985, 220, est. IV, n.º 5 ; MOREIRA 2007, 58.



6 Polidor

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Quartzo de cor avermelhada (R39). **Descrição** Polidor de formato retangular, levemente irregular, com faces laterais retas e arestas arredondadas, fragmentado em ambas extremidades. Faces integralmente polidas e arestas erosionadas. Superfície com lustre e pátina generalizada. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase I-III **Dimensões** Comprimento máximo 62 mm; Largura máxima 42 mm; Espessura máxima 11 mm; Peso 398 gr.. **Depósito** MMAP [PAD 99 B1 (F33.05), 811]. **Bibli.** Inédito.



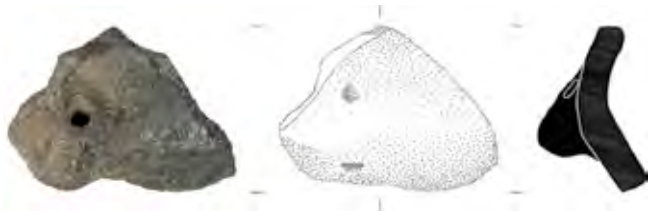
7 Molde de fundição

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Arenito de cor avermelhada (R15). **Descrição** Fragmento de molde de fundição. Formato sub-retangular, irregular, fragmentado na face lateral e central. Na face superior encontra-se dotado de arestas laterais a formar um ressalto longitudinal alinhado à superfície. A área de molde apresenta um recorte longitudinal de secção trapezoidal. Apesar de isento de vestígios de fundição apresenta a face interna do molde escurecida e levemente queimada. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase I-III **Dimensões** Comprimento máximo 47 mm; Largura máxima 59 mm; Espessura máxima 28 mm; Peso 109,1. **Depósito** MMAP [PAD. 89 M2 (20), 155]. **Bibli.** Inédito.



8 Taça carenada de asa dupla

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta bem depurada com cozedura homogénea. Elementos não plásticos bem calibrados e distribuídos uniformemente, compostos por mica, quartzo e, em menor percentagem, feldspato. Superfície alisada com polimento intenso (P70) com partículas de mica à superfície. **Descrição** Fragmento de bordo de taça carenada com asa. Modelação manual. Encontra-se fragmentado ao nível inferior da asa não permitindo caracterizar a parede, a carena e o fundo. Bordo vertical, ligeiramente projetado para o exterior, rematado por lábio de secção arredondada. Asa de secção arredondada implantada diretamente sobre o lábio e ao nível superior da carena. **Classificação e cronologia** Tipo Armando Coelho A2a / Monte Padrão - Fase I-III **Dimensões** Diâmetro máximo 164 mm; Altura máxima 87 mm; Espessura máxima 6 mm; Espessura da asa 9 mm. **Depósito** MMAP [PAD 85 (M1.195), 4424]. **Bibli.** MARTINS 1985, 220, est. III, n.º 4; MOREIRA 2007, 59.



9 Taça de asa perfurada

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta compacta de elevada depuração com cozedura homogênea (S31). Elementos não plásticos de pequena dimensão, com distribuição uniforme, compostos por quartzo e mica. Superfície alisada e muito polida com vestígios de exposição ao fogo (T51). **Descrição** Fragmento de parede e asa de taça carenada de modelação manual. Asa perturbante de formato subtrapezoidal com perfuração lateral. **Classificação e cronologia** Tipo Armando Coelho A1a (fase I) / Monte Padrão - Fase I-III **Dimensões** Comprimento máximo 42 mm; Largura máxima 30 mm; Espessura máxima 7 mm. **Depósito** MMAP [PAD 85 (M2.107), 6034]. **Bibli.** MARTINS 1985, 220, est. III, n. ° 7; MOREIRA 2007, 61.



10 Fragmento de cerâmica com decoração tipo boquique

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta compacta, bem depurada, com cozedura uniforme (S31). Elementos não plásticos bem calibrados, compostos por quartzo e mica. Superfície alisada e polida (S51). Produção local ou regional. **Descrição** Fragmento de parede de vaso de modelação manual. Decoração composta por motivos incisos, de formato oval, efetuados a punção, limitados na face superior por uma canelura. **Classificação e cronologia** Tipo “Cogotas” I, fase II / Monte Padrão - Fase I-II. **Dimensões** Comprimento máximo 33 mm; Largura máxima 34 mm; Espessura máxima 8 mm. **Depósito** MMAP [PAD 85 (M2.0116)]. **Bibli.** MARTINS 1985, 220, est. V, n. ° 4 ; MOREIRA 2007, 60 ; 2014, 67-68.



11 Fragmento de cerâmica com decoração tipo boquique

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta compacta, bem depurada, de cozedura irregular com núcleo escuro (T51). Elementos não plásticos bem calibrados, compostos por quartzo e mica. Superfície alisada e polida (P70). Produção local ou regional. **Descrição** Fragmento de parede de vaso de modelação manual. Decoração composta por motivos incisos de formato oval, efetuados a punção com vestígios de preenchimento de pasta cerâmica branca. **Classificação e cronologia** Tipo “Cogotas” I, Fase II / Monte Padrão - Fase I-II. **Dimensões** Comprimento máximo 28 mm; Largura máxima 28 mm; Espessura máxima 4 mm. **Depósito** MMAP [PAD 85 (M1.214), 5376]. **Bibli.** MARTINS 1985, 220, est. V, n. ° 7 ; MOREIRA 2007, 60; 2014, 67 ; MOREIRA; SILVA 2010, 115.



12 Fragmento de cerâmica com decoração tipo boquique

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta compacta, medianamente depurada, com cozedura homogênea (N70). Elementos não plásticos abundantes e bem calibrados, compostos por quartzo e mica. Superfície alisada e polida (R70). Produção local ou regional. **Descrição** Fragmento de parede de vaso de modulação manual. Decoração composta por motivos incisos de formato oval efetuados a punção, aparentemente organizados em linhas horizontais. **Classificação e cronologia** Tipo “Cogotas” I, Fase II / Monte Padrão - Fase I-II. **Dimensões** Comprimento máximo 29 mm; Largura máxima 26 mm; Espessura máxima 6 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 95 A, op. 21]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 60.



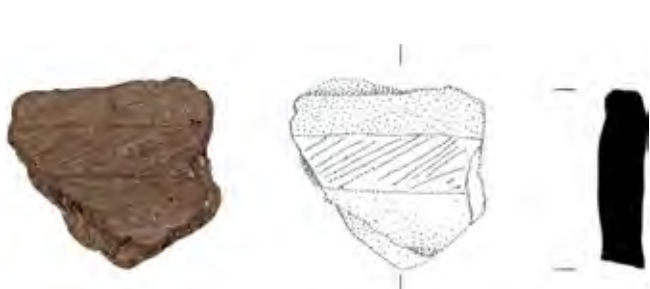
13 Fragmento de cerâmica com decoração tipo “Cogeces”

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta de constituição arenosa, muito friável. Compactação média com cozedura homogênea (N60). Elementos não plásticos compostos exclusivamente por grãos de quartzo de dimensão média. Superfície alisada e pouco polida (N60). Produção local ou regional. **Descrição** Fragmento de parede de vaso de modelação manual. Decoração composta por motivos incisos de formato oval, efetuados a punção. A reduzida dimensão do fragmento não permite compreender o tema na sua totalidade, todavia a composição circular das linhas sugere uma temática relacionada com grinaldas. **Classificação e cronologia** Tipo “Cogeces”/ Monte Padrão - Fase I. **Dimensões** Comprimento máximo 29 mm; Largura máxima 18 mm; Espessura máxima 4 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 85 (M1.207), 5139]. **Bibli.** MARTINS 1985, 220, Est. V, n. ° 6 ; MOREIRA 2007, 60 ; 2014, 67; SILVA; MOREIRA 2010, 115, n.° 91.



14 Fragmento de cerâmica com decoração tipo “Cogeces”

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta compacta, medianamente depurada, com cozedura homogênea. Elementos não plásticos abundantes, bem calibrados, compostos por quartzo e mica. Superfície alisada e polida (S71). **Descrição** Fragmento de parede de vaso decorado com motivos geométricos de meandros alternados com motivos retilíneos. A área rebaixada encontra-se preenchida com argila de cor branca, que se mantém perfeitamente conservada. **Classificação e cronologia** Tipo M. Martins Fase I - Forma 1 / Monte Padrão - Fase I. **Dimensões** Comprimento máximo 64 mm; Largura máxima 34 mm; Espessura máxima 9 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 95 A, op. 24]. **Bibli.** MOREIRA 2005, 21; 2007, 54; 2014, 67; BETTENCOURT 2010, 74.



15 Fragmento de cerâmica com decoração tipo “Baiões”

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta compacta, medianamente depurada, de composição laminar. Cozedura uniforme (P51). Elementos não plásticos compostos por quartzo e mica de pequena dimensão com distribuição uniforme. Superfície alisada e polida (P51). **Descrição** Fragmento de parede de vaso de modelação manual. Decoração composta por uma sucessão de linhas transversais incisas inscritas numa banda definida por duas linhas paralelas, também incisas. **Classificação e cronologia** Tipo “Baiões” (SILVA 1986, A2, 41 (fase I) / Monte Padrão - Fase III. **Dimensões** Comprimento máximo 29 mm; Largura máxima 30 mm; Espessura máxima 7 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 85 (M1.182) 4278]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 60.



16 Pote

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta compacta e dura, com cozedura irregular conservando o núcleo negro em contraste com as faces. Pasta grosseira, mal calibrada, com abundantes elementos não plásticos formados por grãos de quartzo e, em menor percentagem, mica. Superfície alisada com espatulamento intenso. Abundantes vestígios de exposição ao fogo (R51). **Descrição** Fragmento de parede e bordo de pote de perfil ovóide de modelação manual. Bordo reto, ligeiramente introvertido, rematado por um lábio de secção arredondada. Peça assimétrica com espessura e superfície irregular. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase I-II. **Dimensões** Diâmetro máximo 182 mm; Altura máxima 135 mm; Espessura máxima do bordo 7 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 85 (M1.0209), 5158]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 59.



17 Taça carenada

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta compacta, bem depurada com cozedura homogénea. Elementos não plásticos abundantes, compostos por quartzo e mica de pequeno calibre com distribuição uniforme. Superfície alisada e brunida com engobe ligeiro no exterior (S33). **Descrição** Taça carenada de fundo umbilical. Modelação manual evidenciando irregularidades na superfície e ligeira assimetria no perfil. Parede em calote com bordo alto, ligeiramente introvertido, com lábio de secção arredondada lançado para o exterior. Carena na face superior da parede de perfil arredondado. Encontra-se reconstituída a partir do terço inferior da parede. **Classificação e cronologia** Tipo Armando Coelho A1a; Tipo Manuela Martins 5A / Castro de Alvarelhos - Fase I-III. **Dimensões** Diâmetro máximo do bordo 210 mm; Altura máxima 125 mm; Espessura máxima do bordo 6 mm. **Depósito** MMAP, n.º 029. **Bibli.** MOREIRA 2007, 52.

As taças carenadas constituem um tipo de recipiente com características morfológicas muito específicas e encontram-se amplamente documentadas em povoados no Norte de Portugal. São geralmente produções com acabamento muito cuidado, superfícies externas alisadas e brunidas, constituídas por pastas relativamente bem depuradas com escassos elementos não plásticos.

Morfológicamente apresentam a parede em calote, com carena média alta, bem vincada, com bordo vertical ou levemente aberto e lábio arredondado. Os fundos podem ser umbilicais ou rasos. As suas dimensões apresentam diferenças significativas e pequenas variações morfológicas que, conduziram a uma subdivisão tipológica sem, no entanto, se fazer corresponder uma

diferenciação cronológica. A sua cronologia, definida nos castros de S. Julião, Coto da Pena e Castro de Barbudo, com base em datações por C14, referenciadas no séc. X/ IX a.C. (MARTINS 1990, 131), contraria, em certa medida, as cronologias anteriormente propostas (SILVA 1986, 119-120), que relacionavam este tipo de produções com a expansão de elementos culturais dos “Campos de Urnas” do centro de Espanha e sul de Portugal.

Armando Coelho considera 3 variantes em função da dimensão, do comportamento da carena, da existência ou não de asa e do fundo, às quais faz corresponder *in genere* à forma 8C de G. Marques e M. Andrade (SILVA 1986, 120, Gráfico 3). Manuela Martins considera três tipos (Forma 5 A/B/C) (MARTINS 1990, 127-128, Quadro 10).



20 Pote

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta compacta de cozedura uniforme conservando o núcleo negro. Pasta grosseira, mal calibrada, com abundantes elementos não plásticos formados por grãos de quartzo, feldspato e mica. Superfície irregular com alisamento intenso. Abundantes vestígios de exposição ao fogo (R51). **Descrição** Fragmento de parede e bordo de pote de modelação manual. Bordo vertical, ligeiramente introvertido, rematado por um lábio irregular de secção arredondada. Bojo semiesférico. Peça assimétrica com espessura e superfície irregular. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase I-II. **Dimensões** Comprimento máximo 105 mm; Diâmetro máximo 175 mm; Espessura máxima do bordo 7 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 85 (M1.0209), 5158]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 59.



21 Peso de tear

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta compacta de cozedura irregular com núcleo negro. Composição arenosa com abundantes elementos não plásticos compostos por grãos de quartzo de diferente calibre e nódulos ferrosos. Superfície irregular de textura friável. Alisamento incipiente revelando sinais de exposição ao fogo (P49). **Descrição** Peso de cerâmica de modelação manual, de formato discoidal, assimétrico, com arestas laterais irregulares de perfil arredondado. Orifício central circular, ligeiramente descentrado. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase I-III. **Dimensões** Diâmetro máximo 107 mm; Espessura máxima 40 mm; Diâmetro do orifício 12 mm; Peso 180 gr. **Depósito** MMAP [PAD. 85 (M1.194), 4559]. **Bibli.** MARTINS 1985, 220, est. IV, n.º 6, MOREIRA 2007, 58.



22 Peso

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Xisto de cor negra (T73). **Descrição** Peso em xisto de cor negra, de formato discoidal, assimétrico, com arestas laterais irregulares de perfil arredondado. Orifício central circular, ligeiramente descentrado de recorte bitroncocónico. Patine lustrosa e arestas erosionadas. Faces planas levemente irregulares. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase I-III. **Dimensões** Largura máximo 90 mm; Comprimento máximo 72 mm; Espessura máxima 16 mm; Diâmetro do orifício 16 mm; Peso 153,2 gr. **Depósito** MMAP [PAD. 08 A, B1 (H15.01), op. 7]. **Bibli.** Inédito.



18 Vaso troncocónico

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta compacta de cozedura irregular com núcleo negro. Composição arenosa com abundantes grãos de quartzo de diferente calibre. Superfície irregular de textura friável. Alisamento incipiente revelando sinais de exposição ao fogo. Cor (P29) castanho avermelhado. **Descrição** Vaso troncocónico. Modelação manual evidenciando uma forma ligeiramente assimétrica. Parede alta e espessa com carena junto ao bordo de perfil suavizado. Bordo vertical, ligeiramente côncavo, com lábio arredondado com suave projeção para o exterior. Fundo levemente convexo de assentamento irregular com aresta pouco marcada. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase III. **Dimensões** Diâmetro máximo do bordo 130 mm; Altura máxima 149 mm; Espessura máxima do bordo 68 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 85, (M2.179), n.º 6315]. **Bibli.** MARTINS 1985, 220, est. V, n.º 1; MOREIRA 2005, 21; 2007, 52.



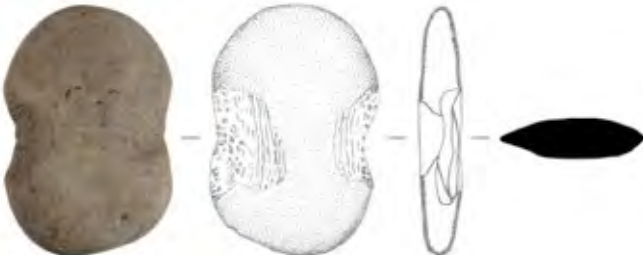
23 Peso

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Xisto de cor castanho/avermelhada (R49). **Descrição** Peso de formato retangular com faces planas integralmente polidas. Rebaixamento lateral, ligeiramente assimétrico. Entalhes formados por duas reentrâncias de secção semicirculares. Polimento intenso em ambas faces com arestas erodidas revestidas de patine lustrosa. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase I-III. **Dimensões** Comprimento máximo 73 mm; Largura máxima 44 mm; Espessura máxima 15 mm; Peso 84 gr. **Depósito** MMAP [PAD. 95 A, op. 38]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 58.



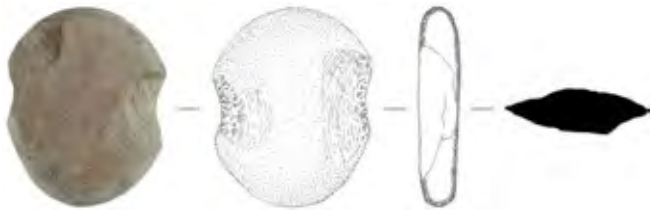
19 Pote

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta pouco depurada com compactação média. Abundantes elementos não plásticos compostos essencialmente por quartzo de pequena granulometria. Face externa irregular, alisada e polida (P51). Superfície interna rugosa com vestígios de exposição ao fogo. **Descrição** Perfil integral de pote de pequenas dimensões de modelação manual. Formato globular com reservatório ovalado rematado por bordo levemente estrangulado com lábio vertical de secção retangular e arestas arredondadas a formar uma ligeira projeção para o exterior. Fundo plano de assentamento pleno. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão Fase I-II. **Dimensões** Diâmetro máximo do bordo 164 mm; Altura máxima 147 mm; Espessura do bordo 9 mm. **Depósito** MMAP [PAD. II, 66]. **Bibli.** MOREIRA 2014, 78.

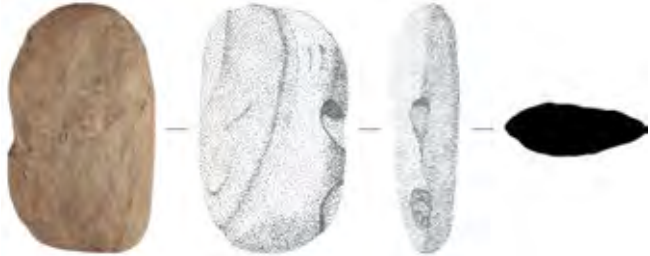


24 Peso

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Quartzo de cor cinzenta (R92). **Descrição** Peso. Seixo rolado de formato oval e secção plano-convexa. Os entalhes, realizados nas faces laterais, encontram-se ligeiramente descentrados e apresentam um perfil ovalado com desbaste em ambas as faces. Arestas erosionadas com patine lustrosa. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase I-III. **Dimensões** Comprimento máximo 69 mm; Largura máxima 46 mm; Espessura máxima 11 mm; Peso 57 gr. **Depósito** MMAP [PAD. 01A, B1 (C15.01), op. 4]. **Bibli.** MOREIRA 2005, 20; 2007, 58.



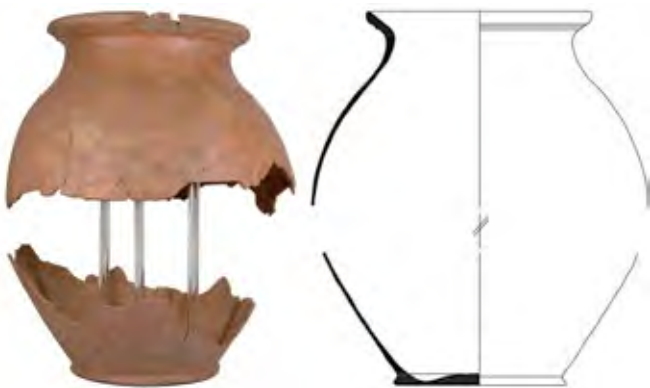
25 **Peso**
Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Quartzo de cor cinzenta (P73). **Descrição** Peso. Seixo rolado de formato oval e secção plano-convexa. Os entalhes, implantados em cada uma das faces laterais, são convergentes e apresentam um recorte ovalado com desbaste em ambas as faces. As arestas encontram-se erodionadas e revestidas por uma patine lustrosa. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase I-III. **Dimensões** Comprimento máximo 54 mm; Largura máxima 43 mm; Espessura máxima 12 mm; Peso 46 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. 01A, B1 (B17.01), 5069]. **Bibli.** MOREIRA 2005, 20; 2007, 58.



26 **Peso**
Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Xisto de cor castanho/vermelho (R70). **Descrição** Peso integralmente polido. Recorte oval de secção plano-convexa, assimétrica, com ligeira aresta numa das faces. Apresenta dois entalhes laterais de recorte desigual e levemente descentrados. Faces ligeiramente convexas irregulares. Arestas polidas e cobertas por uma patine lustrosa. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase I-III. **Dimensões** Comprimento máximo 58 mm; Largura máxima 34 mm; Espessura máxima 14 mm; Peso 41,4 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. 13 A (K34.01), op. 59]. **Bibli.** Inédito.



27 **Panela de asas laterais**
Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura homogénea. Elementos não plásticos compostos por quartzo, feldspato e, em maior abundância, mica. Superfície alisada e bem polida com abundantes partículas de mica à superfície. Conserva vestígios de exposição ao fogo (T51). **Descrição** Fundo plano de assentamento pleno. Parede arqueada lançada para o interior com bordo bilobulado para aplicação de testo. Apresenta duas asas de fita, simétricas, com secção plano-convexa, dispostas horizontalmente, implantadas no terço superior da parede. **Classificação e cronologia** Tipo SILVA 1986, E3b (fase III) / Monte Padrão - Fase V-VI. **Dimensões** Diâmetro máximo 360 mm; Altura máxima 86 mm; Espessura máxima ao nível do bordo 15 mm. **Depósito** MMAP, n.º 107. **Bibli.** MOREIRA 2005, 30; 2007, 70.



28 **Dollium**
Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta compacta com cozedura uniforme. Depuração mediana com abundantes elementos não plásticos constituídos à base de mica, quartzo e feldspato. Superfície alisada e bem polida (P25). **Descrição** Fragmentos de bordo, parede e fundo de dollium de média dimensão. Reservatório de perfil oval, com colo curto e bordo em aba oblíqua projetada para o exterior. Lábio espessado de perfil arredondado. Fundo discoidal de assentamento pleno com aresta arredondada e saliente. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Alvarelhos - Fase II-III. **Dimensões** Altura máxima 635 mm; Largura máxima do bojo 540 mm; Diâmetro máximo do bordo 365 mm; Espessura máxima do bordo 21 mm. **Depósito** MMAP [ALV. 86, n.º Inv.º 3455]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 83; 2010, 813, est. CLXIII, n.º 31.



29 **Panela de asas interiores**
Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta compacta, bem depurada, com elementos não plásticos compostos por mica, quartzo, feldspato e pequenos núcleos ferrosos (cerâmica moída). Superfície externa alisada com acentuado polimento e vestígios de exposição ao fogo (T71). **Descrição** Fragmento de bordo e arranque de parede com asa interna modelada ao torno. Forma troncocónica com paredes arqueadas e espessamento progressivo a partir da base. Bordo espesso com lábio plano projetado para o interior ligeiramente descendente. Asas interiores de secção circular de desenvolvimento horizontal, paralelas ao bordo, implantadas no terço superior da parede a formar um arco. O local de implantação das asas originou pequenas protuberâncias na face externa da parede. **Classificação e cronologia** Tipo MARTINS 4 / SILVA D2b2 (III - 3) / Castro de Alvarelhos - Fase II-III. **Dimensões** Diâmetro máximo 538 mm; Altura máxima 125 mm; Espessura máxima 16 mm. **Depósito** MMAP 160. **Bibli.** MOREIRA 2007, 62.



30 **Cossoiro**
Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta compacta, bem depurada, com elementos não plásticos compostos por mica, quartzo, feldspato e pequenos núcleos ferrosos. Superfície alisada com acentuado polimento (N70). **Descrição** Cossoiro bitroncocónico com carena no terço inferior, de perfil arredondado, ligeiramente assimétrico. Orifício troncocónico invertido, descentrado em relação ao eixo. O orifício foi efetuado do fundo para o topo o que provocou o arrastamento e acumulação da pasta na face superior. Cavidade superior pouco profunda com rebaixamento regular desde a aresta superior ao centro do orifício. Conserva um grafito na face lateral implantado entre a carena e o topo superior, composto por três hastes verticais, paralelas entre si, unidas na base por um traço horizontal. **Classificação e cronologia** Tipo Armando Coelho H2 (68) / Monte Padrão - Fase V-VI. **Dimensões** Diâmetro máximo 35 mm; Altura máxima 12 mm; Diâmetro máximo do orifício 6 mm; Peso 17,4 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. 85. E1A (006), 625]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 63.



31 **Fuso**
Proveniência Produção contemporânea. **Material** Madeira. **Descrição** Perfil cónico com base arredondada provida de eixo central de encaixe do cossoiro. No terço superior encontra-se escavado um sulco de condução do fio. Novelo de linho contemporâneo de produção local. **Classificação e cronologia** Contemporâneo / **Dimensões** Comprimento máximo 332 mm; Diâmetro máximo 16 mm; Diâmetro máximo do eixo central 5 mm; Peso 32,6 gr.. **Depósito** MMAP. **Bibli.** Inédito.



32 **Cossoiro**
Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta muito depurada, compacta e dura, de coloração bege (N71). Abundantes elementos não plásticos compostos por mica branca (moscovite) e alguns pontos ferrosos. Superfície alisada com polimento rudimentar. Encontra-se ligeiramente fragmentado na face lateral. **Descrição** Formato bitroncocónico, ligeiramente assimétrico. Orifício descentrado. Cavidade superior com rebaixamento suave e pouco profundo. Faces laterais de arestas arredondadas. **Classificação e cronologia** Tipo SILVA 1986, D2 (29) / Monte Padrão - Fase V-VI. **Dimensões** Diâmetro máximo 26 mm; Espessura máxima 11 mm; Diâmetro do orifício 6 mm; Peso 7,2 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. II,1103]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 62.



33 **Cossoiro**
Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta muito compacta, bem depurada e cozedura uniforme. Elementos não plásticos de pequena dimensão distribuídos uniformemente, compostos essencialmente por mica, quartzo, e, em menor percentagem, feldspato. Superfície alisada e polida, com exceção da face inferior que apresenta uma textura rugosa. Tonalidade muito escura (S51). **Descrição** Cossoiro bitroncocónico com carena de perfil arredondado e fundo plano-convexo. Orifício de recorte troncocónico centrado em relação ao eixo. Cavidade superior levemente deformada, pouco pronunciada, com rebaixamento regular e contínuo desde a aresta superior ao limite do orifício. Encontra-se fragmentado na face lateral ao nível da carena. **Classificação e cronologia** Tipo SILVA 1986, H29 (69) / Monte Padrão - Fase V-VI. **Dimensões** Diâmetro máximo 27 mm; Espessura máxima 14 mm; Diâmetro máximo do orifício 4 mm; Peso 11,5 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. II X,215]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 65.



34 **Cossoiro**
Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta compacta, friável, de textura arenosa com cozedura uniforme. Elementos não plásticos abundantes, bem calibrados, compostos por mica, quartzo e feldspato. Superfície rugosa com alisamento incipiente mas uniforme. Tonalidade avermelhada resultante de uma cozedura oxidante (N70). **Descrição** Cossoiro bitroncocónico com carena intermédia de recorte arredondado localizada no terço inferior. Fundo plano-convexo. Orifício descentrado em relação ao eixo da peça de perfil troncocónico. Cavidade superior profunda com inclinação progressiva da aresta superior ao limite do orifício. **Classificação e cronologia** Tipo SILVA 1986, G2 (57) / Monte Padrão - Fase V-VI. **Dimensões** Diâmetro máximo 28 mm; Espessura máxima 14 mm; Diâmetro máximo do orifício 4/5 mm; Peso 11,2 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. IIX, 219]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 64.

35 Cossoiro



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta compacta com elementos não plásticos compostos por quartzo de calibre médio e, pontualmente, mica e feldspato. Superfície alisada, medianamente polida, de cor clara (N45). **Descrição** Cossoiro bitroncocónico com carena ao nível do terço inferior de perfil arredondado e fundo convexo. Orifício de recorte troncocónico centrado em relação ao eixo. Cavidade superior pronunciada com rebaixamento regular e contínuo desde a aresta superior ao limite do orifício. **Classificação e cronologia** Tipo SILVA 1986, D2 (29) / Monte Padrão - Fase V-VI. **Dimensões** Diâmetro máximo 24 mm; Espessura máxima 11 mm; Diâmetro do orifício 4 mm; Peso 6,7 gr.. **Depósito** MMAP 67. **Bibli.** MOREIRA 2007, 63.

36 Cossoiro



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta muito depurada, compacta e dura. Elementos não plásticos abundantes e bem calibrados, compostos por mica, quartzo e, pontualmente, feldspato. Superfície alisada e muito polida coberta por uma aguada forte e espessa de tonalidade bege (N70). **Descrição** Cossoiro bitroncocónico de perfil arredondado, assimétrico, com carena muito pronunciada localizada a meio da face lateral. Fundo curto formado apenas pelas arestas do orifício. Cavidade superior pouco profunda, ligeiramente deformada, com inclinação progressiva do topo superior ao limite da base. Orifício de perfil troncocónico descentrado em relação ao eixo da peça. **Classificação e cronologia** Tipo SILVA 1986, E2 (32) / Monte Padrão - Fase V-VI. **Dimensões** Diâmetro máximo 26 mm; Espessura máxima 19 mm; Diâmetro máximo do orifício 4/5 mm; Peso 10,2 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. 92A, op. 2]. **Bibli.** MOREIRA 2005, 30; 2007, 64.

37 Cossoiro



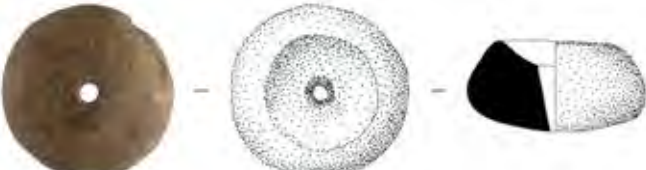
Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura uniforme. Elementos não plásticos abundantes, bem calibrados, de dispersão irregular, compostos por quartzo, feldspato, núcleos ferrosos e, em maior abundância, mica que aflora à superfície. Superfície alisada com polimento mediano, com exceção da face inferior, onde revela uma textura rugosa. Tonalidade mais clara na face superior (N50). **Descrição** Cossoiro discoidal de parede curva e recorte arredondado a configurar uma carena intermédia muito suave. Orifício centrado em relação ao eixo, de perfil troncocónico. Cavidade superior larga e pouco profunda. Apresenta como decoração um círculo concêntrico no interior a marginar a aresta. Na face lateral, ao nível da carena, apresenta também uma linha incisa que sugere uma divisão da peça em duas partes iguais. **Classificação e cronologia** Tipo SILVA 1986, G2 (57) / Monte Padrão - Fase V-VI. **Dimensões** Diâmetro máximo 37 mm; Espessura máxima 15 mm; Diâmetro máximo do orifício 6/4 mm; Peso 24,6 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. 87 (000)]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 65.

38 Cossoiro



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta compacta com cozedura irregular com uma tonalidade escura no núcleo. Pasta pouco depurada com abundantes elementos não plásticos compostos por quartzo, mica, feldspato e elementos ferrosos de diferente calibre e distribuição pouco uniforme. Superfície alisada com polimento incipiente, de textura rugosa. Tonalidade castanha clara pouco uniforme (N70). **Descrição** Cossoiro bitroncocónico com carena intermédia de perfil arredondado, assimétrico. Fundo plano-convexo. Orifício de perfil troncocónico, ligeiramente inclinado e descentrado em relação ao eixo da peça. Cavidade superior profunda, descentrada em relação ao orifício. Encontra-se fraturado na base e na face lateral. **Classificação e cronologia** Tipo SILVA 1986, A2 (7) / Monte Padrão - Fase V-VI. **Dimensões** Diâmetro máximo 32 mm; Espessura máxima 14 mm; Diâmetro máximo do orifício 6/7 mm; Peso 12,7 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. 85 E1A (010), 923]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 64.

39 Cossoiro



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta muito compacta com cozedura uniforme. Elementos não plásticos de pequena dimensão distribuídos uniformemente, compostos por mica e quartzo. Superfície alisada e integralmente polida, de tonalidade cinza escuro (P51). **Descrição** Cossoiro bitroncocónico com carena de perfil arredondado, implantada no terço superior. Fundo plano. Orifício centrado ao eixo de perfil troncocónico, invertido, ligeiramente assimétrico. Cavidade superior pouco profunda de recorte irregular com rebaixamento suave e progressivo desde a aresta superior ao limite do orifício. **Classificação e cronologia** Tipo Armando Coelho D2 (29) / Monte Padrão - Fase V-VI. **Dimensões** Diâmetro máximo 31 mm; Espessura máxima 15 mm; Diâmetro do orifício 4 mm; Peso 15,2 gr.. **Depósito** MMAP 68. **Bibli.** MOREIRA 2007, 63.

40 Cossoiro



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura uniforme. Elementos não plásticos muito abundantes, compostos por quartzo, feldspato, núcleos ferrosos e mica. Superfície alisada com polimento mediano. Tonalidade castanho escuro (P51). **Descrição** Cossoiro discoidal de paredes retas e arestas arredondadas, assimétrico, com espessura irregular. Orifício de perfil cilíndrico centrado em relação ao eixo. Faces planas, levemente deterioradas. **Classificação e cronologia** Tipo SILVA 1986, A1 (2) / Monte Padrão - Fase V-VI. **Dimensões** Diâmetro máximo 29 mm; Espessura máxima 13 mm; Diâmetro máximo do orifício 6 mm; Peso 12,4 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. IIX, n.º 208]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 65.

41 Cossoiro



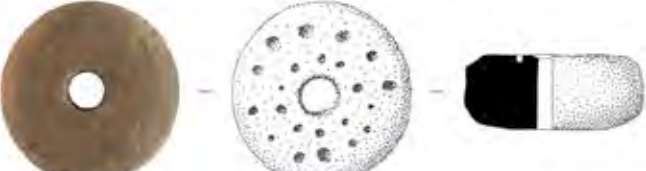
Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta muito compacta, bem depurada, com cozedura uniforme. Elementos não plásticos de pequena dimensão, compostos essencialmente por mica que aflora à face. Superfície alisada e integralmente polida de cor castanho-escura (P71). **Descrição** Cossoiro bitroncocónico com carena de perfil arredondado implantada no centro da face lateral. Fundo plano-convexo. Orifício centrado ao eixo da peça de recorte cónico, ligeiramente assimétrico. Cavidade superior pouco profunda de recorte muito irregular, com rebaixamento suave e progressivo desde a aresta superior ao limite do orifício. Decoração composta por 12 círculos incisos inscritos na face superior dispostos radialmente à volta do orifício. **Classificação e cronologia** Tipo SILVA 1986, D2 (30) / Monte Padrão - Fase V-VI. **Dimensões** Diâmetro máximo 26 mm; Espessura máxima 12 mm; Diâmetro máximo do orifício 4 mm; Peso 7 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. II,1075]. **Bibli.** SANTARÉM 1954, Est. X, 99; MOREIRA 2005, 30; 2007, 64.

42 Cossoiro



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta medianamente compacta de constituição arenosa e depuração média. Cozedura irregular apresentando manchas escuras à superfície. Elementos não plásticos bem calibrados, de pequena dimensão, compostos por mica, quartzo e feldspato. Superfície alisada, sem polimento, de toque áspero e cor castanho-clara (N75), com manchas negras. **Descrição** Cossoiro discoidal de arestas arredondadas. Fundo e topo planos. Orifício centrado ao eixo de perfil troncocónico. Decoração composta por orifícios puncionados, de diferente diâmetro e profundidade, que cobre a face superior e as faces laterais, sem organização aparente. **Classificação e cronologia** Tipo SILVA 1986, G1 (47) / Monte Padrão - Fase V-VI. **Dimensões** Diâmetro máximo 28 mm; Espessura máxima 16 mm; Diâmetro máximo do orifício 5/6 mm; Peso 12,2 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. IIX, n.º 070]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 63.

43 Cossoiro



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Arenito de grão fino e cor castanha (P30). **Descrição** Cossoiro discoidal de paredes retas de espessura irregular, assimétrico, com arestas arredondadas. Orifício de perfil cilíndrico, descentrado em relação ao eixo, com ligeira deformação na face superior. Faces laterais levemente deterioradas. Superfícies polidas e bem regularizadas. Decoração composta por pequenos orifícios incisos na face superior, organizados em dois círculos concêntricos dispostos à volta do eixo de fixação da haste do fuso. **Classificação e cronologia** Tipo SILVA 1986, A1 (2) / Monte Padrão - Fase V-VI. **Dimensões** Diâmetro máximo 34 mm; Espessura máxima 15 mm; Diâmetro máximo do orifício 7 mm; Peso 20,1 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. IIX, 206]. **Bibli.** MOREIRA 2005, 30; 2007, 65.

44 Cossoiro



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta muito compacta, com cozedura uniforme, bem depurada. Elementos não plásticos de pequena dimensão, distribuídos uniformemente, compostos essencialmente por mica. Superfície alisada e integralmente polida, de tonalidade escura (S51). **Descrição** Cossoiro discoidal de parede curva e arestas arredondadas. Orifício centrado em relação ao eixo, de perfil troncocónico, invertido. Faces planas. Encontra-se ligeiramente fragmentado na face superior junto à aresta. **Classificação e cronologia** Tipo SILVA 1986, A1 (2) / Monte Padrão - Fase V-VI. **Dimensões** Diâmetro máximo 45 mm; Espessura máxima 12 mm; Diâmetro máximo do orifício 5 mm; Peso 26,2 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. IIX, n.º 213]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 66.

45 Cossoiro



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta compacta com cozedura homogénea. Elementos não plásticos constituídos por quartzo e, em maior quantidade, mica. Superfícies alisadas com abundante mica à superfície de cor castanho-escura (P70). **Descrição** Cossoiro elaborado a partir do aproveitamento de um fragmento cerâmico. Formato discóidal de recorte regular. Secção plana com espessura irregular. Paredes laterais retas com arestas arredondadas. Orifício descentrado com perfil bitroncocónico. **Classificação e cronologia** Tipo SILVA 1986, A1 (3) / Monte Padrão - Fase V-VI. **Dimensões** Diâmetro máximo 28 mm; Espessura máxima 9 mm; Diâmetro máximo do orifício 4 mm; Peso 9,1 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. 84 X, 561]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 105.

46 Cossoiro



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta compacta com cozedura homogénea. Elementos não plásticos constituídos por quartzo e mica. Superfícies medianamente polidas de cor castanha (R69). **Descrição** Cossoiro elaborado a partir do aproveitamento de um fragmento cerâmico. Formato discóidal de recorte irregular, secção plana com espessura irregular. Paredes retas com arestas arredondadas. Orifício descentrado com perfil bitroncocónico. **Classificação e cronologia** Tipo SILVA 1986, A1 (3) / Monte Padrão - Fase V-VI. **Dimensões** Diâmetro máximo 34 mm; Espessura máxima 12 mm; Diâmetro máximo do orifício 4 mm; Peso 17,5 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. 91A, 3517]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 104.

47 Cossoiro



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta compacta com cozedura homogénea. Elementos não plásticos constituídos por quartzo e mica. Faces medianamente polidas de cor castanha (R69), com abundantes partículas de mica à superfície. **Descrição** Cossoiro elaborado a partir do reaproveitamento de um fragmento cerâmico. Formato discóidal de recorte irregular, secção plana com espessura irregular e paredes retas com arestas arredondadas. Orifício descentrado com perfil bitroncocónico, levemente oblíquo. **Classificação e cronologia** Tipo SILVA 1986, A1 (3) / Monte Padrão - Fase V-VI. **Dimensões** Diâmetro máximo 41 mm; Espessura máxima 11 mm; Diâmetro máximo do orifício 5 mm; Peso 25,4 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. 84 X, 560]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 104.

48 Cossoiro



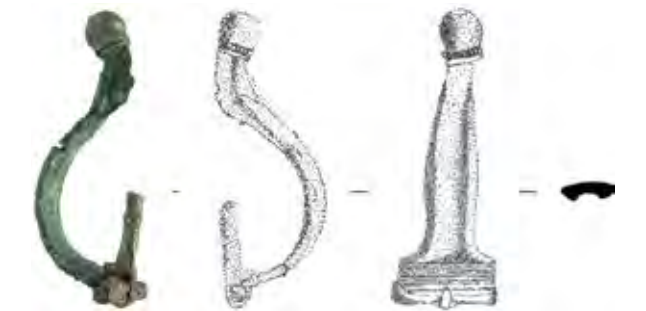
Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Xisto de cor negra (S73). Superfícies irregulares medianamente afeioadas com patine lustrosa. **Descrição** Formato discóidal de recorte irregular. Secção plana de espessura variável. Faces laterais verticais, muito irregulares, com arestas erosionadas. Orifício descentrado de perfil bitroncocónico, com eixo ligeiramente oblíquo. **Classificação e cronologia** Tipo SILVA 1986, A1 (3) / Monte Padrão - Fase V-VI. **Dimensões** Diâmetro máximo 35 mm; Espessura máxima 5 mm; Diâmetro máximo do orifício 4,5 mm; Peso 9,7 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. II, X, 1072]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 106.

49 Cossoiro



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Xisto de cor negra (S73). Superfície irregular intensamente polida com patine lustrosa. **Descrição** Formato discóidal, assimétrico. Secção plana de espessura irregular. Faces laterais retas com arestas erosionadas. Orifício descentrado de perfil troncocónico. Na face inferior apresenta um sulco transversal que ultrapassa o orifício de fixação do fuso. **Classificação e cronologia** Tipo SILVA 1986, A1 (3) / Monte Padrão - Fase V-VI **Dimensões** Diâmetro máximo 32 mm; Espessura máxima 8 mm; Diâmetro máximo do orifício 5 mm; Peso 13,6 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. 95A, op. 12]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 105.

50 Fíbula



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Bronze. **Descrição** Arco de fita de secção plano-convexa decorado com quatro caneluras longitudinais. Cartela retangular com quatro caneluras transversais. Pé rematado com botão esférico, ligeiramente soerguido, com moldura inferior decorada por anel golpeado e descanso fragmentado. Charneira com eixo de ferro. Fuzilhão de secção circular fragmentado. **Classificação e cronologia** Tipo AUCISSA / Monte Padrão - Fase VI. **Dimensões** Comprimento máximo 46 mm; Largura do aro 9/6 mm; Espessura do aro 2 mm; Diâmetro do botão 7 mm; Espessura do fuzilhão 3 mm; Peso 5,9 gr.. **Depósito** MMAP, 216. **Bibli.** MOREIRA 2005, 30; 2007, 103.

51 Fíbula



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Bronze. **Descrição** Arco de fita de secção plano-convexa com canelura longitudinal decorada com um motivo espiral limitado por duas caneluras transversais também decoradas com o mesmo motivo, um inscrito a meio da cartela e o outro no remate superior do arco. Cartela retangular, curta e pouco desenvolvida. Pé rematado por botão cónico, ligeiramente soerguido. Descanso perpendicular ao arco com apoio curvo e vestígios do fuzilhão. Charneira com eixo de bronze rematado por botões cônicos. **Classificação e cronologia** Tipo AUCISSA / Monte Padrão - Fase VI. **Dimensões** Comprimento máximo 31 mm; Largura do aro 12/4 mm; Espessura do arco 2 mm; Diâmetro do botão terminal 7 mm; Diâmetro dos botões laterais 6 mm; Largura da cartela 12 mm; Peso 6,1 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. 94 A, op. 23]. **Bibli.** MOREIRA 2005, 30; 2007, 103.

52 Fíbula



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Bronze. **Descrição** Aro de fíbula de secção plano-convexa com vinco longitudinal no dorso. Decoração organizada em duas bandas composta por dois alinhamentos de punções triangulares contrapostas em denticulado, separadas na linha média do dorso por duas linhas paralelas. Fragmentada ao nível do arranque do pé. Ausência de mola e fuzilhão. **Classificação e cronologia** Tipo SABROSO C / Monte Padrão - Fase VI. **Dimensões** Comprimento máximo 42 mm; Largura do aro 34 mm; Altura do arco 24 mm; Espessura do arco 4 mm; Peso 4 gr.. **Depósito** MMAP, 219. **Bibli.** SANTARÉM 1954, Est. V, 10; MOREIRA 2007, 104.

53 Fíbula



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Bronze. **Descrição** Aro de secção plano-convexa com vinco longitudinal no dorso. Pé alto, dobrado em arco, com apêndice em posição oblíqua, rematado por balaústre vasiforme, apoiado em anel de secção triangular. Ausência de mola e fuzilhão. **Classificação e cronologia** Tipo SABROSO C / Monte Padrão - Fase VI. **Dimensões** Comprimento máximo 42 mm; Largura do arco 29 mm; Altura do arco 22 mm; Espessura do arco 4 mm; Comprimento do balaústre 16 mm; Diâmetro do balaústre 6 mm; Peso 8,5 gr.. **Depósito** MMAP 218. **Bibli.** MOREIRA 2005, 30; 2007, 104.

54 Conta



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Vidro. Pasta vítrea de cor negra (SGY1/2), opaca, de qualidade média, com abundantes bolhas de ar. **Descrição** Conta em pasta vítrea, negra, com inclusão de meandro em pasta branca. Formato circular, assimétrico, de espessura variável. Orifício de suspensão de perfil circular, descentrado e levemente oblíquo. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase IV-VI. **Dimensões** Diâmetro máximo 21 mm; Altura máxima 11 mm; Diâmetro do orifício 4 mm, Peso 69 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. 00B (K33.01), op. 35]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 101.

55 Conta



Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Vidro. Pasta vítrea opaca, de cor azul-marinho, de boa qualidade. Superfície ligeiramente corroída. (7.5PB1/4) **Descrição** Conta de formato cónico, ligeiramente assimétrica. Orifício de perfil cónico, ligeiramente descentrado em relação ao eixo da peça. Não possui decoração. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Alvarelhos - Fase IV-VI. **Dimensões** Diâmetro máximo 14 mm; Espessura máxima 7 mm; Diâmetro do orifício 5 mm. **Depósito** MMAP [ALV. 95 A, op. 172]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 100; 2010, 938, est. CXCVII, n.º 85.

56 Conta



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Vidro. Pasta vítrea de cor azul (7.5PB1/4), opaca, de baixa qualidade, com abundantes impurezas e bolhas de ar. **Descrição** Conta de formato subcilíndrico de recorte assimétrico. Face inferior aplanada com assentamento irregular. Orifício central cilíndrico de perfil irregular, descentrado em relação ao eixo da peça. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase IV-VI. **Dimensões** Diâmetro máximo 13 mm; Altura máxima 10 mm; Diâmetro do orifício 5 mm. **Depósito** MMAP [PAD. II, X, 990]. **Bibli.** SANTARÉM 1954, est. XI, 116; MOREIRA 2005, 39; 2007, 101.

57 Conta



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Vidro. Pasta vítrea de cor azul-marinho (7.5PB1/4), opaca, de baixa qualidade, com abundantes impurezas e bolhas de ar. **Descrição** Fragmento de conta de formato subcilíndrico de recorte assimétrico. Fundo aplanado de assentamento irregular. Orifício central de perfil cilíndrico, descentrado. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase IV-VI. **Dimensões** Diâmetro máximo 14 mm; Altura máxima 7 mm; Diâmetro máximo do orifício 7 mm. **Depósito** MMAP [PAD. II, X, 991]. **Bibli.** SANTARÉM 1954, est. XI, 119; MOREIRA 2007, 101.

58 Conta



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Vidro. Pasta vítrea opaca, de cor azul-marinho (7.5PB1/4), de boa qualidade. Superfície ligeiramente corroída. **Descrição** Fragmento de conta de colar de formato cónico, ligeiramente assimétrica. Orifício de perfil cónico, descentrado em relação ao eixo central da peça. Não possui decoração. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase IV-VI. **Dimensões** Diâmetro máximo 14 mm; Altura máxima 9 mm; Diâmetro do orifício 6 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 02 (G26.02), op. 63]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 102.

59 Lucerna



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta compacta e dura, com cozedura irregular e núcleo mais escuro que as superfícies (P31/P51). Elementos não plásticos compostos por mica e quartzo. Superfície levemente áspera com abundantes elementos não plásticos. Conserva vestígios de fuligem numa das faces. **Descrição** Fragmento de lucerna modelada ao torno com estrias no fundo e parede. Conserva-se apenas 1/3 da peça, cujo recorte permite definir um corpo circular ou ligeiramente oval. Disco pouco individualizado de perfil côncavo. Parede alta e arqueada. Bico largo e bem definido, levemente projetado para o exterior. Rostrum desprovido de qualquer tipo de decoração. Fundo plano de assentamento pleno. **Classificação e cronologia** Tipo... / Monte Padrão - Fase VI. **Dimensões** Comprimento máximo 118 mm; Altura máxima 45 mm; Espessura máxima da parede 6 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 85 (E1A.00), 01]. **Bibli.** MOREIRA 2005, 30; 2007, 71.

60 Pote



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta muito compacta com cozedura uniforme. Elementos não plásticos de pequena dimensão distribuídos uniformemente, compostos essencialmente por mica e grãos de quartzo. Superfície alisada, integralmente polida de tonalidade escura (T71). **Descrição** Pote modelado ao torno. Perfil contracurvado, em S, com reservatório bojudo e bordo lançado para o exterior. Lábio de secção arredondada. Parede de espessura uniforme com vestígios de estrias do levantamento da peça. Fundo plano de assentamento pleno. **Classificação e cronologia** Tipo SILVA 1986, C1e / Monte Padrão - Fase VI. **Dimensões** Diâmetro máximo do bordo 90 mm; Altura máxima 115 mm; Espessura máxima 6 mm. **Depósito** MMAP, 81. **Bibli.** MOREIRA 2005, 31; 2007, 66.

61 Pote



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura uniforme. Elementos não plásticos muito abundantes, compostos por quartzo, feldspato, núcleos ferrosos e mica. Superfície alisada com polimento mediano. Tonalidade escura (S31). **Descrição** Pote de modelação ao torno. Perfil contracurvado, em S, assimétrico, com reservatório alto e bojudo e bordo projetado para o exterior. Colo curto e espesso. Lábio de secção arredondada, ligeiramente descendente. Parede de espessura uniforme com vestígios de estrias na face interna. Fundo plano, discoidal, de assentamento pleno. **Classificação e cronologia** Tipo SILVA 1986, C1e / Monte Padrão - Fase VI. **Dimensões** Altura máxima 110 mm; Diâmetro máximo do bordo 115 mm; Espessura máxima do bordo 7mm. **Depósito** MMAP, 82. **Bibli.** MOREIRA 2007, 66.

62 Pote



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta compacta com cozedura homogénea. Elementos não plásticos de pequena dimensão com distribuição uniforme, compostos por quartzo e mica. Superfície alisada e muito polida (P51). **Descrição** Taça modelada ao torno. Perfil em S com parede contracurvada com simetria na curvatura. Bordo balançado para o exterior com lábio de secção arredondada. Fundo plano de assentamento pleno. Decoração composta por uma canelura de perfil em U inscrita na face superior do bojo a marcar o início da curvatura do arranque do bordo. **Classificação e cronologia** Tipo SILVA 1986, A1e (fase III) / Monte Padrão - Fase V-VI. **Dimensões** Diâmetro máximo 114 mm; Altura máxima 64 mm; Espessura máxima 4 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 85 (E1A.384), 062]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 61.

63 Painela de “asa de orelha”



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura irregular (N50/N25). Elementos não plásticos muito abundantes, compostos por quartzo, feldspato e mica. Superfície alisada com polimento mediano. Tonalidade escura com vestígios de exposição ao fogo na face superior da asa (M50). **Descrição** Fragmento de asa, bordo e arranque de parede de “painela de asa de orelha”. Parede curva com bordo em fita arqueada e aprumada. Asa com orifício para suspensão com vestígios de desgaste na face superior. **Classificação e cronologia** Tipo SILVA 1986, D2c - 6 A / Monte Padrão - Fase VI. **Dimensões** Comprimento máximo 100 mm; Largura máxima 70 mm; Espessura máxima do bordo 9 mm; Diâmetro 312 mm; Diâmetro do orifício 14 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 85 (E1A.022), 1849]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 62.

64 Panela de asa interior



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta muito compacta e cozedura uniforme, bem depurada, com elementos não plásticos de pequena dimensão, compostos por mica e quartzo e, em menor percentagem, feldspato, distribuídos uniformemente. Superfície alisada e integralmente polida, com exceção da face inferior que apresenta uma textura rugosa. Tonalidade muito escura com vestígios de exposição ao fogo (S31). **Descrição** Fragmento de bordo de panela de asa interior modelada ao torno. Forma troncocônica com parede arqueada e espessamento progressivo. Bordo espesso com lábio plano e horizontal. Asa interior em forma de um arco de secção circular, de desenvolvimento horizontal, implantada no terço superior da parede. **Classificação e cronologia** Tipo - MARTINS 1990, 6 / SILVA 1986, D2b2 (II - 1) / Monte Padrão - Fase VI. **Dimensões** Comprimento máximo 110 mm; Largura máxima 67 mm; Espessura máxima do bordo 12 mm; Diâmetro 412 mm. **Depósito** MMAP [PAD. II X, 185]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 62.

65 Púcaro



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta compacta, bem depurada, com cozedura uniforme. Elementos não plásticos abundantes com distribuição uniforme, bem calibrados, compostos por quartzo, feldspato e, em maior quantidade, mica. Superfície alisada e muito polida (P51). **Descrição** Púcaro modelado ao torno. Perfil em S com bojo ligeiramente rebaixado. Bordo projetado para o exterior rematado por lábio de secção arredondada. Fundo discoidal de assentamento pleno. Asa de secção plano-convexa com arestas arredondadas, implantada diretamente no lábio e na face superior do bojo. A asa remata em três nervuras divergentes. Decoração composta por três caneluras de perfil arredondado, paralelas entre si, implantadas na face superior do bojo. Parede de espessura progressiva para o fundo. **Classificação e cronologia** Tipo - SILVA 1986, C2b (fase III) / Monte Padrão - Fase VI. **Dimensões** Diâmetro máximo 75 mm; Altura máxima 80 mm; Espessura máxima 4 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 85 (E1A.020), 1451]. **Bibli.** MOREIRA 2005, 30; 2007, 61.

66 Pote



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta homogénea, bem depurada, com cozedura homogénea. Elementos não plásticos abundantes, formados por mica, quartzo e feldspato bem calibrados e distribuição regular. Superfície alisada e polida uniformemente (S51). **Descrição** Pote modelado ao torno. Perfil em S com parede contracurvada, simétrica, com fundo plano de assentamento pleno. Bordo lançado para o exterior rematado por lábio de secção arredondada. Parede de espessura irregular com espessamento progressivo para o fundo. **Classificação e cronologia** Tipo - SILVA 1986, A1e (fase III) / Monte Padrão - Fase VI. **Dimensões** Diâmetro máximo 135 mm; Espessura máxima 7 mm; Altura máxima 95 mm. **Depósito** MMAP [PAD. IIX, 162]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 61.

67 Pucarinho



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta compacta e bem depurada, com cozedura uniforme (T73). Elementos não plásticos de pequena dimensão, compostos por quartzo e mica. Superfície alisada e muito polida com vestígios de exposição ao fogo (T73). **Descrição** Parede de pucarinho modelado ao torno. Perfil contracurvado, em S, de desenvolvimento suave e pouco pronunciado, configurando um reservatório alongado de recorte oval. Encontra-se fragmentado ao nível do fundo e do bordo. Parede de espessura regular sem estrias internas. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase VI. **Dimensões** Diâmetro máximo 67 mm; Espessura máxima 6 mm; Altura máxima 84 mm. **Depósito** MMAP, 56. **Bibli.** MOREIRA 2007, 61.

68 Taça



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta bem depurada, compacta. Elementos não plásticos de pequena dimensão e bem calibrados entre si, compostos por quartzo e mica. Superfície alisada e muito polida com vestígios de aguada espessa e aderente (M71/P30). **Descrição** Perfil em S com carena marcada no terço inferior. Fundo com pé de secção triangular e fundo côncavo. Bordo projetado para o exterior rematado por lábio de perfil arredondado. Asa de fita de secção subrectangular com as arestas arredondadas, implantada ao nível superior do bordo. **Classificação e cronologia** Tipo - SILVA 1986, A2b (fase III) / Monte Padrão - Fase VI. **Dimensões** Diâmetro máximo do bordo 126 mm; Altura máxima 57 mm; Espessura máxima ao nível do bordo 4 mm. **Depósito** MMAP [PAD. II E1, C2, 036]. **Bibli.** MOREIRA 2005, 31; 2007, 70.

69 Dollium



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta compacta de estrutura laminar com cozedura uniforme (P47). Elementos não plásticos compostos por quartzo, feldspato e, em maior percentagem, mica. Superfície alisada e muito polida com partículas de mica à superfície (P47). Conserva sinais de exposição ao fogo na face inferior, junto ao fundo. **Descrição** Fragmento de fundo e arranque de parede de dollium. Fundo plano, ligeiramente côncavo, com assentamento irregular. O encontro entre a parede e fundo formam uma moldura excisa de perfil arredondado. Parede arqueada com espessura regular. **Classificação e cronologia** Tipo - SILVA 1986, G1 - II1 (fase III) / Monte Padrão - Fase VI. **Dimensões** Diâmetro máximo do fundo 336 mm; Altura máxima 85 mm; Espessura máxima da parede 11 mm. **Depósito** MMAP [PAD 85 E (A1.020), 1599]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 72.

70 Dollium



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta compacta de estrutura laminar com cozedura uniforme (N51). Elementos não plásticos compostos por quartzo, feldspato e mica. Superfície alisada e polida com partículas de mica à superfície. Conserva sinais de espatulamento na face superior do bojo. **Descrição** Fragmento de bordo e arranque de parede de dollium. Parede arqueada evidenciando um bojo baixo e largo, marcado por uma carena interna muito vinculada de demarcação dos dois planos. Bordo largo e arqueado projetado para o exterior. Lábio facetado no interior, onde desenvolve uma carena de perfil anguloso. **Classificação e cronologia** Tipo SILVA 1986, G1b-IIA,1 (fase III) / Monte Padrão - Fase VI. **Dimensões** Diâmetro máximo do bordo 311 mm; Altura máxima 125 mm; Espessura máxima do bordo 18 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 85 E (A1.021), 1601]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 72.

71 Taça Sigillata sudgálica



Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura homogénea. Elementos não plásticos compostos por pontos de calcite e partículas muito finas de feldspato. Superfície com acabamento cuidado com verniz espesso e aderente (R17). **Descrição** Fragmento de bordo, parede e fundo que formam perfil completo de taça tipo Drag. 27. Parede estruturada em dois planos (1/3 correspondente ao bordo e 2/3 relativos ao reservatório), demarcados por uma curvatura convergente que origina uma carena interna bem vinculada com aresta angulosa. Bordo curto e ligeiramente curvo, com lábio vertical de secção arredondada e espessado em relação à parede do bordo. Canelura interna e externa bem marcada. Fundo anelar de desenvolvimento oblíquo com moldura alta e bem destacada. **Classificação e cronologia** Tipo - Dragendorff 27, Castro de Alvarelhos - Fase IIB-III. **Dimensões** Diâmetro máximo 85 mm; Altura máxima 38 mm; Espessura máxima do bordo 4,5 mm. **Depósito** MMAP [ALV. 96 B, A4, op. 106]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 97; 2010, 608, est. CXXIII, n.º 37.



72 Púcaro — Cerâmica cinzenta fina

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta muito depurada e compacta, com cozedura uniforme (M31). Elementos não plásticos compostos apenas por mica em partículas muito finas e bem calibradas entre si. Superfície alisada e muito polida (R31). **Descrição** Fragmento de bordo de púcaro de perfil em S, fragmentado ao nível do arranque do bojo. Bordo aberto com lábio de secção arredondada. Ombro marcado por um friso de perfil anguloso. O arranque da parede evidencia um contorno ovóide. Decoração brunida composta por linhas verticais, paralelas entre si, com espaçamento regular. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase VI. **Dimensões** Diâmetro máximo 75 mm; Altura máxima 44 mm; Espessura máxima da parede 3 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 85 (E1A.010), 811]. **Bibli.** SOEIRO 1981-1982, 107, est. X, 2; MOREIRA 2007, 71.



73 Púcaro — Cerâmica cinzenta fina

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta muito depurada e dura, com cozedura uniforme (M31). Elementos não plásticos compostos exclusivamente por mica em partículas muito finas e bem calibradas entre si. Superfície alisada e pouco polida (N31). **Descrição** Fragmento de bordo e arranque de parede de púcaro. Perfil em S, denotando um reservatório oval. Parede arqueada com colo curto e bordo projetado para o exterior. Lábio de espessura igual à parede de secção arredondada. Apresenta uma canelura de perfil triangular a marcar o limite inferior do colo e o arranque do bojo. Decoração brunida inscrita no colo e bojo composta por linhas verticais, paralelas entre si, rematadas na face inferior por um meandro. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase VI. **Dimensões** Diâmetro máximo 69 mm; Altura máxima 45 mm; Espessura máxima da parede 3 mm. **Depósito** MMAP [PAD. IIX, s/n.º]. **Bibli.** SOEIRO 1981-1982, 107, Est. X, 8; MOREIRA 2007, 71.



74 Púcaro — Cerâmica cinzenta fina

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta muito depurada com cozedura uniforme (P31). Elementos não plásticos compostos exclusivamente por mica em partículas muito finas e bem calibradas entre si. Superfície alisada e pouco polida (P31). **Descrição** Fragmento de bordo e arranque de parede de púcaro. Perfil em S com parede arqueada. Colo alto e pouco pronunciado com bordo projetado para o exterior rematado por lábio espesso de secção oval. Decoração brunida composta por linhas verticais perpendiculares sobre o colo. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase VI. **Dimensões** Diâmetro máximo do bordo 75 mm; Altura máxima 38 mm; Espessura máxima da parede 4 mm. **Depósito** MMAP [PAD. II X, 251]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 72.



75 Púcaro — Cerâmica cinzenta fina

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta muito depurada e dura com cozedura uniforme (L31). Elementos não plásticos compostos apenas por mica em partículas muito finas e bem calibradas entre si. Superfície alisada e muito polida (R31). **Descrição** Fragmento de bordo e arranque de parede de púcaro. Perfil contracurvado com parede arqueada em S, denotando um bojo baixo de contorno oval. Colo alto e arqueado com bordo projetado para o exterior rematado por lábio espessado de secção oval. Decoração brunida composta por linhas quebradas inscritas sobre o colo. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase VI. **Dimensões** Diâmetro máximo 71 mm; Altura máxima 27 mm; Espessura máxima da parede 3 mm. **Depósito** MMAP [PAD. II X, 255]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 71.



76 Mó rotativa — Elemento dormente

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Granito (K73) de cor bege. **Descrição** Elemento dormente de mó rotativa. Contorno circular de recorte irregular com orifício central de perfil cónico com faces laterais verticais. Secção cónica com topo superior aplanado. Face superior polida com claros vestígios de utilização. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase VI. **Dimensões** Diâmetro máximo 330 mm; Altura máxima 120 mm; Diâmetro orifício central 45 mm; Altura das faces laterais 85 mm. **Depósito** MMAP [s/n.º]. **Bibli.** Inédito.



77 Mó rotativa — Elemento movente

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Granito (M75) de cor cinzento (L30). **Descrição** Elemento movente de mó rotativa. Contorno circular de recorte irregular com orifício central de perfil cónico. Faces laterais arredondadas. Secção assimétrica com desgaste acentuado. Face inferior côncava e topo superior convexo. Face inferior muito polida com claros vestígios de utilização. Apresenta na face lateral um orifício de fixação da haste de apoio à rotação. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase VI. **Dimensões** Diâmetro máximo 235 mm; Altura máxima 170 mm; Diâmetro orifício central 60 mm; Altura das faces laterais 65/186 mm. **Depósito** MMAP, 881. **Bibli.** Inédito.



78 Mó manual — Elemento dormente

Proveniência Castro de Santa Margarida, S. Tomé de Negrelos, Santo Tirso. **Material** Granito de grão fino (L49/K89) rosado (L49) e amarelado (K89). **Descrição** Elemento dormente de mó manual. Contorno sub-retangular, irregular, fragmentado num dos extremos. Integralmente polida na face superior apresentando uma depressão profunda de recorte ovalado. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Santa Margarida / ... Fase II. **Dimensões** Comprimento máximo 605 mm; Altura máxima 187 mm; Largura máxima 398 mm. **Depósito** MMAP [s/n.º]. **Bibli.** Inédito.

ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO

ÉPOCA CONTEMPORÂNEA

IDADE MÉDIA E MODERNA



ROMANIZAÇÃO

PROTO-HISTÓRIA

PRÉ-HISTÓRIA



1 Faca

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Ferro. **Descrição** Faca de eixo retilíneo com folha de secção triangular. Lâmina de recorte e secção triangular de gume pontiagudo. O espigão de fixação ao cabo é formado pelo prolongamento do eixo superior que possui secção quadrangular. Encontra-se fragmentada na ponta e na extremidade da haste de fixação. O remate da lâmina, ao nível da empunhadura, desenvolve-se perpendicularmente, num perfil reto, configurando uma ligação angulosa com a lâmina. **Classificação e cronologia** ... / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Comprimento máximo 149 mm; Comprimento da lâmina 112 mm; Largura máxima da lâmina 34 mm; Espessura máxima da lâmina 13 mm; Comprimento máximo do espigão 33 mm; Espessura máxima do espigão 8 mm; Peso 185 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 97, B2, A2, op. 58]. **Bibli.** MOREIRA 2010, 998, est. CCXXIV, n.º 12 (1).



2 Faca

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Ferro. **Descrição** Faca com folha de secção triangular e eixo reto. Lâmina de recorte triangular de perfil retilíneo. O espigão de fixação ao cabo possui secção quadrangular e é formado pelo prolongamento do eixo superior, encontrando-se ligeiramente rebaixado em relação ao alinhamento da lâmina. A lâmina está fragmentada no bico e no arranque da haste de fixação. O remate da lâmina desenvolve-se obliquamente, num perfil curvo, configurando uma ligação curvilínea com o punho. **Classificação e cronologia** ... / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Comprimento máximo 129 mm; Comprimento da lâmina 116 mm; Largura máxima da lâmina 29 mm; Espessura máxima da lâmina 11 mm; Comprimento máximo do espigão 6 mm; Espessura máxima do espigão 9 mm; Peso 168 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 97 B2, op. 95]. **Bibli.** MOREIRA 2010, 998, est. CCXXIV, n.º 12 (2).



3 Polidor

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Xisto de coloração acinzentada (M31). **Descrição** Polidor em xisto de formato subtrapezoidal fragmentado nos vértices inferiores. Arestas arredondadas e forte polimento em ambas as faces com claros vestígios de utilização que originaram pequenas depressões. Conserva numa das faces várias incisões de perfil em V, assim como dois grafitos. O primeiro - AVE - constitui uma saudação cujo grafito se compõe de um nexo, no qual a letra V é formada pela haste direita do A e pelo elemento vertical do E que se apresenta levemente inclinado à direita. O grafito ocupa a face intermédia, não revelando qualquer alinhamento com o eixo da peça. O segundo grafito, também descentrado em relação ao eixo da peça, com leve inclinação à esquerda, revela um antropónimo - Camalus - formado por um nexo no qual a letra M é formada pelas hastes do dois A - CAMA(LVS). Antropónimo muito vulgar na onomástica pré-romana, tido como origem indo-europeu característico da Lusitânia e da Vetónia. **Classificação e cronologia** Polidor / Monte Padrão / Fase VII - VII. **Dimensões** Comprimento 119 mm; Largura máxima 81 mm; Espessura média 16 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 13A, A1, op. 60]. **Bibli.** Inédito.



4 Foice

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Ferro. **Descrição** Foice. Lâmina de recorte semicircular com haste de aplicação do cabo em alvado, perpendicular à lâmina, formada por cone de perfil troncocónico. Lâmina larga, de secção triangular, com aplicação de um gancho curto em forma de L na face posterior. Remate pontiagudo com alinhamento ao nível do cabo. Amostra ao microscópio ótico - Aço com estrutura essencialmente ferrítica, tratando-se de ferro de alta pureza, mas contaminado com fósforo e enxofre. **Classificação e cronologia** Foice / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Comprimento máximo 376 mm; Comprimento da lâmina 226 mm; Espessura média da lâmina 12 mm; Largura máxima da lâmina 64 mm; Comprimento máximo do cabo 141 mm; Diâmetro máximo do cabo 37 mm; Diâmetro máximo interno do cabo 28 mm; Comprimento máximo do gancho 35 mm; Largura máxima do gancho 34 mm; Espessura máxima do gancho 16 mm; Peso 671 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 95 B, A4, op. 160]. **Bibli.** MOREIRA 2010, 1000, est. CCXXVIII, n.º 23.



5 Corrente

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Ferro. **Descrição** Elo de corrente. Elaborado a partir de uma só peça, de secção quadrangular, desenha um oito formando duas argolas de fixação. Revela uma das partes laterais quase retilínea e ligeira curvatura ao longo da peça. Argolas de formato oval, assimétricas, separam-se pelo estreitamento central que junta a haste sem que se funda. Em cada uma das argolas é visível o resto das argolas que lhe davam seguimento. Conjunto de quatro elos de corrente, de secção quadrangular, que desenhavam um oito formando duas argolas. Argolas de formato oval, simétricas, separam-se pelo estreitamento central que junta a haste sem que se funda. As argolas encontram-se encadeadas formando um módulo só. **Classificação e cronologia** Corrente / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Comprimento máximo 56 mm; Largura máxima das argolas 21 mm; Espessura média do fio 6/7 mm, Peso 37,8 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 97 B3, A1, op. 368 (2), op. 18 (1)]. **Bibli.** MOREIRA 2010, 1002, est. CCXXXI, n.º 41/42.



6 Dobradiça

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Ferro. **Descrição** Dobradiça constituída por duas placas retangulares articuladas por uma charneira circular com eixo longitudinal igualmente em ferro. Os elementos são formados a partir de uma folha única que se prolonga na extremidade para formar as argolas laterais da charneira, num caso, e a argola central noutro. O eixo, formado a partir de um elemento circular, revela as extremidades batidas e alargadas de forma a criar prisão entre os elementos circulares que conformam a charneira. A fixação das placas far-se-ia através de pregos de secção quadrangular, um dos quais conserva-se *in situ*. Cada elemento apresenta dois orifícios de recorte quadrangular dispostos no alinhamento central. O prego conserva-se íntegro apesar de dobrado na extremidade inferior. Revela uma secção quadrangular e cabeça trapezoidal. **Classificação e cronologia** Dobradiça / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Comprimento máximo da placa menor 97 mm; Comprimento máximo da placa maior 107 mm; Espessura máxima das placas 5 mm; Pregos - Comprimento máximo 46 mm; Espessura máxima da cabeça 12 mm; Peso 160 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 97, B2, A2, op. 37]. **Bibli.** MOREIRA 2010, 999, est. CCXXV, n.º 14 (1).



7 Passador de fechadura

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Ferro. **Descrição** Passador de fechadura. Lâmina de formato e secção retangular rematada por haste de fixação fraturada faltando-lhe o gancho de fixação. O passador é formado por seis orifícios quadrangulares dispostos simetricamente em duas fiadas de três orifícios. Pelas suas dimensões, provavelmente tratar-se-á da fechadura de uma arca. **Classificação e cronologia** Passador de fechadura / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Comprimento máximo 87 mm; Espessura máxima 14 mm; Dimensão média dos orifícios 5 x 5 mm; Peso 34,4 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 97 B2, A2, op. 81]. **Bibli.** MOREIRA 2010, 998, est. CCXXV, n.º 10.



8 Chave

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Ferro. **Descrição** Chave. Braço retilíneo, de secção retangular com grupo de quatro dentes dispostos sobre um plano perpendicular de secção circular. A haste onde se encontram implantados os “dentes” formam uma secção em forma de U. **Classificação e cronologia** Chave / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Comprimento máximo da haste 230 mm; Comprimento máximo da haste perpendicular 75 mm; Largura máxima do corpo dos “dentes” 22 mm; Peso 834,5 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 97 B2, A2, op. 12]. **Bibli.** MOREIRA 2010, 998, est. CCXXIII, n.º 9.



9 Prego

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Ferro. **Descrição** Prego de grandes dimensões. Cabeça circular. Haste de secção quadrangular com estreitamento progressivo para a ponta. Fragmentado ao nível do terço inferior da haste. **Classificação e cronologia** Prego / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Comprimento máximo 146 mm; Espessura máxima 14 mm; Diâmetro máximo da cabeça 38 mm; Peso 120,3 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 97 B2, op. 26]. **Bibli.** MOREIRA 2010, 1000, est. CCXXIX, n.º 24 (1).



10 Chocalho

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Ferro. **Descrição** Chocalho em ferro capeado no interior por uma fina folha de cobre. Corpo retangular, ligeiramente troncocónico, com cantos arredondados. Feito a partir de duas folhas que se unem na parte inferior. A asa é formada por uma haste de secção retangular implantada na face superior, fraturada ao nível do arranque. Batente inexistente. A sua suspensão far-se-ia através de uma asa interna, de secção circular, que se encontra também fraturada conservando apenas os respetivos arranques. **Classificação e cronologia** Chocalho / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Comprimento máximo 170 mm; Largura máxima 125 mm; Peso 981,8 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 95 B, A4, op. 22]. **Bibli.** MOREIRA 2010, 996, est. CCXXI, n.º 3.



11 Chocalho

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Ferro. **Descrição** Chocalho em ferro capeado no interior com uma folha de cobre. Corpo retangular com face inferior ligeiramente mais larga que a superior e arestas arredondadas. A largura evolui da face superior para a inferior onde desenvolve uma abertura de planta ovalada. Elaborado a partir de uma folha única com “costura” lateral. Asa de suspensão em fita aplicada na face superior. No interior apenas se encontram vestígios do arranque do elemento de suspensão do batente. Análise por espectrometria de Raio X - Superfície negra: Fe 94.2%; Cu 3.67%; Si 0.57%; Al 0.53%; P 0.34%; S 0.28%; 0.19%; 0.14%; Superfície vermelha: Fe 93%; Si 2.9%; Al 2%; Cu 0.87%; Cl 0.35%; K 0.28%; S 0,26%; P 0.22%; Pb 0.17%; Ca 0.06%. **Classificação e cronologia** Chocalho / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Comprimento máximo 180 mm; Largura máxima 142 mm; Comprimento da asa 93 mm; Espessura máxima da asa 9 mm; Peso 989,7 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 97 B2, A2, op. 61]. **Bibli.** MOREIRA 2010, 996, est. CCXXI, n.º 4 (1).



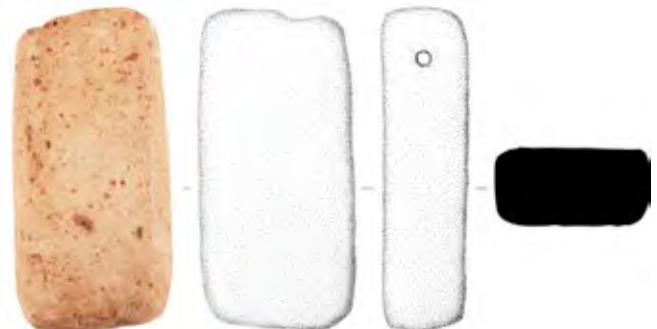
12 Enxada

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Ferro. **Descrição** Enxada (sarculum). Lâmina de formato triangular com «ombros» horizontais e arestas arredondados, dividida por uma nervura central que se prolonga até ao final da lâmina. Orifício de fixação ligeiramente elevado de perfil troncocónico. Na face exterior, no eixo oponente à lâmina, é encimado por uma protuberância de secção trapezoidal. **Classificação e cronologia** Enxada / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Comprimento máximo da lâmina 115 mm; Largura máxima 136 mm; Diâmetro máximo do orifício 35 mm; Peso 901,5 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 97 B2, A2, op. 73]. **Bibli.** MOREIRA 2010, 1000, est. CCXXVIII, n.º 21.



13 Guarnição de freio

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Ferro. **Descrição** Guarnição de freio filiforme. Formato de oito com argola superior ovalada. A face inferior, mais larga, é reta na base e achatada no centro onde forma um disco com um orifício central para prisão do freio. Peça elaborada em ferro forjado, formando um elemento único de secção quadrangular que conserva sensivelmente a mesma espessura por toda a peça à exceção do disco que foi achatado para os fins específicos a que se destinava. **Classificação e cronologia** Guarnição de freio filiforme / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Comprimento máximo 92 mm; Largura máxima 68 mm; Peso 55,8 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 96 B, A4, op. 24]. **Bibli.** - MOREIRA 2007,140; 2010, 996, est. CCXX, n.º 2.



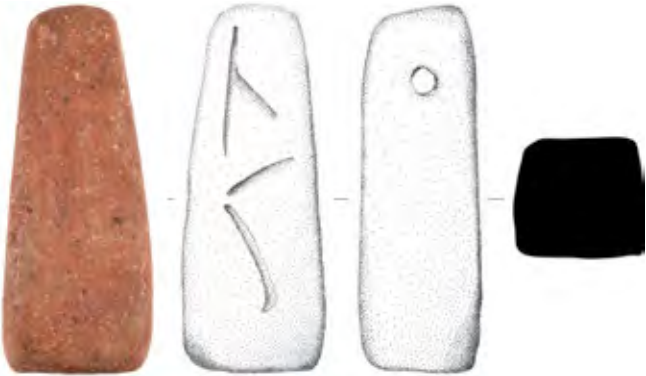
14 Peso de tear

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso **Material** Cerâmica comum. Pasta compacta e dura com cozedura homogénea. Elementos não plásticos muito abundantes, compostos por quartzo, mica e, em maior quantidade, cerâmica moída. Pasta de cor bege (M20). Superfícies polidas. **Descrição** Peso de formato paralelepípedico de secção retangular e orifício lateral. Faces planas e assimétricas com arestas arredondadas. Orifício lateral de perfil reto, centrado ao eixo da peça. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão / Fase VI-VII. **Dimensões** Comprimento máximo 129 mm; Largura máxima 65 mm; Espessura máxima 34 mm; Diâmetro do orifício 6 mm; Peso 375 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. 84 X, 666]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 106.



15 Peso de tear

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso **Material** Cerâmica comum. Pasta bem depurada, compacta, com cozedura homogénea. Elementos não plásticos, muito abundantes, compostos por mica, quartzo, cerâmica moída e elementos ferrosos. Faces alisadas e bem polidas com superfície ligeiramente irregular. Tonalidade castanho escuro (R69). **Descrição** Peso de formato paralelepípedo de secção retangular. Orifício lateral. Faces planas e assimétricas com arestas arredondadas. Orifício lateral de perfil reto centrado ao eixo da peça. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão / Fase VI-VII. **Dimensões** Comprimento máximo 107 mm; Largura máxima 64 mm; Espessura máxima 41 mm; Diâmetro do orifício 8 mm; Peso 337,2 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. II, X, 232]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 106.



16 Peso de tear

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso **Material** Cerâmica comum. Pasta compacta e dura com cozedura uniforme. Elementos não plásticos muito abundantes, de diferente calibre, compostos por quartzo, mica e cerâmica moída. Superfícies alisadas ligeiramente rugosas. Tonalidade avermelhada (R19). **Descrição** Peso de formato trapezoidal de secção quadrangular e orifício lateral. Faces planas com arestas arredondadas. Orifício descentrado de perfil bitroncocónico. Face superior irregular com perfil arredondado. Apresenta numa das faces laterais um grafito modelado que forma um meandro. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão / Fase VI-VII. **Dimensões** Comprimento máximo 124 mm; Largura máxima 49 mm; Diâmetro do orifício 9/10 mm; Peso 348,5 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. II, X, 336]. **Bibli.** MOREIRA 2007,106.



17 Peso de tear

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso **Material** Cerâmica comum. Pasta compacta com cozedura uniforme. Elementos não plásticos compostos por mica, quartzo, cerâmica moída e elementos ferrosos. Faces regularizadas, sem polimento, com superfície áspera. Apresenta parcialmente uma aguada de tonalidade castanho avermelhado (N30). **Descrição** Peso de formato trapezoidal de secção retangular e orifício lateral. Faces irregulares com arestas arredondadas. Orifício lateral centrado com perfil reto. Face superior em plano inclinado. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão / Fase VI-VII. **Dimensões** Comprimento máximo 121 mm; Largura máxima 70 mm; Espessura máxima 38 mm; Diâmetro do orifício 5/6 mm; Peso 475 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. II, X, 231]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 107.



18 Peso de tear

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso **Material** Cerâmica comum. Pasta compacta com cozedura uniforme. Elementos não plásticos compostos por mica, quartzo, cerâmica moída e elementos ferrosos. Faces regularizadas, sem polimento, com superfície áspera. Apresenta uma cobertura de tonalidade avermelhada (S39). **Descrição** Peso de formato trapezoidal de secção retangular. Faces irregulares com arestas arredondadas. Orifício lateral descentrado com perfil reto. Apresenta na face um grafito modelado representando um V. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão / Fase VI-VII. **Dimensões** Comprimento máximo 115 mm; Largura máxima 75 mm; Espessura máxima 41 mm; Diâmetro do orifício 10 mm; Peso 525,4 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. II, X, 330]. **Bibli.** MOREIRA 2007,106.



19 Peso de tear

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso **Material** Cerâmica comum. Pasta compacta com cozedura uniforme. Elementos não plásticos compostos por mica, quartzo, cerâmica moída e elementos ferrosos. Faces regularizadas, sem polimento, com superfície áspera. Apresenta a superfície parcialmente coberta por uma aguada de tonalidade castanho avermelhada (N49). **Descrição** Peso de formato trapezoidal de secção retangular. Orifício lateral, ligeiramente assimétrico. Faces planas com arestas arredondadas. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão / Fase VI-VII. **Dimensões** Comprimento máximo 117 mm; Largura máxima 67 mm; Espessura máxima 45 mm; Diâmetro do orifício 7 mm; Peso 535 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. II, X, 230]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 106.



20 Copo

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Cerâmica comum. Pasta bem depurada, compacta e dura. O elemento não plástico predominante é o quartzo de pequeno calibre. Contém também mica branca e abundantes nódulos ferrosos. Acabamento cuidado revelando uma superfície muito polida e escura (P51) de cor castanho avermelhada (M49). **Descrição** Perfil sinuoso em S. Bordo esvasado com lábio arredondado virado para o exterior. Fundo com pé discoidal, ligeiramente côncavo, com espessamento no interior. Decoração composta por um friso localizado no arranque do bojo de perfil triangular e canelura na parte superior do bojo de secção em U. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Alvarelhos / Fase III. **Dimensões** Diâmetro máximo do bordo 84 mm; Diâmetro máximo do fundo 51 mm; Altura máxima 97 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm; Capacidade 342,23 cm³ / 0,34 L. **Depósito** MMAP [ALV. 97 B3, A1, lg. 8293]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 88; 2010, 811, est. CLIX, n.º 15.



21 Púcaro

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica comum. Pasta compacta e dura com cozedura homogénea. Cor bege (K71). Elementos não plásticos compostos por quartzo e mica de pequeno calibre. **Descrição** Púcaro de pequena dimensão de perfil em S com corpo oval. Colo curto e estrangulado. Bordo extrovertido com lábio arredondado de espessura inferior à parede. Asa de fita de secção plano-convexa. Pé de desenvolvimento vertical, com aresta ligeiramente excisa de perfil anguloso. Fundo plano de assentamento pleno com espessura progressiva para o centro. Decoração composta por duas caneluras incisas paralelas ao bordo que delimitam o bojo onde se inscrevem caneluras oblíquas. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão / Fase VI-VII. **Dimensões** Diâmetro máximo do bordo 97 mm; Diâmetro máximo do fundo 40 mm; Altura máxima 139 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 13A, (L30;31;32;37 (00;01;02))]. **Bibli.** Inédito.



22 Púcaro

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Cerâmica comum. Pasta compacta com cozedura uniforme. No conjunto dos elementos não plásticos destaca-se o quartzo de pequeno calibre, distribuído de forma homogénea. Contém também feldspato, mica e nódulos ferrosos. O acabamento é grosseiro, não revelando qualquer polimento ou alisamento, pelo que os elementos não plásticos afloram à superfície que apresenta cor bege (M70), com vestígios localizados de exposição ao fogo. **Descrição** Púcaro de perfil ovóide. Corpo elíptico com bordo projetado para o exterior rematado por lábio arredondado com irregularidades. Parede com espessura irregular com abundantes estrias internas de espaçamento irregular. Fundo plano, ligeiramente côncavo, com espessamento central. Asa de fita com secção plano-convexa ligeiramente soerguida em relação ao bordo. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Diâmetro máximo do bordo 132 mm; Diâmetro máximo do fundo 73 mm; Altura máxima 134 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm; Capacidade 1561 cm³ / 1,56 L. **Depósito** MMAP [ALV. 98 B6, (E9.01), op. 12]. **Bibli.** MOREIRA 84; 2010, 812, est. CLIX, n.º 19.



23 Taça

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso **Material** Cerâmica comum. Pasta compacta com cozedura uniforme. Elementos não plásticos de pequeno calibre, compostos por quartzo, mica e feldspato. Superfície polida e coberta por uma aguada brilhante e espessa (N39). **Descrição** Taça de pequena dimensão. Fundo plano de assentamento direto com paredes verticais rematadas por lábio amendoado. Elemento decorativo constituído por canelura a meio do bojo. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão / Fase VI-VII. **Dimensões** Diâmetro máximo do bordo 120 mm; Altura máxima 47 mm; Espessura máxima do bordo 3 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 2013 (N31.00), 127]. **Bibli.** Inédito.



24 Taça

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Cerâmica comum. Pasta bem depurada com cozedura uniforme. Os elementos não plásticos predominantes são o quartzo e mica de pequeno calibre. Contém abundantes nódulos ferrosos de pequena dimensão. A superfície externa é alisada e polida (M29), de cor castanho clara (M79). **Descrição** Taça. Perfil sinuoso, em S, pouco pronunciado. Bordo esvasado rematado por lábio pontiagudo projetado para o exterior. Fundo com pé discóidal de assentamento pleno. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Diâmetro máximo do bordo 137 mm; Altura máxima 52 mm; Diâmetro máximo do fundo 55 mm; Espessura máxima do bordo 5 mm; Capacidade 262,35 cm³ / 0,26 L. **Depósito** MMAP [ALV. 92 A, op. 48]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 87; 2010, 811, est. CLVIII, n.º 12.



25 Taça

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso **Material** Cerâmica comum. Pasta muito depurada e compacta com cozedura uniforme (L77). Elementos não plásticos de reduzido calibre, compostos por mica e feldspato. Superfície polida de cor bege (K91). **Descrição** Taça modelada ao torno. Parede arqueada rematada por bordo formado por aba horizontal com lábio arredondado, ligeiramente descendente. Fundo composto por pé anelar de aresta facetada com assentamento radial. Fundo interno convexo. Decoração inscrita na aba constituída por pintura de cor ocre (P39), formada por grupos de três linhas transversais paralelas entre si. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão / Fase VI-VII. **Dimensões** Diâmetro máximo do bordo 114; Altura máxima 54 mm; Diâmetro máximo do fundo 42 mm; Espessura máxima do bordo 6 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 99 B1 (C3.01), op. 78]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 81.



26 Taça

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Cerâmica comum. Pasta compacta de composição laminar com cozedura uniforme. Elementos não plásticos bem calibrados, compostos por mica e feldspato. Superfície bem polida revelando um acabamento cuidado de coloração negra (T31). **Descrição** Taça carenada modelada ao torno. Parede superior vertical, ligeiramente reentrante, rematada por lábio de perfil arredondado projetado para o exterior. Parede marcada ao nível intermédio por uma carena de perfil anguloso e zona inferior reta com ligação ao fundo. Base formada por falso pé de formato discóidal de assentamento pleno. A decoração é composta por duas linhas muito finas na zona intermédia da parede superior e por um friso muito ténue marcado na carena. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Diâmetro máximo do bordo 117 mm; Altura máxima 56 mm; Espessura máxima do bordo 3 mm; Capacidade 262,84 cm³ / 0, 26 L. **Depósito** MMAP [ALV. 92 A (I 30.02), op. 73, lg. 1265, 6383, 6875]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 97; 2010, 857, est. CLXXXII, n.º 10.



27 Taça

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso **Material** Cerâmica comum. Pasta compacta de composição laminar com cozedura uniforme. Elementos não plásticos muito finos e bem calibrados, compostos por mica e feldspato. Superfície bem polida coberta por uma aguada espessa de cor bege (M45), revelando um acabamento cuidado. **Descrição** Taça em cerâmica comum de imitação da forma Dragendorff 27 da sigillata hispânica. Parede modelada em dois planos assimétricos de perfil convexo. Bordo ligeiramente reentrante com lábio vertical de secção arredondada. Fundo formado por pé. **Classificação e cronologia** Imitação da forma Dragendorff 27 / Monte Padrão / Fase VI-VII. **Dimensões** Diâmetro máximo do bordo 124 mm; Altura máxima 69 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 99 B, A1, op. 81]. **Bibli.** Inédito.



28 Taça

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Cerâmica comum. Pasta compacta de composição arenosa com cozedura uniforme. Acabamento cuidado apresentando um polimento acentuado com revestimento de aguada espessa e aderente de cor bege (L69). **Descrição** Taça de imitação da forma Dragendorff 24/25 da sigillata hispânica. Bordo vertical, ligeiramente reentrante, de secção arredondada. Parede curva com carena exterior de perfil triangular com espessamento da parede. Fundo com pé ligeiramente aberto e com moldura hispânica. A decoração é composta por um conjunto de pequenos frisos de diferentes espessuras dispostos ao nível inferior da parede. **Classificação e cronologia** Imitação da forma Dragendorff 24/25 / Castro de Alvarelhos / Fase IIB-III. **Dimensões** Diâmetro máximo do bordo 105 mm; Altura máxima 65 mm; Diâmetro máximo do fundo 54 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm; Capacidade 329,77 cm³ / 0,32 L. **Depósito** MMAP [ALV. 97 B3, A1, lg. 7558]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 88; 2010, 811, est. CLVIII, n.º 9.



29 Taça

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Cerâmica cinzenta fina. Pasta compacta, dura, com cozedura uniforme e composição laminar (R31). Elementos não plásticos bem calibrados, formados por mica e feldspato. Superfície alisada e muito polida. Cor escura brilhante (T73). **Descrição** Taça modelada ao torno. Parede vertical com bordo de perfil arredondado, ligeiramente projetado para o interior. Bojo curvo e parede reentrante com orientação oblíqua. Fundo formado por pé falso, de perfil triangular, levemente elevado em relação à base. Base discóidal de assentamento pleno. A decoração é formada por duas caneluras de perfil em U localizadas na face intermédia da parede e do bojo. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Alvarelhos / Fase V. **Dimensões** Diâmetro máximo do bordo 127 mm; Altura máxima 68 mm; Espessura máxima da parede 4 mm; Diâmetro máximo do fundo 50 mm; Capacidade 518,95 cm³ / 0, 51 L. **Depósito** MMAP [ALV. 92 A (I 30.01), op. 73]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 81; 2010, 857, est. CLXXXII, n.º 11.



30 Taça

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Cerâmica comum. Pasta compacta, pouco depurada, com cozedura uniforme (P49). Elementos não plásticos à base de quartzo e mica de dimensão média, mal distribuídos. Superfície áspera, regularizada por espatulamento com polimento deficiente de cor castanha (P49). **Descrição** Taça de média dimensão. Parede arqueada com bordo vertical e lábio pontiagudo. Fundo formado por pé discóidal de assentamento pleno. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Diâmetro máximo do bordo 193 mm; Altura máxima 86 mm; Espessura máxima da parede 7 mm; Capacidade 1068,49 cm³ / 1,06 L. **Depósito** MMAP [ALV. s/n.º, MMAP 156]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 86; 2010, 811, est. CLVIII, n.º 11b.



31 Taça

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura uniforme. Elementos não plásticos abundantes e bem calibrados, compostos por quartzo, mica e feldspato. Acabamento de boa qualidade apresentando a superfície polida de cor castanha (R47). **Descrição** Taça modelada ao torno. Parede arqueada com bordo projetado para o exterior rematado por lábio de perfil arredondado. Fundo discóidal configurando um pé baixo de assentamento pleno. Decoração composta por duas caneluras incisas na face intermédia da parede. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V **Dimensões** Diâmetro máximo 194 mm; Altura máxima 96 mm; Diâmetro máximo do fundo 69 mm; Espessura máxima da parede 5 mm; Capacidade 1592,23 cm³ / 1,59 L. **Depósito** MMAP [ALV. 97, B2 (A10.02), op.70]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 88; 2010, 810, est. CLVIII, n.º 11a.



32 Prato

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Cerâmica comum. Pasta compacta com cozedura uniforme (P75). Elementos não plásticos abundantes compostos por mica e quartzo de pequena dimensão. Superfície espatulada com alisamento deficiente. Conserva vestígios de exposição prolongada ao fogo (T73). **Descrição** Prato. Parede arqueada com bordo vertical, rematado com lábio pontiagudo. Fundo plano de assentamento pleno. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Diâmetro máximo do bordo 171 mm; Diâmetro máximo do fundo 116 mm; Altura máxima 35 mm; Espessura máxima da parede 6 mm; Capacidade 567,52 cm³ / 0,56 L. **Depósito** MMAP [ALV. 92, s/n.º]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 85; 2010, 85, est. CLVII, n.º 7a.

33 Prato



Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Cerâmica comum. Pasta compacta com cozedura uniforme. Elementos não plásticos compostos por mica, feldspato e, em maior quantidade, quartzo. Superfície áspera com acabamento deficiente. Vestígios de exposição ao fogo no fundo e parede externa (N55). **Descrição** Prato. Parede arqueada com bordo reentrante rematado por lábio introvertido e levemente espessado em relação à parede. Fundo plano de assentamento pleno. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Diâmetro máximo do bordo 221 mm; Altura máxima 55 mm; Diâmetro máximo do fundo 168 mm; Espessura máxima do lábio 9 mm; Capacidade 1252, 32 cm³ / 1,25 L. **Depósito** MMAP [ALV. 92 A (I 24.02), Ig. 6262-6266]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 85; 2010, 809, est. CLVII, n.º 5a.

34 Prato



Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Cerâmica comum. Pasta compacta com cozedura uniforme (N51). Elementos não plásticos de pequeno calibre constituídos por quartzo, feldspato, mica e nódulos ferrosos distribuído de forma homogénea. Superfície externa de textura irregular revelando um polimento mediano com intensos vestígios de exposição ao fogo (T51). **Descrição** Fragmento de bordo, parede e arranque de fundo de prato. Corpo troncocónico com parede muito aberta. Bordo espessado com superfície superior plana e reta com lábio inclinado para o interior. Fundo ligeiramente côncavo. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V **Dimensões** Diâmetro máximo do bordo 150 mm; Altura máxima 38 mm; Espessura máxima do bordo 6 mm; Capacidade 335,59 cm³ / 0,33 L. **Depósito** MMAP [ALV. 92 A (I 30.01), Ig. 3068]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 81; 2010, 810, est. CLVIII, n.º 9.

35 Frigideira



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica comum. Pasta compacta com cozedura uniforme. Elementos não plásticos constituídos por quartzo, mica e feldspato de pequeno calibre. Superfície externa de textura irregular revelando um polimento mediano com intensos vestígios de exposição ao fogo (T51). **Descrição** Frigideira. Fundo plano de assentamento pleno. Parede arqueada e fortemente projetada para o exterior, rematada por bordo de secção trapezoidal com face superior horizontal. Asas maciças de recorte sub-retangular aplicadas na face superior do bojo. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão / Fase VI-VII. **Dimensões** Diâmetro máximo do bordo 238 mm; Altura máxima 70 mm; Espessura máxima do bordo 12 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 13A, (L32.02), Ig. 3617]. **Bibli.** Inédito.



36 Jarro

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica comum. Pasta compacta com cozedura uniforme (K77). Elementos não plásticos de pequeno calibre constituídos por quartzo, bem calibrado e distribuído de forma homogénea. Superfície externa alisada e polida revelando um polimento intenso coberto por uma aguada brilhante (K77). **Descrição** Fragmento de bordo, parede e arranque de jarro. Corpo alongado e baixo de perfil oval. Bordo trilobado rematado por lábio arredondado com canelura a marcar o início do gargalo. Asa de fita de secção plano-convexa implantada no ombro e no bordo. Possui duas caneluras a diferenciar o bojo do gargalo. Conserva um grafito implantado na face intermédia do gargalo. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão / Fase VI-VII. **Dimensões** Diâmetro máximo do bordo 82 mm; Altura máxima 180 mm; Espessura máxima do bordo 13 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 13A, (L32.02), 1935/2892]. **Bibli.** Inédito.

37 Pote



Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta compacta e dura, medianamente depurada. Elementos não plásticos abundantes, compostos por quartzo e mica de diferente calibre. Superfície alisada e medianamente polida de cor castanha (P71). **Descrição** Pote de perfil elíptico e bordo contracurvado. Bordo espesso com lábio de recorte vertical. Face interna apurada com friso para assentamento de tampa. A face externa do bordo é definida na face inferior por uma ligeira canelura demarcada por um friso. Parede pouco esvasada e bojo baixo, revelando estrias da elevação da peça ao torno rápido. Fundo plano, discoidal, de assentamento pleno. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Diâmetro máximo do bordo 176 mm; Altura máxima 247 mm; Diâmetro máximo do fundo 156 mm; Espessura máxima da parede 11 mm. **Depósito** MMAP [ALV. 93 A, (J20.02), Ig. 2786, op. 162.]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 88; 2010, 820, est. CLXXIII(a), n.º 74a.

38 Ânfora



Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta de composição arenosa, compacta, com fraturas angulosas, composta por argilas bem depuradas (P39). A superfície não denota a existência de qualquer engobe. Os elementos não plásticos são fundamentalmente compostos por quartzos e feldspato de calibre médio. **Descrição** Fragmento de bordo, gargalo e arranque de parede de ânfora de preparado piscícola. Bordo esvasado, escalonado em dois planos diferenciados por carena externa. Lábio levemente espessado de recorte arredondado. As asas de secção elíptica desenvolvem-se verticalmente a partir do ombro e rematam, após um ângulo fechado, sobre a face inferior do bordo. **Classificação e cronologia** Tipo Dressel 7-8-9-11, Classe 16 / Castro de Alvarelhos / Fase III. **Dimensões** Diâmetro máximo do bordo 200 mm; Altura máxima 190 mm; Espessura máxima do bordo 17 mm. **Depósito** MMAP [ALV. 92A, op. 121]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 73; 2010, 760, est. CLV, n.º 97.

39 Ânfora



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica comum. Pasta compacta e dura com cozedura uniforme (L75). Elementos não plásticos muito abundantes, compostos por quartzo e, em menor quantidade, mica e feldspato. A superfície apresenta uma textura rugosa e encontra-se coberta por um engobe de cor creme (L75), espesso e muito aderente, mas que não cobre os grãos de quartzo. **Descrição** Fragmento de bordo e arranque de reservatório. Lábio em fita, extrovertido e saliente. Colo alto e côncavo. Asas de fita gamiformes, bilobadas na face superior. Arranque do bojo a denunciar um reservatório alongado. **Classificação e cronologia** Tipo Classe 15 (Halter 70; Callender 9; Camulodunum 185 A, Oberaden 82, Vindonissa 583) / Monte Padrão / Fase III-IV **Dimensões** Diâmetro máximo do bordo 155 mm; Altura máxima 244 mm; Espessura máxima da parede 14 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 85E, (1A.03), Ig. 2138]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 76.

40 Talha



Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta compacta e friável. O elemento não plástico predominante é o quartzo. A mica surge em menor proporção e o feldspato de forma ocasional. Os nódulos ferrosos estão presentes de forma generalizada. O acabamento revela marcas de torno no interior e exterior. A peça apresenta um acabamento exterior cuidado com polimento pouco acentuado, onde são visíveis os elementos não plásticos à superfície. É revestido por uma aguada de tom creme (N55), espessa e muito aderente. **Descrição** Fragmento de bordo e arranque de parede de talha de corpo elíptico. Bordo esvasado de perfil angular. Forma duas faces planas divergentes, vincadas por uma carena interna localizada imediatamente abaixo do lábio. No exterior forma uma aba rebaxada com os cantos arredondados. Na separação do arranque da parede com o bordo forma uma carena interna pronunciada de perfil angular. Na parte superior da parede conserva um grafito que permite a sua leitura completa. EME / ME / BONO / TUO (Toma-me para teu bem). Comprimento máximo do grafito 109 mm; Altura máxima 55 mm. Altura máxima das letras - 1ª linha / 1; 25: 2;25: 3;30: 4;25: 5;27. mm | 2ª linha / 1;20: 2;22: 3;25: 4;32: 5-6;30. mm **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Alvarelhos / Fase IIB-III. **Dimensões** Diâmetro máximo do bordo 608 mm; Altura máxima 150 mm; Espessura máxima do bordo ao nível da carena interna 23 mm. **Depósito** MMAP [ALV. 86 (A3.01), Ig. 195]. **Bibli.** ENCARNÇÃO 1992, 7-14; DIAS; ENCARNÇÃO 1993, 45; MOREIRA 2007, 83; 2010, 813-814, est. CLXIII, n.º 31.



41 Talha comum

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Cerâmica comum. Pasta compacta com cozedura uniforme. Os elementos não plásticos predominantes são o quartzo e a mica, registando-se pontualmente a presença de feldspato e nódulos ferrosos de grande dimensão. A peça apresenta a superfície exterior muito polida, sem elementos não plásticos visíveis à superfície, apesar de se encontrar em elevado estado de degradação (M20). **Descrição** Fragmento de bordo e arranque de parede de talha de corpo ovóide e bordo reentrante. Bordo engrossado com a face superior plana. Revela na face interna um rebaixamento que forma a base para assentamento da tampa. Parede muito esvasada de espessura regular. Possui uma marca no ombro precedida por um grafito inscrito numa cartela retangular. **Classificação e cronologia** Tipo Vegas 49-6; / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Diâmetro máximo do bordo 324 mm; Altura máxima 75 mm; Espessura máxima do bordo 32 mm. **Depósito** MMAP [ALV. 94 A, lg. 1280]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 83; 2010, 813, est. CLXII, n.º 30.



42 Balde

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Cerâmica comum. Pasta compacta com cozedura uniforme. Os elementos não plástico predominantes são quartzo e mica. Superfície alisada através de espatulamento e polimento (N55). **Descrição** Conjunto de fragmentos que formam perfil completo de balde. Bordo de perfil triangular com face superior plana e ligeira aba projetada para o exterior. Perfil elíptico com fundo de assentamento reduzido em relação ao diâmetro máximo do bojo. Asas de orientação transversal, em fita, de recorte trapezoidal e secção plano-convexa. Fundo plano com moldura bem vincada. A decoração é composta por uma canelura de secção retangular implantada no terço inferior do bojo. **Classificação e cronologia** Tipo..... / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Diâmetro máximo do bordo 580 mm; Altura máxima 515 mm; Espessura máxima do bordo 65 mm; Diâmetro máximo do fundo 152 mm; Capacidade 52644,75 cm³ / 52,64 L. **Depósito** MMAP [ALV. 98 B6, A1 (E9.01), op. 12, 17]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 82; 2010, 816, est. CLXVI(a), n.º 42a.



43 Talha

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Cerâmica comum. Pasta compacta e dura com cozedura uniforme. O elemento não plástico predominante é o quartzo. Superfície com acabamento espatulado com polimento intenso (M47). **Descrição** Talha de pequenas dimensões. Bordo espesso de secção triangular com face superior plana. Colo alto, apumado, com ligeira curvatura para o interior. Ombros arredondados formando um perfil elíptico no bojo. Ângulo a demarcar o colo da parede do bojo formando uma carena interna. Fundo plano, horizontal, de assentamento pleno. **Classificação e cronologia** Tipo / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Diâmetro máximo do bordo 345 mm; Altura máxima 720 mm; Espessura máxima do bordo 18 mm; Diâmetro máximo do fundo 216 mm; Capacidade 86993, 36 cm³ / 86,99 L. **Depósito** MMAP [ALV. 93 (J21.02), op. 51]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 82; 2010, 815, est. CLXV(a), n.º 42a.



44 Pistilo — Elemento movente de almofariz

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Quartzito de cor amarelada (S85). **Descrição** Seixo rolado, cilíndrico, de formato troncocónico, ligeiramente assimétrico. Faces regularizadas pelo uso como percutor. Polimento intenso e generalizado com claros vestígios de utilização numa das extremidades. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Comprimento máximo 130 mm; Espessura máxima 54 mm. **Depósito** MMAP [ALV. s/n.º]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 86.



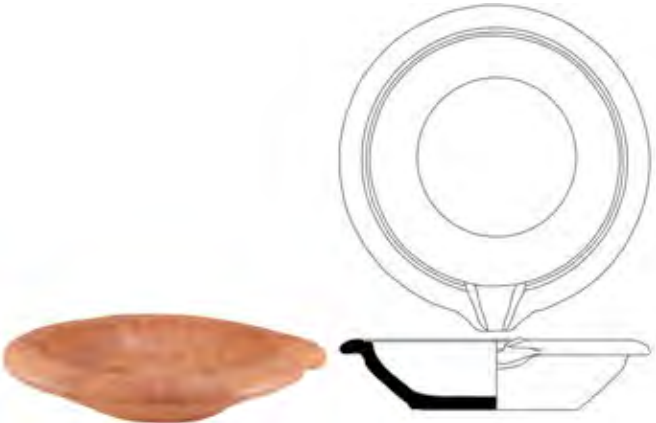
45 Almofariz

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Granito bege rosado (K70). **Descrição** Almofariz de pequena dimensão de planta circular, assimétrica, com face superior côncava levemente irregular. Superfície irregular e pouco polida. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Diâmetro máximo 98 mm; Altura máxima 55 mm. **Depósito** MMAP [ALV. s/n.º]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 86.



46 Almofariz

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Cerâmica comum. Pasta bem depurada com cozedura uniforme. No conjunto dos elementos não plásticos predomina o quartzo de tamanho médio, bem calibrado. A mica surge em menor proporção e o feldspato de forma ocasional. O acabamento revela marcas de torno no interior (47R) de coloração castanho escura. **Descrição** Almofariz com vertedouro trapezoidal. Perfil troncocónico com paredes ligeiramente arqueadas. Bordo largo, em forma de aba, com lábio arredondado e soerguido. Vertedouro elevado. Fundo plano com adelgaçamento na parte central. Decoração inscrita na aba composta por um meandro inciso. **Classificação e cronologia** Tipo Vegas 7d / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Diâmetro máximo do bordo ao nível da aba 276 mm; Altura máxima 86 mm; Diâmetro máximo do fundo 122 mm; Espessura máxima da aba 7 mm; Capacidade 4060,81 cm³ / 4,06 L. **Depósito** MMAP [ALV. 95 B, op. 23]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 86; 2010, 813, est. CLXI, n.º 27.



47 Almofariz

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Cerâmica comum. Pasta compacta e dura com cozedura uniforme (R40/S47). Elementos não plásticos abundantes, compostos por mica e quartzo de calibre médio. Superfície alisada coberta por engobe espesso e aderente com grãos de quartzo na superfície (P27) de cor castanho avermelhado. **Descrição** Conjunto de fragmentos que formam perfil completo de almofariz. Perfil troncocónico invertido com paredes arqueadas reentrantes. Bordo em forma de aba com lábio arredondado e ligeiramente descaído. Dorso do bordo com pequeno lábio arredondado marcado por friso rebaixado na aba de perfil em U. Vertedouro de planta trapezoidal, simétrico, com paredes verticais soerguidas em relação à aba. Fundo plano e espesso. **Classificação e cronologia** Tipo Dramont 2 / Castro de Alvarelhos / Fase III. **Dimensões** Diâmetro máximo do bordo ao nível da aba 380 mm; Altura máxima 85 mm; Diâmetro máximo do fundo 208 mm; Espessura máxima da aba 16 mm; Capacidade 3781,56 cm³ / 3,78 L. **Depósito** MMAP [ALV. 97, B3, A1, lg. 1879]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 86; 2010, 781, est. CLXII, n.º 29.



48 Mó rotativa — Elemento dormente

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Granito de cor acinzentada (M31) e rosado (R15). **Descrição** Elemento dormente de mó rotativa. Contorno circular, assimétrico, com orifício central de perfil cónico com faces laterais verticais. Secção cónica com topo superior descendente. Face superior polida com claros vestígios de utilização. Base plana e regularizada. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão / Fase VI-VII. **Dimensões** Diâmetro 400 mm; Altura rebordo 80 mm; Altura máxima 145 mm. **Depósito** MMAP [PAD. s/n.º]. **Bibli.** Inédito.



49 Mó rotativa — Elemento movente

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Granito de cor bege (M71). **Descrição** Elemento movente de mó rotativa. Contorno circular de recorte irregular com orifício central de perfil cónico e faces laterais retas. Secção assimétrica com desgaste acentuado. Face inferior côncava e topo superior convexo. Face inferior muito polida com claros vestígios de utilização. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão / Fase VI-VII. **Dimensões** Diâmetro 308 mm; Altura máxima 152 mm. **Depósito** - MMAP [PAD. s/n.º]. **Bibli.** Inédito.

50 Lucerna



Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** Lucerna. Disco oval, rebaixado por orla de secção retangular, marcado por volutas estilizadas e bico semicircular. Orifício de alimentação de recorte cordiforme. Orifício de iluminação circular perfeitamente centrado no bico. Pé anelar, soldado ao *infundibulum*, de secção retangular com base ligeiramente alargada e redobrada para o interior. Na face interna possui um círculo em relevo à volta de um ponto. Pega formada por haste semicircular, de secção trapezoidal junto ao *infundibulum*, desenvolvendo progressivamente uma secção circular, orientada no sentido do orifício de alimentação. A haste, sensivelmente a meio, encontra-se soldada por um grampo de ferro. No seu terço final representa a cabeça de um cavalo de feição naturalista. A crina, muito estilizada, é reproduzida por linhas incisas com orientação oblíqua. **Classificação e cronologia** Tipo - Loeschcke XX; Valenza III; Pozo tipo VI / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Comprimento máximo 178 mm; Altura máxima 100 mm; Diâmetro do orifício de iluminação 15 mm; Diâmetro máximo do pé 52 mm; Peso 581,5 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 97 B2, A2, op. 50]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 132; 2010, 971, est. CCIII, n.º 10.

51 Lucerna



Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta bem depurada, compacta e dura, com cozedura uniforme. Elementos não plásticos compostos por mica de pequena dimensão bem distribuída. Superfície alisada com polimento mediano de cor castanho (P30/M33). **Descrição** Lucerna em cerâmica comum decorada. Disco circular e prolongado por um canal largo. Bico de recorte oval sem destaque. *Influbium* de recorte circular parcialmente fragmentado. Orla decorada com motivos geométricos formados por traços incisos e elementos em relevo com cruzeiros, círculos e pontos, obedecendo às regras de repetição simples. A asa é uma pegadeira perfurada implantada diretamente no *rostrum*. Fundo côncavo de assentamento radial. **Classificação e cronologia** Tipo Ponisch IV - A / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Comprimento máximo 113 mm; Largura máxima 80 mm; Espessura máxima do fundo 3 mm; Diâmetro do orifício de iluminação 13 mm. **Depósito** MMAP [ALV. 94, op. 109]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 86; 2010, 736, Est. CXLVI, n.º 10.

52 Lucerna



Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** Pega de lucerna em bronze com representação de cabeça de leão moldurado por quatro folhas. A figuração do felino reveste-se de um realismo assinalável. A pega desenvolve um arco semicircular revelando no seu extremo inferior uma área de encosto de perfil concavo de adaptação à face anterior do corpo da lucerna onde estaria soldada. A moldura, a partir da qual se desenvolve a escultura, é formada por quatro folhas que desenham um perfil curvo. **Classificação e cronologia** Tipo Loeschcke XX; Valenza III; Pozo tipo VI / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Comprimento máximo 75 mm; Diâmetro máximo da haste 13 mm; Peso 181 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 95 B, A4, op. 49]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 133; 2010, 878, est. CCII, n.º 9.

53 Lucerna



Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta muito depurada com poucos elementos não plásticos, de pequeno calibre, semelhante ao grupo 1a definido por Jannette Nolen, de origem Bética (NOLEN 1994, 38). Conserva um engobe de cor amarelada aderente e de muito boa qualidade (N45). **Descrição** Lucerna com discus de corpo troncocónico com *influbium* circular e volutas em ponta no *rostrum*. As volutas nascem dos vértices do triângulo que desenha o extremo do *rostrum* dispondo-se uma em cada lado. *Margus* estreito, separado do discus por três molduras. *Discus* amplo, ligeiramente côncavo, decorado com um golfinho à direita. Orifício de alimentação ligeiramente descentrado. **Classificação e cronologia** Tipo Bailey A - III; DRESSSEL LAMBOGLIA 1952, 9-B; LOESCHCKE 1919, I-B; DENEAUVE 1969, IV-B; PROVOOST 1976, IV-2; LEIBUNDGUNT 1977, VI. / Castro de Alvarelhos / Fase IIB. **Dimensões** Comprimento máximo 99 mm; Largura máxima 70 mm; Altura máxima 24 mm; Espessura máxima do fundo 3 mm. **Depósito** MMAP [ALV. 97 B3, A1, op. 316, 345]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 99; 2010,735, Est. CXLV, n.º 1.

54 Lucerna



Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** Lucerna. Disco circular sobrelevado com orifício de alimentação de recorte irregular, sem canal. Volutas estilizadas a demarcar o reservatório do bico, que desenvolve um orifício cordiforme, irregular. Fundo discoide, plano, formado por um falso pé. Decoração geométrica, muito simples, composta por um círculo concêntrico de pontos incisos no disco e pela mesma composição em toda a orla. A asa é uma pegadeira simples, com nervura central na face inferior. **Classificação e cronologia** Tipo Loeschcke XX; Valenza III; Pozo tipo VI / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Comprimento máximo 111 mm; Largura máxima do disco 61 mm; Diâmetro do fundo 42 mm; Peso 181,7 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 94 A, op. 107]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 133; 2010,737, II, Est. CCII, n.º 8.

55 Lucerna



Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta compacta com abundantes elementos não plásticos, compostos por mica, quartzo e cerâmica moída. A superfície, ligeiramente rugosa, não apresenta qualquer vestígio de engobe. Coloração castanho-alaranjada com abundantes vestígios de fuligem (N49). **Descrição** Lucerna completa, ligeiramente fragmentada na orla do *influbium*. Apresenta um corpo oval, irregular, com disco pouco individualizado. A asa de perfil circular é perfurada e apresenta um desenvolvimento oblíquo. No centro, o orifício de alimentação encontra-se rodeado por um motivo composto por pérolas de recorte irregular. A decoração no *rostrum* é formada por pérolas alternadas com linhas onduladas convergentes para o centro. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Comprimento máximo 65 mm; Largura máxima ao nível do disco 48 mm; Espessura máxima do fundo 3 mm. **Depósito** MMAP [ALV. 98 B1 (G13.00), op. 123]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 87; 2010,736, II, Est. CXLVI, n.º 9.

56 Umbo de escudo



Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze **Descrição** Umbo de escudo elaborado através de martelagem a partir de uma só folha, com parte central esférica, fragmentada no centro. Aletas de perfil trapezoidal com orifícios nos vértices para fixação com cravos. Os escudos laténicos, datados do século III a.C. ao século I a.C., sofreram alterações que se refletem na sua classificação. Ao contrário dos paralelos mediterrânicos e do noroeste da península, redondos ou curvos, o escudo laténico desenvolve uma morfologia elítica de superfície plana, sustentada por uma nervura central saliente - *spina*. A partir do século III a.C., com a generalização da sua utilização, a variação morfológica dos umbos permitiu fixar uma tipologia evolutiva com correspondência cronológica (RAPIN 1991, 478-485). A sua classificação enquadra o modelo tardio de La Tène II, datável dos finais do séc. II a.C., a meados do séc. I a.C. (ALMEIDA 1974, 15, est. I, n.º 3; SOEIRO 1981, 239-240, est. I, n.º 1; SILVA 1986, 205, est. XC, n.º 6). Constitui uma peça única no Noroeste Peninsular e demarca-se claramente do tipo de escudos representados na estatúária castreja. Os paralelos são provenientes de ambientes funerários, nomeadamente de Ampurias (ALMAGRO 1953, 309-310, 319), da necrópole de Cabrera de Mataró (AGUILLÓ 1939-40, 78), e da representação do relevo de Osuna (BELLIDO 1947, 238, 243). A estatúaria revela também paralelos muito expressivos, como, por exemplo, a estátua de Mondragon (Vaucluse, Avignon) datada do séc. I a.C. **Classificação e cronologia** Lá Tène II / Castro de Alvarelhos / Fase II-Ib. **Dimensões** Comprimento máximo 172 mm; Largura máxima 277 mm; Altura máxima 60 mm; Espessura máxima 1 mm; Peso 280 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 1952, s/n.º]. **Bibli.** ALMEIDA 1974b, 15, est. I, 3; SOEIRO 1981, 239-240, est. I, 1; SILVA 1986, 205, est. XC, 6; MOREIRA 1992, 34-47, est. IV, fig. 1; 2007, 137; 2010, 970, est. CCI, n.º 7.

57 Argola em bronze



Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze **Descrição** Argola maciça de perfil troncocónico e secção sub-retangular. Conserva as arestas angulosas. No interior revela vestígios de chumbo, sugerindo ter sido soldada a uma outra peça. Função desconhecida. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Diâmetro máximo 113 mm; Diâmetro mínimo 99 mm; Altura máxima 14 mm; Espessura máxima 8 mm; Peso 82 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 97 B2, A2, op. 06]. **Bibli.** MOREIRA 2010, 978, est. CCXVIII, n.º 60(1).

58 Argola em bronze

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze **Descrição** Argola em bronze formada por fita de secção sub-retangular de recorte troncocónico unida por dois espigões e lâmina, também em bronze. O aro desenvolve um perfil cónico, apresentando na face superior vestígios de martelagem. A sua configuração sugere uma função ligada ao acondicionamento do vasilhame metálico, nomeadamente servindo de pé de um vaso tipo sítula. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Diâmetro máximo 106 mm; Diâmetro interno máximo 101 mm; Altura máxima 19 mm; Espessura máxima da lâmina 4 mm; Peso 122,6 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 93 A, op. 91]. **Bibli.** MOREIRA, 2007, 135; 2010, 978, est. CCXVIII, n.º 61.



59 Asa de pátera

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. Observação ao microscópio ótico - Amostra de cobre com 6% Pb e 0,3 % Sn. Elementos menores: 0,2% Ag, 0,2% Au e 0,1% Sb. A microestrutura é monofásica, com chumbo segregado em glóbulos nos limites de grão. **Descrição** Asa de pátera litúrgica similar ao tipo Boesterd 73. Forma cilíndrica que termina com uma cabeça de animal estilizada, sendo o elemento mais identificativo os cornos de um carneiro. O cabo não é maciço, apresentando na sua parte inferior uma cavidade longitudinal que acompanha a totalidade da peça. Os remates do suporte da pátera são ligeiramente engrossados revelando dois orifícios para a colocação de rebites para fixação, encontrando-se dois deles *in situ*. A parte final do cabo, a que corresponde a cabeça de animal, é pontiaguda e possui, na sua face inferior, um orifício que a atravessa transversalmente para suportar um elemento de suspensão. As peças mais abundantes representam, de forma mais ou menos realista, a cabeça de um carneiro, embora existam também representações de cães como, por exemplo, a proveniente do Castro de Fiães, Vila da Feira [CORTEZ, 1950, 29; ALMEIDA; SANTOS 1972, 14, est. II, n.º 10]. Um outro paralelo, morfologicamente idêntico, é proveniente de Braga, e apareceu no decurso de uma sondagem realizada por R. Santos da Cunha, em 1964, publicada em 1966 por Rigaud de Sousa (RIGAUD SOUSA 1966, 589-599). Trata-se também de um cabo de pátera em bronze rematado por uma cabeça de carneiro, muito estilizada, cujo elemento mais evidente, à semelhança do nosso, são os cornos. A peça encontra-se hoje depositada no Museu dos Biscainhos em Braga. **Classificação e cronologia** Tipo Boesterd 73 [Eggers 155 / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Comprimento máximo 115 mm; Diâmetro máximo do cabo 21 mm; Peso 133,2 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 93 A, op. 208]. **Bibli.** MOREIRA, 2007, 133-134; 2010, 977, est. CCXVIII, fot. n.º 23.



60 Asa/Pega de caçarola

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze **Descrição** Asa e fragmento de bordo de caçarola. A asa, de secção retangular, possui no remate uma argola de suspensão e mantém a sua configuração até próximo do bordo, onde se alarga ligeiramente, retomando a secção retangular, para novamente se alargar e fundir com o bordo, que possui uma ligeira aba horizontal. As caçarolas e os passadores constituem achados frequentes em áreas habitacionais e integram a ampla gama de utensílios metálicos de cozinha. A peça revela uma morfologia idêntica ao exemplar n.º 21 de Conimbriga (ALARCÃO; PONTE 1979, 155, 157, est. XXXVIII, n.º 21), cuja referência cronológica é semelhante. Outro paralelo, morfologicamente próximo, é proveniente da villa tardorromana de Titi Juan de la Cruz (Pinto, Madrid), cujo desenho do cabo apresenta, à semelhança do nosso, um desenvolvimento triangular junto à ligação com o recipiente (CABRERA; OVEJERO; GONZÁLEZ; PABLOS; COBO; BAZTÁN; VÁZQUEZ 2001, 186, lám. LXXII, n.º 641). **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Comprimento máximo 217 mm; Largura máxima 22 mm; Espessura máximo 4 mm; Peso 56,1 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 92 A, op. 99]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 134; 2010, 974, est. CCX, n.º 32.



61 Sineta

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. Observação ao microscópio ótico - Amostra de bronze com 15% Sn e 5% Pb. Elementos menores: 0,5% Au e 0,1% Fe. A microestrutura evidencia o chumbo segregado e uma matriz bifásica. **Descrição** Sineta de formato cónico rematada por anel de suspensão de configuração triangular, com espessamento da fita na parte superior. Vestígios de anel de suspensão do batente em ferro. O anel de suspensão foi soldado à peça e, posteriormente, repuxado. As sinetas são objetos relativamente frequentes e são inúmeras as peças conhecidas cuja tipologia se relaciona com o nosso exemplar, embora de horizontes cronológicos distintos. A peça proveniente da necrópole de St.º André, Montargil (NOLEN; DIAS; VIEGAS 1981, 122, est. LXXVII (D1-5)), apresenta características morfológicas idênticas à nossa, apesar de possuir quatro pés, revelando a sua utilização como sineta de mesa. Um outro paralelo, também do sul de Portugal, é proveniente de Alcácer do Sal, apresentado sem referência cronológica (SCHULE 1969, n.º 10, est. 108). De Monte Mozinho, Penafiel, onde se conhecem vários exemplares de cronologia semelhante, as características morfológicas são significativamente distintas, nomeadamente no que se observa no exemplar proveniente do espólio recolhido no Museu de Etnografia do Porto, de antigas escavações sem referência estratigráfica (SOEIRO 1984, 263, est. CXXXIV, n.º 9). De Fiães são conhecidos dois exemplares que, apesar de se não conhecer o seu contexto arqueológico, o conjunto do material com que estavam armazenados no Instituto de Antropologia da Faculdade de Letras do Porto sugere uma datação tardia (ALMEIDA; SANTOS 1972, 14, est. II, n.º 7 e 8). Outros paralelos, de âmbito geográfico mais alargado, são provenientes da necrópole de Santo Estêvão de Alenquer, Paredes (PEREIRA 1970, 69, est. IV, n.º 35), e da villa Cardílio, Torres Novas (ALARCÃO; ALARCÃO 1966-67, 58-88). **Classificação e cronologia** Tipo.../Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Diâmetro máximo da boca 54 mm; Altura máxima 51 mm; Largura do anel de suspensão 24 mm; Peso 69,7 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 94 A, op. 07]. **Bibli.** MOREIRA, 2007, 139; 2010, 978, est. CCXIII, n.º 63.



62 Arreio de cavalo

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** Objeto formado por dois discos circulares com rebordo interno em forma de aba, soldados perpendicularmente a uma haste de secção retangular rematada por outra haste de secção igual e perfil semicircular. Encontra-se em excelente estado de conservação evidenciando em alguns pontos um polimento acentuado, em particular a haste semicircular na sua face interna, indicando que se encontraria fixa a uma tira de couro ou a uma corda, sugerindo tratar-se de um bridão. **Classificação e cronologia** Tipo.../ Castro de Alvarelhos / Fase IIB-V. **Dimensões** Altura máxima 64 mm; Largura máxima 80 mm; Diâmetro máximo dos discos 39 mm; Peso 131,6 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 1952, s/n.º]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 136; 2010, 970, est. CCI, n.º 6).



63 Peso de balança

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. Observação ao microscópio ótico - Amostra de bronze ao estanho 8% Sn com elevado teor de chumbo 6% Pb. Elementos menores - Ag 0,05%; Fe 0,12%; Sb 0,2. Na micrografia podem-se observar glóbulos de chumbo numa matriz típica de bronze bifásico. Na parte interior da amostra deteta-se a presença de chumbo. **Descrição** Peso de forma cilíndrica com vestígios de anel de suspensão em ferro incorporado na peça e coberto na parte superior por uma fina camada de chumbo. No exterior é decorado por três molduras localizadas respetivamente na parte superior, na parte intermédia e no remate inferior. **Classificação e cronologia** Tipo / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Comprimento máximo 51 mm; Diâmetro máximo 32 mm; Peso 269,5 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 93A, op. 209]. **Bibli.** MOREIRA 2010, 978, CCXIX, fot. n.º 25.



64 Argola

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** Argola formada a partir de um fio de secção circular com as pontas enroladas sobre a haste principal. A secção do fio encontra a sua maior espessura no centro estreitando-se progressivamente para as extremidades. Possui uma pequena chapa enrolada com um orifício na extremidade. As argolas em bronze, pelo facto de se recolherem dissociadas dos objetos de que eventualmente fariam parte, fossem de madeira, de couro, ou outros, revelam dificuldades acrescidas na sua interpretação funcional. O nosso exemplar é formado por um fio de secção circular, em que as extremidades se enrolam sobre o fio do aro de forma a criar uma ligação segura. A interpretação mais corrente para objetos semelhantes é que estes tenham servido para suspensão de diferentes tipos de objetos. **Classificação e cronologia** Tipo / Castro de Alvarelhos / Fase V. **Dimensões** Diâmetro máximo 35 mm; Secção máxima 3,5 mm; Peso 7 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 92 A, op. 23]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 131; 2010, 978, est. CCXII, n.º 59.



65 Asa de sítula



Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** Asa de sítula de formato cilíndrico formada por uma folha com abas dobradas. Na face interna é aberto e apresenta algumas irregularidades. O interior é formado por um cilindro de chumbo maciço que apresenta nas extremidades dois orifícios cónicos de encaixe da asa. **Classificação e cronologia** Tipo / Castro de Alvarelhos / Fase II-IIb. **Dimensões** Comprimento máximo 103 mm; Espessura máxima da folha de bronze 3 mm; Diâmetro máximo exterior 32 mm; Comprimento máximo do cilindro de chumbo 78 mm; Diâmetro máximo do cilindro de chumbo 23 mm; Peso 480 gr. **Depósito** MMAP [ALV. 1952, s/n.º]. **Bibli.** MOREIRA 1992, 34-47; 2007, 134; 2010, 978, est. CCV, n.º 19.

66 Asa de sítula



Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** Asa de sítula formada por uma folha de bronze curvada com as abas dobradas e batidas, com a face interior aberta de recorte desigual. O interior é formado por um cilindro de chumbo com dois orifícios cónicos nas extremidades para articulação da asa. Asa de secção quadrangular e formato oval com adelgaçamento progressivo para a extremidade onde remata em forma pontiaguda. **Classificação e cronologia** Tipo / Castro de Alvarelhos / Fase II-IIb. **Dimensões** Comprimento máximo 101 mm; Espessura máxima da folha de bronze 3/4 mm; diâmetro máximo exterior 27 mm; Comprimento máximo do cilindro de chumbo 94 mm; Diâmetro máximo do cilindro de chumbo 21 mm; Peso 540 gr. **Depósito** MMAP [ALV. 1952, s/n.º]. **Bibli.** MOREIRA 1992, 34-47, est. V, fig. 1; 2007, 134; 2010, 978, est. CCV, n.º 20.

67 Asa de sítula — Nereida



Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** Asa de sítula formada por um elemento escultórico que representa uma Nereida com corpo feminino, nu até às ancas, terminando em duas caudas de peixe erguidas sobre uma base que representa águas ondulantes, estilizadas em forma de escamas. Encontra-se fraturada em dois locais, um dos quais, localizado no extremo inferior, e outro no lado esquerdo, onde lhe falta o remate. No interior da peça existe um orifício cónico, de recorte oval, que se prolonga até à base do umbigo. O interior revela uma superfície convexa com um pequeno rebordo para fixação. Por trás das caudas de peixe existem dois orifícios com cerca de 10 mm de profundidade orientados no sentido da figura. **Classificação e cronologia** Tipo / Castro de Alvarelhos / Fase II-IIb. **Dimensões** Comprimento máximo 123 mm; Largura máximo 113 mm; Peso 310 gr. **Depósito** MMAP [ALV. 1957, s/n.º]. **Bibli.** SANTARÉM 1954, 31-39; MOREIRA 1991 b, 69-76; 1992, 34-47, est. VI, fig. 1-2; 2007, 138; 2010, 972-973, est. CCVI, n.º 21, est. CCVII, 21a.

68 Armela



Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** Armela figurativa de recorte ovalado com duas perfurações centrais, nos quais se conservam dois cravos em ferro. Peça larga e espessa onde a face representada (sátiro) possui apenas o nariz e a boca bem vinculados, rodeados de barba estilizada, através de pequenas incisões radiais. As molduras horizontais constituem a decoração da junção do mascarão e o anel de suspensão. Enquadram-se no tipo II do grupo A de Manuela Delgado que corresponde a um tipo de máscara estilizada. Este exemplar tem um formato ovalado e apenas conserva bem definidos os olhos e a boca, enquadrados pela representação da barba em forma de meia-lua, com cabelo estilizado, representado por linhas horizontais. **Classificação e cronologia** Tipo - II, Grupo A de Manuela Delgado / VI A de Nunes Pinto / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Comprimento máximo 68 mm; Largura máximo 29 mm; Largura do anel de suspensão 12 mm; Peso 310 gr. **Depósito** MMAP [ALV. 93 A, op. 49]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 136; 2010, 973, est. CCVIII, n.º 25.

69 Armela



Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** Armela de sítula tipo III de M. Delgado. Peça de formato triangular, espessa, encimada por anel de suspensão, de configuração oval, com elevado desgaste na face superior. No espelho é grosseiramente representada uma face com olhos, nariz, boca e bigode. Na orla, em forma de moldura, são representadas incisões transversais que, na parte superior, se encontram reticuladas por incisões verticais. Enquadra-se tipologicamente no tipo IV do grupo A de Manuela Delgado, (DELGADO 1970, 25, est. II, 5 a 13), que se poderia designar de feições realistas. Possuem um formato triangular e ausência de travessão. O espelho é decorado por um rosto muito vincado, com bigode inscrito num polígono formado pela barba e pela franja sobre a fronte. **Classificação e cronologia** Tipo IV, Grupo A de Manuela Delgado / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Altura máxima 67 mm; Largura máxima 34 mm; Largura interna do anel de suspensão 14 mm; Peso 91,4 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 92 A, op. 102 (2)]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 136; 2010, 973, est. CCVIII, n.º 23.

70 Armela



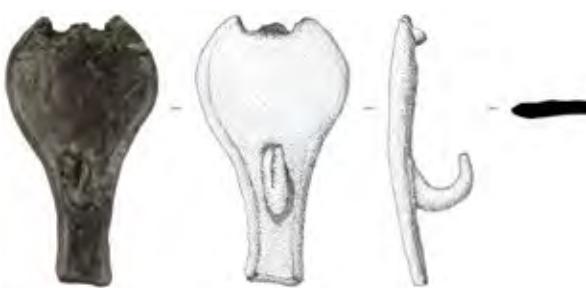
Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** Armela com duas perfurações centrais com cravos em ferro aplicados. Espelho circular, decorado com uma máscara de um sátiro onde são representados, de uma forma grosseira, os olhos, o nariz, a boca e o bigode. A face é moldurada por uma coroa circular reticulada que, de forma estilizada, representa a barba. O travessão, junto ao anel de suspensão, desenha um perfil anguloso. A face posterior é decorada por uma barra com entalhes verticais interrompidos por um elemento longitudinal que percorre toda a moldura e termina com duas pequenas protuberâncias ovaladas. A decoração foi elaborada a cinzel após a execução da peça em molde. **Classificação e cronologia** Tipo I de M. Delgado / XIII A de Nunes Pinto / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Altura máxima 77 mm; Largura máxima 77 mm; Diâmetro interno do anel de suspensão 11 mm; Peso 177,9 gr. **Depósito** MMAP [ALV. 92 A, op. 102(1)]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 137; 2010, 972-973, est. CCVIII, n.º 22.

71 Armela

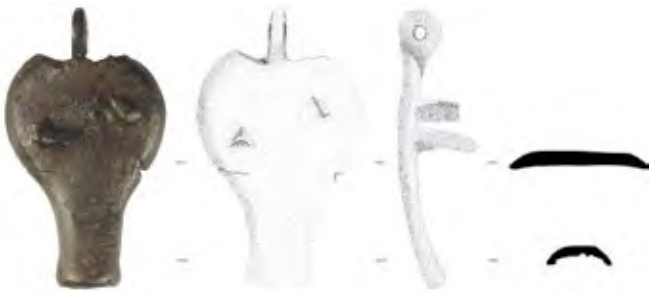


Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** Armela de sítula em bronze. Constitui uma representação figurativa de um sátiro com duas perfurações centrais com aplicação de cravos em ferro. Peça larga e espessa onde a face representada possui apenas o nariz e a boca bem vinculados, rodeados de barba estilizada. As molduras horizontais constituem a decoração da junção do mascarão e o anel de suspensão. **Classificação e cronologia** Tipo I de M. Delgado / XIII A de Nunes Pinto / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Altura máxima 75 mm; Largura máxima 75 mm; Diâmetro interno do anel de suspensão 11 mm; Peso 176,8 gr. **Depósito** MMAP [ALV. 92 A, op. 109]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 137; 2010, 973, est. CCVIII, n.º 24.

72 Tampa de jarro lagoena



Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Observação** ao microscópio ótico - Bronze ao estanho (8 % Sn) e com elevado teor de chumbo (11 %). Teores de elementos menores são: 0,4 % Zn, 0,8% Fe, 0,2% Sb e 0,07 % Ag. A estrutura é típica neste tipo de bronze com o chumbo segregado na forma de glóbulos. **Descrição** Tampa maciça de jarro *lagoena*. Tampa de formato periforme articulada por uma pequena charneira perfurada através de um eixo com duas outras implantadas no bordo. Na parte superior, onde se inicia o estreitamento para o bocal, possui um gancho que permitiria abrir a tampa do jarro e assim, mantê-la durante o ato de servir. Os jarros de bocal em bico constituem peças de mesa destinadas a servir água ou vinho (HILGERS 1969, 230), constituindo uma forma muito difundida nas províncias romanas. **Classificação e cronologia** Tipo Boester 257-258 | Eggers 128 / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Comprimento máximo 84 mm; Largura máxima 48 mm; Espessura máxima 5 mm; Peso 81,8 gr. **Depósito** MMAP [ALV. 94 A, op. 216]. **Bibli.** MOREIRA 2010, 974, est. CCIX, n.º 30.



73 Tapa de jarro lagoena

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. Observação ao microscópio ótico - Bronze ao estanho (8 % Sn) com elevado teor de chumbo (11 %). Teores de elementos menores: 0,4% Zn, 0,8% Fe, 0,2% Sb e 0,07% Ag. A estrutura é típica neste tipo de bronze, com o chumbo segregado na forma de glóbulos. **Descrição** Tapa maciça de jarro destinado a servir água ou vinho lagoena. Tapa de formato oval com prolongamento para o bico, articulada pela charneira anterior que, por sua vez, se uniria através de um eixo com duas outras saliências implantadas no bordo do jarro, formando uma junta articulada. Na face superior possuía uma pequena argola desalinhada do eixo de simetria da peça, que permitiria abrir a tampa do jarro e assim mantê-la durante o ato de servir. **Classificação e cronologia** Tipo Boester 257-258 | Eggers 128 / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Comprimento máximo 87 mm; Largura máximo 51 mm; Espessura máximo 4 mm; Peso 98,8 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 97 B1, A2, op. 100]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 139-140; 2010, 974, est. CCIX, n.º 31.



74 Espelho de fechadura

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. Análise ao microscópio ótico - Amostra de bronze com cerca de 15% de estanho e 8% de chumbo. Estrutura bifásica com o chumbo segregado. **Descrição** Espelho de fechadura com asa. Espelho circular com ligeiro rebordo na parte superior. Encontra-se levemente fraturada na face inferior. Possui quatro orifícios para fixação. Asa de formato retangular fixada ao «espelho» através de dois rebites. Na parte superior possui uma charneira que possibilitaria a articulação necessária para elevar a tampa. A asa na face superior encontra-se decorada com três linhas longitudinais incisas que, na parte central, formam um quadrado decorado com linhas cruzadas. A peça pertencia, provavelmente, a uma pequena arqueta de madeira e funcionaria simultaneamente como asa e elemento de articulação da tampa. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Comprimento máximo da asa 49 mm; Espessura máxima da asa 2 mm; Peso 19,7 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 95 B, A4, op. 116]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 131; 2010, 979, est. CCXIV, n.º 71.



75 Placa de cinturão

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. Observação ao microscópio ótico - Amostra de bronze ao estanho (9% Sn) com alto teor de chumbo (17%), 1,4% Fe, 0,2% Sb, 0,1% Zn e 0,06% Ag. A estrutura manifesta alto teor de chumbo em glóbulos e uma matriz bifásica. **Descrição** Placa em bronze de formato retangular, fragmentada, com um orifício numa das extremidades. Decoração em baixo relevo com motivos geométricos de triângulos e folhas ovaladas formando uma estrela com ligação através de um tema seriado composto por um triângulo que se repete três vezes. Das peças que compunham o conjunto, placa e respetiva fivela, apenas resta a primeira. Os vestígios da charneira já não são visíveis, assim como os botões de fixação ao cinto. A decoração é formada por um baixo-relevo, que apenas em alguns locais perfura integralmente a placa. Devido à sua dimensão não se vincula diretamente com as placas das fivelas tipo Simancas, geralmente estreitas, que Pérez Rodríguez e M. Aragón relacionam com os “cingula” ultrapirenaicos da primeira metade do séc. IV (RODRÍGUEZ; ARAGÓN 1992). Também a sua decoração, formada por temas seriados, geralmente compostos por arcos, ferraduras e motivos serpentiformes, totalmente perfurados, as afastam do nosso exemplar, embora sejam evidentes as afinidades técnicas e estilísticas. Apesar de não ter sido identificado qualquer paralelo regional é clara a sua filiação com os materiais do Vale do Douro, nomeadamente os provenientes de Villasequia de Yepes, Carpio de Tajo (FERNANDÉZ 1995/96, 55, n.º 1-4). **Classificação e cronologia** Tipo Sommer / Grupo II, forma B / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Comprimento máximo 102 mm; Largura máxima 39 mm; Espessura média 2,5 mm; Peso 69,6 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 94 A, op. 221]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 136; 2010, 979, est. CCXIII, n.º 66.



76 Bastonete cosmético osculatório

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Bronze. **Descrição** Bastonete cosmético “osculatório”. Peça composta por uma haste lisa, de secção quadrangular e espessura irregular, rematada no extremo inferior por uma argola e, na parte superior, por um elemento de configuração cordiforme com os remates inferiores repuxados e virados para cima. Os dois elementos foram elaborados individualmente e posteriormente soldados à estípite de suporte. Peça ligeiramente assimétrica em relação ao eixo definido pela haste de suporte dos dois elementos. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão / Fase VII-VIII. **Dimensões** Comprimento máximo 58 mm; Espessura máxima 9 mm; Comprimento da haste 31 mm; Espessura da haste 4 mm; Diâmetro da pega 21 mm; Espessura da pega 4 mm; Motivo cordiforme - Largura máxima 19 mm; Comprimento máximo 26 mm; Peso 13,5 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. s/n.º]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 102.



77 Lingote maciço em bronze para fundição

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. Observação ao microscópio ótico - Amostra de cobre com 11% de chumbo. Elementos menores: Ag 0,5%, Sn 0,24%. Na micrografia observam-se glóbulos de chumbo com distribuição intergranular. **Descrição** Lingote maciço em bronze para fundição. Formato piramidal com base plana e contornos ovais. Superfície rugosa. Apresenta agregados à superfície abundantes grãos de quartzo. Encontra-se integralmente patinado. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Comprimento máximo 171 mm; Largura máxima 87 mm; Espessura máxima 34 mm; Peso 1384 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 93 A, op. 215]. **Bibli.** MOREIRA 2010, 970, est. CC, n.º 1.



78 Lingote maciço em bronze para fundição

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. Observação ao microscópio ótico - Amostra de cobre com estanho 0,7%, prata 0,5% e chumbo 8%. Estrutura monofásica com segregação de chumbo. **Descrição** Nódulo de bronze em forma de lâmina, ligeiramente curva. Contornos irregulares com arestas arredondadas. Resíduo de fundição com abundantes materiais agregados, nomeadamente grãos de quartzo. Encontra-se integralmente patinado. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Alvarelhos / Fase V. **Dimensões** Comprimento máximo 73 mm; Largura máxima 55 mm; Espessura máxima 10 mm; Peso 201 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 97 B3, A1, op. 369]. **Bibli.** MOREIRA 2010, 970, est. CC, n.º 3.



79 Taça/Copo

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Vidro translúcido de cor verde-musgo (2.56Y6/6), de qualidade média, com vacúolos alongados e impurezas negras. Análise química por espectrometria de fluorescência de Raios X - Amostra de vidro de silicato de cálcio, CaO 11%, manganês 4%, ferro 3%, bário 3%, isento de chumbo e estanho. **Descrição** Fragmento de bordo e arranque de taça/copo de perfil troncocónico. Bordo engrossado com lábio de perfil arredondado levemente introvertido. A decoração é composta por dois toros paralelos ao bordo implantados na parte superior da parede. **Classificação e cronologia** Tipo Isings 96/106/ Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Diâmetro máximo ao nível do bordo 93 mm; Comprimento máximo 18 mm; Espessura máxima do bordo 3 mm. **Depósito** MMAP [ALV. 93 A, op. 218]. **Bibli.** MOREIRA 1995a, 52-53, est. XXXIV, n.º 19; 2007, 143, est. est. CXCII, n.º 19.



80 Boião

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Vidro verde-gelo, translúcido, de qualidade média (56Y5/6). **Descrição** Fragmento de bordo, arranque de gargalo e pança de boião. Bordo ligeiramente engrossado em forma de aba projetada para o exterior. As principais características morfológicas dos boiões consistem no colo baixo e largo, corpo esférico e bordo revirado, por vezes muito projetado para o exterior. É uma forma muito comum em todo o território podendo-se encontrar paralelos em Conímbriga (ALARCÃO; ALARCÃO 1965, 97-98, Est. VII, n.º 154-159; ALARCÃO 1976, 171, est. XXXVII, n.º 88-89), no Castro do Monte de Santa Maria, Vila da Feira (ALARCÃO 1971, 41, est. V, n.º 54), e, em Braga, provenientes da escavação das Carvalheiras (DELGADO; MARTINS 1988-90, 163, est. VI, n.º 20; LOPEZ 1991, fig. 12, n.º 15). Ainda dentro deste grupo existem duas peças relevantes, uma proveniente do Castelo de Guifões, Matosinhos (ALARCÃO; ALARCÃO 1963, 9-10, fi g. 3, fot. 3), e uma outra, proveniente da Necrópole de Bouços, Paços de Ferreira (SILVA 1986a, 125, est. XXXI, n.º 7). **Classificação e cronologia** Tipo Isings 94 / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Diâmetro máximo ao nível do bordo 60 mm; Comprimento máximo 22 mm; Espessura máxima do bordo 3 mm. **Depósito** MMAP [ALV. 97 B1, A2, op. 117]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 144.

81 Taça/Copo

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Vidro translúcido de qualidade média. **Descrição** Fragmento de bordo e arranque de parede de copo/taça, de cor verde-musgo (56Y5/6). Possui um ligeiro estrangulamento do corpo junto ao bordo que provoca uma saliência que destaca o engrossamento do bordo, isento de decoração. Este tipo de recipiente possui características ímpares, a que convencionamos designar por copo/taça. Tipologicamente classifica-se como Isings 96/106, devido ao facto de não se enquadrar diretamente em nenhum dos dois tipos, constituindo uma forma híbrida que aglutina características morfológicas dos dois tipos. As suas características definitórias consistem na existência de um bordo engrossado ao fogo e um reservatório de perfil troncocónico, um fundo côncavo de assentamento radial, com vestígios de utilização de pontel no centro. A decoração quando existente é composta por pequenos cordões de vidro da mesma cor, provocados pela rotação da peça. A sua datação surge perfeitamente delimitada no século IV e primeira metade do século V. **Classificação e cronologia** Tipo Isings 96/106 / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Diâmetro máximo ao nível do bordo 105 mm; Comprimento máximo 25 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm. **Depósito** MMAP [ALV. 92 A (J30.01), 6669]. **Bibli.** MOREIRA 1995, 52-53, est. XXXII, n.º 4; 2007, 144; 2010, 929, est. CXCI, n.º 13.



82 Copo/Taça

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Vidro translúcido de cor verde-musgo (56Y5/6), de boa qualidade, desprovido de bolhas de ar e impurezas. **Descrição** Fragmento de bordo e arranque de parede de copo/taça de corpo troncocónico. O bordo é engrossado sem formar qualquer tipo de ressalto. Isento de decoração. **Classificação e cronologia** Tipo Isings 96/106 / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Diâmetro máximo ao nível do bordo 84 mm; Comprimento máximo 39 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm. **Depósito** MMAP [ALV. 93 A, op. 69]. **Bibli.** MOREIRA 1995a, 52-53, est. XXXII, n.º 8; 2007, 143, 2010, 929-930, est. CXCI, n.º 14.



83 Taça

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Vidro duplo. Pasta vítrea de excelente qualidade. O interior é formado por uma pasta branca (2.5YR9/0), opaca, e a exterior de cor castanho avermelhado, ligeiramente translúcido (2.5YR1/6). **Descrição** Fragmento de bordo e arranque de parede de taça. Parede reta com ténue curva suave ao nível do bordo. A demarcação do bordo e a parede faz-se pela presença de um friso inciso de perfil em V. Lábio em arestas, reto, levemente espessado e inclinado para o interior, apresentando arestas angulosas, ligeiramente polidas ao fogo. A presente taça merece particular destaque na indústria vidreira romana do Noroeste Peninsular, uma vez que a sua técnica de fabrico, por justaposição de dois vidros de diferentes cores, não se encontra documentada em nenhum outro exemplar publicado. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão / Fase VI-VIIa. **Dimensões** Diâmetro máximo do bordo 110 mm; Comprimento máximo 26 mm; Espessura máxima 2 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 94 A, op. 47]. **Bibli.** MOREIRA 1997, 26; 2007, 143.



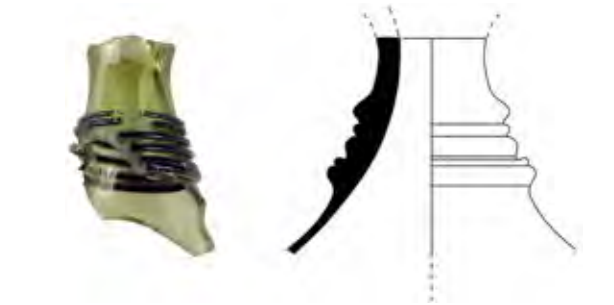
84 Copo

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Vidro incolor, translúcido, de boa qualidade, com pequenas impurezas negras e bolhas de ar. **Descrição** Fragmento de bordo e arranque de parede de copo. Parede reta, ligeiramente esvasada, rematada por bordo vertical, facetado, polido ao fogo. A decoração é composta por pequenos elementos coloridos de vidro integrados na pasta. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão / Fase VI-VIIa. **Dimensões** Diâmetro máximo do bordo 64 mm; Comprimento máximo 25 mm; Espessura máxima 3 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 99, B1 (G31.00), op. 4]. **Bibli.** MOREIRA 2005, 39; 2007, 142.



85 Garrafa

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Vidro translúcido de qualidade média com bolhas de ar alongadas. Cor verde-musgo (56Y5/6). Elemento decorativo composto por fio aplicado de cor verde-azeitona (106Y3/4). **Descrição** Fragmento de parede e gargalo de garrafa (?). Decoração composta por fio enrolado em espiral a partir do arranque do bojo até ao desenvolvimento do gargalo. Bordo fragmentado. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Comprimento máximo 30 mm; Diâmetro máximo 19 mm; Espessura máxima 5 mm. **Depósito** MMAP [ALV. 97 B1, A2, op. 35]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 144; 2010, 998, est. CCXXIV, n.º 11.



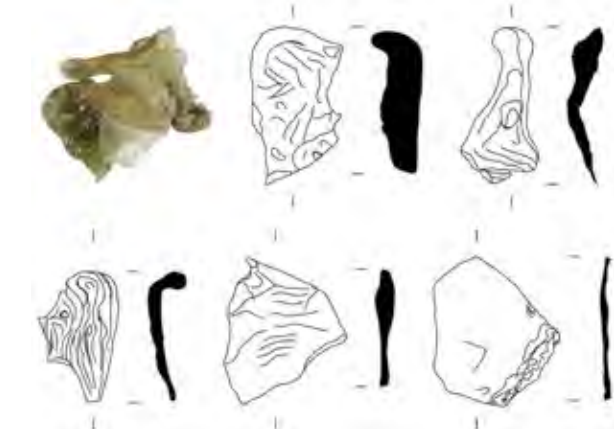
86 Garrafa prismática

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Vidro translúcido de boa qualidade, desprovido de bolhas de ar e impurezas, de cor azul-água (5368/6). **Descrição** Fragmento de bordo e arranque de parede de garrafa prismática soprada em molde. O bordo forma uma aba para o exterior, rematada por um lábio arredondado. O interior é perfeitamente vertical e bem destacado do arranque do gargalo por uma reentrância de perfil em V. Não possui decoração. As garrafas prismáticas constituem uma das formas melhor representadas em Portugal. Cronologicamente, estas peças começam a ser produzidas a partir do reinado de Cláudio, mantendo-se em uso até ao séc. II, sendo, no entanto, o seu auge na época flávia. As garrafas do séc. III e IV são em menor número e já de inferior qualidade, com vidro delgado e com muitas impurezas. Os seus principais rasgos morfológicos consistem no facto de possuírem um corpo quadrangular com fundo plano ou ligeiramente côncavo. O gargalo é cilíndrico e curto, de perfil troncocónico, rematado por um bordo espesso, em forma de aba, com lábio arredondado. Apresenta uma ou duas asas aplicadas de perfil retangular com nervuras longitudinais que se desenvolvem a partir do ombro ao limite inferior do bordo. As suas dimensões variam entre 12 e 43 cm de altura. São peças sopradas em molde em cujo fundo se gravavam em baixo-relevo composições geométricas, florais, motivos figurativos e as marcas de oficina, de forma que quando sopradas ficassem com a decoração em relevo no fundo. As suas cores predominantes são o azul-gelo e o verde-água. É um vasilhame muito característico de época alto-imperial, geralmente associado à comercialização de produtos importados, com o vinho, o azeite, e o *garum*. **Classificação e cronologia** Tipo Isings 50 / Monte Padrão / Fase VI-VIIa. **Dimensões** Diâmetro máximo do bordo 99 mm; Comprimento máximo 14 mm; Espessura máxima 6 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 92 A, op. 06]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 143.



87 Fragmentos de vidro

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Vidro de cor verde, contendo muitas impurezas e bolhas de ar. Análise química por espectrometria de fluorescência de Raio X - vidro de silicato de cálcio - Ca 14%, Sódio Na2O 7%, Manganês 2%, Ferro 2%, praticamente isento de chumbo, estanho, antimónio e cobre. **Descrição** Fragmentos disformes de diferentes tamanhos. Desperdícios de produção artesanal de vidro. **Classificação e cronologia** Tipo.../ Castro de Alvarelhos / Fase IV-V **Dimensões:** **87** Comprimento máximo 42 mm; Espessura máxima 11 mm. **88** Comprimento máximo 51 mm; Espessura máxima 9 mm. **89** Comprimento máximo 35 mm; Espessura máxima 5 mm. **90** Comprimento máximo 42 mm; Espessura máxima 5 mm. **91** Comprimento máximo 31 mm; Espessura máxima 1 mm. **92** Comprimento máximo 18 mm; Espessura máxima 7 mm. **Depósito** MMAP [ALV. 93B/93A1 (M12-02), op. 52 (3 frag.)/31 (2 frag.)/152]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 144.



93 Fíbula

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. Observação ao microscópio ótico - Amostra de bronze ao estanho (14%) com 2% de chumbo. Elementos menores: Sb 0,5%, Ag 0,2% e Ni 0,14%. Microestrutura bifásica, notando-se as dendrites de solidificação primária. **Descrição** Fíbula. Arco de secção plano-convexa. Pé de recorte quadrangular com espessamento progressivo rematado por disco com gola. Ausência de eixo e fuzilhão. Descanso perpendicular ao arco com apoio curvo. Ausência de mola e fuzilhão. As fíbulas tipo Sabroso devem o seu nome à estação epónima onde se identificaram cerca de 10 exemplares (FORTES 1905/08, 18, fig. 19). É tida como uma produção indígena, de influência post-hallstática, introduzida na área castreja a partir do séc. V a.C. A sua cronologia de maior difusão parece reportar-se a meados do séc. I a.C. a meados do séc. I (SILVA 1986, 189). Este tipo de fíbula, com larga expressão na península, revela uma elevada concentração na área castreja, registando-se a sua presença em mais de uma dezena de castros (PONTE 1980, 116-117, fig. 2; SILVA 1986, 188, gráfico 5; est. CI, n.º 3-14), o que permitiu a alguns autores interpretarem tal facto como sendo resultado da localização de um centro produtor. Armando Coelho aponta a Citânia de Briteiros, Guimarães, como eventual centro de produção, devido ao facto de aí se ter recolhido um exemplar em fase intermédia de construção e onde é maioritária a presença deste tipo de fíbulas em relação a outros tipos (SILVA 1986, 188-189). **Classificação e cronologia** Tipo Sabroso A / Castro de Alvarelhos / Fase III. **Dimensões** Diâmetro máximo do disco 23 mm; Comprimento máximo do pé 30 mm; Comprimento máximo do descanso 23 mm; Espessura do arco 1 mm; Peso 21,9 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 93 A, op. 225]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 103; 2010, 975, est. CCXI, n.º 41.



94 Fíbula

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** Fibula anular, tipo Fowler B2, Ponte B51.2a. Anel oval com aro de secção circular, com extremidades dobradas na horizontal, rematadas por botões de recorte oval, decoradas por três anéis compostos por linhas incisas. Fuzilhão de secção circular com aro perfurado. Pertence ao tipo B2 de Fowler (FOWLER 1960, 151). A cronologia sugerida pela autora aponta o séc. I como período de maior difusão, no entanto, existem elementos estratigráficos de Sallburg e Zugmantel que permitem enquadrar este tipo de fíbulas no séc. II e primeira metade do séc. III (BOHME 1972, 16-19, est. 31). Salette Ponte classifica este tipo de fíbula anular como tipo Ponte B51.2a atribuindo-lhe uma lata cronologia compreendida entre o séc. I e o séc. IV (PONTE 2004, 213, Q. 1f). **Classificação e cronologia** Tipo B2 de Fowler; Ponte B51 / Castro de Alvarelhos / Fase III. **Dimensões** Diâmetro interno 22 mm; Diâmetro externo 29 mm; Espessura máxima 4 mm; Peso 9,1 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 93 A, op. 205]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 131; 2010, 975, est. CCXI, n.º 32.



95 Fíbula

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. Observação ao microscópio ótico - Amostra de bronze com 12% Sn e 2% Pb. Presença de elementos menores: 1,4% Zn; 0,2% Fe; 0,3% Au. **Descrição** Fíbula. Aro de secção biconvexa, decorado longitudinalmente com uma nervura no dorso, sem vestígios da mola. Pé alto, dobrado em arco, com apêndice em balaústre encimado por tronco em forma de cone rematado por disco e esférula em posição vertical. Ausência de fuzilhão. **Classificação e cronologia** Tipo Sabroso C / Castro de Alvarelhos / Fase II. **Dimensões** Comprimento máximo 60 mm; Altura máxima do pé 44 mm; Comprimento máximo do descanso 29 mm; Espessura máxima do arco 19 mm; Peso 33,3 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 94 A, op. 02]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 131; 2010, 975, est. CCXI, n.º 42.



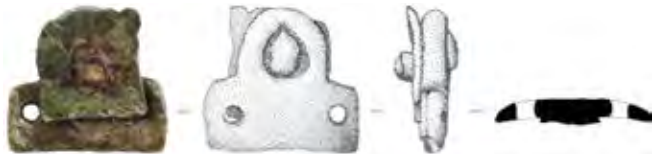
96 Fíbula

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Bronze. **Descrição** Fibula anular. Aro de secção circular com vinco para apoio do fuzilhão e rebaixamento de encaixe da charneira. Fuzilhão de secção circular com diminuição progressiva da espessura. **Classificação e cronologia** Tipo anular / Monte Padrão / Fase VI-VIIa. **Dimensões** Diâmetro máximo 32 mm; Espessura do aro 5 mm; Comprimento do alfinete 32 mm; Secção do alfinete 4/3 mm; Peso 12,8 gr.. **Depósito** MMAP [MAP, s/n.º]. **Bibli.** MOREIRA 2005, 39; 2007, 104.



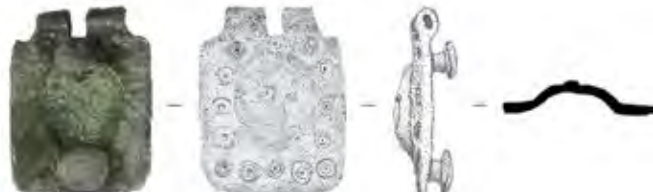
97 Fecho de cinturão

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. Observação ao microscópio ótico - Cobre 91%; Chumbo 2%; Estanho 5%. **Descrição** Fecho de cinturão de formato retangular com ombros ligeiramente arredondados e remate em argola. Suporte de engate oponente também em bronze de formato quadrangular e espigão curvo em ferro. Possui dois orifícios laterais para fixação no cinto através da aplicação de rebites. Morfologicamente não se aproxima a peças do mesmo horizonte cronológico, no entanto, o método de funcionamento parece corresponder às suas congéneres, confirmada pelo seu enquadramento cronológico. O conjunto de materiais provenientes de Alvarelhos revelam afinidades morfológicas, estilísticas e cronológicas com os materiais provenientes do Vale do Douro, nomeadamente das necrópoles de Simancas e Fuentespreadas e, em certa medida, contribuem para contrariar a existência de uma subcultura tardorromana do Douro. O seu caráter militar de filiação romano-germânica inicialmente defendido por Palol, presumindo a existência de um limes tardorromano ao largo da linha do Douro, defendido por tropas germanizadas, é seguido posteriormente por Caballero Zoreda que chega a subdividir em vários grupos a dita subcultura do Douro, incluindo, por exemplo, a área da Foz do Douro como um núcleo (ZOREDA 1974, 186). A. Fuentes Domínguez questionou o caráter militar das "necrópoles do Douro" de forma conclusiva, sendo hoje suficientemente claro que a área de dispersão deste tipo de materiais ultrapassa em grande medida a área do Douro, ocupando praticamente todo o espaço geográfico a que atualmente corresponde Portugal, assim como a Meseta Sul de Espanha (FERNANDÉZ 1995/96, 49-99), em contextos habitacionais de *villae* e cidades, colocando definitivamente em causa o caráter estritamente militar deste tipo de objetos. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Comprimento máximo 42 mm; Largura máxima 45 mm; Espessura máxima 10 mm; Peso 58,6 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 93 A, op. 210]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 132; 2010, 976, est. CCXI, n.º 51.



98 Fecho de cinturão

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** Fecho de cinturão de formato retangular com dois espigões de fixação na face anterior. A peça é formada a partir de uma lâmina única, rematada com uma charneira formada por dois orifícios criados por reviramento e soldagem. Nos orifícios articular-se-ia um eixo a partir do qual se produzia a prisão do cinto. Os espigões serviam de fixação na parte oponente. A decoração no espelho do fecho é composta por motivos geométricos dispostos na orla. São constituídos por dois círculos concêntricos com um ponto central efetuados através de uma matriz produzida através de puncionamento. No centro, em relevo, existe uma face grosseira, onde se destaca o queixo, o nariz e os olhos. Revela uma clara filiação morfológica e estilística com os materiais tardorromanos do Vale do Douro. O mesmo tipo de decoração é perceptível na placa de cinturão proveniente da estação arqueológica de La Bienvenida, Ciudad Real, com cronologia centrada no séc. V (AURRECOECHEA; FERNANDÉZ; KLINK 1986, 255, est. I, n.º 8). À mesma gramática formal e decorativa pertencerá uma fivela peltiforme proveniente de Monsanto, Idanha-a-Nova, decorada com dois animais (leões?) afrontados (PONTE, MARQUES 1980, 60-61, fig. 2). As características deste tipo de peças definidas por Sommer (SOMMER 1984), e tipologicamente subdivididas em variantes por Bohme (BOHME 1986, 482-485), enquadram o nosso exemplar no tipo Sissy, de dispersão fundamentalmente gálica, que apresenta como decoração cabeças de leões afrontadas. **Classificação e cronologia** Tipo Sissy / Castro de Alvarelhos / Fase V. **Dimensões** Comprimento máximo 41 mm; Largura máxima 31, 5 mm; Espessura média da lâmina 2 mm; Peso 19,2 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 92 A, op. 103]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 135; 2010, 976, est. CCXI, n.º 49.



99 Fusilhão de cinturão

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** Fusilhão de cinturão fragmentado ao nível inferior da ligação com a charneira. Eixo de desenvolvimento longitudinal, levemente arqueado, com vinco na face inferior onde configura um leve talão que constitui o arranque para o segmento inferior onde desenvolve uma curvatura oposta à do eixo. Secção sub-retangular com as arestas arredondadas. Decoração composta por uma linha de pontos incisos nas faces laterais dispostos a espaços regulares. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Comprimento máximo 50 mm; Largura máxima 10 mm; Espessura máxima 9 mm; Peso 32 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 97 B1, op. 141]. **Bibli.** MOREIRA 2010, 976, est. CCXI, n.º 51(2).





100 Alfinete de toucado

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** Alfinete. Cabeça em forma de placa perfurada com três orifícios para suspensão de pendeloques. Haste de perfil cilíndrico com estreitamento progressivo para a ponta. Os alfinetes, genericamente designados por *acus*, tinham diversas funções de uso pessoal, nomeadamente para fixar peças de vestuário ou, mais frequentemente, para fixar os penteados, funcionando como peça de adorno, designando-se então por *acus crinalis* ou *comatoria*. Foram fabricados em inúmeros suportes, nomeadamente, osso, madeira, marfim, bronze, cobre, ferro e metais preciosos. Geralmente frequentes em ambientes habitacionais e espaços funerários, são referenciados na bibliografia de forma pouco detalhada, sendo difícil mencionar paralelos que permitam aferir cronologias ou definir características morfológicas e estilísticas. O nosso exemplar enquadra-se no tipo 136/137 de Beckmann, ou no Grupo B tipo X de Elsa França (BECKMANN 1966, 39 est. 4, n.º 136-137; FRANÇA 1968, 71). **Classificação e cronologia** Tipo Beckmann 136/137 / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Comprimento máximo 151 mm; Espessura máxima 6 mm; Peso 18,7 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 92 A, op. 02]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 140; 2010, 974, est. CCX, n.º 34.



101 Alfinete de toucado

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Bronze. **Descrição** Alfinete fragmentado ao nível superior da haste. Cabeça troncocónica, de recorte simétrico, decorada na face inferior por três caneluras concêntricas. Haste de secção circular com adelgaçamento progressivo para o fundo. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão / Fase VI-VIIa. **Dimensões** Comprimento máximo (existente) 28 mm; Espessura da haste 3 mm; Diâmetro máximo da cabeça 11 mm; Peso 3,9 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. s/n.º]. **Bibli.** MOREIRA 2005, 38; 2007, 102.



102 Alfinete de toucado

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Bronze. **Descrição** Alfinete fragmentado ao nível intermédio da haste. Cabeça esférica moldurada na face inferior por uma canelura de perfil arredondado que diferencia a haste da cabeça. Haste de secção circular de espessura irregular. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão / Fase VI-VIIa. **Dimensões** Comprimento máximo (existente) 41 mm; Espessura da haste 2,5 mm; Diâmetro da cabeça 6 mm; Peso 1,7 gr.. **Bibli.** MOREIRA 2005, 38; 2007, 102.



103 Alfinete de toucado

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Bronze. **Descrição** Alfinete fragmentado no terço inferior da haste. Cabeça oval moldurada na face inferior por duas caneluras de perfil arredondado que separam a haste da cabeça. Haste de secção circular com aumento progressivo de espessura. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão / Fase VI-VIIa. **Dimensões** Comprimento máximo (existente) 40 mm; Espessura da haste 3 mm; Comprimento da cabeça 5 mm; Diâmetro da cabeça 3 mm; Peso 1,0 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. s/n.º]. **Bibli.** MOREIRA 2005, 38; 2007, 102.



104 Alfinete de toucado

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Bronze. **Descrição** Alfinete de toucado fragmentado ao nível intermédio da haste. Cabeça de formato troncocónico moldurada na face inferior por uma canelura de perfil triangular a separar a haste da cabeça. Estípite de secção circular com aumento progressivo de espessura. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão / Fase VI-VIIa. **Dimensões** Comprimento máximo 28 mm; Espessura da haste 2,5 mm; Diâmetro da cabeça 5 mm; Altura máxima da cabeça 4 mm; Comprimento máximo da haste (existente) 24 mm; Peso 0,7 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. s/n.º]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 102.



105 Conta

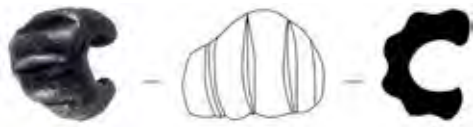
Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Bronze. **Descrição** Fragmento de conta de formato cilíndrico elaborada a partir de um fio de bronze de secção circular, enrolado em círculos justapostos, soldados entre si. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão / Fase VI-VIIa. **Dimensões** Diâmetro máximo 8 mm; Altura máxima 11 mm; Espessura do fio 2 mm; Peso 0,6 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. II, X, s/n.º]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 102.



106 Conta

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Vidro. Pasta vítrea de cor azul-marinho (10PB1/6), opaca, de qualidade média, isenta de impurezas e bolhas de ar. **Descrição** Conta de formato cilíndrico, assimétrica, decorada por onze gomos verticais, moldados a quente por pressão. Faces laterais polidas. Orifício central de perfil reto, ligeiramente descentrado. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão / Fase VI-VIIa. **Dimensões** Diâmetro máximo 14 mm; Altura máxima 8 mm; Diâmetro do orifício 5 mm. **Depósito** MMAP [PAD. II, X, s/n.º]. **Bibli.** MOREIRA 2005, 39; 2007, 101.

107 Conta



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Vidro. Pasta vítrea de cor azul-marinho (10PB1/4), opaca, de qualidade média, isenta de impurezas e bolhas de ar. **Descrição** Fragmento de conta de formato tubular, ligeiramente assimétrica. Orifício centrado de perfil reto. Decoração composta por gomos verticais moldados a quente, por pressão. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão / Fase VI-VIIa. **Dimensões** Altura máxima 9 mm; Diâmetro máximo 12 mm; Diâmetro interno do orifício 5 mm. **Depósito** MMAP [PAD. II, X, 992]. **Bibli.** SANTARÉM 1954, est. XI, 117; MOREIRA 2007, 100.

108 Conta



Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Vidro. Pasta vítrea de cor negra, opaca, de qualidade elevada. **Descrição** Conta de formato quadrangular com cantos arredondados. Apresenta dois orifícios laterais de diminuta dimensão para suspensão. A decoração da face superior é composta por um conjunto de linhas incisas moldadas por pressão a quente. As contas quadrangulares são peças relativamente mal representadas em Portugal. Todavia, identifica-se uma conta, também de cor negra, morfologicamente semelhante a este exemplar, proveniente da villa romana de S. Cucufate, Vidigueira (NOLÉN 1988/90, 49-50, est. VI, n.º 133). A cronologia sugerida por Havernick (último quartel do séc. III-finais do séc. IV), considera a possibilidade de este tipo de conta incorporar vários elementos de uma pulseira (HAVERNICK 1981, 265-276). **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Comprimento máximo 16 mm; Largura máxima 17 mm; Espessura máxima 5 mm; Diâmetro máximo dos orifícios 2 mm. **Depósito** MMAP [ALV. 93, op. 71]. **Bibli.** MOREIRA 1995a, 53-54, est. XXXIII, n.º 11; 2007, 100; 2010, 939, est. CXCXVIII, n.º 90.

109 Conta



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Vidro. Pasta vítrea de cor azul-turquesa (2.5B7/6), opaca, de baixa qualidade, com impurezas e bolhas de ar. A superfície encontra-se corroída e mal conservada. **Descrição** Conta de formato subcilíndrico de recorte assimétrico. Encontra-se deformada e revela defeitos de fabrico. Sugere ter sido decorada com gomos verticais moldados a quente. A face inferior apresenta-se ligeiramente aplanada. O orifício de suspensão apresenta um perfil oval e encontra-se descentrado em função do eixo de simetria da peça. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão / Fase VI-VIIa. **Dimensões** Diâmetro máximo 18 mm; Altura máxima 14 mm; **Diâmetro** máximo do orifício 6 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 04, B1 (K33.01), op. 35]. **Bibli.** MOREIRA 2005, 39; 2007, 101.

110 Conta



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Vidro. Pasta vítrea de cor azul-turquesa (2.5B7/6), opaca, de qualidade média, com impurezas e bolhas de ar. A fratura revela um núcleo arenoso desprovido de coloração. **Descrição** Fragmento de conta de formato oval, simétrica. Orifício de perfil irregular. Decoração composta por gomos verticais moldados a quente, por pressão. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão / Fase VI-VIIa. **Dimensões** Altura máxima 14 mm; Largura máximo 11 mm; Espessura máxima 5 mm. **Depósito** MMAP [PAD. II, X, 989]. **Bibli.** SANTARÉM 1954, est. XI, 118; MOREIRA 2007, 100.

111 Colher



Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Prata. **Descrição** Colher com concha de formato oval e haste de secção quadrangular com adelgaçamento progressivo até ao remate. A ligação entre a haste e a concha é feita através de uma voluta que cria dois planos diferenciados. A decoração inscrita na haste ocupa cerca de dois terços da mesma e forma um desenho geométrico composto por um conjunto de traços incisos. As colheres em prata são particularmente comuns na Europa Central, Inglaterra e Península Ibérica, e são diversas as utilidades que lhes são atribuídas no âmbito das tarefas domésticas, ora no domínio das atividades de higiene pessoal, nomeadamente para manuseamento de unguentos e perfumes, ora para procedimentos farmacêuticos ou de medicação, na administração, doseamento e preparação dos respetivos medicamentos. Todavia, é também admissível uma dimensão religiosa para algumas delas, em direta relação com as primeiras comunidades cristãs. Garcia y Bellido aponta algumas pistas quanto à função que poderiam ter desempenhado. Uma das possibilidades consiste na sua utilização na eucaristia, à moda do médio oriente, cujo costume se encontra preservado na igreja ortodoxa (BELLIDO 1971, 95). As inscrições que muitas delas conservam em que o aclamativo vivas in Deo ou vivas in Christo, como por exemplo, na colher proveniente de Terrugem, Elvas (DEUS; LOURO; VIANA 1955, 572, fi g. 2, 19 - 24), precedido por um nome, Elias, permite admitir uma função relacionada com o batismo, no qual o nome do batizado era gravado como recordação, passando para a sua pertença, assim se explicando o contexto habitacional de muitos dos achados, assim como, o contexto funerário de algumas delas. O facto de serem produzidas num metal precioso parece corroborar esta perspetiva, uma vez que os exemplares conhecidos em bronze não conservam inscrições do tipo aclamativo, explicando-se a natureza do metal como forma de valorizar o batismo, de forma a vincar o acontecimento como o principal passo na vida cristã. A sua conservação, à semelhança dos dias de hoje, reveste-se de crenças relacionadas com a proteção divina, nas quais se atribuem propriedades profiláticas ou curativas, com o mesmo sentido em que se conservam medalhas ou escapulários (BELLIDO 1971, 96). A cronologia deste tipo de materiais tem vindo a ser balizada entre o séc. IV e o início do séc. V (MELENDO 1988, 94; ALARCÃO; PONTE 1979, 161), sendo, no entanto, provável que a sua utilização se tenha prolongado até finais do séc. V, como parece ser o caso da colher recolhida na villa romana de S. Miguel de Odrinhas, Sintra, cuja ocupação da segunda villa aponta para o séc. V (SOUZA 1989, 182). **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro de Alvarelhos / Fase IV-V. **Dimensões** Comprimento máximo 101 mm, Largura máxima 26 mm; Peso 10,8 gr.. **Depósito** MMAP [ALV. 94 A, op. 89]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 142; 2010, 942, est. CXCIX, n.º 1.

112 Moeda Denarius



Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Prata. **Descrição** *Denarius* - C Vibius C. f. Pansa - 90 a.C. Anverso - Cabeça de Apolo laureada à direita; orla de pontos. Reverso - Minerva numa quadriga, C. VIBIUS.C.F. no exergo; orla de pontos. **Eixo / Diâmetro** 6h00 / 19 mm **Marca / Peso** __ / 3,5 gr. **Classificação e cronologia** BMC 2244 - 79 / Castro de Alvarelhos / Fase II. **Depósito** MMAP [ALV. s/n.º] **Bibli.** TORRES 1979, 133, n.º 1190-1217; MOREIRA 2007, 108; 2010, 1053-1092.

113 Moeda Denarius



Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Prata. **Descrição** *Denarius* - C Vibius C. f. Pansa - 90 a.C. Anverso - Cabeça de Apolo laureada à direita e PANSA por detrás; marca junto ao queixo (E). Reverso - Minerva numa quadriga, C. VIBIUS.C.F. no exergo; orla de pontos. **Eixo / Diâmetro** 6h30 / 18 mm **Marca / Peso** E / 3,6 gr.. **Classificação e cronologia** BMC 2244-79 / Castro de Alvarelhos / Fase II. **Depósito** MMAP [ALV. s/n.º]. **Bibli.** TORRES 1979, 133, n.º 1190-1217; MOREIRA 2007, 108; 2010, 1053-1092.



114 Moeda *Denarius*

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Prata. **Descrição** *Denarius* – M. Plaetorius M.f. Cestianus Aed. (aedilis). CUR. (curulis) – 67 a.C. Anverso – CESTIANUS por detrás do busto de Cibele; busto à direita com torres e uma pele de leão no ombro; globo por baixo do queixo. Reverso – M. PLAETORIUS AED. CUR.EX.S.C. (*sella curulis*) e um símbolo. **Eixo / Diâmetro** 3h00 / 18 mm **Marca / Peso** ___ / 3,6 gr.. **Classificação e cronologia** *Cr.* 409/2; *CRR* 808; *BMC* 3574-95 B. (Plaetoria) 3 Haeb 2134 / Castro de Alvarelhos / Fase II. **Depósito** MMAP [ALV. s/n.º]. **Bibli.** TORRES 1979, 164, n.º 2049-2054; MOREIRA 2007, 108; 2010, 1053-1092.



115 Moeda *Denarius*

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Prata. **Descrição** *Denarius* – C. Vibius C. f. Pansa – 90 a.C. Anverso – Cabeça laureada de Apolo, para a direita, por trás PANS[A], para baixo; orla de pontos. Reverso – Minerva em quadriga, para a direita, com troféu na mão direita, lança e rédeas na esquerda. No exergo - [C VIBIUS CF]; orla de pontos. **Eixo / Diâmetro** 2h30 / 18,2 mm **Marca / Peso** ___ / 2,7 gr.. **Classificação e cronologia** *RRC* 324/5b; *BMC* 2244-79 / Castro de Alvarelhos / Fase II. **Depósito** MMAP [ALV. s/n.º]. **Bibli.** TORRES 1979, 88, n.º 152-156; MOREIRA 2007, 108; 2010, 1053-1092.



116 Moeda *Denarius*

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Prata. **Descrição** *Denarius* – M. Junius Silanus – 139 a. C. Anverso – Cabeça de ROMA com elmo para a direita; com X à frente; orla de pontos. Reverso – Dióscoros para a direita; por baixo M. IUNI; no exergo Roma; orla de pontos. **Eixo / Diâmetro** 10h00 / 18,5 mm **Marca / Peso** ___ / 3,8 gr.. **Classificação e cronologia** *Cr.* 220/1; *CRR* 412; *BMC* I 867 B. (Junia) 8; *Haeb* 463 / Castro de Alvarelhos / Fase II. **Depósito** MMAP [ALV. s/n.º]. **Bibli.** TORRES 1979, 88, n.º 152-156; MOREIRA 2007, 108; 2010, 1053-1092.



117 Moeda *Denarius*

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Prata. **Descrição** *Denarius* – L. Rutillius Flaccus – 77 a.C. Anverso – Cabeça de Roma com elmo e visor de três peças; por trás FLAC; orla de pontos. Reverso – Vitória numa biga com rédeas na mão direita; no exergo L. RUTILI. **Eixo / Diâmetro** 5h15 / 19,5 mm **Marca / Peso** ___ / 3,7 gr.. **Classificação e cronologia** *Cr.* 387/1; *CRR* 780; *BMC* I 3242 B. (Rutilia) 1 *Haeb.* 1874 / Castro de Alvarelhos / Fase II. **Depósito** MMAP [ALV. s/n.º]. **Bibli.** TORRES 1979, 153-154, n.º 1769-1782; MOREIRA 2007, 109; 2010, 1053-1092.



118 Moeda *Denarius*

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Prata. **Descrição** *Denarius* – C. N. Lentulus – 87 a.C. Anverso – Cabeça de Marte com elmo coríntio para a direita, visto por trás, lança no ombro esquerdo e espada no direito; orla de pontos. Reverso – Vitória em biga, para a direita, com rédeas na mão direita e coroa na esquerda; por baixo C. N. LENTUL; orla de pontos. **Eixo / Diâmetro** 6h00 / 20 mm **Marca / Peso** ___ / 4,2 gr.. **Classificação e cronologia** *CRR* 702; *BMC* 2440, B (Cornélia) 50 / Castro de Alvarelhos / Fase II. **Depósito** MMAP [ALV. s/n.º]. **Bibli.** TORRES 1979, 234, n.º 3438; MOREIRA 2007, 109; 2010, 1053-1092.



119 Moeda *Denarius*

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Prata. **Descrição** *Denarius* – C. Fonteius – 114-113 a.C. Anverso – Janiforme. Cabeça dos Dióscoros laureada; à esquerda do pescoço E; e à direita do pescoço; orla de pontos. Reverso – Barco, para a esquerda; por cima, C. FONT; por baixo, ROMA; orla de pontos. **Eixo / Diâmetro** 11h00 / 19 mm **Marca / Peso** ___ / 3,3 gr.. **Classificação e cronologia** *Cr.* 290/1; *CRR* 555; *BMC* II 293, 608 B (Fonteia) 1 *Haeb.* 629 / Castro de Alvarelhos / Fase II. **Depósito** MMAP [ALV. s/n.º]. **Bibli.** TORRES 1979, 110, n.º 584-587; MOREIRA 2007, 109; 2010, 1053-1092.



120 Moeda *Denarius*

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Prata. **Descrição** *Denarius* – C Vibius C. f. Pansa – 90 a.C. Anverso – Cabeça de Apolo laureada à direita e PANS[A] por detrás. Reverso – Minerva numa quadriga, [C. VIBIUS.C.F.] no exergo; orla de pontos. **Eixo / Diâmetro** 5h30 / 18 mm **Marca / Peso** ___ / 3,5 gr.. **Classificação e cronologia** *BMC* 2244 – 79 / Castro de Alvarelhos / Fase II. **Depósito** MMAP [ALV. s/n.º]. **Bibli.** TORRES 1979, 133, n.º 1190-1217; MOREIRA 2007, 109; 2010, 1053-1092.



121 Moeda *Denarius*

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Prata. **Descrição** *Denarius* – Q. Curtius – 116 - 115 a.C. Anverso – Cabeça de Roma com um x atrás e Q. CURT à frente; orla de pontos. Reverso – Júpiter numa quadriga e M. SILA por baixo dos cavalos e um litus por cima; no exergo ROMA. **Eixo / Diâmetro** 6h00 / 20 mm **Marca / Peso** ___ / 3,7 gr.. **Classificação e cronologia** *Cr.* 285/2; *CRR* 537; *BMC* II 257, 483 B. (Curtia) 2 *Haeb.* 641 / Castro de Alvarelhos / Fase II. **Bibli.** TORRES 1979, 108-109, n.º 521-533; MOREIRA 2007, 109; 2010, 1053-1092.



Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Prata. **Descrição** *Denarius* – L. Marcius Censorinus – 82 a.C. Anverso – Cabeça de Apolo laureada à direita; orla de pontos. Reverso – L. CENSOR à esquerda, em pé com odre de vinho ao ombro, atrás uma coluna com uma figura (Minerva?); orla de pontos. **Eixo / Diâmetro** 2h00 / 18 mm **Marca / Peso** ___ / 3,6 gr.. **Classificação e cronologia** *Cr.* 363/1a; *CRR* 737e; *BMC* 2660 f. var. B (Márcia) 24 *Haeb.* 1508 / Castro de Alvarelhos / Fase II. **Bibli.** TORRES 1979, 143-144, n.º 1452-1473; MOREIRA 2007, 109; 2010, 1053-1092.



Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Prata. **Descrição** *Denarius* – Mn. Aemilius Lepidus – 114 - 113 a.C. Anverso – Cabeça de mulher para a direita com diadema por trás; à frente, ROMA, para cima. Reverso – Três arcos sustentam estátua de cavaleiro; à volta W. AEMILIO; nos arcos LEP. **Eixo / Diâmetro** 3h00 / 19 mm **Marca / Peso** ___ / 3,8 gr.. **Classificação e cronologia** *Cr.* 291/1; *Com* 7; *CRR* 554; *BMC* II 291, 590 B (Aemilia) 7 *Haeb.* 592 / Castro de Alvarelhos / Fase II. **Bibli.** TORRES 1979, 110 -111, n.º 588-598; MOREIRA 2007, 110; 2010, 1053-1092.



124 Moeda Denarius

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Prata. **Descrição** Denarius - L. Iulius Bursio - 85 a.C. Anverso - Busto de Jénio ou Apolo Vejovis à direita, laureado e com asas, tridente e símbolos atrás. Reverso - Vitória numa quadriga, no exergo L.IULI.BURSIO; orla de ponto. **Eixo / Diâmetro** 11h00 / 18 mm **Marca / Peso** ___ / 3,0 gr.. **Classificação e cronologia** Cr. 352/1*; CRR 728; BMC I 2507 B. (Julia) 5 Haeb. 1647 f. var. / Castro de Alvarelhos / Fase II. **Bibli.** TORRES 1979, 139, n.º 1349-1375; MOREIRA 2007, 110; 2010, 1053-1092.



125 Moeda Denarius

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Prata. **Descrição** Denarius - L. Titurius L.f. Sabinus - 89 a.C. Anverso - Cabeça de Tatiús à direita; A.PV (argento público) à frente da cabeça: orla de pontos. Reverso - Tarpeia de frente entre dois soldados com escudos, por cima um crescente e uma estrela; por baixo, no exergo, L. TITURI. **Eixo / Diâmetro** 6h00 / 12,5 mm **Marca / Peso** ___ / 3,0 gr.. **Classificação e cronologia** Cr. 344 / 2 c; CRR 699 a; BMC 2326 B.; Haeb. 1378 / Castro de Alvarelhos / Fase II. **Bibli.** TORRES 1979, 135, n.º 1272-1277; MOREIRA 2007, 110; 2010, 1053-1092.



126 Moeda Denarius

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Prata. **Descrição** Denarius - C. IULIUS CAESAR - 49-48 a.C. (itinerante). Anverso - Elefante, para a direita, pisa serpente; no exergo, CAESAR; orla de pontos. Reverso - Emblemas pontifíciais - cululus, aspergillum, securis, victimaria e apex; orla de pontos. **Eixo / Diâmetro** 1h30 / 16 mm **Marca / Peso** ___ / 3,0 gr.. **Classificação e cronologia** RRC 443/1; CRR 1006; BMC II 390, 27 B. (Júlia) 9 Haeb. 235 / Castro de Alvarelhos / Fase II. **Bibli.** TORRES 1979, 183-184, n.º 2407-2620; MOREIRA 2007, 110; 2010, 1053-1092.



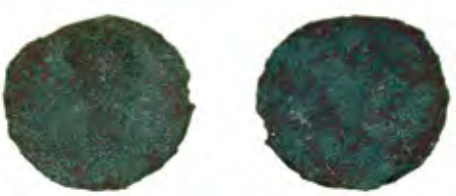
127 Moeda As

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Bronze. **Descrição** As - Campanha de P. Carisius, 27 - 25 a. C. Anverso - [IMP]. AVG. DIVI. F - Cabeça nua de Augusto à esquerda. Reverso - Escudo (caetra) redondo com umbo central. **Eixo / Diâmetro** 0h00 / 25 mm **Marca / Peso** ___ / 6,8 gr.. **Classificação e cronologia** Villaronga 3 / Monte Padrão / Fase VI. **Depósito** MMAP [PAD. s/n.º]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 110.



128 Moeda As

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Bronze. **Descrição** As - Claudius I, 41 - 54, At. Hispânico. Anverso - TI CLAVDIVS CAESAR [AVG PM TRP IMP] - Busto à esquerda. Reverso - S|C - Minerva à direita. **Eixo / Diâmetro** 6.30h / 27 mm **Marca / Peso** ___ / 10 gr.. **Classificação e cronologia** RIC 68 / Monte Padrão / Fase VI. **Depósito** MMAP [PAD. s/n.º]. **Bibli.** SANTARÉM 1954, est. XVII, 149; MOREIRA 2007, 110.



129 Moeda As

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Bronze. **Descrição** As - Claudius I (?), 41 - 54 (?), At. Hispânico (?). Anverso - [TI CLAVDIVS CAESARAVG PM TRP IMP] - Busto à esquerda. Reverso - Ilegível. **Eixo / Diâmetro** ___ / 29 mm **Marca / Peso** ___ / 9,5 gr.. **Classificação e cronologia** RIC 68 (?) / Monte Padrão / Fase IV. **Depósito** MMAP [PAD. s/n.º]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 111.



130 Moeda As

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** As - Claudius I, 41 - 54, Roma (Provincial?). Anverso - TI CLAVD[IVS CAESAR AVG PMTR PIMP] - Busto à esquerda. Reverso - S|C - Minerva à direita. **Eixo / Módulo** 6h00 / 27 mm **Marca / Peso** ___ / 8,6 gr.. **Classificação e cronologia** RIC, n.º 68 / Castro de Alvarelhos / Fase II-IIB. **Depósito** MMAP [ALV. 97 B3, A1, op. 261]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 111; 2010, 1067.



131 Moeda Denarius

Flávios - Antoninos (69 / 192)
Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Prata (forrado). **Descrição** Denarius - Vespasianus - 75 ou 76. Anverso - [...] - Cabeça laureada para a direita. Reverso - Ceres sentada, para a esquerda, com espiga de trigo e facho. **Eixo / Diâmetro** 6h00 / 17,5 mm **Marca / Peso** ___ / 1,5 gr.. **Classificação e cronologia** RIC 90 ou 91 / Monte Padrão / Fase VII. **Depósito** MMAP [PAD. S/n.º]. **Bibli.** CENTENO 1987, 116, est. XIX, n.º 2; MOREIRA 2007, 111.



132 Moeda Sestertius

Flávios - Antoninos (69 / 192)
Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** Sestertius, Traianus (?), -, -. Anverso - [...] - Busto à direita. Reverso - ilegível. **Eixo / Módulo** (?) / 28 gr.. **Marca / Peso** ___ / 9,5 gr.. **Classificação e cronologia** (?) / Castro de Alvarelhos / Fase III. **Depósito** MMAP [ALV. 92 A, op. 69]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 111; 2010, 1067-1068.



133 Moeda Sestertius

Flávios - Antoninos (69 / 192)
Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** Sestertius, Commodus, Roma, 180 - 193. Anverso - [M. COMMO]DVS. ANTONINVS AVG - Busto à direita. Reverso - Felicitas de pé, à esquerda, com cetro e cornucópia. **Eixo / Módulo** 12h00 / 30,4 - 32,6 mm **Marca / Peso** ___ / 17,8 gr.. **Classificação e cronologia** RIC III, p. 413, n.º 402 (?) / Castro de Alvarelhos / Fase III. **Depósito** MMAP [ALV. 97 B1, A2, op. 94]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 111; 2010, 1068.



134 Moeda *Antoninianus*
Reformas (260 / 469)
I - (260 / 294)
Roma
Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** *Antoninianus*, Gallienus, Roma, 267 – 268. Anverso - [GA]LLIENVS AV[G] - Busto raiado à direita. Reverso - NEPTVNO CONS AVG - Capricórnio à direita. **Eixo / Módulo** 6h00 / 19,8 mm **Marca / Peso** ____ / 1,6 gr.. **Classificação e cronologia** *RIC* n.º 245 / Castro de Alvarelhos – Fase III. **Depósito** MMAP [ALV. 94 A, op. 127]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 112; 2010, 1068.



135 Moeda *Antoninianus*
Reformas (260 / 469)
I - (260 / 294)
Milão
Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** *Antoninianus*, Gallienus, Milão, 261-266. Anverso - GALLIENVS AVG - Busto raiado à direita. Reverso - DIANAE. CONS AVG - Veado caminha para a esquerda. **Eixo / Módulo** 11h00 / 21 mm **Marca / Peso** ____ / 2,6 gr..
X
Classificação e cronologia *RIC* 179 (?) / Castro de Alvarelhos – Fase III. **Depósito** MMAP [ALV. 94 A, op. 155]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 112; 2010, 1068.



136 Moeda *Antoninianus*
Reformas (260 / 469)
I - (260 / 294)
Casa da moeda indeterminada
Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** *Antoninianus*, Gallienus, -, 256 – 268 (?). Anverso - GALLIENVS AVG - Busto raiado à direita. Reverso - CONSECRATIO - Águia, de frente, cabeça à direita. **Eixo / Módulo** 12h00 / 21 mm **Marca / Peso** ____ / 3,2 gr.. **Classificação e cronologia** *RIC* 226 / Castro de Alvarelhos – Fase III. **Depósito** MMAP [ALV. 97 B3, A1, op. 46]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 113; 2010, 1068.



137 Moeda *Follis*
Reformas (260 / 469)
II - (294 / 312 / 13)
Roma
Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** *Follis*, Constantius I, Roma, 312-313. Anverso - IMP CONSTANTINVS PF AVG - Busto laureado à direita. Reverso - GENIO POPV. LI ROMANI - RT - Génio, de pé, para a esquerda, com modius na cabeça, patera, na mão direita e cornucópia na esquerda; chamys pende-lhe do ombro esquerdo. **Eixo / Módulo** 6h00 / 21,5 – 26 mm **Marca / Peso** ____ / 3,7 gr.. **Classificação e cronologia** *RIC* VI, n.º 292 A / Castro de Alvarelhos – Fase IV. **Depósito** MMAP [ALV. 97 B2, A2, op. 45]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 113; 2010, 1069.



138 Moeda *As Follis*
Reformas (260 / 469)
II - (294 / 312 / 13)
Ticinium
Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** *As Follis*, Maximianus, Ticinium, 300-303. Anverso - [MAXIMINIANVS] NOB CAES - Busto laureado à direita. Reverso - SACRA MONET AVGG ET CAESS NOSTR - Moneta de pé, à esquerda, segurando na mão direita uma balança e na esquerda uma cornucópia - [P]S - **Eixo / Módulo** 12h00 / 26,6 mm **Marca / Peso** ____ / 5.8 gr.. **Classificação e cronologia** *RIC* VI, p. 286 n.º 44 b / Castro de Alvarelhos – Fase IV. **Depósito** MMAP [ALV. 92 A, op. 75]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 113; 2010, 1069



139 Moeda *As Follis*
Reformas (260 / 469)
II - (294 / 312 / 13)
Ticinium
Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** *As Follis*, Diocletianus, Ticinium, 300-305. Anverso - IMP C DIOCLETIANVS PF AVG - Busto laureado à direita. Reverso - SACRA MONET AVGG ET CAESS NOSTR - Moneta de pé, à esquerda, segurando na mão direita uma balança e na esquerda uma cornucópia - PTT. **Eixo / Módulo** 5h45 / 27 mm **Marca / Peso** ____ / 8,3 gr.. **Classificação e cronologia** *RIC* VI, p. 286, n.º 43 A / Castro de Alvarelhos – Fase IV. **Depósito** MMAP [ALV. 98 B1, A1, op. 205]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 113; 2010, 1069.



140 Moeda *As Follis*
Reformas (260 / 469)
II - (294 / 312 / 13)
Tréveris
Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** *Æ1*, Constantinus I, Tréveris, 309. Anverso - IMP CONSTATINVS PF AVG - Busto laureado à direita. Reverso - MATRI PATRI CONSERVATORI - PRT - **Eixo / Módulo** 5h45 / 25,5 mm **Marca / Peso** S|E / 4,5 gr..
PTR
Classificação e cronologia *RIC*. VI, n.º 831 / Castro de Alvarelhos – Fase IV. **Depósito** MMAP [ALV. 97 B2, A2, op. 1]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 114; 2010, 1069.



141 Moeda *Æ1*
Reformas (260 / 469)
II - (294 / 312 / 13)
Tréveris
MMAP 239 (23). Moeda
Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** *Æ1*, Maximianus, -, 294-295. Anverso - [IMP C] MAXIMINI. ANVS PF AVG - Busto laureado e couraça para a direita. Reverso - [GENIO POPV. LI ROMANI] - Génio, de pé, para a esquerda, com pátera na mão direita e cornucópia da esquerda. **Eixo / Módulo** 6h00 / 27,5 mm **Marca / Peso** ____ / 9,6 gr.. **Classificação e cronologia** *RIC* (?) / Castro de Alvarelhos – Fase IV. **Depósito** MMAP [ALV. 97 B3, A1, op. 33]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 114; 2010, 1069.



142 Moeda *Follis*
Reformas (260 / 469)
III - (313 / 317)
Arles
Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** *Follis*, Constantinus I, Arles, 313-315. Anverso - [IMP] CONSTANTINVS PF AVG - Busto drapeado, com a cúria, laureado à direita. Reverso - [SOLI IN]VI. CTO COMITI - Sol de pé, para a esquerda, com a mão direita levantada e globo na esquerda; a *chlamys* cai-lhe do ombro esquerdo. **Eixo / Módulo** 6h31 / 20 mm **Marca / Peso** []|E / 1,7 gr..
SARL
Classificação e cronologia *RIC* VII, p. 240, n.º 75 / Castro de Alvarelhos – Fase IV. **Depósito** MMAP [ALV. 92 A, op. 58]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 114; 2010, 1069.



143 Moeda *As Follis*
Reformas (260 / 469)
III - (313 / 317)
Trier
Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** *As Follis*, LiciniusI, Trier, 315-316. Anverso - IMP LCINIVS P.F. AVG - Busto à direita, laureado com a cúria. Reverso - GENIO POP ROM. - Génio torreado de pé, à esquerda, com pátera na mão direita e cornucópia na mão esquerda. **Eixo / Módulo** 5h00 / 22 mm **Marca / Peso** Δ|S / 2,4 gr..
PTR
Classificação e cronologia *RIC* VII, p. 170, n.º 85 / Castro de Alvarelhos – Fase IV. **Depósito** MMAP [ALV. 92 A, op. 46]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 114; 2010, 1069.



144 Moeda As Follis

Reformas (260 / 469)
III - (313 / 317)
Casa da moeda indeterminada
Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** *Antoniniano*, -, -, -. Anverso - [...] - Busto à direita. Reverso - Illegível. **Eixo / Módulo** 5h00 / 19,5 mm **Marca / Peso** ____ / 2,1 gr.. **Classificação e cronologia** _ / Castro de Alvarelhos - Fase IV. **Depósito** MMAP [ALV. 94 A, op. 163]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 115; 2010, 1069.



145 Moeda Follis

Reformas (260 / 469)
IV - (317 / 330)
Arelate
Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** *Follis*, Constantinus I, Arelate, 325-326. Anverso - CONSTANT. TINVS AVG - Cabeça laureada para a direita. Reverso - VIRTV. SAVGG - Torreão de acampamento com quatro merlões e uma estrela por cima, nove fiadas de pedra. **Eixo / Módulo** 6h00 / 20 mm **Marca / Peso** ____ / 2,2 gr..
SAURL
Classificação e cronologia *RIC* VII, p. 265, n.º 291; *LBRC* 292 / Castro de Alvarelhos - Fase IV. **Depósito** MMAP [ALV. 94 A, op. 119]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 115; 2010, 1069-1070.



146 Moeda *Æ3*

Reformas (260 / 469)
IV - (317 / 330)
Arelate
Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** *Æ3*, Constantinus II, Arelate, 317-318. Anverso - [IMP.CONSTAN]TINVS PF - Busto laureado com couraça e *paludamentum* para a direita. Reverso - SOLI IN VI CTOCOMITI - Sol de pé, para a esquerda, com mão direita levantada e globo na esquerda; a *chlamys* cai-lhe do ombro esquerdo. **Eixo / Módulo** 6h00 / 20,5 mm **Marca / Peso** _C_| _S./ 2,1 gr..
PA[RL]
Classificação e cronologia *RIC* VII, p. 248, n.º 144 / Castro de Alvarelhos - Fase IV. **Depósito** MMAP [ALV. 95 B, A4, op. 128]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 115; 2010, 1070.



147 Moeda *Æ3*

Reformas (260 / 469)
IV - (317 / 330)
Roma
Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** *Æ3*, Crispus, Roma, 317-326. Anverso - FL IVLCRISPVS NOB CAES - Busto laureado, vestido com a cúria, à esquerda. Reverso - PROVIDEN. TIAE CAESS - Torreão de acampamento com dois merlões e uma estrela por cima. **Eixo / Módulo** 6h / 19 - 21 mm **Marca / Peso** R_P / 2,4 gr.. **Classificação e cronologia** *RIC* VII, p. 330, n.º 288 / Castro de Alvarelhos - Fase IV. **Depósito** MMAP [ALV. 98 B1, A1, op. 85]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 115; 2010, 1070.



148 Moeda *Æ3*

Reformas (260 / 469)
V - (330 / 335)
Arelate
Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** *Æ3*, Constantinus I, Arelate, 330-331. Anverso - [CONST] ANTI. [NVS MAX AVG] - Busto laureado à direita. Reverso - [GLORIA EXERCIT]VS - Dois soldados e dois estandartes. **Eixo / Módulo** 7h00 / 17 mm **Marca / Peso** ____*____ / 1,4 gr..
[P]CONST
Classificação e cronologia *RIC* VII, n.º 345 / Castro de Alvarelhos - Fase IV. **Depósito** MMAP [ALV. 97 B2, A2, op. 85]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 116; 2010, 1070



149 Moeda *Æ3*

Reformas (260 / 469)
V - (330 / 335)
Casa da moeda indeterminada
Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** *Æ3*, Constantinopolis, -, 332-333 ou 335. Anverso - CONSTANT. INOPOLIS - Busto de *Constantinopolis* com elmo laureado, *trabea* e cetro para a esquerda. Reverso - Vitória, de pé, para a esquerda, com pé sobre proa de navio e cetro na mão direita, apoia-se em escudo com a mão esquerda. **Eixo / Módulo** 6h00 / 17,3 mm **Marca / Peso** ____ / 2,5 gr.. **Classificação e cronologia** *RIC* p. 657, n.º 107; *LBRC* I, p. 28, n.º 1249 / Castro de Alvarelhos - Fase IV. **Depósito** MMAP [ALV. 94 A, op. 130]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 116; 2010, 1070.



150 Moeda *Æ4*

Reformas (260 / 469)
VII - (337 - 341)
Lugdunum
Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** *Æ4*, Constantius II, Lugdunum, 337-341. Anverso - CONSTANTI. VS PF AVG - Busto laureado, com cúria à direita. Reverso - GLORI AEXER CITVS - Dois soldados e um estandarte. **Eixo / Módulo** 12h00 / 15 mm **Marca / Peso** ____ / 1,0 gr..
PL[G]
Classificação e cronologia *LBRC* I, n.º 252 / Castro de Alvarelhos - Fase IV. **Depósito** MMAP [ALV. 97 B1, A2, op. 25]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 117; 2010, 1071.



151 Moeda *Æ4*

Reformas (260 / 469)
VII - (337 - 341)
Arelate
Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** *Æ4*, Constans, Arelate, 337-341. Anverso - [CONSTA]NS. PF AVG - Busto laureado com cúria à direita. Reverso - [GLORIAE] EXER[CITVS] - Dois soldados um estandarte. **Eixo / Módulo** 6h00 / 15 mm **Marca / Peso** _G____ / 1,0 gr..
[P]ARL
Classificação e cronologia *LRBC* I, p. 11 n.º 442 / Castro de Alvarelhos - Fase IV. **Depósito** MMAP [ALV. 94 A, op. 152]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 118; 2010, 1071.



152 Moeda *Æ4*

Reformas (260 / 469)
VII - (337 - 341)
Arelate
Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** *Æ4*, Constans, Arelate, 337-341. Anverso - CONSTANS [P F AVG] - Busto laureado à direita, com a cúria. Reverso - [GLOR][IA EXERC][ITVS] - Dois soldados apoiados num escudo sustentando lanças, com um estandarte no meio. **Eixo / Módulo** 6h00 / 14 mm **Marca / Peso** _G____ / 1,0 gr..
[PARL]
Classificação e cronologia *LBRC* I, n.º 442 / Castro de Alvarelhos - Fase IV. **Depósito** MMAP [ALV. 95 B, A4, op. 64d]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 118; 2010, 1071.



153 Moeda *Æ4*

Reformas (260 / 469)
VII - (337 - 341)
Casa da moeda indeterminada
Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** *Æ4*, -, -, 335-341. Anverso - [...] - Busto com diadema à direita. Reverso - [GLORIA EXERCITVS] - Dois soldados e um estandarte. **Eixo / Módulo** 12h00 / 14 mm **Marca / Peso** ____ / 1,4 gr.. **Classificação e cronologia** _ / Castro de Alvarelhos - Fase IV. **Depósito** MMAP [ALV. 92 A, op. 57]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 119; 2010, 1071.



154 Moeda *Follis*

Reformas (260 / 469)
X - (351 / 353 / 354)
Arles
Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** *Follis*, Decentius Caesar, Arles, 350-353. Anverso - DN DECNTI / VS CAESAR - Busto à direita com a cúria. Atrás A. Reverso - [VICTORIAE DDNN AVG ET CAES] - Duas vitórias segurando uma coroa inscrita - VOT/V/MVL/X - F (P)AR. **Eixo / Módulo** 12h00 / 20,9 - 23,9 mm **Marca / Peso**  / 2,8 gr..
F[P]AR

Classificação e cronologia *RIC* VIII, p. 216, n.º 168 / Castro de Alvarelhos - Fase IV. **Depósito** MMAP [ALV. 92 A, op. 73]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 126; 2010, 1074.



155 Moeda *Æ3*

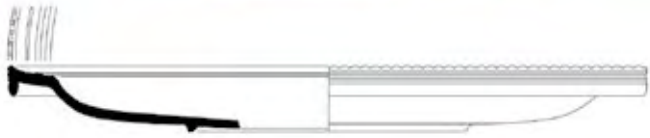
Reformas (260 / 469)
XI - (354 / 356)
Roma
Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** *Æ3*, Constantius (Constâncio Galo), Roma, 352-354. Anverso - DN FL CL CONSTANTIVS NOB CAES - Busto à direita, atrás. Reverso - FEL TEMP REPARATIO - Soldado a trespassar guerreiro equestre. **Eixo / Módulo** 12h00 / 19,8 - 20,4 mm
Marca / Peso  / 2,6 gr..
RQP

Classificação e cronologia *LRBC* II, n.º 662 / Castro de Alvarelhos - Fase IV. **Depósito** MMAP [ALV. 95 B, A4, op. 173]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 126; 2010, 1074.



156 Moeda *Æ3*

Reformas (260 / 469)
XVI - (378 / 383)
Casa da moeda indeterminada
Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Bronze. **Descrição** *Æ3*, Gratianus, -, 378-383. Anverso - DN GRATIA NVS PF AVG - Busto diademado com pérolas, couraça e *paludamentum*, para a direita. Reverso - REPARATIO REIPVB - Imperador, de pé, para a esquerda, leva na mão esquerda uma Vitória sobre globo e levanta, com a direita, uma mulher ajoelhada, que usa coroa em forma de torre. **Eixo / Módulo** 6h00 / 21,3 - 23 mm **Marca / Peso**  / 3,6 gr.. **Classificação e cronologia** *LRBC* II, p. 57 n.º 548 / Castro de Alvarelhos - Fase IV. **Depósito** MMAP [ALV. 92 A, op. 78]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 126; 2010, 1075.



157 Prateira TSA

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** *Terra Sigillata Africana* de cor avermelhada (P19). **Descrição** Fragmento de bordo, parede e fundo que forma perfil completo de prateira tipo Hayes 76, variante 7. Bordo vertical, ligeiramente sobrelevado em relação à aba, com decoração composta por caneluras transversais. Aba larga, ligeiramente reentrante, rematada por lábio vertical, pendente e assimétrico, decorado por círculos concêntricos rematando em carena pouco angulosa. Parede baixa com curva pronunciada. Fundo composto por pé anelar de perfil triangular. A decoração do bordo na face exterior é composta por três caneluras paralelas entre si. **Classificação e cronologia** Tipo Hayes 76, variante 7. / Castro de Alvarelhos - Fase V (425-475). **Dimensões** Diâmetro máximo ao nível do bordo 545 mm; Altura máxima 52 mm; Espessura máxima do bordo 6 mm. Capacidade 2623, 58 cm³ / 2, 62 L. **Depósito** MMAP [ALV. 97 B3, A1, op. 79]. **Bibli.** MOREIRA 2010, 704, est. CXXXIX, n.º 81.



158 Prateira TSA

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** *Terra Sigillata Africana*. Pasta compacta e dura de constituição laminar com cozedura uniforme. Elementos não plásticos muito finos de distribuição uniforme compostos por mica e feldspato. Cor uniforme (N13). Superfície com acabamento de elevada qualidade, alisada e muito polida, de toque acetinado. Cor levemente manchada resultante do contexto de enterramento (S37). **Descrição** Perfil completo de prato de fundo plano marcado por uma fina canelura a configurar o ressalto para assentamento. Parede curva, reentrante. Bordo com lábio de perfil triangular, pontiagudo, com face externa plana, rematada por uma carena angulosa que marca o início da curvatura da parede. A decoração é organizada por três círculos concêntricos sendo a primeira orla constituída por quadrados reticulados tipo Hayes 67 (HAYES 1972, 241, fig. 42a), alternados por rosetas tipo 44 B (HAYES 1972, 239, fig. 41h). O círculo interno é decorado com palmetas ovóides dispostas radialmente a partir do círculo central do tipo estilo A1 (HAYES 1972, 229, fig. 38, 1a), alternado com rosetas nos espaços intercalares do tipo 44 B. **Classificação e cronologia** Tipo Hayes 61 A, 325-400/420 / Castro de Alvarelhos - Fase IV-V. **Dimensões** Diâmetro máximo ao nível do bordo 350 mm; Altura máxima 42 mm; Espessura máxima do bordo 10 mm; Capacidade 2739, 46 cm³ / 2, 73 L. **Depósito** MMAP [ALV. 93 A, op. 85, 93]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 95; 2010, 699, est. CXXXIX, n.º 81.



159 Prato — *Cerâmica de engobe vermelho não vitrificável*

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta de estrutura arenosa, muito compacta, com cozedura uniforme. Elementos não plásticos compostos por mica e quartzo bem calibrados e de distribuição regular. Superfície regularizada com polimento cuidado. Acabamento formado por engobe espesso e bem aderido no interior e exterior de cor “vermelho inglês” (S20). **Descrição** Perfil completo de prato de imitação da forma Hayes 61 da *terra sigillata* africana. Parede arqueada com bordo projetado para o interior marcado por carena externa de perfil anguloso, rematada por lábio de secção triangular com a aresta arredondada. Fundo plano de assentamento pleno. Decoração inscrita no fundo interno composta por dois círculos concêntricos incisos. **Classificação e cronologia** Tipo - Cerâmica de engobe vermelho não vitrificável imitação Hayes 61 / Castro de Alvarelhos - Fase IV-V. **Dimensões** Diâmetro máximo ao nível da carena 368 mm; Diâmetro máximo do fundo 297 mm; Altura máxima 46 mm; Espessura máxima da parede 9 mm; Espessura de bordo 13 mm; Capacidade 3336,70 cm³ / 3, 33 L. **Depósito** MMAP [ALV. 95 B (D13.01), 3931, 3932, 4000]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 86; 2010, 724-725, est. CXLIII, n.º 25.



A designação de *cerâmicas de engobe vermelho não vitrificável* foi adotada por Manuela Delgado, autora que, pela primeira vez, individualizou e caracterizou esta produção, cujos rasgos morfológicos e técnica de fabrico constituem, segundo a autora, os elementos identificadores deste tipo de produção - (...) *técnica de fabrico e o caráter não vitrificável do engobe vermelho são denominadores comum destas cerâmicas que permite, de imediato, distingui-las e pressupor a existência duma tradição tecnológica que vinda desde o séc. I d.C., se prolongou, sem interrupções aparentes, até meados do séc. V d.C.* (...) (DELGADO 1993-94, 113-149). O prato tipo Delgado 59/67 (DELGADO 1993-94, 126, est. VII, n.º 30-34), à semelhança do que sucede em Braga, constitui, a par do tipo Hayes 61, a forma mais comum desta produção. Conforme menciona a autora, o prato imita perfeitamente o perfil do tipo Hayes 59 e adotou algumas alterações ao nível do bordo características da forma tipo Hayes 67. O nosso exemplar apresenta assinaláveis variações ao



160 Prato — Cerâmica de engobe vermelho não vitrificável

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura uniforme (P30). Elementos não plásticos compostos por quartzo e mica, bem calibrados e com distribuição uniforme. Superfície alisada e medianamente polida, coberta por um engobe espesso e aderente de cor “vermelho inglês” (T39). **Descrição** Prato modelado ao torno. Parede arqueada desenvolvida em dois planos demarcados por uma carena angulosa. O segundo plano desenvolve-se em forma de aba, de perfil convexo, projetada para o exterior e rematada por um lábio arredondado. Fundo plano de assentamento pleno de ligação contínua com a parede. **Classificação e cronologia** Tipo Martim 59/67 - Delgado 59/67 / Castro de Alvarelhos - Fase IV. **Dimensões** Diâmetro máximo 320 mm; Altura máxima 46 mm; Espessura máxima da aba 10 mm; Diâmetro máximo do fundo 232 mm; Capacidade 1879,10 cm³ / 1, 87 L. **Depósito** MMAP [ALV. 94 A, op. 219a]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 86; 2010, 722, est. CXXI, n.º 11a.

nível do bordo, nomeadamente na largura e orientação da primeira aba junto ao lábio, cujo elemento principal é a existência de um friso profundo que marca e diferencia o lábio da aba. A forma não se encontra inscrita na tipologia de Hayes ou Atlante mas imita um prato de *sigillata clara D*, encontrado em França, no sítio galo-romano de Lestrade em Mireval - Lauragais (Aude) (MARTIN, 1977, 99-101, fig. 3, n.º 2 e 3, fig. 5, n.º 1), que, segundo o autor, constitui “uma forma bastarda” que aglutina características da forma tipo Hayes 59 A e a forma tipo Hayes 67 que lhe sugeriu uma classificação de tipo 59/67 (...) *Ces quelques remarques m’ont amené à faire provisoirement le type 59/67.* (...) (MARTIN, 1977, 99-101). O autor propõe uma cronologia balizada entre 350-380, privilegiando a semelhança com o tipo Hayes 59 A (320/380-400) e a presença da decoração estampada do estilo A (ii) (350-420). O enquadramento estratigráfico do nosso exemplar remete para a datação proposta, podendo, eventualmente, prolongar-se para a primeira metade do séc. V

161 Taça — Sigillata hispânica tardia

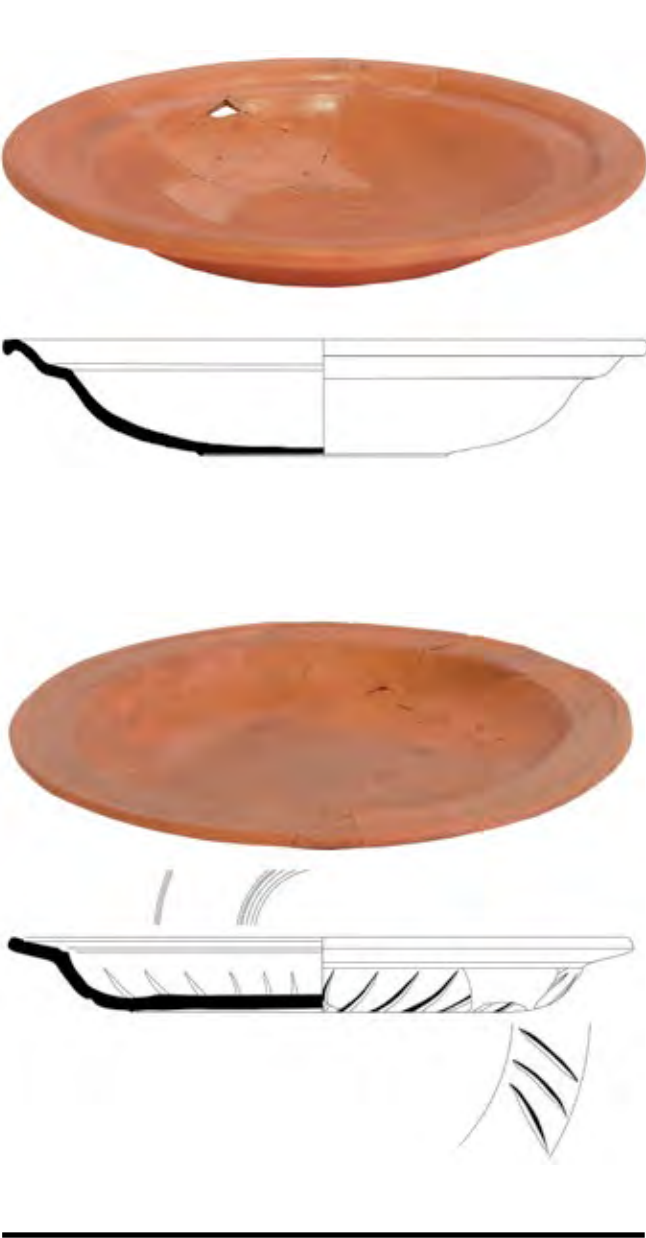
Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta de compactação média de constituição laminar com cozedura homogénea. Elementos não plásticos compostos por pequenas partículas de feldspato e mica. Cor uniforme (N13). Superfície irregular, levemente deteriorada, com polimento irregular. Conserva algumas manchas escuras resultantes do contacto com uma camada de incêndio (P20). **Descrição** Taça tipo Dragendorff 37B (Tardia), decorada com o 2º estilo decorativo. Perfil acampanado com parede estruturada em dois planos, compreendendo o primeiro o reservatório e, o segundo, a parede do bordo que se apresenta reta de desenvolvimento oblíquo. O bordo remata com um lábio de perfil arredondado de secção oval. O fundo é formado por um falso pé, baixo e curto, de desenvolvimento anelar com assentamento radial com moldura típica dos produtos do Vale do Ebro (MAYET 1984, 257). A decoração ocupa apenas a face intermédia e inferior do reservatório e apresenta-se inscrita numa banda paralela ao bordo. Os motivos compreendem círculos separados por bastões. Os círculos apresentam duas bandas internas nas quais se inscrevem crescentes, intervalados por pontos. A composição não é simétrica, sendo o remate composto por um círculo de menor dimensão. A forma Dragendorff 37 Tardia, em termos gerais, poderia ser descrita como tendo um reservatório cuja parede é ligeiramente contracurvada, com bordo alto e aberto, pé baixo e fundo. Identificam-se, no entanto, inúmeras variedades, designadamente ao nível do bordo, que conduziram alguns autores à elaboração de diferentes grupos. François Mayet estabelece uma distinção entre dois grupos: o primeiro (A e B), composto pelos vasos feitos a molde, e outro, (C e D) composto pelos vasos torneados que imitam os anteriores. Apreciadas em pormenor as diferenças enunciadas por Palol, já consideradas por Lopez Rodriguez (RODRIGUEZ 1985, 21-22), e atualmente seguidas pela maioria dos autores, verifica-se que as variantes mencionadas, A e B se distinguem pela existência ou não de lábio. Assim, seguindo a descrição adotada por Paz Peralta, o tipo A caracteriza-se por apresentar um bordo alto e aberto com tendência para a verticalidade e lábio liso. O tipo B corresponde a um vaso com o bordo aberto e reto sendo rematado por um bordo com lábio arredondado no qual se inscreve o nosso exemplar. **Classificação e cronologia** Tipo Dragendorff 37 Tardia B / Castro de Alvarelhos - Fase IV-V. **Dimensões** Diâmetro máximo 260 mm; Altura máxima 121 mm; Espessura máxima do bordo 5 mm; Capacidade 3241, 3 cm³ / 3,24 L. **Depósito** MMAP [ALV. 96 B, A4, op. 32]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 96; 2010, 678, est. CXXXIV, n.º 5.

162 Taça — Sigillata Africana

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta muito depurada, praticamente isenta de elementos não plásticos. Superfícies muito polidas com acabamento de alta qualidade de cor alaranjada (R37). **Descrição** Fragmentos de bordo, arranque de parede e fundo que formam perfil completo de prateira tipo Hayes 67. Bordo moldurado e ascendente, formando uma aba ligeiramente descendente rematada por um lábio espesso marcado no interior por um friso. Perfil sinuoso com paredes arqueadas e fundo plano vincado por uma estria profunda no exterior, formando um pé falso. Decoração delimitada por um círculo composta por motivos estampados do estilo A de Hayes, estilo A (ii). A prateira tipo Hayes 67 é considerada como uma das formas mais difundidas na segunda metade do séc. IV. Caracteriza-se pelo seu bordo moldurado e ascendente e lábio espesso, frequentemente marcado no interior por um friso. Revela um perfil sinuoso com paredes arqueadas e fundo plano marcado por uma estria profunda no exterior, formando um pé falso. Quando decorada, os motivos estampados são do estilo A. Hayes sugerindo uma cronologia geral entre 360-470 para a sua difusão, apresentando três grupos distintos em função da sua decoração com cronologias balizadas entre 360-420 para o estilo A (ii); 400-450 para o estilo A (iii) e c. 450 para os motivos simplificados com apenas um elemento (HAYES 1972, 112-116, fig. 19). **Classificação e cronologia** Tipo Hayes 67, 360 - 470 / Castro de Alvarelhos - Fase V. **Dimensões** Diâmetro máximo 430 mm; Altura máxima 73 mm; Diâmetro máximo do fundo 155 mm; Espessura máxima da parede 9 mm; Capacidade 4376,01 cm³ / 4,37 L. **Depósito** MMAP [ALV. 92 A, op. 114, 30, 21, 26, 23]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 89; 2010, 702, est. CXXXVIII, n.º 48.

163 Taça — Sigillata Africana

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta muito compacta e dura com elevado grau de depuração, praticamente isenta de elementos não plásticos (N39). Superfície muito polida de cor alaranjada (R39/R20). **Descrição** Fragmentos de prato que formam um perfil completo. Parede arqueada de ligação direta ao fundo. Bordo em aba, ligeiramente soerguida, decorada com duas caneluras incisas e lábio arredondado. A decoração no exterior é composta por incisões na diagonal que provocaram no interior um ligeiro relevo. O fundo é formado pelo prolongamento da parede originando um assentamento radial, sendo o interior ligeiramente mais alto. A decoração interna é composta por quatro círculos concêntricos inscritos no fundo, no interior dos quais se desenvolveria o motivo central do qual apenas é perceptível o arranque de uma palmetas. **Classificação e cronologia** Tipo Hayes 59 A, 320 - 380/400 / Castro de Alvarelhos - Fase IV-V. **Dimensões** Diâmetro máximo 285 mm; Altura máxima 32 mm; Espessura máxima do bordo 7 mm; Capacidade 1063, 58 cm³ / 1, 06 L. **Depósito** MMAP [ALV. 95 B. A4, op. 35]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 79; 2010, 698, est. CXXXVI, n.º 2.



Os pratos tipo Hayes 59 (HAYES 1972, 96-10, fig. 15), caracterizam-se pela sua base plana, parede curva e bordo amplo, formando uma aba horizontal ou ligeiramente erguida, com lábio arredondado, frequentemente decorado no fundo com motivos estampados, organizados no interior de círculos. Hayes distingue dois tipos. O primeiro, E1 A, com caneluras verticais no exterior da parede provocando ressaltos no interior. O segundo, E1 B, de parede lisa. Gandolfi estabelece quatro tipos distintos de bordo: 1, bordo com três “degraus” que descem para o interior, característico da segunda metade do séc. V; 2, aba plana com caneluras na face superior; 3, constitui a variante de Lamboglia 51 B (LAMBOGLIA 1963, 195), possui bordo liso, ligeiramente inclinado para o interior; 4, caracteriza-se pela existência de uma série de caneluras na parede externa (GANDOLFI 1983, 72-76, fig.3).

Adotando esta distinção, o nosso exemplar integra-se no tipo 4, uma vez que revela caneluras verticais na parede exterior do bordo. O nosso prato é proveniente de Alvarelhos - *domus* da Lucerna do Cavalo e integra-se na Fase IV/V, cuja amplitude cronológica abrange o séc. IV e a primeira metade do séc. V - sendo, portanto, coincidente com a cronologia proposta por Hayes que sugere para o tipo A 320-380/400 e para o tipo B 320-420 (HAYES 1972, 100). Os pratos tipo Hayes 59 constituem uma das formas mais frequentes e difundidas no mundo romano (CARANDINI; TORTORELLA; SAGUI; TORTORICI 1981, 83). Todavia, a sua representação no Noroeste Peninsular é relativamente escassa, contando-se apenas, na área geográfica da Galiza, dois exemplares publicados provenientes de Lugo, um do tipo A e outro do tipo B (GASCÓN 1993, 298, fig. 1, 5-6).

164 Prato — *Sigillata* Hispânica

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta muito depurada e limpa com cozedura uniforme, praticamente isenta de elementos não plásticos (N35). Apresenta pontos calcíticos de tom amarelado de distribuição uniforme. Superfície com verniz espesso e aderente, bem conservado de cor avermelhado (R15). **Descrição** Prato tipo Dragendorff 15/17. Bordo e parede de taça modelada ao torno. Parede reta, ligeiramente côncava, projetada para o exterior, rematada por bordo com lábio arredondado. Carena externa marcada por friso e canelura que configura a canelura interna, que se apresenta larga e baixa. Fundo interno com cartela com *sigillum* ilegível. Pé baixo de secção triangular e fundo côncavo, com moldura hispânica. A taça de *Sigillata* hispânica tipo Dragendorff 15/17 constitui uma forma de longa duração que evoluiu a partir do modelo sudgálico tendo registado uma grande variação de perfil e de dimensão ao longo do seu desenvolvimento. A sua evolução morfológica foi alterando as suas características originais afastando-a, irremediavelmente, dos protótipos sudgálicos até assumir uma forma completamente diferente. As várias etapas da sua transformação e respetiva correspondência cronológica não encontram nos diferentes autores a mesma interpretação. Mezquíriz considerou dois tipos. O primeiro, mais próximo dos protótipos sudgálicos, com parede aberta e ângulo de união da parede com o fundo bem marcado. O segundo, mais evoluído, com perfil mais aberto, de formato troncocónico (MEZQUÍRIZ 1961, 54-55, est. 1). Françoise Mayet subdividiu as diferentes etapas evolutivas em quatro grupos (MAYET 1975, 183-184; 1984, 71, est. LVII-LX). Por último, Romero Carnicero, a propósito das ocorrências de *terra sigillata* hispânica em Numância, não só estabelece uma divisão em três grupos, com base na análise das características formais de cada um deles, vinculando-os uma cronologia própria (ROMERO CARNICERO 1985, 188-190), servindo, a partir desse momento, como base de referência a outros trabalhos (VAQUERO 1998, 562-567). **Classificação e cronologia** Tipo Dragendorff 15/17 / Monte Padrão - Fase VII-VIIa. **Dimensões** Diâmetro máximo 190 mm; Altura máxima 50 mm; Espessura máxima do bordo 5 mm; Diâmetro do fundo 82 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 13 A, A1, op. 198/192/199/128]. **Bibli.** Inédito.



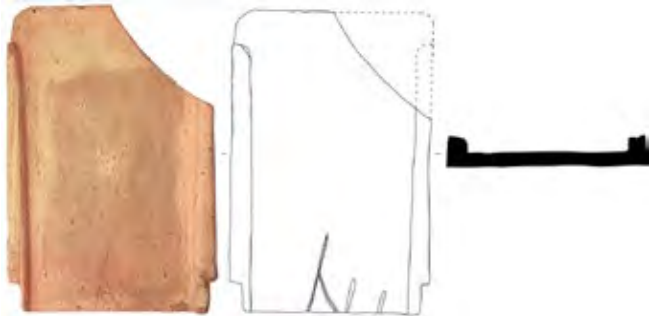
165 Prato — *Terra Sigillata* Africana

Proveniência Castro de Alvarelhos, Alvarelhos, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura homogénea. Elementos não plásticos de calibre uniforme, compostos por quartzo e feldspato (R19). Superfície com acabamento cuidado, muito polida de cor alaranjado (R20). **Descrição** Taça tipo Hayes 73. Aba horizontal, ligeiramente descendente, com três caneluras de perfil retangular, paralelas entre si. Lábio amendoado, de desenvolvimento vertical, decorado por grupos de quatro caneluras transversais de formato trapezoidal. Parede reentrante, levemente curva. Fundo composto por um pé anelar, curto, de assentamento radial, com secção retangular e arestas angulosas. A taça tipo Hayes 73 (HAYES 1972, 121-124, fig. 21), forma um perfil curvilíneo e possui uma aba horizontal com três caneluras de perfil retangular paralelas entre si. O lábio é amendoado e decorado por grupos de quatro caneluras transversais de formato trapezoidal. Apesar de o autor datar a sua produção entre 420 a 475, são conhecidos exemplares em Moosberg, Alemanha, em níveis estratigráficos datados de finais do séc. IV. É uma forma particularmente difundida na Europa continental sendo conhecidos vários exemplos provenientes de Tarragona (CARANDINI; TORTORELLA; SAGUI; TORTORICI 1981, 73), Mérida (VÁZQUEZ 1987, 44), e Saragoça (PERALTA 1991, 195, fig. 85, n.º 79). Os exemplares mais próximos de nós, que podem servir de paralelo e confronto cronológico, são procedentes de Conímbriga (DELGADO 1976, 256-257, est. LXXII, n.º 86), e cronologicamente integram a segunda metade do séc. V. **Classificação e cronologia** Tipo Hayes 73, 420-475 / Castro de Alvarelhos - Fase V. **Dimensões** Diâmetro máximo ao nível do bordo 170 mm; Altura máxima 45 mm; Espessura máxima do bordo 10 mm; Capacidade 904,07 cm³ / 0, 90 L. **Depósito** MMAP [ALV. 97 B1, A2, op. 37, 57, 43]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 96; 2010, 697, II, est. CXXXVI, n.º 10.



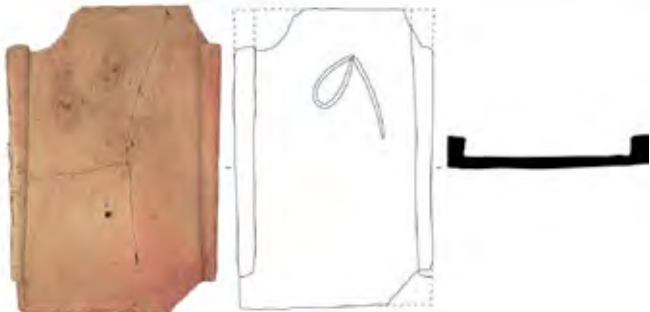
166 Tégula

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta compacta de constituição grosseira. Elementos não plásticos de diferente calibre, muito abundantes, com distribuição irregular, compostos por quartzo, cerâmica moída e abundantes pontos ferruginosos. Cozedura homogénea. Cor bege (91K). Superfície coberta por uma fina película rosada (L25) lisa e impermeável, resultante da sedimentação das partículas mais finas da argila arrastadas pela água. **Descrição** Tégula. Formato sub-rectangular de rebordo decrescente com encaixe superior com interrupção do rebordo e encaixe inferior de tipo universal. Rebordo com contorno trapezoidal com aresta interior suavizada. Superfície plana, ligeiramente empenada. Encontra-se fragmentada no canto superior direito. **Classificação e cronologia** Tipo Cardoso A / ... / Monte Padrão - Fase VII-VIIa. **Dimensões** Comprimento máximo 620 mm; Largura máxima 420 mm; Espessura máxima ao nível do rebordo 65 mm; Espessura da superfície interna 31 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 80 X]. **Bibli.** MOREIRA 2005, 37; 2007, 92.



167 Tégula

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura homogénea. Elementos não plásticos muito abundantes à base de quartzo e, em maior percentagem, cerâmica moída, apresentando pontualmente pontos ferruginosos (M27). Superfície alisada sem qualquer tipo de revestimento de cor alaranjada (M20). **Descrição** Tégula. Formato sub-rectangular de rebordo decrescente. Encaixe superior com interrupção do rebordo e encaixe de tipo universal. Rebordo de contorno sub-rectangular com aresta ligeiramente suavizada. Superfície plana, ligeiramente empenada. Encontra-se fraturada no canto superior esquerdo e nos cantos inferiores. **Classificação e cronologia** Tipo Cardoso A / ... / Monte Padrão - Fase VII-VIIa. **Dimensões** Comprimento máximo 630 mm; Largura máxima 415 mm; Espessura ao nível do rebordo 68 mm. **Depósito** MMAP [PAD. s/n.º]. **Bibli.** MOREIRA 2005, 37; 2007, 92.



168 Ímbrice

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura uniforme. Elementos não plásticos abundantes à base de cerâmica moída e, em menor percentagem, quartzo e pontos ferruginosos (L51). Superfície coberta por uma fina película avermelhada (P13) lisa e impermeável. **Descrição** Formato trapezoidal com curvatura irregular e assimétrica em relação ao eixo da peça. Forma de meia cana aberta e baixa pela parte inferior, mais alta e larga na parte superior. Espessura irregular. Fraturada no topo superior direito. **Classificação e cronologia** Tipo Cardoso A / ... / Monte Padrão - Fase VII-VIIa. **Dimensões** Comprimento máximo 460 mm; Largura máxima 190 mm; Espessura máxima 25 mm. **Depósito** MMAP [PAD. s/n.º]. **Bibli.** MOREIRA 2005, 37; 2007, 93.

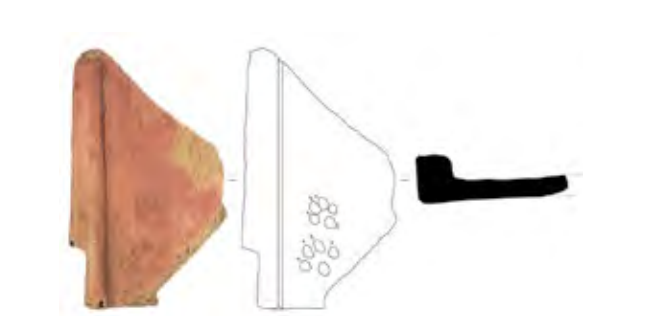


A telha plana ou de rebordo (*tégula*), e a telha curva (*ímbrice*) constituem um sistema de cobertura característico e exclusivo da construção romana, representando a sua presença um claro sinal de romanidade. As *tegulae* são o elemento de cobertura por excelência revelando uma longa duração dos métodos de fabrico e técnicas construtivas. No entanto, importa assinalar a sua versatilidade enquanto material construtivo, tendo sido utilizado secundariamente como complemento na edificação de muros ou pavimentos, na construção de canalizações e, de forma muito significativa, na construção de sepulturas, das quais se destacam as denominadas “de cavalete” (LOSADA 1992, 247-248). Apesar de

amplamente documentadas, as marcas de fabricantes têm apenas proporcionado classificações genéricas (DIAS 1997, 130-131), não sendo razoável extrapolar dados de natureza cronológica ou tipológica, uma vez que este tipo de produção não só provavelmente seriam ocasionais, como resultariam de encomendas esporádicas e pontuais, destinadas a edifícios em construção. Em núcleos urbanos secundários, de dimensão relativamente reduzida é difícil imaginar um ritmo construtivo que exigisse uma especialização de produção, mesmo considerando a elevada dinâmica económica regional na qual os *vici* desempenhariam funções de núcleos polarizadores das atividades produtivas.

169 Tégula

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura homogénea. Elementos não plásticos muito abundantes à base de quartzo e, em maior percentagem, cerâmica moída, apresentando pontualmente pontos ferruginosos (L51). Superfície alisada, coberta por uma aguada espessa e aderente, de cor alaranjada (P20). **Descrição** Fragmento de tégula. Formato sub-rectangular de rebordo decrescente com encaixe inferior de tipo universal. Rebordo de contorno trapezoidal com aresta interior suavizada. Superfície plana, ligeiramente empenada. Conserva-se apenas um terço do seu comprimento máximo. Regista duas pegadas de um felino, provavelmente de gato, produzidas durante o processo de secagem. **Classificação e cronologia** Tipo Cardoso A / ... / Monte Padrão - Fase VII-VIIa. **Dimensões** Comprimento máximo 320 mm; Largura máxima 185 mm; Espessura ao nível do rebordo 60 mm; Espessura da superfície interna 25 mm. **Depósito** MMAP [PAD. II, X, 478]. **Bibli.** MOREIRA 2005, 37; 2007, 94.





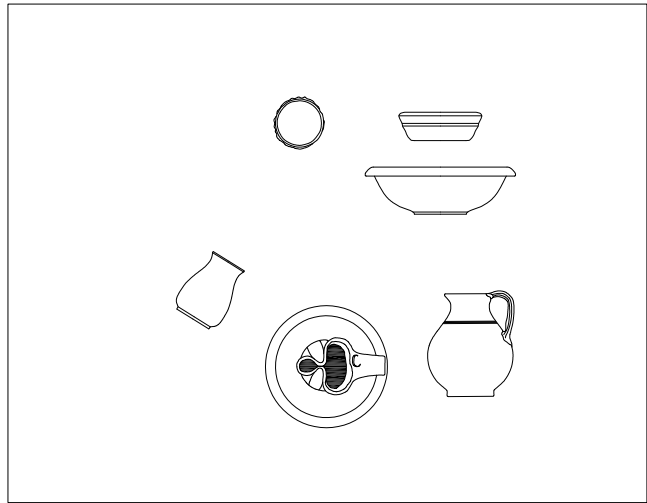
170 Base de coluna

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Granito de cor bege (R92). **Descrição** Base de coluna em granito da região de bom recorte e proporções. Base de planta retangular formando um soco de 10 cm de espessura. Toro recuado de perfil convexo marcado por canelura na face superior. Sumoscampo desenvolvido marcado na face inferior por um ligeiro toro de perfil curvo de demarcação. Na face superior conserva-se um círculo de acerto de recorte em U. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase VII-VIIIa. **Dimensões** Comprimento máximo da base 390 mm; Largura máxima da base 380 mm; Diâmetro do arranque da coluna 265 mm; Altura máxima 250 mm. **Depósito** MMAP [PAD. II X, 806]. **Bibli.** MOREIRA 2005, 37; 2007, 93; 2014, 104.



171 Base de coluna

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Granito de cor bege (R90). **Descrição** Base de coluna em granito da região de bom recorte e proporções. Base de planta sub-rectangular, alargada, a formar um soco de 12 cm de espessura. Toro recuado de perfil convexo, marcado por canelura na face superior. Sumoscampo desenvolvido marcado na face inferior por um toro de perfil curvo de demarcação para o arranque da coluna de diâmetro mais estreito. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Fase VII-VIIIa. **Dimensões** Comprimento da base 366 mm; Altura máxima 265 mm; Diâmetro do arranque da coluna 366 mm; Largura da base 356 mm. **Depósito** MMAP [PAD. Achado de superfície]. **Bibli.** MOREIRA 2013, 92; 2014, 104.



172 Sepultura — simulação

Durante o período de ocupação romana, os cemitérios (necrópoles) situavam-se sempre fora dos limites das áreas habitacionais, de preferência junto e ao longo das vias que dela saíam. As necrópoles permitem delimitar, com bastante rigor, o perímetro das cidades e povoados. A tipologia das sepulturas é muito variada refletindo a condição económica do defunto. O tipo de enterramento (inumação ou cremação), era acompanhado por um conjunto de objetos de função ritual (cerâmicas, moedas, joias, vidros, adereços de roupa etc.). Os enterramentos, quando bem conservados, proporcionam peças intactas, que facilitam a sua datação e o estudo dos materiais similares, que se recolhem, normalmente fragmentados, nas camadas relacionadas com as habitações. Também as lápides funerárias fornecem indicações sobre a antroponímia e, por vezes, sobre a condição social e origem dos mortos. **Dimensões** Comprimento máximo 910 mm; Largura máxima 710 mm.



173 Copo — Cerâmica comum

Proveniência Necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta medianamente compacta com cozedura homogénea. Elementos não plásticos compostos por mica e quartzo de pequeno calibre. Superfície deficientemente alisada, rugosa, com vestígios de fuligem (M71). **Descrição** Copo de perfil em S, assimétrico. Colo alto de estrangulamento suave. Corpo oval e esguio com bordo aberto, rematado por lábio arredondado. Fundo discoidal com pé de projeção vertical e assentamento pleno. **Classificação e cronologia** Tipo - Moreira 2010, Grupo I, Forma 1ª / 2ª metade séc. III - séc. IV. **Dimensões** Altura máxima 97 mm; Diâmetro máximo do bordo 60 mm; Diâmetro do fundo 57 mm; Diâmetro máximo do corpo 77 mm; Capacidade 235,78 cm³ / 0,23 L. **Depósito** MMAP [ROV. 1108]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 146; 2010, 256, est. XXII, n.º 25.



174 Púcaro — Cerâmica comum

Proveniência Necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta compacta com cozedura homogénea. Cor avermelhada. Elementos não plásticos compostos por quartzo e mica de pequeno calibre. Superfície alisada, ligeiramente rugosa, com vestígios de aguada fina de cor bege (M69). **Descrição** Púcaro de pequenas dimensões de perfil em S. Corpo oval com colo de contorno cilíndrico com estrangulamento suave. Bordo curto e aberto com lábio arredondado, ligeiramente pontiagudo. Asa de fita de secção plano-convexa com nervura interior, assimétrica. Pé curto de desenvolvimento oblíquo com aresta excisa de perfil arredondado. Fundo côncavo de assentamento lateral. Decorado com duas linhas incisas, paralelas entre si, na base do colo acima do arranque da asa. **Classificação e cronologia** Tipo - Moreira 2010, Grupo VIII, Forma 2 / 2ª metade séc. III - séc. IV. **Dimensões** Altura máxima 141 mm; Diâmetro do fundo 62 mm; Diâmetro máximo do corpo 115 mm; Diâmetro máximo do bordo 69 mm; Capacidade 679,99 cm³ / 0,67 L. **Depósito** MMAP [ROV. 939]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 145; 2010, 258-259, est. XXII, n.º 35.



175 Taça — Cerâmica comum

Proveniência Necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta pouco compacta com composição irregular e porosa. Elementos não plásticos compostos por mica, feldspato e nódulos de argila de calibre médio. Superfície com alisamento deficiente com vestígios de engobe de cor bege (M67). **Descrição** Taça de paredes arqueadas de espessura irregular. Bordo com aba curva e pendente com adelgaçamento progressivo até ao lábio. Aba diferenciada do corpo por duas caneluras paralelas de perfil em U. Corpo arredondado com fundo ligeiramente côncavo de assentamento lateral. **Classificação e cronologia** Tipo - Moreira 2010, Grupo II, Forma 2 / 2ª metade séc. III - séc. IV. **Dimensões** Altura máxima 60 mm; Diâmetro máximo do bordo 190 mm; Diâmetro do fundo 66 mm; Capacidade 856,60 cm³ / 0,85 L. **Depósito** MMAP [ROV. 1080]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 147; 2010, 256, est. XXIV, n.º 21.



176 Prato — Cerâmica comum

Proveniência Necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta medianamente compacta com cozedura homogénea. Cor bege (L69). Elementos não plásticos compostos por quartzo, mica, feldspato e nódulos de argila de calibre médio. Superfície alisada de textura rugosa. **Descrição** Prato de paredes retas de desenvolvimento oblíquo com bordo reentrante, facetado no exterior. Lábio introvertido, espessado, de perfil arredondado. Fundo plano, ligeiramente côncavo, de assentamento lateral. Espessura irregular com espessamento progressivo para o centro. Decoração composta por uma moldura de perfil arredondado na face superior da parede. **Classificação e cronologia** Tipo - Moreira 2010, Grupo IV, Forma 4 / 2ª metade séc. III - séc. IV. **Dimensões** Altura máxima 32 mm; Diâmetro máximo 102 mm; Diâmetro do fundo 71 mm; Capacidade 131,90 cm³ / 0,13 L. **Depósito** MMAP [ROV. 942]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 147; 2010, 252, est. XXII, n.º 4



177 Bilha — Cerâmica comum

Proveniência Necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta pouco compacta com cozedura irregular. Elementos não plásticos compostos por mica e quartzo de calibre irregular. Superfície rugosa com alisamento deficiente de cor cinzenta (N51). **Descrição** Bilha trilobada de perfil em S, de corpo oval. Colo alto e curto. Bordo assimétrico com lábio arredondado. Asa de fita de secção plano-convexa e nervura central interna de desenvolvimento oblíquo, ligeiramente soerguida em relação ao bordo. Na junção ao bordo apresenta uma pequena dedeira em negativo formada por pressão. Fundo plano, discoidal, de espessura regular e assentamento pleno. Decoração composta por pequena canelura de perfil arredondada a vincar a transição do colo para o bordo. **Classificação e cronologia** Tipo - Moreira 2010, Grupo X, Forma 5 / 2ª metade séc. III - séc. IV. **Dimensões** Altura máxima 235 mm; Diâmetro da base 99 mm; Diâmetro máximo do bojo 181 mm; Capacidade 2778,06 cm³ / 2,77 L. **Depósito** MMAP [ROV. 938]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 151; 2010, 259, est. XXII, n.º 37.

178 Pulseira — Vidro

Proveniência Necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa. **Material** Vidro. Pasta vítrea opaca, de cor negra, de boa qualidade. **Descrição** Pulseira. Aro assimétrico com uma das bases mais larga formando um perfil troncocónico. Secção plano-convexa. Decoração composta por nervuras que formam gomos oblíquos, ligeiramente irregulares, que compõem um motivo seriado composto por caneluras convergentes. As pulseiras ou braceletes (*armillae*) em vidro são particularmente abundantes em época romana. O uso de pulseiras por homens e mulheres foi frequente desde tempos muito remotos, quer como resposta a motivações de ordem estética, quer como sinal de distinção social ou mera credence. Este tipo de pulseira de secção em D, lisa ou decorada com nervuras, é muito comum no mundo romano e está muito bem documentada em Portugal. Os exemplares dividem-se entre os três tipos conhecidos; decoradas com golpes verticais, golpes diagonais e lisas. Estes materiais, quando fora de contexto, são particularmente difíceis de datar pela sua ampla duração. Harden refere, a propósito das pulseiras de Karandis, que as peças em vidro negro parecem ser de época tardorromana, enquanto os exemplares de vidro em cores mescladas se encontram nos estratos pré e pós-romanos, tendo sido recolhidas naquela estação a partir dos inícios do séc. II até ao séc. V (HARDEN 1969, 47-72). Também as decorações em época tardia, quando existentes, são compostas por incisões, ressaltos ou nervuras. **Classificação e cronologia** Tipo ... / 2ª metade séc. III - séc. IV. **Dimensões** Diâmetro mínimo 63 mm; Diâmetro máximo 66 mm; Espessura média 11 mm. **Depósito** MMAP [ROR. 09]. **Bibli.** SANTARÉM 1952, 109-111; MOREIRA 1997, 31, est. XVII, n.º 86; 2007, 149.; 2010, 260-261, est. XXII, n.º 45.



179 Prato — Terra sigillata africana

Proveniência Necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta medianamente compacta com cozedura uniforme de cor rosada. Elementos não plásticos compostos por mica e quartzo de pequeno calibre. Superfície externa alisada com engobe de cor laranja (P39), espesso e aderente. O interior não sofreu qualquer acabamento conservando as estrias da elevação da parede ao torno. **Descrição** Prato de pequenas dimensões de *terra sigillata* africana tipo Hayes 61 com parede arqueada. Bordo de desenvolvimento vertical com lábio arredondado. Fundo plano, ligeiramente côncavo, de assentamento lateral. Espessamento progressivo para o centro. Decoração composta por um friso de pequenas estrias incisas, paralelas ao bordo, implantadas na face superior da parede. **Classificação e cronologia** Tipo Hayes 61 | Grupo IV, Forma 2 / 2ª metade séc. IV. **Dimensões** Altura máxima 32 mm; Diâmetro máximo do bordo 135 mm; Diâmetro do fundo 84 mm; Capacidade 209,48 cm³ / 0,20 L. **Depósito** MMAP [ROV. 1083]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 149; 2010, 253, est. XXII, n.º 8.



180 Prato — Cerâmica de engobe vermelho não vitrificável

Proveniência Necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta compacta com cozedura homogénea. Elementos não plásticos à base de mica e quartzo de calibre médio. Superfície alisada com engobe de cor “vermelho inglês” (R13). **Descrição** Prato de paredes retas de desenvolvimento vertical. Bordo facetado no exterior e lábio boleado com espessamento simétrico. Fundo plano, ligeiramente côncavo, de assentamento lateral. Espessura irregular com espessamento progressivo para o centro. **Classificação e cronologia** Grupo XI, CEVNV, tipo Hayes 50 (imitação) / 2ª metade séc. III - séc. IV. **Dimensões** Altura máxima 44 mm; Diâmetro do bordo 213 mm; Diâmetro do fundo 176 mm; Capacidade 752,80 cm³ / 0,75 L. **Depósito** MMAP [ROV. 1085]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 151; 2010, 252, est. XXII, n.º 3.



181 Prato — Cerâmica de engobe vermelho não vitrificável

Proveniência Necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta compacta com cozedura uniforme. Elementos não plásticos compostos por quartzo e mica de calibre médio. Acabamento homogéneo com polimento acentuado e engobe de cor “vermelho inglês”, espesso e bem conservado (S37). **Descrição** Prato de imitação de *sigillata africana*, tipo Hayes 59 B. Prato de paredes planas de desenvolvimento oblíquo. Bordo formado por aba curta com face superior plana e lábio de perfil arredondado. Fundo plano, ligeiramente côncavo. Assentamento lateral e espessura irregular com espessamento progressivo para o centro. **Classificação e cronologia** Tipo - Moreira 2010, Grupo XII, Hayes 59B / 2ª metade séc. III - séc. IV. **Dimensões** Altura máxima 32 mm; Diâmetro máximo do bordo 199 mm; Diâmetro do fundo 135 mm; Capacidade 270,91 cm³ / 0,27 L. **Depósito** MMAP [ROV. 1084]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 148; 2010, 254, est. XXII, n.º 12.



182 Tigela — Cerâmica comum

Proveniência Necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta compacta com cozedura irregular. Elementos não plásticos compostos por mica e quartzo de pequeno calibre. Superfície rugosa com alisamento irregular e vestígios de engobe pouco espesso de cor bege (M71). **Descrição** Taça de paredes arqueadas, ligeiramente assimétricas. Bordo de projeção oblíqua e lábio espessado de superfície superior plana e aresta interna pontiaguda. Fundo discoidal, ligeiramente côncavo. Assentamento lateral. **Classificação e cronologia** Tipo - Moreira 2010, Grupo II, Forma 1 / 2ª metade séc. III - séc. IV. **Dimensões** Altura máxima 57 mm; Diâmetro máximo do bordo 165 mm; Diâmetro máximo do fundo 89 mm; Capacidade 608,37 cm³ / 0,60 L. **Depósito** MMAP [ROV. 1081]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 149; 2010, 255, est. XXII, n.º 18.



183 Taça — Cerâmica de engobe vermelho não vitrificável

Proveniência Necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa. **Material** Pasta compacta com cozedura uniforme de cor vermelha. Elementos não-plásticos pouco abundantes compostos por mica e quartzo de pequeno calibre. Superfície alisada com polimento intenso e engobe no interior e exterior, espesso e muito aderido de cor vermelha (S17). A decoração é composta por duas linhas incisas que delimitam a aba horizontal. **Descrição** Taça de cerâmica de engobe vermelho não vitrificável de imitação da forma tipo Hayes 73 da terra sigillata africana. Paredes arqueadas em semicírculo. Bordo plano formado por aba horizontal com lábio espessado, simétrico, com aresta vertical de perfil redondo. Pé discoidal de projeção vertical com aresta levemente boleada e fundo plano com espessamento progressivo para o centro. **Classificação e cronologia** Tipo - Moreira 2010, Grupo XIII, Forma 1 (imitação da forma Hayes 73 TSA / séc. IV-V). **Dimensões** Altura máxima 45 mm; Diâmetro máximo do fundo 65 mm; Diâmetro máximo do bordo 142 mm; Espessura média 7 mm; Capacidade 440,38 cm³ / 0,44 L. **Depósito** MMAP [Coleção Manuel Sousa]. **Bibli.** MOREIRA 2010, 255, est. XXII, n.º 19.



184 Prato — Cerâmica comum

Proveniência Necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta compacta com cozedura regular. Cor castanha (R70). Elementos não plásticos compostos por quartzo, mica e feldspato de calibre médio. Superfície alisada de acabamento irregular com vestígios de fuligem. **Descrição** Prato de paredes retas de desenvolvimento oblíquo. Bordo introvertido, marcado por uma carena externa de perfil anguloso, facetada no exterior. Lábio introvertido de projeção oblíqua e perfil arredondado. Fundo plano com assentamento integral e espessura regular. **Classificação e cronologia** Tipo - Moreira 2010, Grupo IV, Forma 3 / 2ª metade séc. III - séc. IV. **Dimensões** Altura máxima 53 mm; Diâmetro máximo do bordo 209 mm; Diâmetro máximo do fundo 140 mm; Capacidade 1129,93 cm³ / 1,12 L. **Depósito** MMAP [ROV. 941]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 147; 2010, 253, est. XXII, n.º 7.



185 Prato — Cerâmica comum

Proveniência Necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta compacta com cozedura homogénea de cor castanha (M71). Elementos não plásticos compostos por mica e quartzo de pequeno calibre. Superfície alisada com textura rugosa, apresentando sinais de fuligem no exterior e interior. **Descrição** Prato de paredes retas de desenvolvimento oblíquo. Bordo vertical, facetado no exterior, marcado por carena externa de perfil arredondado, com lábio pontiagudo, levemente introvertido. Fundo plano de desenvolvimento oblíquo com assentamento integral e espessura regular. **Classificação e cronologia** Tipo - Moreira 2010, Grupo IV, Forma 3 / 2ª metade séc. III - séc. IV. **Dimensões** Altura máxima 39 mm; Diâmetro máximo 147 mm; Diâmetro do fundo 95 mm; Capacidade 351,44 cm³ / 0,35 L. **Depósito** MMAP [ROV. 946]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 147; 2010, 252-253, est. XXII, n.º 5.





186 Púcaro — Cerâmica comum

Proveniência Necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta compacta com cozedura homogénea. Elementos não plásticos de pequeno calibre compostos por mica e quartzo. Superfície deficientemente polida, rugosa, de cor alaranjada (N55). **Descrição** Púcaro de perfil em S com corpo oval. Encontra-se fragmentado ao nível do arranque do colo não conservando qualquer elemento relativo ao bordo e fixação da asa. Arranque de asa em fita de secção plano-convexa de desenvolvimento oblíquo, extrovertida. Pé discoidal de desenvolvimento vertical com fundo côncavo de assentamento lateral. Decoração composta por três linhas pintadas a ocre, paralelas entre si, ao nível do bojo, abaixo do arranque da asa. Apresenta ainda outros dois motivos pintados no arranque para o colo, com duas linhas serpentiniformes de cada lado e ao meio um motivo em espinha (P55). **Classificação e cronologia** Tipo - Moreira 2010, Grupo VIII, Forma 2 / 2ª metade séc. III - séc. IV. **Dimensões** Altura máxima 125 mm; Diâmetro da base 48 mm; Diâmetro máximo do bojo 99 mm. **Depósito** MMAP [ROR. 1111]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 145; 2010, 259, est. XXII, n.º 39.



187 Taça — Cerâmica cinzenta fina tardia

Proveniência Necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa. **Material** Pasta compacta com cozedura homogénea. Abundantes elementos não plásticos compostos por mica e quartzo de pequeno calibre. Superfície polida com engobe baço de cor negra. **Descrição** Taça de cerâmica cinzenta fina tardia. Parede curvilínea com bordo vertical e lábio arredondado ligeiramente introvertido. Fundo constituído por pé de perfil trapezoidal de assentamento direto. Fundo convexo com espessamento progressivo para o centro. **Classificação e cronologia** Tipo - Moreira 2010, Grupo XIV, Ritt. 8 / 2ª metade séc. III - séc. IV. **Dimensões** Altura máxima 62 mm; Diâmetro do bordo 128 mm; Diâmetro máximo do fundo 53 mm; Capacidade 516,81 cm³ / 0,51 L. **Depósito** MMAP [ROV. 1115]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 146; 2010, 254-155, est. XXII, n.º 15.



188 Prato — Terra sigillata africana

Proveniência Necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa. **Material** Cerâmica. Superfície lisa e homogénea com polimento acentuado conservando vestígios de engobe no interior e exterior de cor laranja (P39). Pasta compacta com cozedura uniforme de cor rosada. Elementos não plásticos compostos por mica e quartzo de pequeno calibre. **Descrição** Prateira, terra sigillata africana tipo Hayes 67. Paredes arqueadas com aba e bordo moldurado e ascendente. Lábio espessado marcado por um friso interno. Perfil sinuoso com paredes arqueadas e fundo plano marcado por uma estria profunda, formando um pé falso. Apresenta ainda duas linhas concêntricas. A forma 67 da tipologia de Hayes para a sigillata africana corresponde à segunda forma de maior representatividade no Noroeste Peninsular onde se identificam vários exemplares. À semelhança das formas de importação de maior expressão, constitui também uma forma que deu origem a imitações em cerâmica de engobe vermelho não vitrificável, de que se conhece um exemplar particularmente fiel à forma original da necrópole galaico-romana de Gulpilhares, Vila Nova de Gaia (LOBATO 1995, est. XI, n.º 32). **Classificação e cronologia** Tipo Hayes 67/ 2ª metade séc. III - séc. IV. **Dimensões** Altura máxima 51 mm; Diâmetro máximo do bordo 265 mm; Diâmetro máximo do fundo 92 mm; Capacidade 1206,56 cm³ / 1,20 L. **Depósito** MMAP [ROV. 1109]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 148; 2010, 254, est. est. XXII, n.º 13.



189 Jarro — Cerâmica comum

Proveniência Necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta compacta com cozedura homogénea. Elementos não plásticos compostos por mica, quartzo e feldspato de pequeno calibre. Superfície alisada com polimento acentuado de fabrico cuidado de cor creme (M35). **Descrição** Jarro de perfil em S com corpo oval. Colo moderadamente estrangulado com bordo extrovertido de desenvolvimento oblíquo, rematado por lábio arredondado. Pé de desenvolvimento vertical com fundo côncavo e espessura irregular. Decorado na base do colo com três linhas incisas, paralelas entre si. O bojo encontra-se decorado com seis linhas horizontais pintadas a ocre, formando duas bandas. O interior da banda central é preenchido em branco, sobre a qual se inscreve uma matriz em V a ocre. **Classificação e cronologia** Tipo - Moreira 2010, Grupo IX, Forma 2 / 2ª metade séc. III - séc. IV. **Dimensões** Altura máxima 230 mm; Diâmetro máximo do bordo 82 mm; Diâmetro máximo do fundo 76 mm; Diâmetro máximo do bojo 162 mm; Capacidade 2276,93 cm³ / 2,27 L. **Depósito** MMAP [ROV. 1112]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 144; 2010, 260, est. XXII, n.º 42.



190 Jarro — Cerâmica comum

Proveniência Necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta compacta com cozedura homogénea. Abundantes elementos não plásticos compostos por quartzo, mica, feldspato e cerâmica moída de pequeno calibre. Superfície com alisamento deficiente. Textura rugosa de cor alaranjada (M57). **Descrição** Jarro de perfil em S com corpo oval, simétrico. Colo alto de perfil cilíndrico com estrangulamento suave. Bordo extrovertido com lábio arredondado e espesso. Asa de fita de secção plano-convexa, assimétrica, de desenvolvimento vertical, ligeiramente aberta e soerguida em relação ao nível do bordo. Pé em ressalto de desenvolvimento vertical com aresta ligeiramente excisa de perfil arredondado e fundo côncavo. Decoração composta por duas linhas incisas paralelas ao bordo que diferenciam o corpo do colo. **Classificação e cronologia** Tipo Moreira 2010, Grupo IX, Forma 1 / 2ª metade séc. III - séc. IV. **Dimensões** Altura máxima 239 mm; Diâmetro máximo do bordo 79 mm; Diâmetro do fundo 74 mm; Diâmetro máximo do corpo 165 mm; Capacidade 2379,50 cm³ / 2,37 L. **Depósito** MMAP [ROV. 937]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 147; 2010, 258, est. XXII, n.º 31.



191 Bilha — Cerâmica comum

Proveniência Necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta homogénea com cozedura regular. Elementos não plásticos compostos por mica, quartzo e feldspato de calibre irregular. Superfície alisada e polida com vestígios de engobe de cor laranja (N45). **Descrição** Bilha de perfil em S de corpo globular. Reservatório simétrico com gargalo bitroncocónico e bordo extrovertido com lábio boleado projetado para o exterior. Bocal circular. Asa de fita de secção oval de desenvolvimento vertical com dedeira entre o bordo e a parte superior da asa. Pé curto de desenvolvimento oblíquo com fundo ligeiramente côncavo de assentamento lateral. **Classificação e cronologia** Tipo Moreira 2010, Grupo VI, Forma 1 / 2ª metade séc. III - séc. IV. **Dimensões** Altura máxima 224 mm; Diâmetro máximo do bordo 52 mm; Diâmetro máximo do fundo 85 mm; Diâmetro máximo do bojo 169 mm; Capacidade 2072,25 cm³ / 2,07 L. **Depósito** MMAP [ROV. 1113]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 145; 2010, 260, est. XXII, n.º 44.



192 Jarro — Cerâmica comum

Proveniência Necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta pouco compacta com cozedura homogénea. Elementos não plásticos compostos por mica e quartzo de pequeno calibre. Superfície com alisamento deficiente e textura rugosa de cor castanha (P60). **Descrição** Jarro de perfil em S com corpo oval, simétrico. Colo alto, curto e estrangulado. Bordo aberto de desenvolvimento oblíquo com lábio em bisel com superfície superior plana. Arranque de asa em fita de secção plano-convexa de desenvolvimento do corpo ao bordo. Fundo plano de assentamento pleno formado por pé com pequeno ressalto de perfil arredondado. Decoração composta por uma linha incisa, paralela ao bordo, implantada ao nível inferior do colo. Espessura irregular com espessamento progressivo para o centro. **Classificação e cronologia** Tipo - Moreira 2010, Grupo IX, Forma 1 / 2ª metade séc. III - séc. IV. **Dimensões** Altura máxima 196 mm; Diâmetro máximo do bordo 83 mm; Diâmetro do fundo 71 mm; Diâmetro máximo do corpo 144 mm; Capacidade 1604,55 cm³ / 1,60 L. **Depósito** MMAP [ROV. 1093]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 151; 2010, 257, est. XXII, n.º 28.



193 Jarro — Cerâmica comum

Proveniência Necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta compacta com cozedura homogénea. Elementos não plásticos compostos por quartzo, mica e cerâmica moída de pequeno calibre. Superfície deficientemente alisada. Conserva vestígios de engobe de cor bege (M69). **Descrição** Jarro trilobado de perfil em S. Corpo globular com colo alto de desenvolvimento vertical. Bordo trilobado, assimétrico, com lábio arredondado de espessura irregular. Asa de fita de secção plano-convexa de desenvolvimento vertical do bojo ao bordo, ligeiramente soerguida em relação ao bordo. Na junção da asa ao bordo apresenta uma dedeira de desenho irregular. Fundo discoidal de assentamento integral e espessura irregular com espessamento progressivo para o centro. **Classificação e cronologia** Tipo Moreira 2010, Grupo X, Forma 3ª / 2ª metade séc. III - séc. IV. **Dimensões** Altura máxima 170 mm; Diâmetro máximo do bojo 136 mm; Diâmetro do fundo 70 mm; Capacidade 1008,36 cm³ / 1,00 L. **Depósito** MMAP [ROV. 1114]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 150; 2010, 259, est. XXII, n.º 36



194 Bilha — Cerâmica comum

Proveniência Necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta compacta com cozedura homogénea. Elementos não plásticos compostos por quartzo, mica e feldspato de pequeno calibre. Superfície com alisamento e polimento irregular. Textura rugosa, pouco homogénea, de cor castanha (P53). **Descrição** Bilha trilobada de perfil em S com corpo oval. Colo curto e estrangulado com bordo muito extrovertido e lábio arredondado. Bocal trilobado, simétrico, com vertedouro bem desenhado e prolongado. Asa de fita de secção plano-convexa de desenvolvimento vertical, fragmentada ao nível do arranque, junto ao bojo. Fundo plano de assentamento lateral. **Classificação e cronologia** Tipo Moreira 2010, Grupo X, Forma 4 / 2ª metade séc. III - séc. IV. **Dimensões** Altura máxima 228 mm; Diâmetro máximo do bojo 187 mm; Diâmetro máximo do fundo 100 mm; Capacidade 3125,52 cm³ / 3,12 L. **Depósito** MMAP [ROV. 1099]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 146; 2010, 259-260, est. XXII, n.º 40.



195 Copo — Cerâmica comum

Proveniência Necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta compacta com cozedura irregular. Elementos não plásticos compostos por mica e quartzo de pequeno calibre. A superfície apresenta polimento acentuado e acabamento cuidado com engobe espesso, de cor castanha (P67). **Descrição** Copo de perfil em S. Colo alto de estrangulamento suave. Bordo aberto e lábio de contorno arredondado. Fundo discoidal de desenvolvimento oblíquo em ressalto com fundo côncavo de assentamento lateral. A decoração é composta por duas bandas de estrias incisas paralelas ao bordo e na ligação do corpo com o pé. **Classificação e cronologia** Tipo - Moreira 2010, Grupo I, Forma 1 / 2ª metade séc. III - séc. IV. **Dimensões** Altura máxima 113 mm; Diâmetro máximo do bordo 57 mm; Diâmetro do fundo 46 mm; Diâmetro máximo do corpo 82 mm; Capacidade 334,05 cm³ / 0,33 L. **Depósito** MMAP [ROV. 1098]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 145; 2010, 256, est. XXII, n.º 22.



196 Copo — Cerâmica comum

Proveniência Necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta compacta com cozedura homogénea. Elementos não plásticos de pequeno calibre compostos por mica, quartzo e feldspato. Superfície alisada com acabamento cuidado e vestígios de engobe de cor castanho escuro (P49). **Descrição** Copo de perfil em S e colo alto. Bordo aberto de desenvolvimento oblíquo com lábio arredondado. Fundo discoidal de recorte vertical com acentuado espessamento para o interior ao nível da carena. Decoração composta por três bandas de duas linhas incisas ao nível do colo. **Classificação e cronologia** Tipo - Moreira 2010, Grupo I, Forma 1ª / 2ª metade séc. III - séc. IV. **Dimensões** Altura máxima 102 mm; Diâmetro máximo do bordo 56 mm; Diâmetro do fundo 43 mm; Diâmetro máximo do corpo 80 mm; Capacidade 256,53 cm³ / 0,25 L. **Depósito** MMAP [ROV. 1097]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 146; 2010, 256, est. XXII, n.º 23.



197 Púcaro — Cerâmica comum

Proveniência Necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa. **Material** Pasta compacta de cozedura irregular. Elementos não plásticos uniformemente distribuídos, compostos essencialmente por mica e quartzo de pequeno calibre. Superfície deficientemente alisada com sinais de engobe de cor vermelho-acastanhado (P40) e textura rugosa. **Descrição** Púcaro de perfil em S com corpo oval. Colo alto e estrangulado com bordo extrovertido de desenvolvimento oblíquo e lábio arredondado. Asa de fita de secção plano-convexa de desenvolvimento vertical, ligeiramente oblíqua e soerguida em relação ao nível do bordo. Fundo discoidal de assentamento pleno e espessura regular formado por pé curto com ligeiro ressalto de perfil arredondado. Decoração composta por uma pequena linha incisa implantada na ligação do colo ao bojo. **Classificação e cronologia** Tipo Moreira 2010, Grupo VIII, Forma 2 / 2ª metade séc. III - séc. IV. **Dimensões** Altura máxima 178 mm; Diâmetro de bordo 58 mm; Diâmetro máximo do fundo 66 mm; Diâmetro máximo do corpo 125 mm; Espessura média 5 mm; Capacidade 904,48 cm³ / 0,90 L. **Depósito** MMAP [ROV. Coleção Manuel Sousa]. **Bibli.** MOREIRA 2010, 257-258, est. XXII, n.º 30.



198 Bilha — *Cerâmica comum*

Proveniência Necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura homogénea. Elementos não plásticos à base de mica e quartzo de calibre médio. Superfície alisada com polimento deficiente de cor alaranjada (N40). **Descrição** Bilha de perfil em S de corpo globular com reservatório baixo. Gargalo bitroncocónico e bordo extrovertido com lábio boleado, projetado para o exterior. Bocal circular. Asa de fita de secção plano-convexa de desenvolvimento vertical com dedeira entre o bordo e a parte superior da asa. Pé de desenvolvimento vertical com fundo plano de assentamento pleno. A decoração é composta por uma canelura de perfil arredondado que demarca o bojo do colo, ligeiramente acima da implantação da asa. **Classificação e cronologia** Tipo - Moreira 2010, Grupo VI, Forma 1 / 2ª metade séc. III - séc. IV. **Dimensões** Altura máxima 226 mm; Diâmetro máximo do bordo 55 mm; Diâmetro do fundo 89 mm; Diâmetro máximo do bojo 164 mm; Capacidade 1750,87 cm³ / 1,75 L. **Depósito** MMAP [ROV. 940]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 148; 2010, 260, est. XXII, n.º 43.



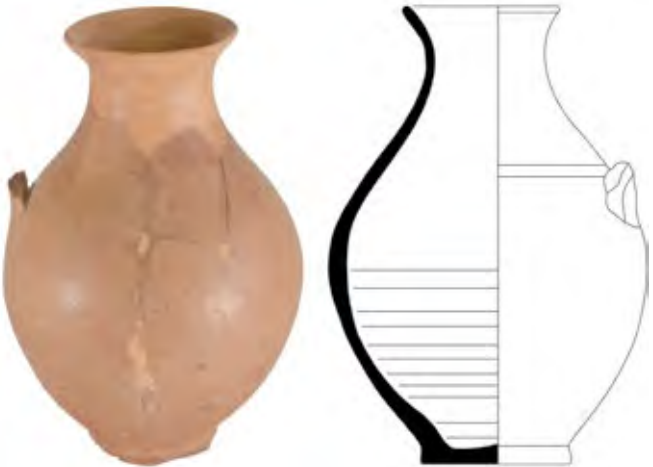
201 Púcaro — *Cerâmica comum*

Proveniência Necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta compacta com cozedura homogénea. Cor castanha com manchas irregulares (N47). Elementos não plásticos compostos por mica, quartzo e feldspato de pequeno calibre. **Descrição** Púcaro de perfil em S com corpo esférico. Colo alto e estrangulado rematado por bordo aberto de desenvolvimento oblíquo, fragmentado ao nível do lábio. Arranque de asa de fita com secção plano-convexa. Fundo discoidal com ressalto de perfil arredondado e assentamento pleno. Decoração composta por um conjunto de três linhas incisas paralelas ao bordo que marcam o arranque do colo. **Classificação e cronologia** Tipo - Moreira 2010, Grupo VIII, Forma 2 / 2ª metade séc. III - séc. IV. **Dimensões** Altura máxima 160 mm; Diâmetro máximo do bordo 64 mm; Diâmetro do fundo 56 mm; Diâmetro máximo do corpo 122 mm; Capacidade 309,10 cm³ / 0,39 L. **Depósito** MMAP [ROV. 1095]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 145; 2010, 257, est. XXII, n.º 26.



199 Púcaro — *Cerâmica comum*

Proveniência Necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura homogénea. Cor acastanhada com manchas mais claras (N57). Elementos não plásticos compostos por quartzo e mica de pequeno calibre. **Descrição** Púcaro de pequenas dimensões de perfil em S com corpo oval, colo curto e estrangulado. Bordo extrovertido com lábio arredondado de espessura inferior à parede. Asa de fita de secção plano-convexa de desenvolvimento vertical, ligeiramente aberta, assimétrica e soerguida em relação ao nível do bordo. Pé de desenvolvimento vertical, com aresta ligeiramente excisa de perfil arredondado. Fundo plano de assentamento pleno com espessura progressiva para o centro. Decoração composta por uma linha incisa paralela ao bordo que diferenciam o corpo e o colo. **Classificação e cronologia** Tipo - Moreira 2010, Grupo VIII, Forma 2 / 2ª metade séc. III - séc. IV. **Dimensões** Altura máxima 145 mm; Diâmetro máximo do bordo 52 mm; Diâmetro do fundo 48 mm; Diâmetro máximo do corpo 68 mm; Capacidade 567,68 cm³ / 0,56 L. **Depósito** MMAP [ROV. 1096]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 146; 2010, 258, est. XXII, n.º 32.



202 Púcaro — *Cerâmica comum*

Proveniência Necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta bem depurada e compacta com cozedura homogénea. Elementos não plásticos compostos por quartzo, mica e cerâmica de pequeno calibre. Superfície deficientemente alisada, com vestígios de engobe de cor castanha (M47). **Descrição** Púcaro de perfil em S com corpo oval e colo estrangulado. Bordo aberto de desenvolvimento oblíquo com lábio de perfil arredondado. Arranque de asa de fita assimétrica de secção plano-convexa com desenvolvimento do bojo ao bordo. Fundo discoidal, ligeiramente côncavo, com pé de projeção vertical com ressalto de perfil arredondado e base plana. Decoração composta por duas linhas incisas paralelas ao bordo inscritas ao nível do terço superior do corpo após o arranque da asa. **Classificação e cronologia** Tipo - Moreira 2010, Grupo VIII, Forma 2 / 2ª metade séc. III - séc. IV. **Dimensões** Altura máxima 167 mm; Diâmetro máximo do bordo 64 mm; Diâmetro do fundo 55 mm; Diâmetro máximo do corpo 117 mm; Capacidade 812,77 cm³ / 0,81 L. **Depósito** MMAP [ROV. 1092]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 148; 2010, 257, est. XXII, n.º 27.



203 Tigela — *Cerâmica comum*

Proveniência Necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta compacta com cozedura homogénea. Elementos não plásticos de calibre médio, compostos por mica, quartzo e cerâmica moída. Superfície deficientemente alisada, rugosa, com vestígios de engobe de cor castanho alaranjado (N49). **Descrição** Tigela de paredes arqueadas com bordo formado por aba curva e pendente, de perfil arqueado. Corpo arredondado, ligeiramente assimétrico, com fundo plano de assentamento direto levemente côncavo. **Classificação e cronologia** Tipo - Moreira 2010, Grupo II, Forma 2 / 2ª metade séc. III - séc. IV. **Dimensões** Altura máxima 67 mm; Diâmetro máximo do bordo 242 mm; Diâmetro máximo do fundo 110 mm; Capacidade 622,26 cm³ / 0,62 L. **Depósito** MMAP [ROV. 943]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 148; 2010, 255-256, est. XXII, n.º 20.



200 Púcaro — *Cerâmica comum*

Proveniência Necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta compacta e dura com elementos não plásticos de pequena dimensão compostos por mica e quartzo. Superfície alisada, ligeiramente rugosa. Engobe de cor creme (M67). **Descrição** Púcaro de perfil em S de corpo oval ligeiramente carenado. Colo alto de estrangulamento suave. Bordo curto e extrovertido com lábio arredondado ligeiramente pendente. Asa de fita de secção plano-convexa com nervura interna de desenvolvimento vertical, ligeiramente aberta e soerguida em relação ao nível do bordo. Carena baixa e pouco vincada. Pé de desenvolvimento oblíquo com aresta excisa de perfil arredondado e fundo côncavo de assentamento lateral. **Classificação e cronologia** Tipo - Moreira 2010, Grupo VIII, Forma 1 / 2ª metade séc. III - séc. IV. **Dimensões** Altura máxima 155 mm; Diâmetro máximo do bordo 63 mm; Diâmetro do fundo 50 mm; Diâmetro máximo do corpo 119 mm; Capacidade 667,45 cm³ / 0,66 L. **Depósito** MMAP [ROV. 1110]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 150; 2010, 258, est. XXII, n.º 34.



204 Prato — *Cerâmica comum*

Proveniência Necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta compacta com cozedura homogénea de cor creme. Elementos não plásticos compostos por mica e quartzo de calibre médio. Superfície externa deficientemente alisada de cor castanha (M70). O interior conserva estrias da elevação da peça no torno. **Descrição** Prato com paredes arqueadas de desenvolvimento oblíquo. Bordo simétrico, reentrante e lábio introvertido, ligeiramente facetado na face superior. Parede de espessura irregular com espessamento progressivo para a base. Fundo plano de desenvolvimento oblíquo de assentamento integral e espessura regular. **Classificação e cronologia** Tipo - Moreira 2010, Grupo IV, Forma 3ª / 2ª metade séc. III - séc. IV. **Dimensões** Altura máxima 55 mm; Diâmetro máximo do bordo 195 mm; Diâmetro do fundo 140 mm; Capacidade 863,39 cm³ / 0,86 L. **Depósito** MMAP [ROV. 944]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 150; 2010, 254, est. XXII, n.º 11.

205 Prato — Cerâmica comum



Proveniência Necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta compacta com cozedura homogénea de cor castanha. Elementos não plásticos à base de mica, feldspato e quartzo de calibre médio. Superfície alisada com acabamento irregular de cor castanho clara (N49), com vestígios de fuligem no interior e exterior. **Descrição** Prato com paredes arqueadas de desenvolvimento oblíquo. Bordo vertical rematado por lábio espesso de perfil arredondado, ligeiramente introvertido. Fundo plano de desenvolvimento oblíquo, ligeiramente côncavo, de assentamento lateral. **Classificação e cronologia** Tipo - Moreira 2010, Grupo IV, Forma 3 / 2ª metade séc. III - séc. IV. **Dimensões** Altura máxima 43 mm; Diâmetro do bordo 167 mm; Diâmetro máximo do fundo 125 mm; Capacidade 629,19 cm³ / 0,62 L. **Depósito** MMAP [ROV. 945]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 150; 2010, 253, est. XXII, n.º 6.

206 Tigela — Cerâmica comum



Proveniência Necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta compacta com cozedura uniforme de cor rosada. Elementos não plásticos compostos por mica e quartzo de médio calibre. Superfície rugosa com alisamento irregular e vestígios de engobe de cor avermelhada (N37). **Descrição** Tigela de paredes arqueadas com bordo de desenvolvimento oblíquo e lábio arredondado. Fundo constituído por pé de desenvolvimento perpendicular de perfil trapezoidal que forma um anel de assentamento direto. Fundo ligeiramente convexo com adelgaçamento progressivo para o fundo. **Classificação e cronologia** Tipo - Moreira 2010, Grupo II, Forma 1ª / 2ª metade séc. III - séc. IV. **Dimensões** Altura máxima 55 mm; Diâmetro máximo do bordo 161 mm; Diâmetro máximo do fundo 88 mm; Capacidade 616,11 cm³ / 0,61 L. **Depósito** MMAP [ROV. 1082]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 149; 2010, 255, est. XXII, n.º 16.

207 Jarro — Cerâmica comum



Proveniência Necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura homogénea de cor avermelhada. Elementos não plásticos de pequeno calibre compostos por quartzo e mica. Superfície alisada, levemente rugosa, com vestígios de aguada de cor bege (M69). **Descrição** Jarro de perfil em S de corpo oval. Colo curto e medianamente estrangulado e bordo extrovertido com lábio arredondado de projeção oblíqua. Apresenta o negativo da implantação da asa ao nível superior do corpo. Fundo discoidal de perfil côncavo e assentamento lateral com aresta excisa de perfil arredondado. Peça pintada ao nível do terço superior do corpo com duas bandas paralelas, sendo cada uma delas composta por duas linhas brancas (K92,) e uma ocre (L29) no meio. **Classificação e cronologia** Tipo - Moreira 2010, Grupo IX, Forma 2 / 2ª metade séc. III - séc. IV. **Dimensões** Altura máxima 222 mm; Diâmetro máximo do bordo 76 mm; Diâmetro do fundo 71 mm; Diâmetro máximo do corpo 143 mm; Capacidade 1780 cm³ / 1,78 L. **Depósito** MMAP [ROV. 1094]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 150; 2010, 258, est. XXII, n.º 33.

208 Prato — Cerâmica comum



Proveniência Necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa. **Material** Cerâmica. Pasta compacta com cozedura irregular, de cor acastanhada (N69). Elementos não plásticos compostos por quartzo, mica e feldspato de pequeno calibre. Superfície deficientemente alisada de textura rugosa, concrecionada. **Descrição** Prato de paredes arqueadas de desenvolvimento oblíquo. Bordo reentrante com lábio facetado no exterior e aresta arredondada no interior. Apresenta uma canelura muito tênue junto ao bordo de perfil em U. Fundo plano de assentamento integral e espessura irregular com desenvolvimento progressivo para o centro. **Classificação e cronologia** Tipo - Moreira 2010, Grupo IV, Forma 3 / 2ª metade séc. III - séc. IV. **Dimensões** Altura máxima 48 mm; Diâmetro máximo do bordo 170 mm; Diâmetro do fundo 107 mm; Capacidade 536,83 cm³ / 0,17 L. **Depósito** MMAP [ROV. 947]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 147; 2010, 258, est. XXII, n.º 10.

209 Ara



Proveniência Capela de S. Bartolomeu, Santo Tirso, Santo Tirso. **Material** Granito de cor bege (R92). **Descrição** Ara encontrada na capela de S. Bartolomeu, onde servia de pia para água benta. Foi retirada em 1952 por Carlos Faya Santarém e colocada no Museu Municipal Abade Pedrosa, em Santo Tirso, onde atualmente se encontra. Ara votiva de grão fino, trabalhada nas quatro faces, com arestas muito desgastadas e fraturada na face inferior. Base de forma quadrangular moldurada com três toros. O capitel, de forma paralelepípedica com cantos arredondados, apresenta uma cruz gravada no seu lado esquerdo e dois pequenos orifícios circulares na face. Fóculo escavado. Epigrafe composta por caracteres atuários, muito tênues, de recorte desigual com inclinação predominante à direita, paginação muito deficiente, sem qualquer alinhamento ou eixo de simetria. O mau estado de conservação da epigrafe apresenta grande dificuldade de leitura, em particular nas suas últimas linhas, tendo originado diferentes transcrições e interpretações. **Classificação e cronologia** Tipo - / ... **Dimensões** 82 cm x 24 cm x 24 cm; Camp. Epi.:31 cm x 21 cm; Alt. letras: 1: **1.2** 1,8; **3** 2; **4.5** 2,5; **6** 2,2; 2: **1** 2,2; **2** ?; **3** ?; **4.5** 2; **6** 2,5; **7** 2,2; **8** ?; 3: **1** ?; **2** 2,6; **3** 2; **4** 3,3; **5** 3; **6** 2; **7** ?; 4: **1** ?; **2** 2; **3.4** 2,5; **5** 3; **6** 1,8; **7** ?; 5: **1** 2,4; **2** 2; **3.4.5** ?; **6** 1,8; **7** 2; 6: **1.2** 2; **3** 2,5; **4** 1,8; **5** 2,5; **6** 1,5; 7: **1** 2,5; **2** 2; Esp. Inter.: **1** 0,5/1; **2** 1/1,5; **3** 1; **4** 0,5; **5** 1,5/2; **6** 2; **7** 1,5; Cruz: dim.: 130 mm x 120 mm com sulcos de perfil em U; Fóculo: Diâmetro exterior 170 mm; Profundidade máxima 65 mm.

DOM (*ino*) DEO / NENEEOCO / SEVERV(s) / [S]ATVRNI / NI [F*ilius*] VO / TO POSV/IT NVMIN (*i*) / ...

Ao deus (*Cusu*)Neneoeco, Severo, filho de Saturnino, erigiu em cumprimento de voto....

Bibli. ILER 896; AZEVEDO 1957, 293-301; BLAZQUEZ 1962, 122, fi g. 31; TRANOY 1981, 274; ALARCÃO 1988, 20, n.º 1/357; ALBALAT 1990, 249, nota 14; GARCIA 1991, 303, n.º 51; MOREIRA 1992, 21-22, fot. 5; 2005, 33; 2007, 93; 2010, 310-311.

210 Ara — Capitel



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Granito de grão médio da região de cor bege (K91). **Descrição** Capitel de ara de pequena dimensão, fragmentada ao nível do arranque do fuste. Capitel sub-retangular, muito irregular, com cantos arredondados, sem vestígios de fóculo na superfície. Nas quatro faces recortam-se dois toros em alto-relevo, paralelos entre si, de recorte irregular. Não se conhece qualquer vestígio da epigrafe. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Fase VII-Vila. **Dimensões** Altura máxima 250 mm; Largura máxima 185 mm; Comprimento máximo 235 mm. **Depósito** MMAP [PAD. Achado de superfície]. **Bibli.** MOREIRA 2014, 105.

ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO

ÉPOCA CONTEMPORÂNEA



IDADE MÉDIA
E MODERNA

ROMANIZAÇÃO

PROTO-HISTÓRIA

PRÉ-HISTÓRIA



1 Esqueleto

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Espólio osteológico. **Descrição*** Esqueleto proveniente de “sepultura de caixa” com planta retangular e faces laterais ligeiramente ovais, onde se encontravam inumados pelo menos três indivíduos. Dois dos enterramentos estão apenas representados por alguns ossos longos e fragmentos ósseos. No fundo da sepultura encontrava-se um esqueleto em decúbito dorsal, com membros inferiores esticados e os membros superiores fletidos sobre o abdómen. Junto, do lado esquerdo do crânio, encontrou-se um alfinete de toucado de bronze. A estimativa da idade à morte do indivíduo revelou um adulto, possivelmente de idade avançada, tendo em conta a perda antemortem dos dentes posteriores da arcada inferior e dos dentes anteriores da arcada superior e a obliteração parcial da sutura sagital. Relativamente à diagnose sexual, segundo as características cranianas (métricas e não-métricas), as observações do osso íliaco e as medições do osso do pé (astrágalo), é possível aferir que este se trata de um indivíduo de sexo feminino. As análises de paleopatologia demonstraram a presença mínima de osteoartrrose nalguns dos ossos longos (cúbito e rádio) e nos ossos do carpo (mão) do lado direito. Na tíbia e perónio esquerdos foi perceptível a formação de osso novo depositado sobre a superfície (periostite), que poderá resultar de um trauma, doença infecciosa, problemas vasculares, entre outros. Nos vestígios dentários verificou-se a presença de cáries, tártaro e um desgaste elevado. **Classificação e cronologia** Tipo - sepultura de caixa / Monte Padrão - Fase IX. **Dimensões** Altura máxima 1,75 m; Largura 40 cm. **Depósito** MMAP [PAD. Indivíduo A (Sepultura 2/2005)]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 168.

* Descrição de Tânia Pereira.



2 Estela discoidal

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Granito de cor rosada (M51). **Descrição** Estela discoidal em granito de grão fino da região. Disco circular decorado nas duas faces e talão de formato sub-retangular. Decoração composta por quatro círculos concêntricos, com sulcos de perfil em U. No centro uma cruz de braços iguais com ligeira inclinação à esquerda. Na outra face a decoração é semelhante, apresentando-se mais vincada. Durante a Idade Média, a forma mais comum de homenagear os mortos, para além dos rituais das tumulações, consistiu na colocação de lápides à cabeceira das sepulturas. As estelas discoides medievais normalmente apresentam uma configuração de “palmatória”, ou seja, uma parte superior em forma de disco e a inferior em espigão, destinada a ficar enterrada. A sua iconografia, geralmente muito rica, permite uma abordagem multifacetada da sociedade, nomeadamente na área da economia, uma vez que os temas patentes fornecem inúmeras informações sobre os ofícios e profissões. A iconografia representada de maior expressão é a crucifera, seguindo-se os motivos geométricos e a representação de instrumentos de ofícios. **Classificação e cronologia** Tipo / Monte Padrão - Fase IX. **Dimensões** Altura máxima 570 mm; Altura do pé 260 mm; Largura máxima do pé 290 mm; Espessura do pé 130 mm; Diâmetro máximo do disco 320 mm; Espessura máxima do disco 100 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 04, B1, (K26. 00), op. 16]. **Bibli.** MOREIRA 2005, 51; 2007, 168.



3 Moeda batida

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cobre. **Descrição** X Reais, D. João III. Anverso - Ilegível. Reverso - Ilegível. **Eixo / Módulo** ____ / 36 mm **Marca / Peso** ____ / 13,4 gr.. **Classificação e cronologia** D. João III, 1521-1557; F. Vaz - J3.191 / Monte Padrão - Fase IX. **Depósito** MMAP [PAD. 05 A, B1 (J32.02), op. 75]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 158.



4 Moeda batida

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cobre. **Descrição** Moeda batida. Anverso - Ilegível. Reverso - Ilegível. **Eixo / Módulo** ____ / 27 mm **Marca / Peso** ____ / 3,1 gr.. **Classificação e cronologia** / Monte Padrão - Fase IX. **Depósito** MMAP [PAD. 04 A, B1 (K28.00), op. 33]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 159.



5 Moeda batida

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cobre. **Descrição** Moeda batida. Anverso - Ilegível. Reverso - Ilegível. **Eixo / Módulo** ____ / 28 - 29 mm **Marca / Peso** ____ / 2,8 gr.. **Classificação e cronologia** ... / Monte Padrão - Fase IX. **Depósito** MMAP [PAD. 04 A, B1 (K22.00), op. 19]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 159.



6 Moeda batida

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cobre. **Descrição** Moeda batida. Anverso - Ilegível. Reverso - Ilegível. **Eixo / Módulo** __ / 30 mm **Marca / Peso** __ / 7,7 gr.. **Classificação e cronologia** ... / Monte Padrão - Fase IX. **Depósito** MMAP [PAD. 04 A, B1 (K26.01), op. 99]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 159.



7 Moeda batida

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cobre. **Descrição** Moeda batida. Anverso - Ilegível. Reverso - Ilegível. **Eixo / Módulo** __ / 29 mm **Marca / Peso** __ / 3,9 gr.. **Classificação e cronologia** ... / Monte Padrão - Fase IX. **Depósito** MMAP [PAD. 04 A, B1, op. 144]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 159.



8 Moeda batida

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cobre. **Descrição** Moeda batida. Anverso - Ilegível. Reverso - Ilegível. **Eixo / Módulo** __ / 30 mm **Marca / Peso** __ / 4,7 gr.. **Classificação e cronologia** ... / Monte Padrão - Fase IX. **Depósito** MMAP [PAD. 04 A, B1, op. 109]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 159.



9 Moeda batida

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cobre. **Descrição** Moeda batida. Anverso - Ilegível. Reverso - Ilegível. **Eixo / Módulo** __ / 28 - 29 mm **Marca / Peso** __ / 4,7 gr.. **Classificação e cronologia** ... / Monte Padrão - Fase IX. **Depósito** MMAP [PAD. 04 A, B1 (K22.02), op. 184]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 159.



10 Moeda batida

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cobre. **Descrição** Moeda batida. Anverso - Ilegível. Reverso - Ilegível. **Eixo / Módulo** __ / 30 mm **Marca / Peso** __ / 5,0 gr.. **Classificação e cronologia** ... / Monte Padrão - Fase IX. **Depósito** MMAP [PAD. 05 A, B1 (Sep.19), op. 84]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 159.



11 Anel

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Bronze. **Descrição** Anel. Fita de secção plano-convexa. Fecho efetuado por sobreposição do aro. Encontra-se deformado e fragmentado em dois pontos. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX. **Dimensões** Comprimento máximo 22 mm; Largura máxima 18 mm; Espessura máxima 2 mm; Peso 1,1 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. s/n.°]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 166.



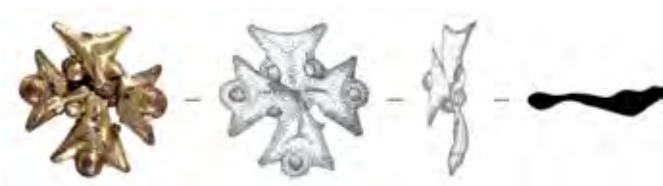
12 Alfinete

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Bronze. **Descrição** Alfinete. Cabeça esférica elaborada por fio enrolado à volta da haste. Decoração na face intermédia da cabeça composta por uma linha incisa que separa a cabeça em duas partes iguais. Haste de secção circular de espessura irregular rematada por ponta afiada. Encontra-se dobrado no terço inferior. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX. **Dimensões** Comprimento máximo 53 mm; Espessura da cabeça 3 mm; Espessura da haste 1 mm; Peso 0,8 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. 05 A, B1 (Sep. 06.2006), op. 67]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 167.



13 Placa de revestimento

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cobre com douramento. **Descrição** Elemento decorativo. Placa de recorte trapezoidal com abas laterais dobradas e orifício de fixação na face superior. Douramento integral. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX. **Dimensões** Comprimento máximo 22 mm; Largura máxima 20 mm; Espessura máxima 1 mm; Peso 4,4 mm. **Depósito** MMAP [PAD. s/n.°]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 166.



14 Cruz

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Prata dourada. **Descrição** Cruz de braços iguais, de perfil triangular, rematada na face superior dos braços por motivos esféricos, assim como na junção da face inferior dos braços, junto ao centro. O processo de fabrico consistiu na união de duas faces iguais, através de soldadura em toda a periferia. O volume da peça é produzido através da criação de nervuras centrais que se desenvolvem através dos braços em direção ao centro da cruz. O douramento, ainda que bem conservado, apenas se conserva numa das faces. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX. **Dimensões** Comprimento máximo 30 mm; Largura máxima 29 mm; Espessura máxima 6 mm; Peso 1,7 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. 04 A, B1 (K21. 00), op. 11]. **Bibli.** MOREIRA 2005, 53; 2007, 167.



15 Aplique de revestimento

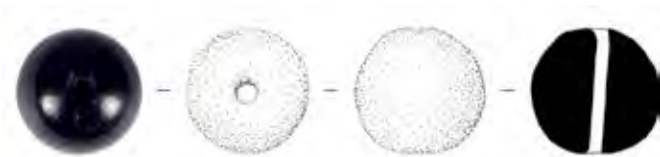
Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Bronze dourado. **Descrição** Aplique. Placa de recorte cordiforme com duas aletas laterais, simétricas, com orifício central para aplicação de um rebite. A aleta direita conserva ainda o rebite que se encontra ligeiramente revirado na face inferior. Decoração inscrita no centro da placa composta por um baixo-relevo de um florão estilizado em seis pétalas simétricas. A enquadrar o motivo central, nas faces laterais e superior, encontra-se uma banda preenchida com linhas incisas, ligeiramente onduladas. O douramento encontra-se em mau estado de conservação, sendo apenas perceptível nos interstícios das linhas incisas mais profundas. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX. **Dimensões** Comprimento máximo 75 mm; Largura máxima 56 mm; Espessura máxima 3 mm; Peso 27,7 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. s/n.°]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 168.



16 Conta

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Lacre. **Descrição** Conta esférica polifacetada. Orifício centrado com base facetada. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX. **Dimensões** Diâmetro máximo 19 mm; Diâmetro do orifício 2 mm; Peso 9,1 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. s/n.°]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 167.

17 Conta



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Azeviche. **Descrição** Conta esférica com superfície muito polida. Orifício de suspensão centrado, de perfil cilíndrico. O azeviche foi usado na Península Ibérica, desde tempos remotos, em joias convencionais de luto e rosários ou em objetos de caráter decorativo. Além do significado sagrado, o azeviche foi usado como símbolo de prestígio, constituindo uma matéria-prima mais cara que o vidro, o osso, ou as sementes, com as quais se elaboravam o mesmo tipo de adornos mais acessíveis. A “indústria” de época moderna desenvolveu-se especialmente no Norte, relacionando-se com as peregrinações a Santiago de Compostela. O único exemplar identificado no Monte Padrão corresponde a um tipo de peça cujo uso se difundiu bastante no adorno de elementos de indumentária, bordados diretamente sobre o tecido ou simplesmente utilizados como botões. Valorizando o contexto da sua proveniência é provável que tenha pertencido a um rosário. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX. **Dimensões** Diâmetro 18 mm; Diâmetro do orifício 3 mm; Peso 4,1 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. s/n.°]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 166.



18 Corrente

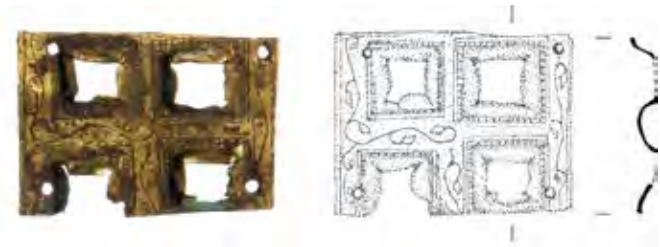
Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Bronze. **Descrição** Corrente composta por elementos individuais de argola dupla. Argolas de recorte oval dispostas alternadamente. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX. **Dimensões** Comprimento máximo 330 mm; Largura máxima 4 mm; Peso 13,8 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. s/n.°]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 166.

19 Corrente



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Bronze dourado com esmalte policromático em champlevé. **Descrição** Peça elaborada a partir de uma placa de 4 mm de espessura, na qual foi efetuado um rebaixamento para aplicação de esmalte policromo. Formato trapezoidal com a face lateral direita recortada em três lóbulos. Apresenta quatro orifícios localizados nas extremidades para fixação. Conserva uma figura em relevo, em posição frontal, de modelado simples e pouco volume, aplicada com dois cravos ao fundo esmaltado. O rosto possui um recorte ovalado, com nariz reto, queixo quadrado e cabelo liso, estilizado. Os olhos, redondos e salientes, com pupilas dilatadas, elaboradas com pequenos pontos de esmalte negro, conferem uma forte expressividade ao rosto, de acordo com a posição rígida e austera da figura. A personagem retratada (S. João Evangelista), segura um livro ao nível do peito e veste uma túnica larga, decorada com bandas em volta do pescoço, mangas e fundo. A cobrir os ombros possui um manto. O tratamento do panejamento é produzido por linhas incisas de perfil anguloso, pouco vincadas. O fundo é decorado com motivos geométricos e florais estilizados. O limite exterior da área esmaltada é delimitado por um pequeno “murete” que percorre a totalidade da peça. O elemento decorativo de base é constituído por círculos nos quais se desenvolvem motivos fitomórficos. A peça corresponde ao revestimento de uma cruz de altar ou processional, concretamente a um dos braços laterais, como sugerem os inúmeros paralelos conhecidos, nomeadamente a cruz que integra a coleção do Victoria and Albert Museum, n.º M.575-1910, datada de meados do séc. XIII, de proveniência desconhecida, cuja afinidade morfológica é assinalável, considerada como tendo pertencido a um altar onde estaria colocada em lugar de destaque ladeada por dois castiçais. Trata-se de uma cruz decorada com elementos esmaltados sobre cobre em *champlevé*, combinada com placas de cobre douradas, gravadas com motivos vegetalistas para encastrar cristais, pastas vítreas e uma ametista. Figuras de São João e da Virgem ocupam os extremos dos braços da cruz e o topo superior e inferior, representa-se a figura de um anjo e S. Pedro. Ao centro, Cristo em Majestade com referências aos quatro evangelistas e um anjo (<http://collections.vam.ac.uk/item/O128930/cross-unknown/>). **Classificação e cronologia** Produção de Limoges / Monte Padrão - Fase IX. **Dimensões** Comprimento máximo 84 mm; Altura máxima 100 mm; Espessura média 4/5 mm; Altura máxima da figura 86 mm; Largura máxima 28 mm; Peso 86,3 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. s/n.°] **Bibli.** MOREIRA 1997A, 83-87; 2005, 52; 2007, 167; 2014, 143.

20 Placa de revestimento de cruz



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cobre dourado. **Descrição** Aplique decorativo de revestimento de cruz. Placa metálica de recorte retangular com quatro orifícios quadrangulares rasgados na própria placa, dispostos simetricamente. Arestas ligeiramente reviradas para o interior para fixação dos materiais encastrados (pedras, vidros). Nos cantos apresenta quatro orifícios para fixação. A decoração, elaborada através de cinzelamento, conjuga motivos geométricos a moldurar os orifícios e motivos naturalistas estilizados nos espaços intermédios. O acabamento é composto por douramento na face superior. Encontra-se ligeiramente fragmentada na face superior direita. Trata-se de uma placa gravada para encastrar cristais, pastas vítreas ou pedras semipreciosas, cujo contexto arqueológico sugere tratar-se de parte do revestimento da cruz processional ou de altar que integraria a placa esmaltada acima referida. **Classificação e cronologia** ... / Monte Padrão - Fase IX. **Dimensões** Comprimento máximo 45 mm; Largura máxima 34 mm; Espessura máxima 1 mm; Peso 6 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. S/n.°] **Bibli.** MOREIRA 2005b, 52; 2007, 165; 2010, 254; 2014, 144.

21 Aplique de revestimento



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cobre dourado. **Descrição** Aplique metálico decorado. Placa metálica de recorte irregular. A decoração, elaborada através de cinzelamento, revela um motivo vegetalista estilizado, inscrito num círculo (flores-de-lis). O acabamento é composto por douramento na face superior. Encontra-se fragmentada na aresta superior e na extremidade lateral direita. **Classificação e cronologia** ... / Monte Padrão - Fase IX. **Dimensões** Comprimento máximo 22 mm; Largura máxima 19 mm; Espessura máxima 0,5 mm; Peso 0,7 gr.. **Depósito** MMAP [PAD. S/n.°]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 166; 2014, 144.

22 Caçarola



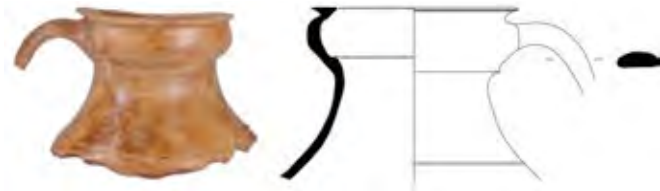
Proveniência Castro da Torre, Areias, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta compacta, bem depurada. Elementos não plásticos muito abundantes, de calibre médio, compostos por quartzo e mica. Cozedura uniforme. Acabamento rudimentar com polimento deficiente. Textura ligeiramente rugosa. Superfície externa coberta por fuligem (T92). **Descrição** Caçarola. Perfil curvo com fundo disciforme de assentamento pleno. Bordo reentrante rematado por aba projetada para o exterior, ligeiramente descendente. Asa tubular aplicada ao nível do terço superior do reservatório de desenvolvimento horizontal, ligeiramente soerguida. Decoração composta por uma banda de linhas incisas, paralelas entre si, que se prolongam do bojo para a asa. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Castro da Torre, Areias. **Dimensões** Comprimento máximo 181 mm; Altura máxima 78 mm; Diâmetro máximo do bordo 138 mm. **Depósito** MMAP [S/n.°]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 163.

23 Taça



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta compacta, bem depurada, com elementos não plásticos de pequeno calibre, muito abundantes. Cozedura uniforme de cor escura (T73). Superfície interna e externa polida com acabamento brilhante de cor cinzento escuro (T92). Modelação manual revelando irregularidades na superfície e na espessura. **Descrição** Taça de perfil troncocónico com fundo plano e bordo extrovertido. Lábio pontiagudo, ligeiramente reentrante. Possui quatro asas nas faces laterais agrupadas duas a duas. Asas de desenvolvimento vertical, perfuradas lateralmente, de secção circular. Decoração incisa na face interior do bordo compondo um meandro de recorte irregular. A decoração no exterior está inscrita na carena superior e é composta por incisões de recorte oval organizadas em forma de espinha. **Classificação e cronologia** ... / Monte Padrão - Fase IX. **Dimensões** Comprimento máximo 131 mm; Espessura máxima de bordo 9 mm; Diâmetro máximo 116 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 87 (M3.04), 76]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 163.

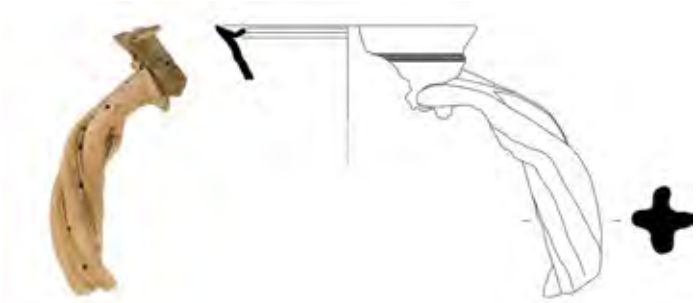
24 Jarro



Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica do Prado. Pasta de elevado grau de compactação e dureza, de toque vítreo e cozedura irregular, revelando um núcleo escuro (N92). Elementos não plásticos abundantes, de pequeno calibre e distribuição homogênea, compostos por quartzo, mica e feldspato de cor castanho claro (N67). Acabamento cuidado com polimento intenso. Superfície coberta por aguada espessa e aderente. **Descrição** Fragmento de bordo e arranque de parede de jarro de média dimensão. Parede arqueada desenvolvendo um reservatório de recorte oval. Gargalo curto de perfil arredondado, ligeiramente espessado. Bordo de secção triangular com face superior horizontal, projetado para o exterior, configurando uma aba curta de perfil anguloso. Asa de fita aplicada ao nível do gargalo com secção plano-convexa. **Classificação e cronologia** ... / Monte Padrão - Fase IX. **Dimensões** Altura máxima 75 mm; Espessura máxima da parede 5 mm; Diâmetro máximo do bordo 90 mm. **Depósito** MMAP [PAD. II, X, 150, CP 251] **Bibli.** MOREIRA 2007, 165.

25 Jarro

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta de elevado grau de compactação e dureza, de toque vítreo. Cozedura irregular revelando um núcleo escuro (N92). Elementos não plásticos muito abundantes, de pequeno calibre e distribuição homogénea, compostos por quartzo, mica e feldspato. Acabamento cuidado com polimento intenso de cor rosado (M70). Superfície coberta por aguada espessa e aderente. **Descrição** Fragmento de bordo e asa de jarro. Bordo extrovertido rematado por lábio triangular projetado para o interior a configurar uma aba de perfil em U. Asa formada por quatro nervuras de contorno arredondado, torcidas entre si, decorada por um conjunto de orifícios, dispostos aleatoriamente. As cerâmicas medievais vulgarmente designadas por “Cerâmica do Prado” são produções de expressão regional que revelam características morfológicas muito definidas. Tipologicamente apresentam uma gama variada de formas que incluem, entre outras, jarros, malgas e potes. As pastas mais características revelam um elevado grau de compactação e dureza, de toque vítreo e cozedura com núcleo escuro em contraste com a superfície de tom bege acastanhado. Os elementos não plásticos, sempre abundantes e de calibre variável, são compostos por quartzo, mica, feldspato e cerâmica moída. Geralmente, as peças deste grupo cerâmico são profusamente decoradas com motivos incisos, golpeados ou com orifícios, apresentando frequentemente cintas verticais aplicadas, de perfil triangular, que se desenvolvem do fundo ao bordo (GASPAR 1985, 51-125). **Classificação e cronologia** - Tipo “Cerâmica do Prado” / Monte Padrão - Fase IX. **Dimensões** Comprimento máximo 93 mm; Espessura da parede 3 mm; Espessura da asa 20 mm; Diâmetro máximo do bordo 90 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 86 (1A.005), 455, 458]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 160.



26 Jarro

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta de elevado grau de compactação e dureza. Toque vítreo e cozedura irregular revelando um núcleo mais escuro que a superfície (N92). Elementos não plásticos de pequeno calibre, muito abundantes, de distribuição homogénea, compostos por quartzo, mica e feldspato. Acabamento cuidado com polimento intenso de cor castanho (P70). Superfície coberta por aguada espessa e aderente. **Descrição** Fragmento de bordo e arranque de parede de jarro. Bordo extrovertido rematado por lábio triangular que se projeta para o interior configurando uma aba de perfil em U. Arranque de vertedouro ligeiramente soerguido em relação ao bordo, revelando um perfil triangular. Decoração composta por linhas incisas organizadas em bandas verticais. **Classificação e cronologia** Tipo “Cerâmica do Prado” / Monte Padrão - Fase IX. **Dimensões** Comprimento máximo 78 mm; Largura máxima 70 mm; Espessura máxima da parede 3 mm; Diâmetro máximo do bordo 137 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 87 (R29/30.008), 488, 489]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 160.



27 Jarro

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta de elevado grau de compactação e dureza. Toque vítreo e cozedura irregular com núcleo e superfície escura. Elementos não plásticos de pequeno calibre, muito abundantes, compostos por quartzo, mica e feldspato. Superfície coberta por aguada espessa e aderente de cor castanha (P70). **Descrição** Fragmento de parede de jarro com cinta vertical aplicada. Parede decorada por bandas horizontais formadas por linhas incisas verticais. Cinta de secção triangular decorada na aresta com golpes transversais. **Classificação e cronologia** Tipo “Cerâmica do Prado” / Monte Padrão - Fase IX. **Dimensões** Comprimento máximo 79 mm; Largura máxima 30 mm; Espessura máxima da parede 3 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 87 (R30/001), 342]. **Bibli.** Inédito.



28 Jarro

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta de elevado grau de compactação e dureza. Toque vítreo e cozedura irregular com núcleo e superfície escura (N92). Elementos não plásticos de pequeno calibre, muito abundantes, compostos por quartzo, mica e feldspato. Superfície coberta por aguada espessa e aderente de cor castanha (M70). **Descrição** Fragmento de parede de jarro com cinta vertical aplicada. Parede curva com carena inferior a marcar o arranque do fundo. Apresenta uma cicatriz sobre a cinta de aplicação da asa. Cinta de secção triangular decorada na aresta com golpes transversais de recorte arredondado. A decoração no bojo é composta por bandas horizontais formadas por linhas incisas verticais. **Classificação e cronologia** Tipo “Cerâmica do Prado” / Monte Padrão - Fase IX. **Dimensões** Comprimento máximo 97 mm; Largura máxima 89 mm; Espessura máxima da parede 4 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 87 (R29/30.011), 1549, 0011, 1824]. **Bibli.** Inédito.



29 Jarro

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta de elevado grau de compactação e dureza, de toque vítreo. Cozedura irregular revelando um núcleo escuro (N92). Elementos não plásticos pouco abundantes, de pequeno calibre e distribuição homogénea, compostos por quartzo, mica e feldspato de cor castanho claro (N67). Acabamento cuidado com polimento intenso. **Descrição** Fragmento de parede de jarro com cinta vertical aplicada, de perfil triangular decorada no vértice com golpes horizontais de recorte arredondado. Parede decorada por bandas horizontais formadas por linhas incisas verticais. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX. **Dimensões** Comprimento máximo 72 mm; Largura máxima 31 mm; Espessura da parede 4 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 99, B1 (G31.01), 439]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 161.



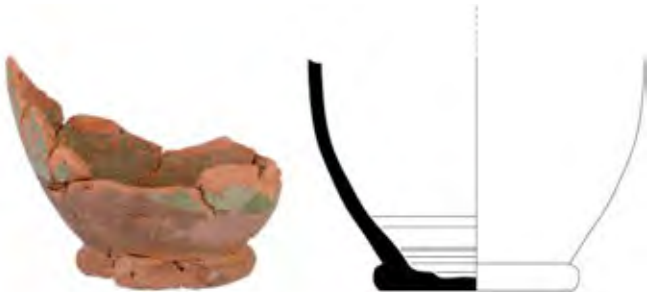
30 Fragmento de parede de jarro com decoração plástica aplicada

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta compacta, medianamente depurada de estrutura laminar. Elementos não plásticos de médio calibre, compostos por quartzo e mica. Cozedura uniforme revelando um núcleo avermelhado (N45). Superfície interna e externa vidrada de cor esverdeada (P89). Vidrado espesso e aderente. **Descrição** Fragmento de parede de vaso com aplicação plástica de face humana. Rosto assimétrico de recorte ovalado, com nariz reto, queixo arredondado e barba lisa, estilizada. Os olhos são redondos e salientes, com pupilas dilatadas, formados por orifícios, que conferem uma grande expressividade ao rosto. Boca entreaberta, ligeiramente descaída para a direita. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX. **Dimensões** Comprimento máximo 41 mm; Largura máxima 33 mm; Espessura máxima 19 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 86 (1A.009), 722]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 160.



31 Púcaro

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta compacta e bem depurada. Elementos não plásticos pouco abundantes e de pequeno calibre. Cozedura uniforme (N45). Superfície interna e externa vidrada de cor esverdeada (P89). Vidrado espesso e aderente apenas no exterior. **Descrição** Conjunto de fragmentos que formam a parte inferior de um púcaro. Reservatório oval, rematado por fundo com pé discoidal de assentamento pleno. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX. **Dimensões** Altura máxima 90 mm; Largura máxima do bojo 124 mm; Diâmetro do fundo 76 mm; Espessura da parede 6 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 85 X, 32]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 160.



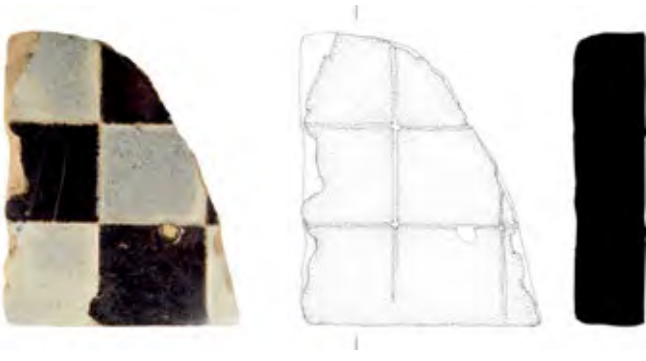
32 Alguidar

Proveniência Mosteiro de Santo Tirso, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta compacta e bem depurada. Elementos não plásticos pouco abundantes e de pequeno calibre. Cozedura uniforme. Superfícies com vidrado de chumbo transparente que, em contacto com os nódulos ferrosos existentes na pasta, confere à superfície um aspeto mosqueado. Superfície interna e externa vidrada de cor esverdeada (N80). Vidrado espesso e aderente apenas no exterior. **Descrição** Alguidar de bordo espessado projetado para o exterior. Forma troncocónica com fundo de assentamento pleno. Apresenta duas asas opostas de secção plano-convexa e desenvolvimento vertical, aplicadas diretamente abaixo do bordo. O interior revela evidentes marcas de levantamento na roda. Este tipo de alguidares caracteriza-se pelo perfil troncocónico invertido e fundo plano de assentamento pleno. A parede é reta desenvolvendo um ângulo de 45° com o fundo e o plano do bordo. Na Casa do Infante, Porto, onde se encontra bem representado foi subdivido em quatro tipos que consideram para efeito de classificação a sua dimensão, o perfil e o recorte do bordo (BARREIRA, DORDIO; TEIXEIRA 1998, 169-70, fig. 37). O acabamento deste tipo de peças apresenta-se relativamente uniforme, caracterizando-se a face externa, que normalmente não é vidrada, por apresentar um engobe fino e aderente de tonalidade mais escura que o cerne, de toque acetinado evidenciando estrias de torneamento. Os vidrados internos são transparentes, podendo assumir tonalidades de castanho-forte, castanho-amarelo, verde e mosqueado. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Mosteiro de Santo Tirso - Séc. XVIII/XIX. **Dimensões** Altura máxima 190 mm; Diâmetro de bordo 360 mm; Diâmetro do fundo 205 mm; Espessura do bordo 24 mm. **Depósito** MMAP [s/n.°]. **Bibli.** Inédito.



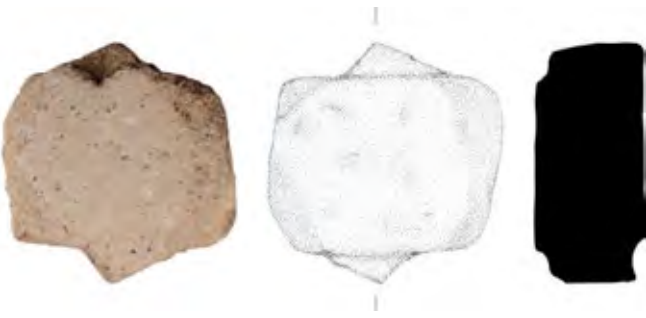
33 Azulejo hispano-árabe

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta bem depurada de estrutura laminar com abundantes vacúolos. Elementos não plásticos em pouca abundância e de pequeno calibre, compostos por mica e quartzo (M90). Superfície superior coberta por esmaltes de cor branca e castanho morado. **Descrição** Fragmento de azulejo tipo hispano-árabe elaborado a partir da técnica de aresta ou “cuenca”, formando uma composição geométrica de quadrados alternados.Os azulejos designados de caixilho ou enxaquetados são característicos de finais do séc. XV, princípios do séc. XVI, sendo contemporâneos dos azulejos designados de “corda seca” de ampla difusão peninsular. Este tipo de azulejo surge nos templos cristãos em Espanha e Portugal, formando superfícies cerâmicas policromas em coberturas, pavimentos e outros tipos de revestimentos interiores. Entre os exemplos de maior significado artístico encontra-se a cobertura da Sé Velha de Coimbra (CALADO 1999, 171). **Classificação e cronologia** Tipo hispano-árabe / Monte Padrão - Fase IX. **Dimensões** Comprimento máximo 100 mm; Largura máxima 84 mm; Espessura máxima 25 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 87, (Q31.00), 1]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 161.



34 Ladrilho

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Granito de cor amarelo pálido (L91). Conserva vestígios de argamassa de fixação. **Descrição** Ladrilho de formato retangular com duas aletas triangulares implantadas nas faces laterais, ligeiramente assimétricas. A sua morfologia e o acentuado polimento de uma das faces sugerem uma utilização de revestimento de pavimento. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX. **Dimensões** Comprimento máximo 76 mm; Largura máxima 80; Espessura máxima 37 mm. **Depósito** MMAP [PAD. s/n.°]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 161.



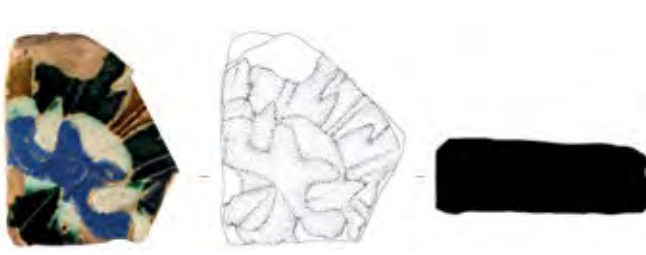
35 Azulejo tipo hispano-árabe

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta bem depurada com cozedura homogénea de cor bege (M75). Elementos não plásticos em pouca abundância e de pequeno calibre, compostos por mica e quartzo. Superfície superior coberta por esmaltes de cor branca, verde, azul pardo, amarelo melado e castanho morado. Esmalte em mau estado de conservação. **Descrição** Fragmento de azulejo tipo hispano-árabe elaborado a partir da técnica de aresta ou “cuenca”. O motivo decorativo apresenta uma composição geométrica com laçarias e motivos naturalistas. **Classificação e cronologia** Tipo hispano-árabe / Monte Padrão - Fase IX. **Dimensões** Comprimento máximo 89 mm; Largura máxima 84 mm; Espessura máxima 28 mm. **Depósito** MMAP [PAD. s/n.°]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 161.



36 Azulejo tipo hispano-árabe

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta bem depurada com cozedura uniforme de cor bege (M75). Elementos não plásticos em pouca abundância e de pequeno calibre, compostos essencialmente por mica e quartzo. Superfície superior coberta por esmaltes de cor branca, verde, azul pardo e amarelo melado. **Descrição** Fragmento de azulejo tipo hispano-árabe elaborado a partir da técnica de aresta ou “cuenca”. O motivo decorativo apresenta uma composição estilizada com laçarias e motivos naturalistas. **Classificação e cronologia** Tipo hispano-árabe / Monte Padrão - Fase IX. **Dimensões** Comprimento máximo 69 mm; Largura máxima 63 mm; Espessura máxima 24 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 87 (Q31.00), 4]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 161.



37 Azulejo tipo hispano-árabe

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta bem depurada com cozedura uniforme de cor bege (M75). Elementos não plásticos em pouca abundância e de pequeno calibre, compostos por mica e quartzo. Superfície superior coberta por esmaltes de cor branca, verde, azul pardo, amarelo melado e castanho morado. **Descrição** Fragmento de azulejo tipo hispano-árabe elaborado a partir da técnica de aresta ou “cuenca”. O motivo decorativo apresenta uma composição estilizada com laçarias e motivos naturalistas. **Classificação e cronologia** Tipo hispano-árabe / Monte Padrão - Fase IX. **Dimensões** Comprimento máximo 81 mm; Largura máxima 62 mm; Espessura máxima 23 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 87, (Q31.00), 191]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 161.



38 Azulejo tipo hispano-árabe

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta bem depurada de estrutura laminar. Elementos não plásticos em pouca quantidade e de pequeno calibre, compostos essencialmente por mica e quartzo (M75). Superfície superior coberta por esmaltes de cor branca, verde, azul pardo, amarelo melado e castanho morado. **Descrição** Fragmento de azulejo tipo hispano-árabe elaborado a partir da técnica de aresta ou “cuenca”, cuja gramática decorativa se enquadra no designado estilo “hispano-mourisco”, apresentando uma composição geométrica com laçarias, conjugada com motivos estilizados de cariz naturalistas. **Classificação e cronologia** Tipo hispano-árabe / Monte Padrão - Fase IX. **Dimensões** Comprimento máximo 68 mm; Largura máxima 63 mm; Espessura máxima 26 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 87 (R30.01), 24]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 161.



39 Azulejo tipo hispano-árabe

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cerâmica. Pasta bem depurada de estrutura laminar com abundantes vacúolos alongados (M75). Elementos não plásticos em pouca quantidade e de pequeno calibre, compostos essencialmente por mica e quartzo. Superfície superior coberta por esmalte de cor branca, verde, azul pardo, amarelo melado e castanho morado. Esmalte espesso e aderente. **Descrição** Fragmento de azulejo tipo hispano-árabe elaborado a partir da técnica de aresta ou “cuenca”. A temática decorativa enquadra-se no designado estilo “hispano-mourisco”, apresentando uma composição geométrica com laçarias, conjugada com motivos estilizados de cariz naturalista. **Classificação e cronologia** Tipo hispano-árabe / Monte Padrão - Fase IX. **Dimensões** Comprimento máximo 125 mm; Largura máxima 115 mm; Espessura máxima 27 mm. **Depósito** MMAP [PAD. 87 (R30.02), 344]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 161.



40 Moeda

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Bolhão. **Descrição** Dinheiro, D. Sancho II. Anverso - SA[NC]II REX - Motivo central formado por quatro escudetes postos em cruz com as pontas voltadas para o centro. Campo desprovido de grânulo central. Reverso - [PO] RT VG AL - Cruz longa, ligeiramente pátea, a cortar a legenda, sem travessas ao nível da transição para a bordadura, com alargamento dos braços. Não existem elementos acessórios a cantonar a cruz. **Eixo / Módulo** __ / 16 mm **Marca / Peso** __ / 0,4 gr. **Classificação e cronologia** D. Sancho II, 1223 - 1248; F. Vaz - S2.43 (?); M. Marques *Tipo PRb* / Monte Padrão - Fase IX. **Depósito** MMAP [PAD. 04 A, B1 (K32.01), op. 15]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 154.





41 Moeda

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Bolhão. **Descrição** *Dinheiro*, D. Sancho II. Anverso - [SANCII REX] (?) - Motivo central formado por quatro escudetes, postos em cruz com as pontas voltadas para o centro. Reverso - [PO RT VG AL] (?) - Cruz longa, ligeiramente pátea, a cortar a legenda, sem travessas ao nível da transição para a bordadura, com alargamento dos braços acantonada alternadamente por estrelas e pontos. **Eixo / Módulo** __ / 17 mm **Marca / Peso** __ / 0.5 gr.. **Classificação e cronologia** D. Sancho II, 1223 - 1248; F. Vaz - S2.17; M. Marques *Tipo K* / Monte Padrão - Fase IX. **Depósito** MMAP [PAD. 04 A, B1 (J32.00), op. 05.]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 154.



42 Moeda

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Bolhão. **Descrição** *Dinheiro*, D. Sancho II. Anverso - REX SAN[CIVS] - Escudo de tipo português, carregado de besantes. Reverso - [PO] RT VG AL - Cruz equilateral longa, acantonada alternadamente por estrelas e pontos. Braços com travessa ao nível da transição do campo para a bordadura com alargamento progressivo. **Eixo / Módulo** __ / 14 mm **Marca / Peso** __ / 0,4 gr.. **Classificação e cronologia** Sancho II, 1223 - 1248; F. Vaz - S2.11; M. Marques *Tipo K* / Monte Padrão - Fase IX. **Depósito** MMAP [PAD. 04 A, B1 (J32.00), op. 02]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 154.



43 Moeda

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Bolhão. **Descrição** *1/2 Dinheiro*, D. Sancho II (cortado a meio).Anverso - [SANCI REX] (?) - Motivo central formado pelo escudete inferior, de tipo português, colocado na vertical sem besantes. Reverso - [PO RT VG AL] (?) - Cruz longa, ligeiramente pátea, a cortar a legenda, sem travessas ao nível da transição para a bordadura, com alargamento dos braços. Não existem elementos acessórios a cantonar a cruz. **Eixo / Módulo** __ / 9 - 16 mm **Marca / Peso** __ / 0,3 gr.. **Classificação e cronologia** D. Sancho II, 1223 - 1248; F. Vaz - S2.38? M. Marques *Tipo PRa* / Monte Padrão - Fase IX. **Depósito** MMAP [PAD. 03 A, B1 (G24.01), op. 9]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 154.



44 Moeda

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Bolhão. **Descrição** *1/2 Dinheiro*, D. Sancho II (cortado a meio). Anverso - SAN [CI REX] - Motivo central formado pelo escudete inferior, de tipo português, colocado na vertical sem besantes. Reverso - [PO RT] VG AL - Cruz longa, ligeiramente pátea, a cortar a legenda, sem travessas ao nível da transição para a bordadura, com alargamento dos braços. Não existem elementos acessórios a cantonar a cruz. **Eixo / Módulo** __ / 9,8 - 15,5 mm **Marca / Peso** __ / 0,3 gr.. **Classificação e cronologia** D. Sancho II, 1223 - 1248; F. Vaz - S2.38? M. Marques *Tipo PRa* / Monte Padrão - Fase IX. **Depósito** MMAP [PAD 03 A, B1 (F20.01), op. 28]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 154.



45 Moeda

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Bolhão. **Descrição** *Dinheiro*, D. Afonso III. Anverso - [ALFONSVS REX] - Cruz simples, ligeiramente pátea, inscrita em orla de pontos a configurar a bordadura, com alargamento progressivo dos braços, acantonada com motivos alternados de rosetas e crescentes. Reverso - [PO RT VG AL] - Motivo central composto por escudo de tipo português com cinco besantes, rodeado por quatro pequenos escudos inscritos sobre a bordadura com o mesmo número de besantes que seccionam a legenda. **Eixo / Módulo** __ / 14 - 14,5 mm **Marca / Peso** __ / 0,4 gr.. **Classificação e cronologia** D. Afonso III, 1248 - 1279; F. Vaz - A3.43 / Monte Padrão - Fase IX. **Depósito** MMAP [PAD 05 A, B1 (I30.01), op. 51]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 155.



46 Moeda

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Bolhão. **Descrição** *Dinheiro*, D. Afonso III. Anverso - Ilegível. Reverso - [PO RT VG] AL - Motivo central composto por escudo de tipo português com cinco besantes, inscrito sobre a bordadura com o mesmo número de besantes que seccionam a legenda. **Eixo / Módulo** __ / 11 mm **Marca / Peso** __ / 0,3 gr.. **Classificação e cronologia** D. Afonso III, 1248 - 1279; F. Vaz - A3.43 / Monte Padrão - Fase IX. **Depósito** MMAP [PAD 04 A, B1 (J34.01), op. 82.]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 155.



47 Moeda

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Bolhão. **Descrição** *Dinheiro*, D. Dinis. Anverso - [D.RE(X PORTVGL)] - Cruz simples, inscrita em orla de pontos a configurar a bordadura interna, com alargamento progressivo dos braços, acantonada com motivos alternados de estrelas e crescentes. Reverso - [AL GA RB II] - Motivo central composto por escudo de tipo português com cinco besantes, inscrito sobre a bordadura com o mesmo número de besantes que seccionam a legenda. **Eixo / Módulo** __ / 14 mm **Marca / Peso** __ / 0,9 gr.. **Classificação e cronologia** D. Dinis, 1279 - 1325; F. Vaz - Di.15 / Monte Padrão - Fase IX. **Depósito** MMAP [PAD. 04 A, B1 (K21.01), op. 106]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 155.



48 Moeda

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Bolhão. **Descrição** *Dinheiro*, D. Dinis. Anverso - D. REX PORAVGL' - Cruz simples, equilátera, inscrita em orla de pontos a configurar a bordadura interna, com alargamento progressivo dos braços, acantonada com motivos alternados de estrelas e crescentes. Reverso - [RB] II [AL] GA - Motivo central composto por escudo de tipo português com cinco besantes, inscrito sobre a bordadura interna com o mesmo número de besantes que seccionam a legenda. **Eixo / Módulo** __ / 17 mm **Marca / Peso** __ / 0,5 gr.. **Classificação e cronologia** D. Dinis, 1279 - 1325; F. Vaz - Di.30 / Monte Padrão - Fase IX. **Depósito** MMAP [PAD. 03 A, B1 (F23.01), op. 10]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 155.



49 Moeda

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Bolhão. **Descrição** *Dinheiro*, D. Dinis. Anverso - D. REX [PORAV]GL - Cruz simples, equilátera, inscrita em orla de pontos a configurar a bordadura interna, com alargamento progressivo dos braços, acantonada com motivos alternados de estrelas e crescentes. Reverso - GA RB II [PORA] - Motivo central composto por escudo de tipo português com cinco besantes, enquadrado com quatro escudos inscritos sobre a bordadura com um número indiferenciado de besantes que seccionam a legenda. **Eixo / Módulo** __ / 15 mm **Marca / Peso** __ / 0,5 gr.. **Classificação e cronologia** D. Dinis, 1279 - 1325; F. Vaz - Di.23 / Monte Padrão - Fase IX. **Depósito** MMAP [PAD. 03 A, B1 (F24.01), op. 8]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 155.

50 Moeda

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Bolhão. **Descrição** *Dinheiro*, D. Afonso IV. Anverso - [ALF REX PORTVGL'] - Cruz simples, curta, equilátera, inscrita em orla de pontos a configurar a bordadura interna, acantonada com motivos alternados de estrelas e crescentes. Reverso - AL GA RB II - Motivo central composto por escudo de tipo português com cinco besantes, enquadrado com quatro escudos inscritos sobre a bordadura com o mesmo número de besantes, que seccionam a legenda em quatro partes. **Eixo / Módulo** __ / 15 mm **Marca / Peso** __ / 0,6 gr.. **Classificação e cronologia** D. Afonso IV, 1325 - 1357; F. Vaz - A4.03 / Monte Padrão - Fase IX. **Depósito** MMAP [PAD. 99 A, B1 (F23.01), op. 45]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 156.

51 Moeda

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Bolhão. **Descrição** *1/2 Real (Branco)* (1415 - 1433), D. João I. Anverso - Coroa arcada com três florões a enquadrar a marca PO inscrita no campo, à esquerda e à direita da sigla. Reverso - Cinco quinas soltas no campo. **Eixo / Módulo** __ / 17 mm **Marca / Peso** PO / 1,0 gr.. **Classificação e cronologia** D. João I, 1385 - 1433; F. Vaz - J1.130 (Cunhada no Porto) / Monte Padrão - Fase IX. **Depósito** MMAP [PAD. 04 A, B1 (K32.02), op. 170]. **Bibli.** MOREIRA 2005, 52; 2007, 156.

52 Moeda

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Bolhão. **Descrição** *1/2 Real (Branco)* (1415 - 1433), D. João I. Anverso - Coroa arcada com três florões a enquadrar a marca PO inscrita no campo, à esquerda e à direita da sigla. Reverso - Cinco quinas soltas no campo. **Eixo / Módulo** __ / 17 mm **Marca / Peso** PO / 0,8 gr.. **Classificação e cronologia** D. João I, 1385 - 1433; F. Vaz - J1.130 (Cunhada no Porto) / Monte Padrão - Fase IX. **Depósito** MMAP [PAD. 04 A, B1 (L34.02), op. 237]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 156.

53 Moeda

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Bolhão. **Descrição** *1/2 Real* (1392 - 1397), D. João I. Anverso - IHNS . DEI . GRA . REX: - Coroa arcada com três florões a enquadrar a legenda IHNS inscrita no campo, com a marca L no fundo ladeada por pontos. Campo definido por bordadura interior de pontos de separação da legenda, também ela enquadrada por bordadura exterior de pontos. Reverso - Motivo central composto por florão com cinco quinas no interior, inscrito no campo definido por bordadura interna de pontos. Legenda definida por bordadura externa de pontos. **Eixo / Módulo** __ / 17 mm **Marca / Peso** L / 0,9 gr.. **Classificação e cronologia** D. João I, 1385 - 1433; F. Vaz - J1.37 (Cunhada em Lisboa) / Monte Padrão - Fase IX. **Depósito** MMAP [PAD. 04 A, B1 (J32.00), op. 06]. **Bibli.** MOREIRA 2005, 52; 2007, 156.

54 Moeda

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Bolhão. **Descrição** *1/2 Real* (1386), D. João I. Anverso - AUDITORIVM . NOSTRO - Coroa arcada com três florões a enquadrar a legenda IHNS inscrita no campo, com a marca P no fundo ladeada por pontos. Campo definido por bordadura interior de pontos de separação da legenda, também ela enquadrada por bordadura exterior de pontos. Reverso - Motivo central composto por florão com cinco quinas no interior, inscrito no campo delimitado por bordadura interna de pontos. Legenda definida por bordadura externa de pontos. **Eixo / Módulo** __ / 15,5 mm **Marca / Peso** P / 0,5 gr.. **Classificação e cronologia** D. João I, 1385 - 1433; F. Vaz - J1.80 (1386) (Cunhada no Porto) / Monte Padrão - Fase IX. **Depósito** MMAP [PAD 99 A, B1 (E32.01), op. 27.]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 156.

55 Moeda

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Bolhão. **Descrição** *1/2 Real (Branco)* (1415 - 1433), D. João I. Anverso - Coroa arcada com três florões a enquadrar a marca PO inscrita no campo, à esquerda e à direita da sigla. Reverso - Cinco quinas soltas no campo. **Eixo / Módulo** __ / 18 mm **Marca / Peso** PO / 0,5 gr.. **Classificação e cronologia** D. João I, 1385 - 1433; F. Vaz - J1.130 (Cunhada no Porto) / Monte Padrão - Fase IX. **Depósito** MMAP [PAD. 99 A, B1 (F33.05), op. 24]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 157.

56 Moeda

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cobre. **Descrição** *Real preto*, D. Afonso V. Anverso - [+ ADIUTORI] - Motivo central composto pela sigla real coroadada. A sigla A, acompanhada pela marca de oficina P, encontra-se enquadrada pela coroa e inscrita em campo limitado por cercadura de pontos e legenda. Reverso - [+ ALFOnSVS] - O motivo central é composto por cinco quinas posta em cruz, delimitada por cercadura de pontos e legenda. **Eixo / Módulo** __ / 16,1 mm **Marca / Peso** P / 0,7 gr.. **Classificação e cronologia** D. Afonso V, 1438 - 1481; F. Vaz - A5.140 (Cunhada no Porto) / Monte Padrão - Fase IX. **Depósito** MMAP [PAD. 99 A, B1 (G32.00), op. 3]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 157.

57 Moeda

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cobre. **Descrição** *Ceitel*, D. Afonso V. Anverso - [...] - Campo limitado por legenda desenvolvida em bordadura, com castelo de três torres dentro de recinto muralhado e banhado pelo mar. Reverso - [...] - Campo limitado por legenda desenvolvida em bordadura, com escudo de cinco quinas postas em cruz e cantonadas de castelos, assentes sobre cruz da Ordem de Avis, de que apenas se identificam as extremidades floreadas. **Eixo / Módulo** __ / 21,2 mm **Marca / Peso** __ / 1,3 gr.. **Classificação e cronologia** D. Afonso V, 1438 - 1481; M. Marques tipo a?, pp. 144 / Monte Padrão - Fase IX. **Depósito** MMAP [PAD. 99 A, B1 (F33.01), op. 12]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 157.

58 Moeda

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cobre. **Descrição** *Ceitel*, D. Afonso V. Anverso - [° CEPTA + DOMIN] - Campo limitado por legenda desenvolvida em bordadura, com castelo de três torres dentro de recinto muralhado e banhado pelo mar. Reverso - [+ REX : PORTUGAL : _T : A] - Campo limitado por legenda desenvolvida em bordadura, com escudo com cinco quinas postas em cruz e cantonadas de castelos, assentes sobre cruz da Ordem de Avis, de que apenas se identificam as extremidades floreadas. **Eixo / Módulo** __ / 21 mm **Marca / Peso** __ / 1,9 gr.. **Classificação e cronologia** D. Afonso V, 1438 - 1481; F. Vaz - A5.144 / Monte Padrão - Fase IX. **Depósito** MMAP [PAD. 05 A, B1 (L23.01), op. 24]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 157.

59 Moeda

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cobre. **Descrição** *Ceitel*, D. Afonso V. Anverso - [...] - Campo limitado por legenda desenvolvida em bordadura dupla, sendo a exterior serrilhada, com castelo de três torres sem ligação dentro de recinto muralhado e banhado pelo mar. Reverso - [...] - Campo limitado por legenda desenvolvida em bordadura, com escudo com cinco quinas postas em cruz e cantonadas de castelos, assentes sobre cruz da Ordem de Avis, de que apenas se sinalizam as extremidades floreadas. **Eixo / Módulo** __ / 22 mm **Marca / Peso** __ / 1,7 gr.. **Classificação e cronologia** D. Afonso V, 1438 - 1481; F. Magro - grupo 1.2.2 / Monte Padrão - Fase IX. **Depósito** MMAP [PAD. 05 A, B1 (M32.00), op. 85]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 157.



60 Moeda

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cobre. **Descrição** *Ceitel*, D. Afonso V. Anverso - [...] - Campo limitado por legenda desenvolvida em bordadura dupla, sendo a exterior serrilhada, com castelo de três torres dentro de recinto muralhado e banhado pelo mar. Reverso - [...] - Campo limitado por legenda desenvolvida em bordadura, com escudo com cinco quinas postas em cruz e cantonadas de castelos, assentes sobre cruz da Ordem de Avis, de que apenas se identificam as extremidades floreadas. **Eixo / Módulo** ____ / 19 mm **Marca / Peso** ____ / 1,2 gr.. **Classificação e cronologia** D. Afonso V, 1438 - 1481; F. Magro - grupo 1.2.2 / Monte Padrão- Fase IX. **Depósito** MMAP [PAD. 04 A, B1 (J28 / Sep.12), op. 166]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 158.



61 Moeda

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cobre. **Descrição** *Ceitel*, D. Manuel I. Anverso - [...] - Campo limitado por legenda desenvolvida em bordadura, com castelo de três torres ladeado por pontos e banhado pelo mar de ondas contínuas. Reverso - [...] - Campo limitado por legenda desenvolvida em bordadura, com escudo coroadado com cinco quinas postas em cruz e cantonadas de castelos. Escudetes salientes e besantes incusos, rodeado por pontos. **Eixo / Módulo** ____ / 19 mm **Marca / Peso** ____ / 1,2 gr.. **Classificação e cronologia** D. Manuel I, 1495 - 1521; F. Vaz - E1.60 (Cunhada em Lisboa); F. Magro - grupo 3.1.6 / Monte Padrão - Fase IX. **Depósito** MMAP [PAD. 04 A, B1 (K34.00), op. 62.]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 158.



62 Moeda

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cobre. **Descrição** *Ceitel*, D. Manuel I. Anverso - [...] - Campo limitado por bordadura, com castelo de três torres pequenas, banhado por mar de ondas soltas. Reverso - [...] - Campo limitado por legenda desenvolvida em bordadura, com escudo coroadado com cinco quinas postas em cruz e cantonadas de castelos. Escudetes salientes e besantes incusos, rodeado por pontos. **Eixo / Módulo** ____ / 16 mm **Marca / Peso** ____ / 2,1 gr.. **Classificação e cronologia** D. Manuel I, 1495 - 1521; F. Magro - grupo 5.1.5 / Monte Padrão - Fase IX. **Depósito** MMAP [PAD. 04 A, B1 (J32.01), op. 40]. **Bibli.** MOREIRA 2005, 52; 2007, 158.



63 Moeda

Proveniência Monte Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso. **Material** Cobre. **Descrição** *Ceitel*, D. João III. Anverso - [...] - Campo limitado por bordadura, com castelo de três torres pequenas com muralha baixa e porta, banhado por mar de ondas contínuas. Reverso - [...] - Campo limitado por legenda desenvolvida em bordadura, com escudo coroadado com cinco quinas postas em cruz. Escudetes salientes e besantes incusos, rodeado por pontos. **Eixo / Módulo** ____ / 17 mm **Marca / Peso** ____ / 1,4 gr.. **Classificação e cronologia** D. João III, 1521 - 1557; F. Magro - grupo 4. 1.2 / Monte Padrão - Fase IX. **Depósito** MMAP [PAD. 04 A, B1 (K33.02), op. 135]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 158.



64 Capitel

Proveniência Mosteiro de S. Pedro de Roriz, Roriz, Santo Tirso. **Material** Granito de cor cinza (L73). **Descrição** Capitel de apoio de coluna adossada. Estrutura piramidal marcada na face inferior por toro saliente. Composição decorativa assimétrica, composta por motivos estilizados de cariz naturalista, conjugados com laçarias. **Classificação e cronologia** Tipo ... / séc. XIII - XIV. **Dimensões** Altura máxima 340 mm; Largura máxima 485 mm; Comprimento máximo 330 mm. **Depósito** MMAP [ROR. s/n.º]. **Bibli.** MOREIRA 2007, 170.



65 Tampa de sepultura

Proveniência Mosteiro de S. Pedro de Roriz, Roriz, Santo Tirso. **Material** Granito de cor cinza (L31). **Descrição** Tampa de sepultura de planta retangular com arestas facetadas. Apresenta três campos demarcados - o primeiro, que corresponde à face superior, revela um campo quadrangular decorado com um motivo floral de quatro pétalas inscrito num círculo; o segundo, ao centro, define também um campo quadrangular no qual se inscreve uma cruz românica inserta num círculo; o terceiro, apresenta um campo retangular onde se regista a inscrição. Encontra-se quebrada em três zonas, sendo que as duas fraturas inferiores afetam a epígrafe, designadamente na zona do nome e campo epigráfico, mutilando a quarta regra. **Classificação e cronologia** Tipo ... / Epígrafe funerária / séc. XII-XIII. **Dimensões** Comprimento máximo 1445 mm; Largura máxima 490 mm; Espessura máxima 115 mm. **Campo epigráfico** Largura máxima 390 mm; Altura máxima 580 mm; Altura média das letras 1.1: 8,5 cm; 1.2: 8,5 cm; 1.3: 8,5 cm.

Leitura
X : Kalendas : OCToBris / Era : Ma : CCa : XXXa / Ia : OBiit : BOM [...] / [...]
Leitura de Mário Barroca (BARROCA 2000, 513 - 515).

Depósito MMAP [ROR. s/n.º]. **Bibli.** MATTOS 1943, n.º III, 1946, vol. I, 75, n.º 23; SOUSA 1948, n.º 23; SANTARÉM 1956d, 276-277, n.º 21; BARROCA 1987, 357, n.º 9; 2000 478, n.º 19; MOREIRA 2007, 170.



ÉPOCA
CONTEMPORÂNEA

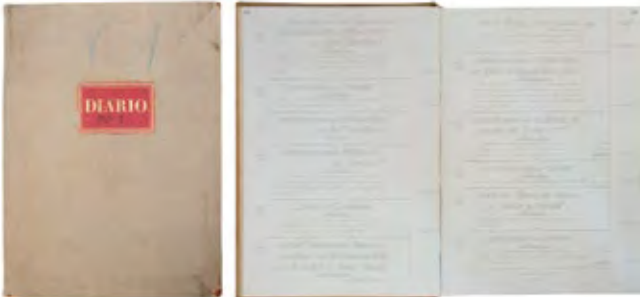
IDADE MÉDIA E MODERNA

ROMANIZAÇÃO

PROTO-HISTÓRIA

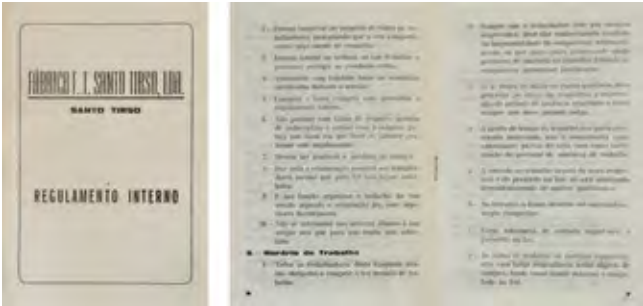
PRÉ-HISTÓRIA

ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO



1 Livro Diário nº 1 (07.07.1896 - 30.06.1902)
— *Documento contabilístico*

Proveniência Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrso, Santo Tirso. **Material** Papel, cartão, couro e tecido. Caderno de 300 páginas cosido a linha com lombada em couro e capa cartonada. Tem sobrecapa de tecido com etiqueta “Diário nº 1” no frontispício do livro. Foi adquirido na Papelaria Central na cidade do Porto (João Dias Alves Pimenta, Praça D. Pedro 136-137). **Descrição** Livro contabilístico com termo de abertura de 7 de setembro de 1896 pela firma Vavas seur, Hargreaves & Costa, em comandita. O livro Diário consiste num agrupamento de registos com referência aos clientes onde se inscreve em duas colunas o débito e o crédito. **Classificação e cronologia** Documentação administrativa da Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrso pertencendo ao primeiro período de funcionamento. **Dimensões** Capa: Altura 505 mm; Largura 360; Lombada 40 mm. Miolo: Altura 497 mm; Largura 345 mm; Espessura 30 mm. **Depósito** MMAP, s/n.º. **Bibli.** OLAIO 2001, 90.



4 Regulamento Interno (03.01.1977)
— *Documento administrativo*

Proveniência Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrso, Santo Tirso. **Material** Papel. Caderno de capa e 5 folhas, composto e impresso na Tipografia do Jornal de Santo Thyrso. 2000 exemplares. **Descrição** Regulamento interno onde estão estipuladas as obrigações gerais dos operários, os horários de trabalho, assim como a forma como se devem relacionar nos espaços de trabalho, os seus deveres e sanções disciplinares previstas. **Classificação e cronologia** Documentação administrativa da Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrso pertencendo ao período final de funcionamento / 1977. **Dimensões** Capa / Miolo: Altura 158 mm; Largura 108 mm. **Depósito** MMAP, s/n.º. **Bibli.** OLAIO 2001, 121.



2 Relatórios da gerência (31.12.1898 - 12.03.1935)
— *Documento administrativo*

Proveniência Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrso, Santo Tirso. **Material** Papel, cartão, tecido. Caderno de 84 folhas (168 páginas) cosido a linha com lombada e capa cartonada. Tem sobrecapa de tecido preto. **Descrição** Livro onde estão inscritos os relatórios das gerências da empresa e os respetivos pareceres do seu conselho fiscal entre 31 de dezembro de 1898 e 12 de março de 1935. **Classificação e cronologia** Documentação administrativa da Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrso que abarca um período alargado do funcionamento da empresa desde a sua fundação até à década de trinta do séc. XX. **Dimensões** Capa: Altura 365 mm; Largura 230 mm; Lombada 12 mm. Miolo: Altura 360 mm; Largura 222 mm; Espessura 8 mm. **Depósito** MMAP, s/n.º. **Bibli.** OLAIO; MOREIRA 1996; OLAIO 1997, 145-150.



5 Quadro D. Manuel II
Autógrafo do rei na sua visita ao Norte de Portugal em 1908

Proveniência Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrso, Santo Tirso. **Material** Madeira, vidro e papel. Folha com a legenda “Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrso, Limitada” com brasão, assinatura do rei D. Manuel II e a data de 25 de novembro de 1908. **Descrição** Em 1908 D. Manuel II empreende uma visita ao Norte de Portugal após ter assumido a função de rei na sequência do regicídio de 1 de fevereiro de 1908. Em novembro de 1908 o rei saiu do Porto em direção a Guimarães, detendo-se em Santo Tirso para uma visita às fábricas têxteis do concelho. Iniciou a visita pela Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrso, constituindo um testemunho da importância e poder económico da empresa nas vésperas do advento da República. **Classificação e cronologia** Objeto pertença da administração da Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrso referente ao primeiro período de funcionamento / 1908. **Dimensões** Altura 380 mm; Largura 485 mm; Folha: Altura 285 mm; Largura 390 mm **Depósito** MMAP, s/n.º. **Bibli.** Ilustração Portuguesa, 7 dezembro de 1908, 13-16; Livro d’Ouro da primeira viagem de S. M. El Rei D. Manuel II ao norte de Portugal, 1908; OLAIO 2002, 399.



3 Memorial (03.01.1901 – 31.12.1903)
— *Documento contabilístico*

Proveniência Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrso, Santo Tirso. **Material** Papel, cartão, couro. Caderno de 500 páginas cosido a linha com lombada e cantos em couro e capa cartonada. No frontispício tem a etiqueta “Memorial”. Livro adquirido na Papelaria Luiz Gonçalves de Araújo & Cª na cidade do Porto (Largo de S. Domingos 64-65). **Descrição*** Livro contabilístico da firma Vavas seur, Hargreaves & Costa, em comandita. O livro Memorial consiste no registo pormenorizado de todas as notas, registos e sumários de transações, que no final do dia se inscrevem no livro Diário, em partidas dobradas (deve e haver). **Classificação e cronologia** Documentação administrativa da Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrso pertencendo ao primeiro período de funcionamento. **Dimensões** Capa: Altura 368 mm; Largura 265; Lombada 46 mm. Miolo: Altura 355 mm; Largura 246 mm; Espessura 36 mm. **Depósito** MMAP, s/n.º. **Bibli.** OLAIO 2001, 90.

*Descrição de Nuno Olaio.



6 Algodão e linho — *Matéria-prima*

Proveniência Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrso, Santo Tirso. **Material** Algodão em rama (6/7); Algodão em manta (8); Fita cardada (9); Fita penteada (10); Linho em rama (11/12); Manta (13); Fita cardada (14); Fita penteada (15). **Descrição** O processo de preparação das fibras têxteis obedece a várias e delicadas operações desde a chegada dos fardos de matéria-prima (6,7,11,12). Na fase de preparação da fiação estão as máquinas responsáveis pela abertura dos fados e mistura das fibras, permitindo a limpeza das impurezas e poeiras. Os batedores continuam a operação anterior, dispondo as fibras de forma uniforme e peso determinado, formando uma manta (8,13). A operação seguinte, realizada pelas cardas e, posteriormente, pelas penteadeiras, permite uma melhor separação das fibras, ficando livres de impurezas e soltas, formando uma fita contínua de peso uniforme e cada vez mais paralelas (9,14). As seguintes operações de fiação vão permitir uma melhor estiragem e torcedura das fibras antes destas entrarem nos contínuos (10,15). Participam várias máquinas nestas operações (reunideiras, laminadores, torcedores) permitindo transformar a fita de algodão ou linho numa mecha preparada para a última operação da fiação, a estiragem e torção cada vez maior da fibra, permitindo ajustá-la ao tipo de características pretendidas e número de fio desejado. **Classificação e cronologia** Matéria-prima para a produção de materiais têxteis: algodão e linho / Século XX. **Dimensões** --. **Depósito** MMAP, s/n.º. **Bibli.** ARAÚJO; CASTRO 1986, vol. I, 1.



16 Bobine de fio de algodão — Produto da empresa

Proveniência Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrsó, Santo Tirso. **Material** Acrílico e fio de algodão. **Descrição** Bobine de acrílico com enchimento de fio de algodão resultado da última fase das operações de fiação através da transformação da mecha nas máquinas de contínuo permitindo um fio com o número e características desejadas. **Classificação e cronologia** Produto final de fiação / Século XX. **Dimensões** Altura 145 mm; Diâmetro máximo 60 mm; Diâmetro mínimo 40 mm. **Depósito** MMAP, s/n.º. **Bibli.** ARAÚJO; CASTRO 1986, vol. I, 145.



17 Bobine de fio de algodão — Produto da empresa

Proveniência Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrsó, Santo Tirso. **Material** Cartão prensado e fio de algodão. **Descrição** Bobine de cartão prensado com enchimento de fio de algodão resultado da última fase das operações de fiação através da transformação da mecha nas máquinas de contínuo permitindo um fio com o número e características desejadas. **Classificação e cronologia** Produto final de fiação / Séc. XX. **Dimensões** Altura 170 mm; Diâmetro máximo 70 mm; Diâmetro mínimo 35 mm. **Depósito** MMAP, s/n.º. **Bibli.** ARAÚJO; CASTRO 1986, vol. I, 145.



18 Cone — Objeto da empresa

Proveniência Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrsó, Santo Tirso. **Material** Plástico. **Descrição** Cone de plástico associado às operações de fiação ou preparação da tecelagem (acolhimento de fio para as operações de bobinagem e urdidura). **Classificação e cronologia** Objeto de fiação / Século XX. **Dimensões** Altura 170 mm; Diâmetro máximo 70 mm; Diâmetro mínimo 10 mm; **Depósito** MMAP, s/n.º. **Bibli.** ARAÚJO; CASTRO 1986, vol. I, 145.



19 Canela de fiação — Objeto da empresa

Proveniência Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrsó, Santo Tirso. **Material** Cartão prensado e metal. Canela de cartão prensado e endurecido com remate de metal em ambas as extremidades. Peça fabricada pela empresa Tubotex. **Descrição** Canela de fiação associado às operações de fiação, designadamente à dobragem, torcedura e fiação realizada na máquina contínuo. **Classificação e cronologia** Objeto de fiação / Século XX. **Dimensões** Altura 256 mm; Diâmetro máximo 30 mm; Diâmetro mínimo 22 mm. **Depósito** MMAP, s/n.º. **Bibli.** ARAÚJO; CASTRO 1986, vol. I, 145.



20 Fusos

Proveniência Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrsó, Santo Tirso. **Material** Madeira torneada. **Descrição** Fuso. Objeto associado às operações de fiação, designadamente à dobragem, torcedura e fiação. **Classificação e cronologia** Objeto de fiação / Século XX. **Dimensões** Comprimento máximo 415 mm; Diâmetro máximo 65 mm. **Depósito** MMAP, s/n.º. **Bibli.** ARAÚJO; CASTRO 1986, vol. I, 145.



24 Rolete de madeira

Proveniência Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrsó, Santo Tirso. **Material** Madeira e metal. **Descrição** Rolete de madeira cilíndrico para bobinagem de fio nas operações de preparação à tecelagem nas máquinas de preparação da teia. **Classificação e cronologia** Objeto de preparação da tecelagem / Século XX. **Dimensões** Comprimento máximo 146 mm; Diâmetro máximo 705 mm; Diâmetro mínimo 300 mm. **Depósito** MMAP, s/n.º. **Bibli.** ARAÚJO; CASTRO 1986, vol. I, 297.



25 Lançadeira

Proveniência Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrsó, Santo Tirso. **Material** Madeira e metal. **Descrição** Lançadeira de tear com dupla ponteira de ferro. Ferramenta utilizada no tear que permite transportar o fio da trama de um lado ao outro através de uma calha por entre os fios da teia, permitindo assim a construção do tecido, de acordo com o desenho realizado pelo debuxador. **Classificação e cronologia** Lançadeira de tear automático de tecelagem / Século XX. **Dimensões** Comprimento 435 mm; Altura 45 mm; Largura 45 mm. **Depósito** MMAP, s/n.º. **Bibli.** ARAÚJO; CASTRO 1986, vol. I, 283.



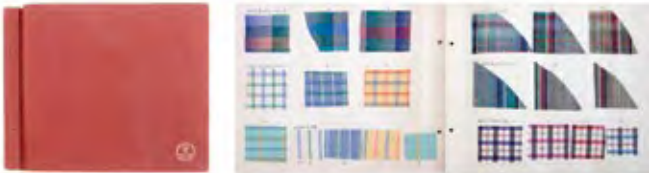
26 Amostras de algodão tingido — *Produto da empresa*

Proveniência Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrsó, Santo Tirso. **Material** Papel e fio tingido (10 fichas). **Descrição** Fichas técnicas de tingimento de fios através do processo de esgotamento. Catálogo de amostras de fio de algodão e poliéster com referências à formação da cor, tratamento e ensaboamento. **Classificação e cronologia** Fichas técnicas. Objeto de tinturaria e acabamento / Final do século XX. **Dimensões** Altura 175 mm; Largura 120 mm com amostra de algodão tingido. **Depósito** MMAP, s/n.º. **Bibli.** ARAÚJO; CASTRO 1987, vol. II, 740.



27 Catálogo de produtos químicos para tinturaria — *Informação técnica*

Proveniência Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrsó, Santo Tirso. **Material** Cartão e tecido. **Descrição** Conjunto de 15 folhas dispersas de um catálogo Bayer de corantes marca Sirius com as instruções de tingimento para a combinação de tintos. **Classificação e cronologia** Catálogo Bayer de produtos químicos para tinturaria. Objeto de tinturaria e acabamento. Final do século XX. **Dimensões** Altura 235 mm; Largura 165 mm. **Depósito** MMAP, s/n.º. **Bibli.** ARAÚJO; CASTRO 1987, vol. II, 740.



28 Livro de amostras de tecidos “*Coleção primavera - Verão 85/86*” — *Informação técnica*

Proveniência Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrsó, Santo Tirso. **Material** Encadernação de cartão e tecidos. **Descrição** Catálogo de amostras produzidas pela Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrsó para amostra comercial de 34 folhas (68 páginas), com referências aos tipos de tecidos e cores utilizadas. **Classificação e cronologia** Livro de amostras de tecidos / Catálogo produzido na década de oitenta do século XX. **Dimensões** Capa: Altura 358 mm; Largura 315 mm. Miolo: Altura 305 mm; Largura 348 mm; Espessura 40 mm. **Depósito** MMAP, s/n.º. **Bibli.** ARAÚJO; CASTRO 1987, vol. II 909.



29 Livro de amostras de tecidos — *Informação técnica*

Proveniência Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrsó, Santo Tirso. **Material** Encadernação de cartão e tecidos. **Descrição** Catálogo de amostras produzidas pela Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrsó para amostra comercial de 49 folhas (98 páginas), com referência aos tipos de tecidos e cores utilizadas. **Classificação e cronologia** Livro de amostras de tecidos / Catálogo produzido na década de oitenta do século XX. **Dimensões** Capa: Altura 358 mm; Largura 315. Miolo: Altura 305 mm; Largura 348 mm; Espessura 60 mm. **Depósito** MMAP, s/n.º. **Bibli.** ARAÚJO; CASTRO 1987, vol. II 909.



30 Amostras de tecidos de algodão — *Documentação técnica*

Proveniência Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrsó, Santo Tirso. **Material** Tecido. **Descrição** Conjunto de pequenos tecidos de amostra que integravam álbuns de apresentação ou acompanhavam folhas técnicas de produção. **Classificação e cronologia** Amostras de tecidos preparados pela empresa na década de oitenta do século XX. **Dimensões** Conjunto de quatro dezenas de pequenas amostras de tecidos de várias cores com as dimensões médias de 100 mm x 70 mm. **Depósito** MMAP, s/n.º. **Bibli.** ARAÚJO; CASTRO 1987, vol. II, 909.



31 Cubo — *Instrumento de medição*

Proveniência Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrsó, Santo Tirso. **Material** Conjunto de material de medição. **Descrição** Cubo pertencendo a um conjunto de sólidos geométricos adquiridos à Fábrica do Calvário de António Pereira da Costa (Freamunde, Paços de Ferreira). **Classificação e cronologia** Cubo geométrico. Instrumento de cálculo usado na seção de tinturaria e acabamento / Século XX. **Dimensões** Altura 100 mm; Largura 100 mm. **Depósito** MMAP, s/n.º. **Bibli.** CARVALHO 2004, vol. II, 40.



32 Medidor — *Instrumento de medição*

Proveniência Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrso, Santo Tirso. **Material** Madeira. Conjunto de material de medição. **Descrição** Medidor de madeira adquirido em Freamunde, Paços de Ferreira, ao carpinteiro Moreira. **Classificação e cronologia** Medidor. Instrumento de cálculo usado na seção de tinturaria e acabamento / Século XX. **Dimensões** Retângulo com escala 100 x 30; Estrutura com escala de 300 x 200 mm. **Depósito** MMAP, s/n.º. **Bibli.** CARVALHO 2004, vol. II, 40.



33 Compasso — *Instrumento de medição*

Proveniência Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrso, Santo Tirso. **Material** Madeira e metal. Conjunto de material de medição. **Descrição** Compasso de madeira com ponteira em metal adquirido à Fábrica do calvário de António Pereira da Costa (Freamunde, Paços de Ferreira). **Classificação e cronologia** Compasso. Instrumento de medição usado na seção de tinturaria e acabamento / Século XX. **Dimensões** Dois elementos; Comprimento máximo 325 mm; 270 mm. **Depósito** MMAP, s/n.º. **Bibli.** CARVALHO 2004, vol. II, 40.



34 Transferidor — *Instrumento de medição*

Proveniência Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrso, Santo Tirso. **Material** Madeira. **Descrição** Transferidor de madeira adquirido à Fábrica do calvário de António Pereira da Costa, Lda. (Freamunde, Paços de Ferreira). Instrumento de medição usado na seção de tinturaria e acabamento. **Classificação e cronologia** Transferidor / Século XX (Posterior a 1953). **Dimensões** Altura 165 mm; Comprimento 320 mm. **Depósito** MMAP, s/n.º. **Bibli.** CARVALHO 2004, vol. II, 40.



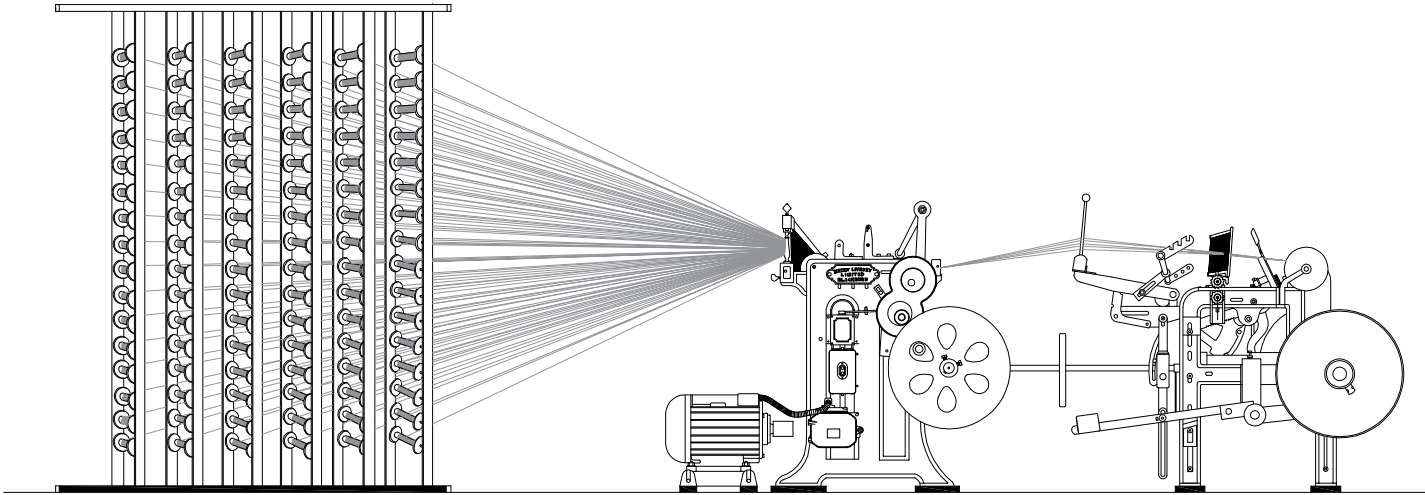
35 Esquadro — *Instrumento de medição*

Proveniência Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrso, Santo Tirso. **Material** Madeira. **Descrição** Esquadro de madeira. Instrumento de medição usado na seção de tinturaria e acabamento. **Classificação e cronologia** Esquadro / Século XX. **Dimensões** Comprimento 300 mm; Altura 125 mm. **Depósito** MMAP, s/n.º. **Bibli.** CARVALHO 2004, vol. II, 40.



36 Urdideira Henry Livesey, Lda.
37 — *Máquina têxtil para a preparação da tecelagem*

Proveniência Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrso, Santo Tirso. **Material** Metal, madeira. A urdideira possui dois corpos: urdideira de tambor horizontal e mecanismo de enrolamento no órgão. **Descrição** A preparação da tecelagem implica as operações de preparação da teia e da trama. A preparação da teia envolve três operações: a urdidura (transposição das bobinas de fios para um eixo cilíndrico, o órgão), a encolagem (operação opcional de revestimento e endurecimento do fio da teia) e a montagem do órgão no tear. A urdissagem requer a existência de um suporte para colocação das bobinas de fio vindas da fiação e uma máquina que permita a sua transposição para o órgão, eixo cilíndrico que permite a separação e paralelização dos fios. Esta é uma urdideira seccional para a preparação de teias de comprimento curto ou médio com pente colocado na cabeça da urdideira. **Classificação e cronologia** Urdideira Henry Livesey (Blackburn) de 1934. **Dimensões** Largura 2600 mm; Comprimento 2500 mm; Altura 1240 mm. **Depósito** MMAP, s/n.º. **Bibli.** ARAÚJO; CASTRO 1986, vol. I, 305.



Desenho de esquinadeira e urdineira.



38 Esquinadeira — Estrutura têxtil para a preparação da tecelagem

Proveniência Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrsó, Santo Tirso. **Material** Madeira, metal, vidro. **Descrição** A operação de urdissagem requer a existência de uma máquina urdideira e uma estrutura complementar, esquinadeira ou casal, onde se encaixam as bobinas para a transferência dos fios para o órgão, eixo cilíndrico onde os fios são enrolados em paralelo e que, posteriormente, será montado na parte posterior do tear. **Classificação e cronologia** Estrutura para a preparação da tecelagem / Meados do século XX. **Dimensões** Esquinadeira (duas unidades): Comprimento 2040 mm; Largura 250 mm; Altura 1510 mm. **Depósito** MMAP, s/n.º. **Bibli.** ARAÚJO; CASTRO 1986, vol. I, 305.



39 Dinamómetro — Instrumento de ensaio

Proveniência Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrsó, Santo Tirso. **Material** Madeira, metal. **Descrição** Dinamómetro da empresa Henry Bayer Cª (Zurique, Suíça). Mede as propriedades mecânicas dos fios, como o seu comportamento à tração, flexão e torção. Estas características são fundamentais para o controlo de qualidade dos fios e avaliação de processos de produção. **Classificação e cronologia** Instrumento de precisão para trabalho de laboratório de fiação / Século XX. **Dimensões** Altura 1360 mm; Largura 300 mm; Espessura 17 mm. **Depósito** MMAP, s/n.º. **Bibli.** ARAÚJO; CASTRO 1987, vol. II, 1311.

ESTAÇÕES ARQUEOLÓGICAS

MONTE PADRÃO, MONTE CÓRDOVA, SANTO TIRSO

Coordenadas geográficas

Lat. - 41° 18’ 45’’ N

Long. - 8° 26’ 57’’ W (*meridiano de Greenwich*)

Alt. - 403 m (*CM 1:25 000, SCE, fl. 98, 1977 - Santo Tirso*)

O Monte Padrão constitui uma referência incontornável no panorama da arqueologia do Norte de Portugal, cujo interesse científico tem vindo a ser evidenciado pelos resultados das intervenções arqueológicas desenvolvidas nas duas últimas décadas, como reflete a extensa bibliografia publicada sobre o imóvel. Na sequência de um trabalho de investigação sistemático⁴, que teve início na década de 1990, a Câmara Municipal de Santo Tirso, através do seu Gabinete de Arqueologia, assumiu o projeto de estudo, salvaguarda e musealização do imóvel. A área arqueológica encontra-se classificada como Monumento Nacional desde 1910 e está dotada de uma ZEP criada em 2011⁵. O local foi referenciado desde finais do séc. XVI na bibliografia de hagiógrafos, cronistas, corógrafos e viajantes, relacionando-o, fundamentalmente, com a figura egrégia de S. Rosendo e o mosteiro de Monte Córdova. A partir do início da primeira década do séc. XX, com a classificação da estação arqueológica como Monumento Nacional, teve início a história do imóvel enquanto monumento arqueológico.

O Castro localiza-se na freguesia de Monte Córdova, concelho de Santo Tirso, distrito do Porto, a poucos quilómetros a sudeste da sede do concelho. O acesso pode fazer-se a partir da povoação de Monte Córdova, em direção ao lugar de Quinchães, tomando-se, de seguida, o caminho florestal que permite o acesso à Capela do Senhor do Padrão que se localiza no sopé do povoado. O seu topónimo ficou a dever-se ao achado de uma cruz recolhida na acrópole do povoado que deu origem à edificação da capela do Senhor do Padrão, construída no segundo quartel do séc. XVIII, concretamente entre 1738 e 1742⁶.

A estação arqueológica ocupa um esporão rochoso da Serra de Monte Córdova, que corresponde a um dos relevos mais significativos da vertente oeste. Localiza-se na área limite das bacias hidrográficas dos rios Ave e Leça, integrando na face norte a rede de drenagem

⁴ O projeto de investigação científica que norteia a intervenção arqueológica que temos vindo a desenvolver no Monte Padrão - *Projeto de estudo, valorização e dinamização do Monte Padrão e Estação Arqueológica do Monte dos Saltos* - conforme o título sugere, consiste numa abordagem de âmbito geográfico circunscrito, cujo enfoque, ao nível da escavação, incide fundamentalmente em duas estações. Em termos de contextualização o espaço em análise encontra-se balizado a norte pelo rio Ave, a sul pelo rio Leça e pela costa atlântica a oeste, compreendendo uma área geográfica de aproximadamente 390 km² que abrange parcialmente os concelhos de Santo Tirso, Trofa, Vila do Conde, Matosinhos, Maia e Valongo. Este território configura uma unidade geo-histórica cujas características geomorfológicas propiciaram, desde tempos remotos, o desenvolvimento de uma intensa atividade agropecuária e marítima que, até há relativamente pouco tempo, lhe conferiu um *facies* rural, cujos atributos têm vindo a alterar-se desde o incremento do processo de industrialização, desenvolvido na região a partir de meados do séc. XIX. A área regista abundantes vestígios relativos à Pré-história Recente, designadamente associados à cultura megalítica, assim como ao Calcolítico e Bronze Final, manifestando-se na Idade do Ferro como um espaço muito dinâmico, de elevada densidade populacional, que conheceu em época romana um intenso desenvolvimento.

⁵ O imóvel foi inicialmente classificado com a designação de Castro de Monte Córdova (Decreto de 16 de junho de 1910 / Diário de Governo, n.º 136, de 23 de junho de 1910), tendo sido retificada a sua denominação para Castro do Padrão em 1951 (Decreto n.º 38491 / Diário de Governo, n.º 230, de 6 de novembro de 1951 - Dec. Lei n.º 38.491, art.º 3). A Portaria n.º 372 de 2011, publicada no DR IIª Série n.º 35 de 18 de fevereiro de 2011, fixou uma Zona Especial de Proteção - (...) *É fixada a zona especial de protecção (ZEP) do Castro do Monte Padrão, sito na freguesia de Monte Córdova, concelho de Santo Tirso, distrito do Porto, classificado como monumento nacional por decreto de 16 de Junho, publicado no Diário de Governo, n.º 136, de 23 de Junho de 1910, com a alteração de denominação concretizada pelo Decreto n.º 38 491, publicado no Diário do Governo, n.º 230, de 6 de Novembro de 1951, de acordo com a delimitação constante da planta anexa à presente portaria, da qual faz parte integrante (...).*

⁶ A referência toponímica - Monte Padrão - relaciona-se com a edificação da capela implantada no sopé do castro e documenta-se apenas a partir da sua construção, em 1738, sob a designação de Senhor do Padram do Mosteiro Velho.

do rio Ave e, na face sul, a do rio Leça. A sua implantação, de grande protagonismo na paisagem, revela uma posição de destaque na região, permitindo um amplo controlo dos principais eixos de circulação. Topograficamente caracteriza-se pela existência de uma plataforma superior de planta oval, relativamente plana e extensa, que, *grosso modo*, corresponde à área definida pela primeira muralha do povoado. A acrópole desenvolve-se no sentido norte/sul com cerca de 180 m de comprimento e, 100 m no sentido leste/oeste, perfazendo uma área de aproximadamente 17.000 m². A topografia do promontório proporciona boas condições naturais de defesa ao povoado. As faces norte, sul e oeste possuem vertentes com pendor acentuado, apresentando-se a encosta leste mais suave e curta, configurando uma zona de ligação ao interior do maciço montanhoso.

A área geográfica em que o povoado se insere corresponde à zona climática designada por Terra Temperada/Quente Atlântica. Esta compreende o tramo superior do rio Leça e parte da vertente oeste de Monte Córdova. Do ponto de vista climático caracteriza-se pela marcada influência atlântica registando uma significativa amplitude térmica anual. Os valores médios observados são: 14º C de temperatura média anual; 16º C de temperatura média do mês mais quente e precipitação média anual na ordem dos 1200 mm a 1600 mm por m³. O substrato geológico da região corresponde à grande mancha de granito da face oriental do concelho de Santo Tirso, identificando-se a variedade porfiroide como predominante. Na área envolvente do castro existem terrenos de elevada aptidão agrícola ao longo das margens do rio Leça, em faixas estreitas e descontinuas, que confrontam com terrenos de aptidão agrícola moderada que ocupam praticamente toda a área da depressão do planalto de Monte Córdova, cujo recorte conforma a rede de drenagem do tramo superior do rio Leça. Ao longo dos tempos, a atividade humana na área envolvente da estação arqueológica, a ritmos diferenciados, através da prática da agricultura, da pastorícia e da silvicultura, tem intervindo profundamente na composição dos solos, na topografia e no coberto florestal. Entre os principais fatores de transformação da paisagem destaca-se a construção de socalcos, operados em toda a região em zonas com declives superiores a 4-5 %, com vista ao aumento da espessura e nivelamento dos solos, de forma a permitir uma utilização intensiva da terra através da prática de métodos de rega tradicionais e evitar a erosão. Este processo, que alterou significativamente a topografia original de toda a região, foi potencialmente incrementado com a introdução da cultura do milho, da batata e do feijão, nomeadamente a partir do momento em que estes produtos passaram a constituir a base da alimentação da população.

As referências da cultura material e as sequências estratigráficas identificadas no Monte Padrão documentam uma longa ocupação que tem início no Bronze Médio até ao 2º quartel do séc. XVII, registando-se um hiato entre o fim da ocupação romana e a Alta Idade Média. Os dados atualmente disponíveis permitem rever as propostas anteriores formuladas e esboçar uma periodização balizada em dez fases que parametrizam os principais momentos de ocupação.

Fase I –|1250 a.C. (BM)

Fase II – 1250 a.C. | 1000 a.C. /900 a.C. (BF /1ª Fase)

Fase III – 1000 a.C. / 900 a.C. | 700 a.C. (BF /2ª Fase)

Fase IV – 700 a.C.| 500 a.C. / 450 a.C. (Iª IF)

Fase V – 500 a.C. /450 a.C.| 200 a.C. (IIª IF/ 1ª Fase)

Fase VI – 200 a.C.| Tibério/Cláudio (IIª IF /2ª Fase)

Fase VII – Tibério/Cláudio | 1ª Metade do séc. II

Fase VIIa – 1ª Metade séc. II | Meados do séc. III

Fase VIII – 900 | Finais séc. XII

Fase IX – Finais do séc. XII | 1ª Metade do séc. XVII

Fase X – 1738 | ----.....

Fase I

.....|1250 a.C.(BM)

À luz dos atuais conhecimentos, o povoado regista a sua primeira ocupação efetiva no decurso do Bronze Médio. Os materiais arqueológicos conhecidos relativos a este período resultaram de uma intervenção na face nordeste da plataforma superior, na qual se identificou uma fossa detritica e estratos arqueológicos onde foram recolhidos cerca de mil e quinhentos fragmentos com - (...) ... *uma certa homogeneidade cultural* (...) –, que a autora da escavação, Manuela Martins, datou genericamente do Bronze Final. Contudo, a presença de um significativo número de fragmentos com decoração excisa e tipo boquique (Cogotas I), cujos paralelos regionais sugerem uma datação balizada entre o final do Bronze Médio e o Bronze Final pleno, permite admitir a possibilidade de a primeira ocupação do castro datar efetivamente deste período, facto que futuras intervenções com o apoio a métodos de datação absoluta poderão confirmar. A ergologia cerâmica faz-se acompanhar de um considerável acervo de objetos líticos relacionados com as atividades domésticas, identificando-se, entre outros, mós de naveta e barquiformes, um diversificado repertório de instrumentos em pedra polida (machados, goivas, cinzéis, etc.), pesos (cerâmicos e líticos) e utensilagem diversa em sílex (lâminas de dorso preparado, raspadores, etc.) Como testemunho da ocupação da área envolvente durante o Bronze Inicial e Bronze Médio, eventualmente conotado com a ocupação identificada no Monte Padrão, merece referência a ocorrência de um machado plano, datado do Bronze Inicial, identificado como procedente de Monte Córdova (REY 1998, 89, n.º 102).

Fase II / III / IV

1250 a.C. | 1000 / 900 a.C. (BF /1ª Fase) / 1000 a.C. / 900 a.C. | 700 a.C. (BF /2ª Fase) / 700 a.C.| 500 / 450 a.C. (Iª IF)

Apesar de terem sido recolhidos materiais relativos à etapa do Bronze Final em praticamente todas as intervenções realizadas na plataforma superior do castro, não foi ainda identificada qualquer estrutura habitacional ou defensiva diretamente relacionada com este período. Contudo, a dispersão e a densidade da ocorrência de materiais permitem, com alguma segurança, admitir que o povoado teria uma dimensão significativa, cuja ocupação se desenvolveria em toda a face leste da acrópole⁷.

Do ponto de vista estratigráfico encontra-se documentada na face nordeste da plataforma superior, cujo espólio compreende taças de fundo umbilicado⁸, vasos troncocónicos, potes e cerâmicas decoradas tipo «Baiões» e também um amplo repertório de materiais líticos – mós de naveta, machados polidos, pesos cerâmicos e líticos⁹ e lâminas de sílex.

Apesar de na área geográfica do concelho de Santo Tirso apenas se registar ocupação efetiva relativa a este período no Castro do Padrão, este momento encontra-se amplamente documentado na região, contextualizando-o numa realidade complexa que manifesta

⁷ A intervenção arqueológica levada a efeito por Manuela Martins, em 1985, consistiu na execução de quatro sondagens, das quais merecem particular relevo as implantadas entre o muro leste da *Domus Norte* e a muralha (MARTINS 1985).

⁸ MOREIRA 1991a, 14, est. VI, n.º 3 - Corte D (05) K 29.

⁹ Este tipo de pesos em quartzo ou arenito, de formato oval e secção plano-convexa, com entalhes laterais de perfil ovalado, são relativamente abundantes e foram inicialmente interpretados como indicadores da atividade piscícola (LANHAS; BRANDÃO 1971, 581-589), sendo atualmente admitidas funções mais amplas, designadamente relacionadas com a atividade de tecelagem (CANO PAN 1986).

Estações Arqueológicas

alta densidade de povoados com características de implantação muito heterogéneas, reforçada por um elevado número de vestígios dispersos, eventualmente conotados com outros assentamentos ainda não identificados, que permitem uma visão mais abrangente do quadro de povoamento. No âmbito geográfico definido pelos rios Leça e Ave, regista-se ocupação no Castro de Alvarelhos (Trofa), no povoado do Corgo (Azurara, Vila do Conde), no povoado de Santa Cruz (Maia), e no povoado Bouça da Cova dos Mouros, Ardegães (Maia). Este último compreende uma realidade arqueológica mais complexa que integra um núcleo de arte rupestre, do qual o painel mais conhecido é a “Pedra de Ardegães”¹⁰. Entre outros achados vinculados a este momento cronológico, além do machado de duplo anel proveniente de Palmazão, Guilhabreu, Vila do Conde, relacionado com o Castro de Alvarelhos, regista-se o “depósito” identificado no lugar da Abelheira, S. Martinho de Bougado, Trofa, composto por 30 machados de talão de dupla face e duplo anel (LIMA 1940, 199-200, carta IV; SILVA 1986, Gráfico 4; MOREIRA 2007, 29), o machado de talão de duplo anel proveniente do Chão da Presa, Santo Tirso (MOREIRA 2007, 53, n.º 33), e o machado de alvado de duplo anel, em depósito no MNA (11039), proveniente de Santo Tirso (CARDOZO 1969, fig. 5; MONTEAGUDO 1977, 245, Tipo 41 C; HARDAKER 1976; COFFYN 1983, 194; 1985, 221, 331, carta 42, est. LV, n.º 4; SILVA 1986, Gráfico 4; MELO; ARAÚJO 2000, 53-56/ MOREIRA 2013, 47-48), enquadrado na tipologia de Monteagudo como Tipo 41 C Santo Tirso.

Fase V
500 / 450 a.C.| 200 a.C. (IIª IF/ 1ª Fase)

Segundo a sequência crono-estratigráfica identificada, onde são manifestos vestígios de ocupação permanente nos níveis imediatamente superiores à camada correspondente ao núcleo do Bronze Final, por meados do I milénio a.C., o povoado terá conhecido um particular desenvolvimento, tornando-se em mais um testemunho da evolução do *habitat* castrejo com afirmação de *facies* regionais. Este momento identifica-se através da cultura material, associada às primeiras estruturas habitacionais pétreas intervencionadas na face nordeste da plataforma superior, nomeadamente as construções VI, VII e uma outra estrutura que, eventualmente corresponderá à primeira linha defensiva (MOREIRA 1991, 5, corte estratigráfico Este A-A', camada 4). As cerâmicas indígenas caraterizam-se por um forte arcaísmo, simplicidade formal e rudimentar técnica de fabrico (MOREIRA 2005, 255-276). Relativamente a esta fase foram intervencionadas duas estruturas habitacionais (VI/VII) e um muro de sustentação de terras, que teria a dupla função de nivelamento da plataforma superior e de constituir a primeira linha defensiva. A estrutura desenvolve-se pela face interna da muralha construída na Fase VI, a sensivelmente dois metros desta. É composta por blocos graníticos de diferente calibre, dispostos desordenadamente, não formando uma estrutura consistente. As construções habitacionais identificadas localizam-se no extremo norte da plataforma superior. A primeira implanta-se junto da estrutura defensiva, no lado norte da vala de sondagem. É composta apenas por duas fiadas de pedra aparelhada. Da restante estrutura apenas subsiste o alicerce, formado por um leito de saibro e pedra miúda. A totalidade da construção encontrava-se coberta por uma camada de saibro de espessura variável, resultante de trabalhos de nivelamento da plataforma. O paramento, aparentemente de dupla face, tem de largura máxima

0,60 m, e a casa 2,40 m de diâmetro interno. No seu interior encontra-se um afloramento nivelado pela face interna da estrutura, denotando vestígios de trabalho de pico¹¹. A segunda construção identificada localiza-se no extremo sul da área intervencionada. Está implantada diretamente no afloramento granítico e conserva apenas uma fração mínima da totalidade do seu perímetro. Avaliando a curvatura da estrutura remanescente, e partindo do princípio que seria circular, o seu diâmetro interno teria cerca de 3,40 m e a largura máxima do paramento seria na ordem de 0,40 m. Na face sul, local em que assenta sobre o afloramento, existe um pequeno sulco de perfil em U que acompanha a curvatura da estrutura, cuja função seria drenar as águas pluviais, evitando infiltrações no alicerce. O espólio é composto maioritariamente por cerâmica, objetos líticos e, numa expressão pouco significativa, por instrumentos metálicos, exclusivamente de bronze. As cerâmicas, de uso corrente e de armazenamento, revelam um forte arcaísmo técnico e formal. Predominam potes e púcaros de perfil em S de fabrico manual. As pastas, relativamente bem depuradas, apresentam elementos não plásticos bem calibrados compostos essencialmente por grãos de quartzo e, em menor quantidade, mica e feldspato. Em termos genéricos, o tratamento das superfícies exteriores revela um acentuado polimento, trazendo à superfície as lâminas de mica que conferem às peças um acentuado brilho e um efeito decorativo inovador, contrastando profundamente com o brunido intenso, de cor negra, brilhante, característico de algumas peças mais cuidadas do Bronze Final. As decorações, pouco frequentes, são constituídas por motivos incisos, organizados em bandas, compondo motivos geométricos padronizados. O repertório das formas é limitado e pouco especializado, sendo, no entanto, de assinalar o aparecimento de painéis com asas interiores cuja peculiaridade as evidencia como uma das formas mais emblemáticas da cerâmica castreja, reconhecendo-se esta fase como de afirmação da sua originalidade, com assimilação de estímulos continentais, de teor celtizante, que, no caso do Monte Padrão, são patentes na adoção de motivos decorativos estampados com representação de séries de SS, círculos concêntricos e triângulos aplicados em recipientes cerâmicos de modelação manual. O instrumental lítico, muito abundante, é composto por seixos truncados, pesos e mós de naveta.

Fase VI
200 a.C.| Tibério/Cláudio (IIª IF /2ª Fase)

Esta fase encontra-se balizada pelos primeiros contactos diretos entre romanos e indígenas, que tiveram início com a campanha de *Decimus Iunius Brutus*, e foram seguidos por outros episódios militares que resultaram em amplas movimentações internas e, consequentemente, num contacto mais direto com o mundo castrejo, entre os quais se destacam as campanhas Sertorianas. É geralmente identificada como a fase de apogeu da Cultura Castreja, na qual se desenvolve um fenómeno de reorganização do quadro do povoamento, com destaque para o surgimento de grandes povoados detentores de um ordenamento de características proto urbanas dotadas de estruturas defensivas assinaláveis, aos quais, hipoteticamente, corresponderá uma certa preponderância militar e política na sua área de influência. Após as guerras cântabras (27-19 a.C.), fundamentalmente a partir da paz de Augusto e a implementação do modelo administrativo romano na área que mais tarde viria a ser a província da Galécia,

documenta-se uma acelerada assimilação cultural. O Monte Padrão, ainda que presumivelmente não tenha assumido um estatuto de capitalidade, regista nesta fase o seu apogeu enquanto povoado castrejo, ao qual correspondem a maior parte das estruturas habitacionais identificadas na acrópole, sendo estas as principais estruturas defensivas, que foram alvo de significativos trabalhos de restauro e ampliação neste período, assim como o balneário identificado na face sudeste do povoado. No interior do recinto formado pela primeira muralha foram intervencionadas oito estruturas de carácter habitacional, identificando-se duas distintas fases construtivas, estrutural e cronologicamente diferenciadas. Do dispositivo defensivo do povoado apenas se conhece parte da primeira muralha e um pequeno segmento de um pano de reforço que se desenvolve transversalmente à primeira, localizado na face sul da acrópole. Todavia, os taludes e as plataformas existentes, percetíveis pela análise da topografia, permitem admitir a presença de mais uma linha defensiva, assim como a existência de estruturas complementares de defesa localizadas na face leste do povoado, que corresponde a uma zona de ligação ao interior do planalto onde as condições topográficas impõem maior vulnerabilidade defensiva. Estruturalmente, a muralha forma um muro contínuo e uniforme, apresentando uma ligeira inclinação para o interior em toda a sua extensão, intencionalmente criada no momento da sua construção para maior solidez. A estrutura é composta por um paramento simples, em alvenaria de granito, de apenas uma face, sem travamento. Regista uma técnica construtiva de elevada qualidade, com aparelho poligonal, composto por blocos de pedra irregular de dimensão média, justaposta, com junta seca bem ajustada, apresentando os poucos interstícios existentes preenchidos com pequenos elementos ligeiramente recuados à face. O tratamento da superfície é de pico fino revelando uma estereotomia uniforme. O paramento assenta sobre o afloramento granítico e ostenta uma superfície muito regular evidenciando uma criteriosa seleção dos elementos construtivos e um trabalho discriminado para cada um deles, de forma a garantir uma integração e ajuste perfeito em todas as faces. O balneário do Monte Padrão foi identificado em 2007 na área periférica da plataforma intermédia localizada na face sudoeste do povoado, cujas características topográficas evidenciavam as condições necessárias para a instalação de um equipamento dessa natureza (MOREIRA 2013, 101-127; 2013d, 75 - 80). Ao significado científico e patrimonial da sua identificação, um dos poucos exemplares descoberto através de escavação planeada,

acresce o facto de, aparentemente, o monumento se encontrar bem conservado, como sugere o estado de preservação dos elementos arquitetónicos identificados, a topografia da envolvente e as estratigrafias associadas, perspetivando a sua escavação um importante contributo para o conhecimento da cronologia, arquitetura e dinâmica operacional deste tipo de equipamentos, cuja funcionalidade está hoje perfeitamente atestada como sendo destinados a banhos¹², eventualmente relacionados com a componente religiosa, cuja origem remota se associa às “cabanas de sudação”¹³ que, pelo aparato construtivo, se destacam das restantes manifestações arquitetónicas que notabilizaram esta cultura na fase do seu apogeu (SILVA 2007, 14). O edifício localiza-se no remate da plataforma intermédia da face sudoeste do castro, cuja inserção topográfica configura uma área de transição entre a acrópole e as vertentes inferiores do povoado. A sua implantação concretiza-se numa pequena depressão modelada por um desnível natural recortado em torno de uma nascente, em conformidade com a implantação típica deste tipo de monumentos, geralmente localizados nas zonas baixas dos povoados na proximidade de linhas de água ou de nascentes, em subordinação à necessidade de abastecimento dos banhos de água fria e de produção de vapor, de acordo com a corrente interpretação funcional deste tipo de equipamentos, fundamentada em elementos da arqueologia experimental e referências eteno-arqueológicas. A modelação do terreno, cuja topografia evolui a partir da implantação do átrio no sentido nordeste, permite perspetivar a sua instalação parcialmente soterrada, com carácter ctónico, como é característico deste tipo de monumentos, invocando contextos característicos de rituais iniciáticos¹⁴. Esta particularidade, como foi já referido, para além do significado ritual, estará relacionada com aspetos específicos do seu funcionamento, nomeadamente a captação de água e, particularmente, com a manutenção do calor. No Monte Padrão é evidente a adoção desta solução construtiva uma vez que o local de captação de água se localiza a uma cota superior, na face noroeste do átrio, possibilitando a sua condução por efeito gravitacional. A estrutura do monumento, que se perceciona pela configuração do átrio e pelo estudo comparado de exemplares próximos, nomeadamente da Citânia de Sanfins, da Citânia de Briteiros, do Castro das Eiras e de Santa Maria de Galegos, permite admitir o desenvolvimento de uma planta que se integra na tipologia comum dos edifícios conhecidos entre Douro e Minho, correspondendo ao núcleo cultural da área meridional da Cultura Castreja¹⁵.

^[12] Desde a década de 1930, a historiografia arqueológica documenta uma significativa diversidade interpretativa deste tipo de monumentos, cuja funcionalidade foi associada a diferentes utilidade - cozer pão ou cerâmica, crematórios, de fundição ou mesmo de matadouro -, que foram progressivamente sendo abandonadas em detrimento da interpretação funcional como balneários a partir da década de 1950 (VALVÍS 1955, 432-446; LAMAS 1955, 68-69; ALMEIDA 1983, 101, 135; 1983-84, 125; 2007, 66-67; SILVA; MACHADO 2007, 21-30), assinalando-se para o território nacional o contributo muito significativo para a sua interpretação a escavação do balneário de Santa Maria de Galegos, Barcelos, cujo estado de conservação permitiu clarificar muitos dos seus principais aspetos funcionais e construtivos.

^[13] A concordância das fontes clássicas com a interpretação funcional dos equipamentos foi já suficientemente referida por outros autores, em particular com a referência de Estrabão - (...) Dizem que alguns povos que habitam junto do rio Douro têm hábitos espartanos: untam-se com óleo duas vezes, tomam banhos de vapor, que fazem com pedras aquecidas pelo fogo e [depois] banhos de água fria (...). (III, 3, 6).

^[14] Sobre os paralelos proto-históricos e etnológicos europeus veja-se; ALMAGRO GORBEA; ÁLVAREZ SANCHÍS 1993, 192-202.

^[15] Com a descoberta do balneário do Monte Padrão, Santo Tirso, passam a ser 16 os monumentos conhecidos na área meridional da cultura castreja - 1. Monte Castro, Sardoura, Castelo de Paiva (PINHO 1947, 50-53; CARDOZO 1949, 487-516; CORTEZ 1948, 269-281; SILVA 1986; 2007, 66, Est. IX; ALMAGRO; ÁLVAREZ 1993, 185, Fig. 3, n.º 7; MACHADO 2005; SILVA; MACHADO 2007, 32-33; 2. Freixo, Marco de Canaveses (SILVA 1986; 2007, 66, Est. IX; ALMAGRO; ÁLVAREZ 1993, 185, Fig. 3, n.º 3; DIAS 1997; MACHADO 2005; SILVA; MACHADO 2007, 34-35; 3. Castro de Ribalonga, Ribalonga, Alijó (PARENTE 2003; MACHADO 2005; SILVA 2007, 66, Est. IX; SILVA; MACHADO 2007, 36-37; 4. Castro de Vermoim, Vila Nova de Famalicão (SARMENTO 1999 (1880); SILVA 1986; 2007a, 66, Est. IX; MACHADO 2005; SILVA; MACHADO 2007, 38-39; QUEIROGA, DINIS 2008-2009, 139-147; 5. Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira (ARGOTE 1734; ALMEIDA 1974, 149-172; SILVA 1986; 2007, 66, Est. IX, XXXIII; ALMAGRO; ÁLVAREZ 1993, 185, Fig. 3, n.º 5; MACHADO 2005; SILVA; MACHADO 2007, 39-41; 6. Alto das Eiras, Pousada de Saramagos, Vila Nova de Famalicão (SARMENTO 1999 (1880); ALMAGRO; ÁLVAREZ 1993, 191, Fig. 5, n.º13b; DINIS 1993; MACHADO 2005a; SILVA; MACHADO 2007, 42-43; DINIS; OLIVEIRA; QUEIROGA; SILVA 2007, 66, Est. IX; DINIS 2008-2009, 139-147; 7. Forno dos Mouros, Monte da Saia, Chavão, Barcelos (SARMENTO 1999 (1880); CARDOZO 1951, 5-28; 1985, 159, n.º 98; BELLIDO 1968, 5-24; ALMEIDA 1996; SILVA 2007, 67-68, Est. IX; ALMAGRO-ÁLVAREZ 1993, 185, Fig. 4, n.º 3; MACHADO 2005; SILVA; MACHADO 2007, 44-45; 8. Castro de Sabroso, S. Lourenço de Sande, Guimarães (SARMENTO 1906, 41-51; CARDOZO 1960; SILVA 1986; 2007, 66, Est. IX; ALMAGRO-ÁLVAREZ 1993, 191, Fig. 5, n.º 17; MACHADO 2005; SILVA; MACHADO 2007, 32-33, 46-47; 9. Citânia de Briteiros (I), S. Salvador de Briteiros, Guimarães (CRAESBEECK 1992, 44-45; ARGOTE 1738; SILVA 1876, 136; HÜBNER 1879, 19; 1880; SARMENTO 1879, 157; VASCONCELOS 1905; CARDOZO 1928, 139-152; 1929; 1932, 87-102; 1935, 150-153; BELLIDO 1968, 16 44; SILVA 1986; 2007, 66, Est. IX; ALMAGRO; ÁLVAREZ 1993, 191, Fig. 5, n.º 16; MACHADO 2005; SILVA; MACHADO 2007, 48-49; 10. Citânia de Briteiros (II), S. Salvador de Briteiros, Guimarães (RIBEIRO 1930-1934, 171-175, 205-208; CARDOZO 1932; BELLIDO 1968; SILVA 1986; 2007, 66, Est. IX; ALMAGRO; ÁLVAREZ 1993, 191, Fig. 5, n.º 16; MACHADO 2005a; SILVA; MACHADO 2007, 50-51; 11. Maximinos, Braga (LEMOS; LEITE; BETTENCOURT; AZEVEDO 2003, 43-46; SILVA; MACHADO 2007, 52-53; 12. Alto das Quintas; Castro de Calvos, Póvoa de Lanhoso (DINIS 2002, 159-179; MACHADO 2005; SILVA 2007, 66, Est. IX; SILVA; MACHADO 2007, 54-55; 13. Santa Maria de Galegos, Barcelos (ALMAGRO; ÁLVAREZ 1993, 191, Fig. n.º 11; ALMEIDA 1996; MACHADO 2005; SILVA 2007, 68-69, Est. IX, XXXI; SILVA; MACHADO 2007, 56-57; 14. Castro de Roques, Vila Franca, Viana do Castelo (SILVA; MACIEL 2005, 115-131; MACHADO 2005; SLVA 2007, 66, Est. IX; SILVA; MACHADO 2007, 58-59; 15. Castro das Eiras, Arcos de Valdevez (QUEIROGA 1992; MACHADO 2005; SILVA 2007, Est. IX SILVA; MACHADO 2007, 48-49).

^[10] O sítio arqueológico desenvolve-se aproximadamente por 3h. Encontra-se implantado numa vertente de meia encosta, de declive suave, orientada a nascente, cuja topografia oscila entre os 101 e os 120 m. O local foi alvo de várias intervenções encontrando-se já amplamente referenciado na bibliografia arqueológica, contudo, recentes descobertas documentam de forma mais precisa este horizonte cronológico-cultural, assim como a dimensão e as caraterísticas do povoado (JÚNIOR 1940, 357; 1963, 119-120; TWOHIG 1981, 49-55).

^[11] Os resultados dos trabalhos realizados em povoados com ocupação relativa a esta fase manifestam particularidades que se tornam mais evidentes quando confrontados os elementos comuns entre o rio Minho e rio Douro com os da área a sul deste rio, sendo, todavia, de observar, por se tratar de um significativo elemento caracterizador da arquitetura castreja, a adoção sistemática da planta circular documentada no Coto da Pena (Caminha) na Cividade de Terroso (Póvoa de Varzim), Santo Estêvão da Facha (Ponte de Lima), e também no Morro da Sé do Porto, onde se identificam alicerces de parte de uma construção redonda, com aparelho constituído por pedra muito miúda, com idênticas características construtivas aos edifícios deste período, que geralmente revelam paredes pouco espessas, de dois paramentos unidos por argamassa de saibro, sem utilização de pico de ferro e com estratos de ocupação de pisos finos.

A proposta interpretativa da composição arquitetónica do monumento, por nós apresentada (MOREIRA 2013, 101-127; 2013c, 7-35; 201469-82), consiste num exercício de interpretação da dinâmica funcional deste tipo de equipamento, cujos fundamentos têm por base as evidências arqueológicas, aspetos de natureza arquitetónica e a análise dos edifícios conhecidos na região, valorizando a possibilidade de existência de um grupo de artífices que poderá ter operado em itinerância, como se depreende da afinidade das soluções construtivas e da gramática decorativa dos conjuntos conhecidos. Assim, assumindo como referência um padrão tipológico regional e a evidência dos elementos escavados, seu dimensionamento e posição relativa, quer ao conjunto edificado, quer ao afloramento rochoso, propôs-se um dimensionamento geral dos espaços. Do ponto de vista planimétrico e altimétrico foram transportas as proporções conhecidas das diversas câmaras, o que, desde logo, equaciona, ainda que de forma experimental, a tectónica do edifício e dos seus eventuais elementos caracterizantes. O ângulo da cobertura, a estimativa da altura interior e da passagem livre dos portais, toma como referencial de base a proporção das “Pedras Formosas” da região. A geometria estrutural do modelo, enquanto tal, está alicerçada na axialidade, regularidade e na ortogonalidade, referenciando-se uma vez mais aos exemplos similares de proximidade.

Ao nível da construção assumiram-se também os métodos e os materiais utilizados na região. A proporção adotada é adequada e viabiliza a utilização pontual de elementos de cantaria de granito, nomeadamente nas lajes de cobertura das câmaras, exceção feita ao átrio, e na execução de vãos, ombreiras e padieiras de portais. Os restantes paramentos, ainda que se conheçam exemplos em que também são assim construídos, foram representados apenas esquematicamente, podendo também ser constituídos por sobreposição simples de blocos graníticos de estereotomia diversa e irregular, como sugerem os elementos escavados da parede posterior ao tanque. Quanto à câmara de combustão, tipologicamente caracterizada como circular, encimada por calote esférica, seria mais adequadamente constituída por blocos de média ou pequena dimensão, viabilizando construtivamente a forma pretendida. No átrio, conferida a característica de axialidade e simetria foi proposta a execução de uma cobertura mais ligeira que as anteriores, por força do dimensionamento dos vãos a vencer, constituída por vigas, madres e ripado de madeira, rematadas por colmo ou outra matéria vegetal. Esta tecnologia, conhecida e corrente, é articulada nos pormenores dos apoios com as soluções de talhe e travamento nas paredes, da cobertura em laje das câmaras e viga central principal. O provável soterramento de todo o conjunto, servindo entre outros, os propósitos de consolidação de toda a estrutura, por compressão, e o de isolamento térmico, devido ao seu uso, far-se-ia na totalidade da construção, com exceção da zona do átrio, cuja previsível estrutura não comporta este acabamento, mantendo também assim possível e desimpedida a entrada.

Os balneários castrejos constituem construções de superior relevância cultural, quer pela sua expressão arquitetónica, quer pelo papel que desempenhavam na estrutura da sociedade castreja. Estes edifícios, genericamente datados da última fase desta cultura, correspondem a um momento de esplendor social, económico e cultural que se reflete de forma paradigmática na organização estrutural e arquitetónica dos povoados, designadamente no ordenamento proto urbano que alguns conheceram, no qual se torna patente o propósito de estruturação hierárquica e organização do espaço, na imponência das estruturas defensivas e nas múltiplas expressões artísticas patentes, nomeadamente a escultura e a ourivesaria. A descoberta de mais um exemplar deste tipo de

complexo arquitetónico, integrado num núcleo já de si numeroso e significativo, constitui um contributo relevante para a compreensão do horizonte cultural, político e religioso, em que se concretiza o seu auge civilizacional que terá resultado de um processo endógeno, alicerçado num forte desenvolvimento civilizacional e cultural que assimila várias influências, mas cuja identidade e originalidade prevalece e se desenvolve à margem do processo de romanização do território.

A cultura material documentada neste período evidencia um grande desenvolvimento económico e cultural. A cerâmica, praticamente limitada na fase anterior a recipientes de perfil em S, modestamente decorada com motivos incisos, amplia o seu reportório formal registando uma maior adequação funcional, assim como significativos progressos técnicos no processo de fabrico. Generaliza-se a utilização do torno, as pastas são agora mais depuradas e melhor calibradas e os acabamentos mais elaborados. Surgem, pela primeira vez, tons claros de cor bege, rosado e amarelo, resultantes de cozeduras oxidantes. As inovações enriquecem o reportório de formas documentando-se o aparecimento de talhas, painéis de “asa de orelha”, painéis de asa interior, almofarizes, lucernas, etc. As decorações, mais numerosas e complexas, frequentemente conjugam várias técnicas, sendo mais comuns os motivos impressos e as aplicações plásticas. No plano comercial verifica-se um forte incremento das importações, nomeadamente de ânforas e, no final do séc. I a.C., de vidros e cerâmicas de luxo, concretamente de produções de *terra sigillata* de tipo itálico, sudgálico e, mais tarde, de produções hispânicas. O instrumental lítico utilitário reduz-se, sendo, no entanto, de salientar a generalização da utilização da mó circular. Os metais conhecem nesta fase uma ampla difusão e registam importantes melhorias no seu processo de fabrico (MARTINS 1990, 164-65). Apesar do acervo instrumental metálico identificado no Monte do Padrão ser relativamente pobre, merece destaque a significativa abundância de vestígios relacionados com a atividade metalúrgica.

O seu enquadramento regional far-se-á no âmbito dos limites geográficos definidos como “território” da Citânia de Sanfins, designadamente o espaço que se desenvolve na face oriental do planalto da Serra de Monte Córdova e a Serra da Agrela¹⁶, integrando uma vasta área definida a oeste pela Serra da Agrela, pelo rio Ave a norte e pelo rio Leça a sul, adstrita à unidade gentílicia dos *Fidueneae*. Esta proposta baseia-se na presunção da existência de uma hierarquia regional do povoamento e, fundamentalmente, em aspetos de carácter sociocultural expressos no domínio religioso, designadamente através do culto de divindades tutelares próprias, fenómeno a partir do qual se tem vindo a identificar os territórios dos *castella*, admitindo uma autonomia relativa destes em relação aos *populi*. Referimo-nos concretamente às epígrafes dedicadas a *Turiaco* provenientes de Lamoso (Paços de Ferreira)¹⁷ e de Santo Tirso (MOREIRA 1992, 20-21, fot. 4; 2005b, 33; 2007, 22, 28, fot. n.º 1; 2010, 311-313, est. XXVII, 7/ 2013d, 18-100), cujo teónimo tem vindo a ser interpretado como uma evocação especial de proteção divina relacionada com as atividades produtivas, a prosperidade e a fecundidade, formando, à maneira indo-europeia, com *Iupiter* e *Cosunea*, divindades amplamente representados na região, uma tríade, identificada respetivamente com a soberania, a força e a fecundidade (SILVA 1999, 64-65).

Fase VII / Vila

Tibério/Cláudio | *1ª Metade do séc. II / 1ª Metade séc. II* | *meados séc. III*

Acompanhando o desenvolvimento de urbanização de *Bracara Augusta* ter-se-á assistido à emergência de novos núcleos de povoamento no

território denominados singularmente por *villa*, *vicus* e *pagus*. Estes centros, vocacionados para a exploração intensiva das potencialidades do solo, subsolo e dos recursos flúvio-marítimos, desenvolveram-se em articulação com uma rede viária de alguma complexidade. O reordenamento do povoamento operado na área meridional do convento *bracarensis* foi condicionado por um conjunto de fatores relacionados com o novo modelo económico, designadamente a disponibilidade de recursos naturais, a estrutura viária e a proximidade de mercados.

A par da exploração da terra, do rio e do mar, surgiu também a dos recursos do subsolo. O escoamento do minério, os diversos núcleos populacionais e a situação de charneira entre o litoral e o interior terão determinado uma organização do território delineada em torno de uma rede viária de inter-relação regional, que constituiu a efetiva estruturação da região e o suporte do novo modelo de povoamento. A densidade de *aglomerados urbanos secundários* existente na região a partir da primeira metade do séc. I sugere uma matriz de povoamento claramente romana, evidenciando um elevado índice populacional. O dinamismo económico perceptível no registo arqueológico torna evidente o papel central na sua área de influência direta, sendo patente um significativo conjunto de funções polarizadoras exercidas por estes núcleos, das quais se destacam as de natureza económica e cultural. A primeira terá constituído a componente de maior relevo, tendo desempenhado um papel dinamizador da economia local, nomeadamente na difusão do artesanato e distribuição de produtos do comércio de larga escala. A componente cultural constituiu o elemento facilitador do processo de aculturação, designadamente na difusão do modo de vida romano. Em certa medida, o propósito de implantação de uma vida coletiva organizada e centrada na autoridade administrativa é refletido nas características arquitetónicas dos edifícios e na cultura material, como se documenta no Monte Padrão, em Alvarelhos, no Monte Castelo e no Porto. Neste sentido, o papel desempenhado pelos *aglomerados urbanos secundários* na área meridional do convento bracaraugustano parece ter sido fundamental enquanto elemento estruturante do povoamento, estabelecendo a ponte entre a cidade e o meio rural, uma vez que estes núcleos viviam para fora da sua realidade económica oferecendo serviços à população campesina, aos viajantes e funcionários administrativos, operando simultaneamente como centros de desenvolvimento do mundo rural, áreas de prestação de serviços e, em menor escala, como centros de consumo. A localização privilegiada do Monte Padrão em relação à via secundária de ligação da cidade de *Cale* (Porto) a *Bracara Augusta* (Braga), por intermédio da via oficial de ligação de Emerita Augusta (Mérida), na qual entroncava próximo de S. João de Ponte, Guimarães, facilitou o seu desenvolvimento enquanto *aglomerado urbano secundário*.

Como elemento fundamental de progresso, a via originou em todo o seu percurso uma intensa ocupação estruturada em pequenas unidades rurais. No espaço geográfico, delimitado pelos rios Leça e Ave é possível reconstruir o seu trajeto a partir do local de implantação das pontes e pela identificação de um largo conjunto de vestígios dispersos na paisagem. A via, relacionada com o couto mineiro da Serra de Valongo, terá registado a sua maior dinâmica durante o período de exploração das minas auríferas, apresentando um ligeiro declínio a partir de meados do séc. III. Terá sido neste contexto que se assiste à profunda transformação do povoado, no qual se verifica o definitivo abandono e destruição das estruturas castrejas (habitacionais e defensivas) e a construção de um conjunto de edifícios de carácter privado, cujas características arquitetónicas revelam uma rutura definitiva com o arquétipo da sociedade indígena, no qual o castro deu lugar a um *aglomerado urbano secundário* de pequena / média dimensão.

O Monte Padrão revela particularidades que o distinguem do panorama do povoamento romano regional, ilustrando, de forma paradigmática, a considerável diversidade de tipologias de assentamentos e de soluções adotadas no domínio da arquitetura privada. Até ao momento foram identificadas e intervencionadas

quatro *domus* na plataforma superior. Apesar de estruturalmente semelhantes, apenas se conhecem na íntegra os dois edifícios localizados na face norte.

Os resultados das escavações efetuadas permitem também afirmar que o povoado romano se desenvolveria em várias plataformas, designadamente na face sul, onde se identificam vestígios de edifícios ainda não integralmente caraterizados. Na face norte da acrópole foram totalmente intervencionados e identificados dois edifícios de carácter doméstico – *Domus Nordeste* e *Domus Noroeste*, e na face leste e sul outros dois, apesar destes estarem apenas parcialmente escavados e possuírem uma maior complexidade interpretativa devido à sobreposição de estruturas de cronologia posterior.

Nas cidades de dimensão média, a construção doméstica que mais notoriedade assumiu, foi a *Domus*, cuja planta não possuía uma forma regular rígida, sendo projetada de um modo simples e baseada no mesmo conceito. Este tipo de arquitetura doméstica era composto por um ou mais pátios, em torno dos quais eram distribuídos os diversos compartimentos da casa.

A conceção do espaço interior era projetada com base na mesma distribuição programática, na qual a sala de maior importância se situava no alinhamento do eixo principal da casa (*tablinum*), ficando os restantes vestíbulos mais afastados da entrada. Numa das alas do pátio encontravam-se a cozinha (*culina*) e as salas menores (*triclinium*, *exedra*), situando-se na outra ala, a zona mais privada da casa, os quartos (*cubiculae*). A organização era pensada de um modo linear e bem definido, onde os diversos espaços não interferiam entre si. A planta da *Domus Nordeste* evidencia esse conceito. Os espaços “públicos” localizam-se na zona de acesso mais direto desde a entrada, através do átrio central, enquanto a ala privada (quartos) encontra-se mais afastada desta.

De modo a não haver conflitos entre as atividades de domínio público e privado, as zonas de trabalho e armazém encontravam-se numa zona afastada e, neste caso específico, com acesso exclusivo, ou seja, sem passagem pelo pátio. A *Domus Nordeste*, situada na plataforma superior, apresenta uma planta quadrangular, estruturada a partir de um pátio central aberto, que formava uma galeria porticada a partir da qual se distribuiam os diferentes aposentos. Na face norte revela uma estrutura atípica, acrescentada à primeira construção em época tardia, que desvirtua a planta original, conferindo uma linguagem vernacular à arquitetura rígida da primeira construção. Tendo em consideração a distribuição das *Domus* já intervencionadas e interpretação da topografia do terreno, será de admitir a existência de mais construções semelhantes.

Na historiografia arqueológica a *Domus Noroeste* tem vindo a ser interpretada como um edifício ligado a atividades de carácter agro-pastoril. Todavia, atualmente considera-se que este segundo edifício possa ter sido igualmente uma *Domus* de planta mais complexa, de dois pátios, com uma distribuição programática um pouco diferente das casas encontradas noutras povoações romanas. No Monte Padrão, os edifícios foram construídos em pedra granítica da região e, de acordo com o registo arqueológico, alguns compartimentos no interior eram revestidos com uma argamassa de cal. Os pavimentos eram maioritariamente em terra batida, excetuando-se as zonas exteriores (como os pátios) e outros compartimentos de menor importância em que foi utilizado lajeado de pedra irregular. As coberturas seguiam a norma, ou seja, telha romana.

A complexidade das plantas, aliada à qualidade construtiva dos edifícios, confirma o significativo dinamismo económico do povoado durante o séc. I e início do séc. II, acompanhando a profunda transformação socioeconómica registada na região. Neste momento, da sua longa ocupação, o Monte Padrão ilustra de forma singular a considerável diversidade de soluções patentes no povoamento regional, quer ao nível da tipologia dos povoados, quer ao nível das soluções arquitetónicas adotadas no domínio da arquitetura privada.

^[1] Este limite, definido transversalmente pela linha de cumeeira da Serra da Agrela, confronta com a face oriental do «território» dos Madequisenses cuja capital estaria sedeada no Castro de Alvarelhos (Castellum Madiae) sendo os restantes limites concretizados a norte pelo rio Ave, a sul pelo rio Leça e oeste pela costa marítima

^[2] Ara recolhida na igreja paroquial de Lamoso, Paços de Ferreira (SILVA 2007, 444, n.º 735); [C[osi?]]go T/vriaco / Fid(uenearum) Ate/ nniens/es / l(ibenter) a(nimo) p(osuerunt) / h(oc) m(onumentum) / ae(re) l(ecto)?

ESTAÇÕES ARQUEOLÓGICAS

O início da dinastia dos Flávios e a atribuição do *ius latii* à Hispânia com Vespasiano, no ano de 73-74, consensualmente interpretado como um momento decisivo no processo de romanização do Noroeste Peninsular, ao qual correspondem uma parte muito significativa das obras alto-imperiais identificadas na região, registou a continuação da transformação do povoado indígena, patente, entre outros aspetos, em obras de ampliação e remodelação dos edifícios existentes. A ergologia diversificou-se, alargando exponencialmente o espectro dos materiais importados, nomeadamente de vidros¹⁸, ânforas, *sigillatas* gálicas, sudgálicas e hispânicas, assim como de produções de âmbito regional como as cerâmicas bracarenses, ou as calcíticas pintadas, incrementando-se também o registo de espécies numismáticas.

O enquadramento arqueológico do povoado no âmbito da romanização do Noroeste Peninsular far-se-á, em primeira análise, na área meridional do convento bracaraugustano, região de elevada densidade populacional e detentor de importantes recursos e infraestruturas, nomeadamente viárias e portuárias. Após a implementação da nova estrutura administrativa, desenhovlida a partir do início do séc. I, articulada a partir da capital de convento – *Bracara Augusta* –, teve início o efetivo processo de transformação do território. A criação de uma rede viária de ligação rápida e segura entre os diferentes centros administrativos viria a constituir o principal elemento modelador da nova paisagem física e humana. A localização privilegiada do Monte Padrão em relação à estrutura viária¹⁹, aliada à disponibilidade de condições naturais para a prática de uma atividade agrícola de alta rentabilidade, viabilizada pela existência de terrenos de elevada aptidão agrícola que se distribuem na depressão que configura a nascente do rio Leça, permitiu o seu rápido desenvolvimento. A via, certamente relacionada com o couto mineiro da Serra de Valongo, terá registado a sua maior importância durante o séc. I, apresentando um ligeiro declínio a partir de meados do séc. III, momento em que se regista o abandono do Monte Padrão, cujo registo arqueológico, até ao momento, não evidencia nenhum acontecimento concreto que o justifique.

Fase VIII / IX
900 | Finais séc. XII / Finais do séc. XII | 1ª metade do séc. XVII

A ocupação medieval do Monte de Padrão reporta-se a uma realidade temporal cujos parâmetros cronológicos se desenvolvem entre o séc. X e meados do séc. XVII. O mosteiro e a igreja de S. Salvador de Monte Córdova encontram-se referenciados na bibliografia de cronistas, hagiógrafos, corógrafos e viajantes desde finais do séc. XVI, até poucos anos antes de ser definitivamente abandonado, no segundo quartel do séc. XVII. Entre os principais autores contam-se referências de André Resende, D. Rodrigo da Cunha, Gaspar Estaço, Carvalho da Costa e Frei Leão de S. Tomás. Na historiografia castelhana assinala-se a referência de Ambrosino de Morales, em 1572 (IGLESIAS 1999, 57-58) e, mais tarde, em 1600, na historiografia galega, nos livros da autoria de Fray Benito de La Cueva, *Historia de los Monasterios e Priorados Anejos a Celanova*, que viria a ser publicado em 1991 (CUEVA 1991, 93-97), e *Celanova Ilustrada y Anales de San Rosendo*, editado em 2007 (CUEVA 2007). Mais tarde, já em meados do séc. XVIII, em

resposta ao *Inquérito Paroquial* de 1758, o Reitor de Monte Córdova, Padre Veríssimo de Araújo, forneceu um importante contributo para a interpretação dos vestígios medievais do Monte do Padrão, assim como para a história da toponímia local. Mais recentemente registaram-se referências de Alberto Pimentel e Alberto Pires de Lima (PIMENTEL 1902, 50-54; LIMA 1948, 543).

A referência a uma estrutura militar na circunscrição do Julgado de Refojos de Riba D'Ave com a designação de Monte Córdova fez com que vários autores admitissem a sua localização no Monte Padrão²⁰. A alusão ao castelo de *Pena de Cide* surge, pela primeira vez, nas Inquirições de 1220 e, mais tarde num Nobiliário datado de 1270 – (...) *infante Alboazar Ramires, filho do rei Ramiro ao qual porque foi bom por armas, puzeron-lhe nome Cide Alboazar e feze uma torre no monte Córdova que hora chamão Pena de Cide e guerreou dahi os mouros* ... (...). Costa Veiga, admitindo a veracidade da referência do Nobiliário e com base na análise de um documento datado de 1041, no qual se alude a um pleito judicial cujos litigantes, convocados para comparecer em juízo perante os magnates da região, se reuniram em Pena Maior (DC 140) (VEIGA 1936, 132-133), localiza o castelo no maciço do Pilar identificando-o com o *Castelo de Refojos*, atualmente inscrito na freguesia de Pena Maior, concelho de Paços de Ferreira. No Livro Velho de Linhagens, a propósito do castelo de Monte Córdova pode ler-se – (...) *Reinou depôs el seu filho dom Oordonho em seu logo. Pobrou a vila de Leom, e veio conquerer a Portugal, que era de Mouros, e deu a Santiago porem que o ajudasse o couto de Mo[u] quim e de Cornelham. E veio com ele seu irmão Alboazar. E porque foi bem por armas, puserom-lhe nome Cide Alboazar. E fege uma torre no monte de Monte Córdova, que ora chamam Pena de Cide, e guerreou dahi os Mouros, e deitou os Mouros de São Romão, e foram-se passar Douro e foram-se a São Martinho de Mouros. E desi filhou o castro d’Aveoso a Mouros e deito Mouros de crasto de Gondomar e de Todea e fezeos ir a crasto Marnel de Riba de Vouga. E casou com dona Usco Godins, filha del conde dom Godinho das Astúrias, e ela com seu marido de Riba d’Ave, que ora chamam Santo Tirso de Riba D’Ave* (...) (PIEL; MATTOSO 1980, 50). José Mattoso, por seu turno, ao aludir aos principais castelos anteriores à nacionalidade localizados entre os rios Douro e Minho, inclui o castelo de Monte Córdova no território de entre Ave e Douro, no concelho de Santo Tirso, como centro da *Terra de Refojos de Riba D’Ave* (MATTOSO 1995, 94). Na mesma linha, Carlos Alberto Ferreira de Almeida, ao referir-se ao fenómeno de “incastellamento”, valorizando a componente toponímica, considera a fortificação vinculada à família de S. Rosendo, sem, contudo, precisar a sua localização – (...) *106 – MONTE CÓRDOVA, Sto Tirso – Este castelo parece ter visto a sua importância diminuída a partir dos princípios do séc. XI. É referido como uma estratégica fortificação no Livro Velho II* (Ed. 1961, p. 41). *Não é extremamente ousado ligar este arcaico castelo à família de S. Rosendo* (...) (ALMEIDA 1978, 39). A fortificação encontra-se referenciada em 1093 (DC 796), num contrato de venda de propriedades localizadas em S. Paio de Guimarei, Santo Tirso, com a designação de *mons* – (...) *... in uilla uimarei subtus mons cordua território portugalensis discurente ribulo sanguineto*. (...). As evidências arqueológicas conhecidas até à data não permitem admitir a possibilidade de que o castelo de Refojos de Riba d'Ave (*Pena Cide*) possa ter tido a sua localização no Monte Padrão, apesar de ser conhecida a ocupação medieval do povoado, cuja cronologia aponta

para um período que se baliza entre o início do séc. X e o segundo quartel do século XVII, mas cuja realidade estrutural se relaciona com a igreja paroquial e o mosteiro de Monte Córdova. Todavia, relativamente próximo do Monte Padrão, no lugar do Alto da Bela / Mouro, identificam-se vestígios estruturais e materiais de superfície cronologicamente consistentes com esta referência arqueológica, que temos vindo a interpretar como uma atalaia medieval que, eventualmente, poderá corresponder ao castelo referenciado. Localiza-se num pequeno promontório da cumeeira oeste do maciço de Monte Córdova e ocupa um esporão rochoso onde, à superfície, se distribuem grandes afloramentos com claros vestígios de talhe. Achados de materiais líticos pré-históricos, designadamente machados de pedra polida atestam uma ocupação bastante recuada (PINTO 1930, 306; SANTARÉM 1952, 169-177; DINIS 1993, 105, n.º 10 e 11; MOREIRA 2007, 46). Atualmente não são visíveis vestígios de estruturas ou taludes que denunciem a existência de sistemas defensivos. Os materiais recolhidos enquadram-se maioritariamente em época medieval, embora tenham sido recolhidas cerâmicas castrejas em pequeno número. Ao fenómeno de *incastellamento*, desenvolvido entre nós a partir de finais do séc. IX e que duraria até aos princípios do séc. XII, está subjacente o processo de organização defensiva, de povoamento e administração do território (ALMEIDA 1978, 27). Estas fortificações constituíram a resposta das populações locais face às incursões normandas e às investidas muçulmanas. Apesar deste tipo de dispositivos militares, anteriores ao castelo românico, se encontrar estruturalmente mal caracterizado, a perceção geral, formada pela análise dos vestígios conhecidos, é de que deveriam ser estruturas muito rudimentares, com equipamentos defensivos precários, cuja implantação privilegiaria espaços em que a morfologia do terreno acentuasse as diferenças de cota da zona intramuros e extramuros e reduzisse o esforço de construção. A sua área deveria ser reduzida e adaptada à disponibilidade do espaço existente, privilegiando uma implantação com um amplo domínio visual sobre o entorno e, em particular, das vias de comunicação. Posteriormente, com a evolução da reconquista cristã e a reorganização administrativa do território, nomeadamente com a criação dos *territoriae* e das *civitates*, assiste-se à personificação dos destinos militares, concentrados agora num castelo governado por um nobre, cuja existência, no imediato, não terá anulado o papel dos “castelos” de iniciativa popular, mas sim dado um novo enquadramento ao processo de reconquista, sobretudo nas zonas de fronteira (BARROCA 1990-91, 92).

É neste contexto que se inscreve o reduto defensivo de Monte Córdova que encontra enquadramento estratégico num conjunto de equipamentos afins identificados na área meridional do Noroeste Peninsular. Na área geográfica envolvente que, *grossu modo*, corresponde à *Terra da Maia*, identificam-se mais de uma dezena de castelos cuja implantação nos permite percecionar a distribuição dos núcleos populacionais então existentes e a sua relação com as vias de comunicação.

A igreja de S. Salvador de Monte Córdova, fundada no séc. X, terá sido trasladada entre 1623 e 1651 – (...) *Poucos anos há, que a dita igreja do Salvador se mudou do alto do monte para outra parte da freguezia, aonde parece que ficuava mais accommodada pera serviço dos Parrochianos, que são mais de quatrocentos*. (...) (TOMÁS 1974, 161). Os vestígios arqueológicos identificados até ao momento permitem identificar um edifício pré-românico que terá sofrido

obras de remodelação e ampliação na primeira metade do séc. XIII, relacionadas com a construção de um edifício anexo que corresponde ao mosteiro cordubense. Da primeira construção identifica-se o cunhal da face sudeste, cuja estrutura remanescente revela uma base sólida, de alvenaria de granito, assente na rocha de base. O aparelho, composto por silhares retangulares de calibre regular, estruturados alternadamente, revela um paramento bem ajustado. O muro é de dupla face, sendo o interior da estrutura composto por pedras de pequeno calibre e cerâmicas de construção de época romana (tégulas e tijolos), integrados numa argamassa de saibro, compacta e dura. O edifício do séc. XIII, de características distintas do anterior, terá integrado na sua planta original parte da construção do templo pré-românico, sobrepondo, integralmente, a parede que limita a face sul do edifício. Este momento corresponderá à construção de um novo remate do alçado leste que, provavelmente, estará relacionado com o colapso parcial do edifício, uma vez que este, em parte, assentava sobre um lajeado de época romana, com apoio a uma cota inferior na margem do afloramento que serviu de base a todo o edifício. Neste local, os vestígios remniscentes resumem-se ao alicerce cujas características construtivas, de extrema solidez, em certa medida, justificam a necessidade de reforço do edifício neste espaço concreto. O alicerce é composto por blocos de grande calibre, faceados e nivelados na parte superior, fortemente implantados no solo, com os interstícios preenchidos por elementos de menor dimensão, garantindo robustez à construção. A totalidade da construção apoia-se num alicerce que ultrapassa a espessura da parede em 30 cm de cada um dos lados. No limite oeste, junto à igreja, define-se a entrada do claustro, com cerca de 1,60 m de largura, cujos apoios para assentamento das ombreias são compostos por grandes blocos graníticos, claramente diferenciados do alicerce do muro.

O edifício apresenta uma orientação sudoeste/nordeste, respeitada pelo alinhamento das sepulturas, e desenha uma planta retangular, provavelmente com cabeceira recuada com a mesma planta. Relativamente aos elementos decorativos e revestimentos parietais não restam vestígios *in situ*, sendo, no entanto, admissível a existência de painéis de azulejos de tipo hispano-árabe, de acordo com as recolhas efetuadas em estratos arqueológicos relativos à destruição do edifício (MOREIRA 2007, 160-161, n.º 309-313). Do pavimento interior apenas se conserva uma pequena área residual, composto por saibro com revestimento de argila, assente diretamente sobre a rocha de base que conformaria o suporte natural da totalidade do edifício, com exceção da área marginal do alçado leste. À semelhança dos revestimentos parietais, de acordo com as recolhas efetuadas, é também admissível a existência de um pavimento revestido a azulejos de caixilho ou enxaquetados, com superfícies coberta por esmaltes de cor branca e castanho morado ou negro (MOREIRA 2007, 160-161, n.º 309-313). Este tipo de azulejos, característico de finais do séc. XV princípios do séc. XVI, é contemporâneo dos azulejos designados de “corda seca” de ampla difusão peninsular²¹.

A igreja de Monte Córdova, cujo direito de apresentação foi confirmado ao mosteiro de Celanova em 1225, pelo bispo Martinho Rodrigues, manteve-se unida ao mosteiro *auriense* por cerca de trezentos anos, dependendo diretamente do prior de Celanova que nomeava um cura, monge do mosteiro, para administrar a igreja, destinando, portanto, todos os rendimentos ao mosteiro de Celanova²². Assim se manteve a relação entre os dois cenóbios até à perda definitiva do priorado, em 1514, momento em que

^[1] Para além de vários exemplares das formas importadas mais comuns, como sejam as garrafas prismáticas, tipo Isings 50, ou as taças caneladas – phiales côtelées –, tipo Isings 3, merece particular destaque, pela sua raridade na produção vidreira do Noroeste Português, um fragmento de taça de vidro laminado, elaborado por justaposição, com cronologia da 1ª metade do séc. I (MOREIRA 1997a, 26, est. XV, n.º 76).

^[2] A via a partir do Porto desenvolver-se-ia para nordeste em direção a Valongo onde cruzava o rio Leça na Ponte de Alfena, seguindo a meia encosta, acompanhando o perfil do rio Ave, em direção a S. Martinho do Campo onde transpunha o rio Vizela na Ponte de Negrelos, dirigindo-se posteriormente para S. João de Ponte (MOREIRA 2010, 189-190).

^[3] António Augusto Pires de Lima, em 1951, a propósito da referência de Costa Veiga, que sugere a localização do castelo em Pena Maior, Paços Ferreira, comenta – (...) O argumento não é decisivo, porque a convocação para ali podia ter outra explicação, como a de que o pleito diria respeito a terras de Pena Maior. Eu inclino-me a crer – mera conjectura, porém – que o castelo estivesse situado no lugar do Padrão, onde se estão encontrando vestígios de antigos edifícios, que mais parecem revelar a existência de fortificações do que de uma citânia. É conveniente, porém ponderar que uma fortaleza, onde se concentrava o governo militar e civil de uma terra, não passava, por vezes, de construção provisória e tosca. Por isso, como observa A. Herculano, poucos castelos nos restam desses tempos (...) (LIMA 1951, 38, nota 1).

^[4] Este tipo de azulejo surge em edifícios de carácter religioso em Portugal e Espanha, formando superfícies cerâmicas policromas, em coberturas, pavimentos e outros tipos de revestimentos interiores. Entre os exemplos de maior significado artístico encontra-se a cobertura da Sé Velha de Coimbra (CALADO 1999, 171).

^[5] A confirmação surge na sequência do pleito jurídico mantido com a coroa portuguesa pela posse de Castro Laboreiro e da igreja e mosteiro de Monte Córdova, do qual resultou a decisão referida que viria a ser formalizada por D. Sancho, como consta do “ Livro das Igrejas e Capelas do Padroado dos Reis de Portugal”, recolha documental feita por Cristóvão de Benavente e Padre Nuno de Arezo em 1574, a pedido de D. Sebastião, que assinala a existência de um contrato – (...) Contrato q se fez entre El Rej dom Sancho Capello com o moesteiro e conuento de Sallanoua, per que o ditto rei ouue Crasto Leboreiro com suas pertensas e o ditto moesteiro ouue a igreja de Monte Cordoua (...), (SERRÃO 1971, 59).

D. Manuel I, através de uma comenda o atribuiu à Ordem de Cristo, de que resultou a nomeação de um abade comendatário, António Castilbrac (MOREIRA 2005b, 45). A partir de 1542, de acordo com o Censual da Mitra, a igreja de Monte Córdova, assim como o seu padroado ativo, S. Miguel do Couto²³, que se manteve anexo, surge como uma igreja de apresentação do bispo do Porto²⁴. Os objetos arqueológicos recolhidos no decurso da escavação diretamente associados com a liturgia são, até ao momento, relativamente escassos e pouco significativos, revelando o carácter rural e a diminuta importância da comunidade.

A necrópole medieval do Monte do Padrão integra-se no fenómeno da emergência dos cemitérios rurais, polarizados em torno das igrejas paroquiais, documentado no Noroeste Peninsular a partir do séc. IX. A emergência do processo de *tumulatio appud ecclesiam*, por oposição à *tumulatio ad sanctos*, consiste num fenómeno tipicamente rural (BARROCA 1987, 24). O cemitério medieval enquadra-se no momento em que este se concretiza no adro da igreja²⁵, no qual a maioria dos *filii ecclesiae* se contentava em ser sepultado - (...) *no espaço sagrado, aonde chegava a fortaleza do som dos ritos, o poder da aspersão da água benta e a sombra das cruzes da igreja* (...) (ALMEIDA 1978a, 11). A intervenção da necrópole compreendeu, até ao momento, a escavação de setenta e seis sepulturas, quatro ossários e três sarcófagos, do que se antevê ser um extenso cemitério que se desenvolve ao longo da face leste da plataforma superior, prolongando-se para além dos limites da acrópole do povoado, designadamente para a encosta sudeste²⁶. A área intervencionada abrange parte de um edifício de carácter religioso, parte da área claustral, delimitada na face leste pelas celas do mosteiro e parte do adro da igreja, que se prolonga para sul até ao limite da plataforma superior, num espaço que ultrapassa 70 m de comprimento²⁷. Da sua escavação resultou um reduzido acervo de objetos de carácter funerário, facto que se explica, entre outras razões, pelas motivações de carácter religioso, de acordo com as orientações escatológicas do cristianismo medievo. Da mesma forma, não se documentaram vestígios de rituais ou cerimónias litúrgicas associadas aos enterramentos, fenómeno registado em necrópoles da região no mesmo horizonte cronológico²⁸. Todavia, as sepulturas intervencionadas forneceram importantes elementos de natureza antropológica que permitirão caracterizar a estrutura demográfica da população. Os vários tipos de sepulcros identificados - sarcófagos, sepulturas de tampa única e sepulturas de caixa -, revelam uma comunidade com poder aquisitivo diferenciado, polarizada em torno da igreja paroquial. A “sepultura de caixa”, própria dos estratos mais baixos da sociedade medieval, apresenta poucos cuidados construtivos devido à falta de recursos dos seus proprietários, assim como um carácter oculto, não revelando qualquer elemento que as individualize, constituindo, por isso, enterramentos anónimos, retratando, de acordo com a expressão de Mário Barroca, “a morte despersionalizada”. Este tipo de túmulo terá sido, porventura, o mais

vulgarizado a partir do séc. XII, embora a sua origem se possa situar cronologicamente no séc. X, revelando-se como um fenómeno de longa duração, documentado na região até finais do séc. XVII, embora do ponto de vista arqueológico não abundem registos arqueológicos publicados. A generalização deste tipo de estrutura funerária resulta do facto de serem de recorte regular e acabamento uniforme, com planta trapezoidal e muitas vezes reaproveitado de estruturas de cronologia anterior, não carecendo, portanto, de trabalho especializado (BARROCA 1987, 300). Estruturalmente apresentam paredes definidas por blocos de granito de formato e calibre irregular, sumariamente trabalhadas, dispostas verticalmente, conformadas por encosto simples, com a face orientada para o interior do sepulcro, formando uma planta retangular ou ligeiramente ovalada, com dimensões que oscilam entre 1,60 m / 1,80 m por 0,60 m / 0,70 m. A cobertura é composta por lajes de dimensões variadas, de formato trapezoidal, recorte irregular e talhe rudimentar, colocadas horizontalmente com a face melhor nivelada orientada para o interior. As suas plantas subdividem-se em três tipos, sem diferenciação cronológica - formato sub-rectangular, por vezes com as faces laterais arredondadas, com os extremos planos; contorno trapezoidal com a face superior mais larga que o fundo; contorno antropomórfico com definição do encaixe da cabeça bem definido. Este último tipo, vulgarizado a partir do séc. XI, tem vindo a ser interpretado por alguns autores como tendo origem na preocupação de imobilizar a cabeça do defunto numa posição vertical, “olhando o céu”, pormenor que parece ser solucionado de forma mais simples nos restantes tipos com a colocação de uma laje “almofada” na base ou na lateral, configurando um falso contorno antropomórfico que, juntamente com uma das faces da sepultura, garantia a manutenção da posição pretendida. As “sepulturas de caixa de tampa única”, mais escassas que as primeiras, encontram-se representadas apenas por três exemplares. Caracterizam-se, à semelhança das anteriores, por possuírem uma caixa formada por pequenos blocos de granito, muitas vezes reaproveitados de construções anteriores, dispostos verticalmente, com a face orientada para o interior, estruturados apenas por encosto das arestas. A sua planta, geralmente retangular ou trapezoidal, revela sinais evidentes de uma construção cuidada, apresentando um recorte simétrico. As tampas, monolíticas, também de planta trapezoidal e de secção sub-rectangular, revelam um talhe cuidado e contorno bem definido. Este tipo de sepultura vulgariza-se nos séc. XIII / XIV e, segundo alguns autores, destinava-se a conservar a tampa à vista, sendo, por isso, frequentes as decorações com símbolos místicos, com caráter apotropaico, designadamente a cruz de cinco bicos (pentalfa) ou, simplesmente, motivos geométricos. As características da sua construção revelam o estatuto socioeconómico dos seus proprietários, claramente superior ao das sepulturas de caixa simples. Ao contrário da orientação sudoeste/nordeste das restantes

sepulturas que compõem a necrópole, duas das três sepulturas identificadas apresentam uma orientação oeste/este assumindo, portanto, um claro protagonismo na área na qual se integram. A única tampa decorada identificada até ao momento pertence a uma sepultura trapezoidal, implantada na área claustral. Trata-se de uma tampa em granito de recorte regular e acabamento uniforme, com planta trapezoidal e secção sub-rectangular. A decoração é composta por um pentalfa em baixo relevo. Na orla, percorrendo a periferia da face superior, existe um sulco que forma uma espécie de cercadura de definição do campo “epigráfico”. Identificaram-se até ao momento três sarcófagos, dos quais dois encontravam-se deslocados. Um deles, detetado na intervenção arqueológica de 2005, permanece *in situ*, integrado no corte estratigráfico da face norte da área escavada. Os dois primeiros, pertencem à forma mais arcaica, característica do período pré ou protorromânico, cronologicamente enquadráveis nos séc. IX e X, que compreende arcazes de talhe rudimentar, sem qualquer sinal de antropomorfismo. Apresentam contornos ovalados de formato sub-rectangular com os laterais arqueados, não revelando simetria axial nem secções regulares. Ambos conservam orifícios de drenagem no plano inferior²⁹. O terceiro sarcófago evidencia uma construção mais cuidada. Consiste num arcaz não antropomórfico de contornos retangulares com laterais retos, revelando uma composição regular e uma simetria axial quase perfeita. A sua cronologia será relativamente mais tardia e poderá integrar-se no séc. X ou XI. Á semelhança das sepulturas de caixa, também a tipologia de inumação nestes monólitos compreendia uma deposição do corpo em *decubito supino*, com o defunto envolto num sudário, normalmente desprovido de qualquer espólio, com exceção dos atavios que compreendiam o próprio vestuário e singelos elementos de adorno (fivelas, botões, anéis, alfinetes, etc.). A identificação deste tipo de enterramentos não só é cronologicamente consistente com a proposta de datação da igreja, como é reveladora da existência de uma comunidade cristã bem estruturada, com membros de elevado estatuto social e elevado poder aquisitivo, uma vez que o uso de sarcófagos era exclusivo daqueles que possuíam bens e se encontravam em condição de o poder pagar. O enterramento neste tipo de sepulturas era efetuado sem qualquer tipo de caixão, sendo o corpo depositado apenas envolvido num sudário, geralmente na posição de *decúbito dorsal* e, posteriormente, coberto com terra, de forma a que o defunto ficasse em repouso a contemplar o céu. Esta prática, repetida sistematicamente, demonstra uma intenção deliberada de conferir ao corpo uma posição “durável”, utilizando-se na preparação do corpo materiais que minimizassem a desarticulação do corpo resultante do processo de decomposição. A utilização do sudário, muitas vezes cingido através da utilização de alfinetes, parece corroborar este propósito. Da mesma forma, a posição dos membros sugere obedecer à mesma intenção se atendermos ao facto de as extremidades das mãos e dos pés serem as primeiras a desarticularem-se e que, num espaço amplo naturalmente sofreriam maior deslocação. Os membros superiores apresentam-se invariavelmente posicionados acima da cintura com as mãos entrelaçadas ou cruzadas sobre o peito ou no baixo-ventre, aspeto que parece relacionar-se com a pose de oração, exprimindo humidade diante de Deus, ou mesmo, como sugerem alguns autores, de um certo pudor perante o criador (BIDON 1993, 193). A orientação das sepulturas no sentido sudoeste/nordeste respeita

a orientação da igreja, encontrando-se assim em consonância com a crença da ressurreição das almas no dia do Juízo Final, de forma a que os defuntos ao se erguerem dos seus túmulos tivessem a oportunidade de olhar diretamente para Cristo, vindo de oriente, do lado da luz. Do conjunto de sepulturas identificado, do ponto de vista estatístico, verifica-se uma aproximação entre homens e mulheres não se registando diferenças na tipologia dos enterramentos, no posicionamento dos corpos e nos rituais de inumação. A reutilização das sepulturas é um fenómeno muito bem documentado em todo o cemitério, verificando-se, em média, três a quatro tumulações no mesmo sepulcro. O processo das novas tumulações originou a criação de pequenos ossários acumulados no fundo das sepulturas, junto aos pés, preservando-se, normalmente, o crânio e os ossos longos, como testemunho do enterro anterior, o que poderá indicar a existência de sepulturas familiares³⁰. São relativamente abundantes os casos de deposição intencional de moedas no interior das sepulturas, fenómeno que se relaciona com a permanência de determinados cultos pagãos, nomeadamente com o pagamento da “viagem” ou “portagem”, conforme as variações regionais das crenças populares, próprias de uma religião cristã não oficial, em convivência com inúmeras crenças pagãs. Em particular no cemitério do Monte Padrão regista-se a prática de deposição de moedas, muitas vezes batidas, colocadas sobre o peito, junto ao pescoço (MOREIRA 2007, 158-159, n.º 304 (25) - 304 (32))³¹. O reportório de estelas funerárias e tampas de sepulturas identificadas é relativamente reduzido e a temática decorativa pouco diversificada. Entre os materiais mais significativos assinala-se uma estela discoidal em granito, reutilizada como elemento da caixa de uma sepultura de criança. Trata-se de uma estela de dupla face formada por um disco circular decorado nas duas faces, rematado por um talão de formato sub-rectangular. A decoração é composta por quatro círculos concêntricos, definidos por sulcos de perfil em U, com uma cruz de braços iguais inscrita no centro. A face anterior possui a mesma decoração. A segunda estela apresenta um recorte irregular e talhe rudimentar, encontrando-se fraturada ao nível do arranque do talão. Configura uma planta subcircular, ligeiramente côncava. A cruz latina inscrita ao centro encontra-se gravada com sulcos de perfil em U e apresenta as extremidades terminadas em segmentos de reta. Cronologicamente enquadram-se na Fase IX³², correspondendo, portanto, a um lato período cronológico. Na Idade Média, a forma de homenagear os mortos, além do ritual de enterramento, consistia na colocação de lápides à cabeceira das sepulturas de forma a assinalar o local do sepulcro. A sua iconografia, geralmente muito rica, revela aspetos de carácter sociológico, muitas vezes associados às profissões dos defuntos. Contudo, a representação de maior expressão é a crucífera, seguindo-se os motivos geométricos e a representação de instrumentos de ofícios. O restante “mobiliário fúnebre” é composto por alfinetes e anéis em bronze, contas em osso, marfim e azeviche. O espólio numismático compreende uma ampla cronologia que abarca a primeira e segunda dinastia, identificando-se as últimas ocorrências no reinado de D. João III. A fundação do cenóbio de Monte Córdova enquadra-se num fenómeno de larga expressão geográfica de formação de mosteiros familiares que terá desempenhado um papel muito relevante na estruturação do povoamento ao longo do período de reconquista, designadamente no decurso do séc. X e XI. A sua fundação, segundo Frei Benito de La Cueva, terá ocorrido em 934, por iniciativa de S. Rosendo. Frey Benito, arquivista do mosteiro de Celanova, refere-o

^[1] No capítulo «Apresentações e taxas» refere-se (...) ÇELANOVA. Item o mosteiro de Momte Corvoda com Sam Miguel do Couto sua annexa taxado em çemto e çimquenta livras he de apresentaçam da Çelanova. BISPO. Aguora apresemta o bispo segumdo se vera por hun comtrato que seta no çemsual. (...) (SANTOS 1973, 210).

^[2] (...) AS IGREJAS DE APRESENTAÇÃO IN SOLIDO DO BISPO - ... 2) a vigairia da comeda de Momte Corvoda 2) as rações do dito do sito (sic) mosteiro / 2) a igreja de Sam Miguel do Couto sua annexa ... (...) (SANTOS 1973, 535).

^[3] Os adros das igrejas constituíam espaços ainda santificados, nos quais se estabelecia, em termos de hierarquia do sagrado, a transição entre o espaço civil e o sacro. Estes espaços, demarcados nos atos de fundação das igrejas, possuíam áreas junto do templo para receber as tumulações dos fiéis.

^[4] Registe-se a identificação de apenas quatro sepulturas de criança, cuja diminuta expressão, se atendermos ao elevado índice de mortalidade infantil característico das populações medievas, se deverá interpretar como resultante da prática generalizada da não tumulação em cemitérios de recém-nascidos e crianças. (BOUARD 1977, 48).

^[5] O estudo antropológico da necrópole medieval desenvolve-se em parceria com Nicholas Márquez Grant, investigador do Instituto de Arqueologia da Universidade de Oxford. A metodologia de estudo pode resumir-se em nove alíneas: a) Marcação b) Reconstituição c) Descrição do estado de conservação (tafonia, fragmentação, etc.) d) Identificação e) Cálculo do número de indivíduos, sexo e idade f) Obtenção de informações sobre a estatura g) Observação de patologia bocal (cárie, cálculo, periodontites, hipoplasia, etc.) h) Observação da patologia craniana e pós-craniana (traumatismos, infeções, artrose, etc.) i) Recolha de dados métricos e não métricos j) Interpretação dos resultados. Os objetivos são: 1) - Caracterizar a estrutura demográfica da população, de acordo com a idade e sexo 2) - Abordar o estudo do estado da saúde da população 3) - Identificar as condições de estilo de vida da população mediante a observação e estudo das lesões 4) - Contribuir para o registo osteológico do norte de Portugal de forma a construir uma base de dados que permita, no futuro, o cruzamento de informação com locais próximos ao Monte Padrão.

^[6] Referimo-nos, em concreto, à necrópole da Citânia de Sanfins, associada à capela dedicada a S. Romão, intervencionada em 1977 e 1978, cuja escavação revelou a existência de um ritual de cremação anterior ao encobrimento do túmulo - (...) Antes da colocação das lajes de cobertura teria havido lugar a qualquer cerimónia litúrgica em que se procedeu a uma simples fogueira ou a uma cremação de carácter ritual, conforme denuncia a existência sistemática de carvões e cinzas sobre a terra de enchimento (...) (SILVA; CENTENO 1980, 58).

^[7] Esta solução resulta do facto do processo de decomposição do corpo originar a formação de líquidos e daí decorrerem problemas sanitários. Outra solução, também largamente utilizada, consistiu na deposição de cal no sepulcro de forma a acelerar o processo de decomposição dos corpos (BARROCA 1987, 320).

^[8] Este fenómeno parece ser relativamente comum registando-se, por exemplo, na necrópole de Lagares, Penafiel e Roriz, Santo Tirso.

^[9] São oito as moedas identificadas in situ com a colocação referida, identificando-se apenas uma como sendo uma moeda de X reais de D. João III (1521-1557). Todas as moedas apresentam sinais de terem sido deliberadamente batidas, de forma a obliterar a sua legenda, apresentando um perfil ligeiramente côncavo. Um dos casos revela um pequeno orifício que, eventualmente, terá servido para aplicação de um fio para suspensão ao pescoço (MOREIRA 2007, 158-159, n.º 304 (29)).

^[10] Um dos problemas mais relevantes associados ao estudo deste tipo de cabeceiras de sepultura refere-se à sua cronologia. Apesar de se documentarem ocorrências até ao início do séc. XX (CASTELO-BRANCO, 1968, 63; CARDOSO 1981, 30-32, est. II, XI; MOREIRA 1982-1983, 479-480), deve considerar-se como momento de grande difusão o período compreendido entre os séc. XVI e XVIII.

ESTAÇÕES ARQUEOLÓGICAS

na sua obra *Cela Nova Illustrada*, fundamentando a sua afirmação com a referência documental inscrita no Lib. Gotic fol. 167, onde é feita a divisão de parte dos bens dos pais de São Rosendo pelos quatro filhos, no qual afirma constar a referência à doação a S. Rosendo da “Yglesia de San Salvador de Monte Corba” e de San Miguel de Salas” – (...) *La essra de Division está en Lib. Gotic fol 167 y de ella consta que le cupieron a San Ro estas Yglesias y la Villa de Castro en la cumbre del Monte leboreyro qe divide a Portugal de Galicia, y es fuerza inexpugnable.* (...) (CUEVA 2007, 76). Curiosamente, o documento referido (doc. 478, ff. 166r – 167v / datado de 11 de março de 934) (CERNADES 1995, 662-664), apesar de apresentar o arrolamento dos bens distribuídos pelos quatro irmãos, a relação respeitante aos bens de S. Rosendo não regista qualquer referência à igreja de S. *Miguel de Salas* (hoje igreja paroquial de S. Miguel do Couto, assim como à igreja de S. *Salvador do Monte Corba* (hoje igreja paroquial de Monte Córdova). Apesar de referido no Censual da Mitra do Porto, em 1542, a extinção do mosteiro terá ocorrido ainda na primeira metade do séc. XVI (SANTOS 1973, 84-85). O mosteiro de Monte Córdova integrou uma unidade geo-histórica cuja ancestralidade encontra raízes na proto-história do Noroeste Peninsular, que em época medieval viria a configurar a *Terra da Maia*, posteriormente subdividida em vários *Julgados* e *Termos* - nomeadamente o de Refojos de Riba D’Ave, ao qual o mosteiro cordubense pertenceu até à sua extinção no séc. XVI. Nesta região são vários os mosteiros fundados no séc. X e XI, cuja emergência obedece às mesmas prerrogativas e enquadramento político, religioso e económico. À semelhança do que sucede com as fortificações pré-românicas, a sua localização estabelece uma relação de interdependência com a rede viária e a proximidade de terrenos de elevada aptidão agrícola, fator naturalmente relacionado com a localização dos principais núcleos populacionais existentes e as estruturas defensivas a que já aludimos. As ruínas identificadas como pertencentes ao cenóbio cordubense encontram-se implantadas na acrópole do antigo castro, concretamente na face leste. Os vestígios patentes permitem admitir tratar-se de um edifício de dimensão reduzida que acompanha o corpo da igreja, desenvolvendo-se até ao limite da muralha que define a plataforma superior, sobre a qual parcialmente se encontra implantado. Aliás, de acordo com o relato de Frey Benito de La Cueva, as instalações destinar-se-iam a uma comunidade de monges muito reduzida, composta apenas por três monges – (...) *Posheia nro Santo muchas villas y Yglesias en Portugal, de todas hizo un cuerpo unido a San Salvador de Monte Corba y anejo a Celana puso três monges que administrasen las Rtas y los sacramtos, el Prior administrava las rentas y acudia com la gruesa de ellas a Zelanova; los dos monges administravan los Santos Sacramentos, porque San Salvador hera Parroquia.* (...) (CUEVA 2007, 76). Os níveis estratigráficos, apesar de muito perturbados pelos intensos revolvimentos de que foram alvo devido à contínua utilização do cemitério, em paralelo com a análise dos materiais associados, permitem datar as construções identificadas como celas, assim como o muro que delimita a área claustral pela face sul no início do séc. XIII. O conjunto de estruturas identificadas até ao momento apenas compreende parte do complexo, não sendo ainda possível percecionar a planta integral dos edifícios e a totalidade dos seus momentos de ocupação, consistindo em dois aposentos de planta retangular, com acesso a partir da área claustral. No seu interior, em oposição ao espaço intermédio definido pela face leste da igreja e os muros da face oeste dos aposentos, onde se detetaram inúmeras sepulturas, não se registaram enterramentos, evidenciando que apesar das estruturas identificadas se reportarem a um período tardio da ocupação do mosteiro, este era, desde o início, um espaço destinado a área residencial. O espólio associado a esta fase é relativamente abundante e diversificado quanto à sua natureza. Além do acervo cerâmico, sempre muito abundante, regista-se a presença

de materiais metálicos, essencialmente de componentes de peças de vestuário, mobiliário, objetos relacionados com a liturgia e abundantes espécies numismáticas datadas da 1ª e 2ª dinastias. As cerâmicas formam um grupo bastante uniforme ao nível morfológico, distinguindo-se claramente dois grupos. O primeiro, de fabrico mais grosseiro, formado por cerâmicas de armazenamento, sobretudo potes de perfil em S e bordo em forma de aba. As pastas são grosseiras, mal depuradas, de aspeto arenoso e friável. O acabamento é rudimentar, essencialmente elaborado através de um polimento incipiente. As decorações, pouco frequentes, são compostas por cordões aplicados ao nível do bordo com depressões digitadas de perfil oval e motivos puncionados a cobrir as asas. O segundo grupo, de fabrico mais cuidado, integra uma produção de expressão regional, vulgarmente designado por “Cerâmica do Prado”. Constitui uma produção bem documentada no Monte Padrão, cujo fabrico, muito característico e distintivo, se caracteriza tanto pelos seus rasgos morfológicos e decorativos, como pela tecnologia de fabrico e constituição das pastas. Ao nível formal são peças particularmente elaboradas e profusamente decoradas, revelando, invariavelmente, a conjugação de vários motivos – perfurações, cordões aplicados, motivos incisos, golpeados, cintas verticais, entre outros. As pastas são particularmente finas, bem depuradas e as cozeduras realizadas em ambientes oxidantes a altas temperaturas. Apresentam uma elevada consistência e dureza, revelando um toque vítreo.

Fase IX
1738/1742 | ----.....

Data da sagração da capela do Nosso Senhor do Padrão³³. Corresponde à última intervenção construtiva verificada na área arqueológica cuja implantação se inscreve na área de dispersão das ruínas. Da sua construção resultou um extenso processo, sendo ainda hoje possível identificar os prédios agrícolas que garantiam a fábrica da capela (CORREIA 2004, 4; 2004a, n.º 159)³⁴. De acordo com o documento que licencia a construção da capela, datado de 9 de julho de 1740, a pretensão da manutenção da sacralização do espaço relaciona-se com a recuperação da imagem existente na igreja paroquial, já trasladada no segundo quartel do século anterior.

Licença para a construção da Capela do Senhor do Padrão (9 de julho de 1740). 1740, julho, 09 - O Cabido da Igreja do Porto, sede Vacante dá licença à Confraria do Senhor do Padrão para que possa erigir a Capela em honra do dito Senhor (Arquivo Episcopal do Porto).

(...) *O Doutor Manoel Barboza Abbade Rezervatário da Igreja de S. Vicente de Cidadelhe, e Provizor nesta Cidade do Porto, e todo o seu Bispado; pelo Ex.mo e R.mo O Sr. Bispo eleyto de Miranda Vigário Capitular Governador deste bispado, Sede Episcopali Vacante etc. Aos que e prezente Licença virem, saúde em Deos nosso Senhor. Faço saber, que havendo Respeyto ao que por sua petição me Reprezentarão o Juiz, e mordomos do Senhor do Padrão da freguezia de Monte Córdova Comarca da Maya deste Bispado dizendo que queriam Erigir huma Capela no Citio do Mosteyro Velho aonde esta a Imagem do dito Senhor, e visto terem Supplicante o dote corrente por*

documento que me apresentarão para a fabrica da dita Capella que Será de invocação do mesmo Senhor do padrão lhe concedo Licença, para que a possão erigir, para ser Capella publica para todo o povo Se exercitar no louvor de deos, e do mesmo Senhor, e ao depoyos de feyta com toda a dessencia tendo os ornamentos necessários Requererão, para ser vizitada, e benzida, e lhe conceder Licença para em ella se poder celebrar. Dada no Porto sob meu Sinal e Sello Capitular aos nove de Julho de mil sette centos e quarenta annos, e eu João Tinoco Vieira Escrivão da Camera Ecclesiastica que o Subbscrevi Barboza.

Com a construção da capela documenta-se, pela primeira vez, o aparecimento do novo topónimo - *Senhor do Padram do Mosteiro Velho* -, uma vez que as referências anteriores mencionam, de forma mais ou menos genérica, a localização da igreja em Monte Córdova, sem concretizar o local exacto da sua implantação. A origem do topónimo encontra-se registada numa das muitas lendas recolhidas na década de cinquenta do século passado.

(...) *Quando duma incursão Moura, a Condensa Dona Ilduara ou Aldara, mãe de S. Rosendo, veio da sua Vila de Salas ao alto do Monte para esconder dos mouros o Cristo de Pedra que hoje se venera na Capela do Monte e que, naquele tempo no alto duma coluna, servia de Padrão. Ninguém mais, através dos séculos, teve notícia deste Cristo, até que, um dia, alguém o encontrou, no monte, quando andava a roçar mato. Espalhada a notícia, logo o Povo de Monte Córdova, em sinal de regozijo e veneração, mandou construir a Capela de sua invocação, que ainda hoje existe, fundou uma confraria e passou a fazer-lhe todos os anos uma festa. A partir desta altura o Monte passou a chamar-se do Senhor do Padrão.* (...)

A Capela do Padrão apresenta uma planta retangular com orientação leste/oeste, de um só corpo com galilé e sacristia adossada na face norte. A fachada principal apresenta um arco de volta perfeita apoiado sobre pilastras com base e imposta moldurada. A empena é sobrelevada e rematada por uma cornija moldurada coroada por uma cruz latina de secção hexagonal sustentada sobre um plinto. O entablamento apoia-se sobre as pilastras que definem os cunhais da frontaria, sendo estas rematadas por pináculos piramidais. Na fachada lateral sul, na zona da galilé, abre-se um arco de volta perfeita de menores dimensões que o da fachada principal. Neste ponto desenvolve-se uma porta de lintel reto e uma fresta em rampa. Sobre o beiral do telhado encontra-se uma pequena sineira de ventana de volta perfeita moldurada sobre pilastras marcadas por uma imposta e sobrepujada por cruz latina de secção retangular

apoiada num pequeno plinto com volutas convexas. A fachada oeste da capela é cega e encontra-se rematada por uma cornija moldurada que se apoia sobre o entablamento e este, por sua vez, sobre as pilastras que marcam os cunhais posteriores da construção. A empena é sobrelevada e coroada por uma cruz latina de secção retangular. A sacristia, construída posteriormente, encontra-se anexa à fachada na zona do altar, sendo a empena rematada por entablamento com a mesma tipologia do da capela e galilé sobre o qual se apoia o telhado. No corpo sobressai a pilastra que marca a transição para a galilé. Aqui abre-se um arco de volta perfeita com a mesma tipologia do da fachada oposta. Na galilé, cujo pavimento lajeado se prolonga para o interior da capela, na fachada principal surge uma porta de lintel reto no qual se inscreve a data de 1738³⁵. Sobre o lintel existe um pequeno frontão triangular moldurado sobrepujado por óculo circular. No lado direito conserva-se um púlpito construído em data posterior à da capela que cobre um dos postigos que ladeiam a porta da fachada principal (MELO 2004, 95-100; MOREIRA 2005, 57). O interior conserva um retábulo de talha dourada policromada e dourada de estilo joanino.

Bibli. CUNHA 1742, 259; TOMÁS 1974, 159-160; LEAL; FERREIRA 1873, v, p. 471-472; SANTARÉM 1951, 49-66; 1955, 397-429; PONTE 1984, 129, n.º 15; MARTINS 1985, 217-230; SILVA 1986, 83, n.º 344; CENTENO 1987, 115-116; ALARCÃO 1988, 20, n.º 1/360; MOREIRA 1991, 28-30; 2005a, 255-276; 1997, 83-87; 2005d; 2007, 32-34; 2008, 129-145; 2009, 11-95; 2009a, 160-175; 2010a, 215-317, 2013d, 98-100; 2014, 63-82, 99105; MOREIRA, SILVA 2010, 125-198; QUEIROGA 1992, 169, n.º 242; DINIS 1993, 98-99, n.º 39; SILVA; MOREIRA 2010, 89-123.

^[1] A capela do Nosso Senhor do Padrão encontra-se implantada na face leste do castro.

^[2] Conforme documento de compra de moinho e terrenos anexos para prover os rendimentos da fábrica pelo juiz e oficiais da respetiva capela (Arquivo Episcopal do Porto s/n.º).

O sítio arqueológico localiza-se na bacia hidrográfica do rio Ave, na sua margem esquerda, no extremo sudoeste do concelho da Trofa, freguesia de Alvarelhos, distrito do Porto. Encontra-se implantada num dos contrafortes transversais de elevação intermédia da franja leste da serra de Santa Eufémia que se desenvolve numa orientação sul / norte e divide a fachada atlântica dos férteis terrenos do vale da Ribeira da Aldeia.

A extensa plataforma onde se encontra implantada desenvolve-se em declive moderado para o vale da Ribeira da Aldeia, afluente da margem esquerda do rio Ave. O substrato rochoso é granítico, embora a estação se localize próximo de uma zona de contacto com xistos grauvaques onde é frequente o aparecimento de quartzitos e rochas ftníticas.

A sua topografia revela um pendor com orientação oeste / leste atenuada por duas elevações que contrariam o desnível natural em direção ao vale. A primeira, denominada localmente por Monte Grande, desenvolve uma planta circular com uma cota máxima de 222 m, formando uma plataforma superior relativamente plana, mas pouco extensa. As suas faces sul, norte e leste têm um pendor mais marcado, hoje ocupada por um caminho a que provavelmente corresponderá a sua única linha defensiva. A sua face nordeste possui uma vertente mais suave formando uma plataforma para o interior do maciço montanhoso que, neste local, revela características planálticas. A segunda elevação, denominada por S. Marçal, frequentemente identificada como topónimo do castro encontra-se na face sudeste da estação arqueológica. Possui uma configuração cónica com vertentes íngremes, significativamente alteradas por um caminho que as circunda até ao topo. Na pequena plataforma superior, aplanada artificialmente, encontrava-se implantada uma pequena capela dedicada a S. Marçal, hoje completamente destruída.

A parte intermédia que medeia entre as duas elevações forma um patamar bastante extensa com uma ligeira projeção para norte, sendo definida nos seus extremos por duas linhas de água que delimitam a estação nas faces nordeste e sudeste respetivamente, desenhando topograficamente a planta alongada da estação. Genericamente, forma uma planta de desenvolvimento longitudinal de perfil irregular, marcada por pendores vincados em todos os seus lados à exceção do noroeste.

Os terrenos em que se encontra implantada são hoje ocupados parcialmente por vegetação arbórea, terrenos agrícolas dispersos pelos vários núcleos habitacionais existentes no interior da estação, nomeadamente - Monte Grande, Sá; Sobre-Sá, Quinta do Paíço e Quinta dos Aidos e área construída.

Em tempos mais recuados, para além das alterações topográficas que sofreu com a construção de habitações e criação de plataformas artificiais em socalcos para a prática da agricultura, foi também alvo de exploração esporádica de pedra, provavelmente para a construção de habitações, que deram origem a seis pedreiras que, apesar da sua pequena dimensão, destruíram algumas ruínas e respetivas estratigrafias associadas.

Fases de ocupação

De acordo com os resultados das intervenções realizadas foi definida uma cronologia das diferentes fases de ocupação da estação que serve como referência para a descrição e caracterização da realidade crono-estratigráfica e arquitetónica dos diferentes momentos de ocupação e classificação cronológica dos materiais arqueológicos.

Vista da estação arqueológica de Santa Eufémia, no concelho da Trofa, distrito do Porto. A estação encontra-se no extremo sudoeste do concelho da Trofa, freguesia de Alvarelhos, distrito do Porto. Encontra-se no extremo sudoeste do concelho da Trofa, freguesia de Alvarelhos, distrito do Porto. Encontra-se no extremo sudoeste do concelho da Trofa, freguesia de Alvarelhos, distrito do Porto.

Para além das referências bibliográficas sobejamente conhecidas de Martins Capela e de Velho Barboza, os elementos de natureza arqueológica referem-se ao aparecimento de materiais na Quinta dos Aidos - (...)*No quintal da casa de Aidos, atraz citada, desenterraram há anos, ao fazer uma plantação, um fragmento de coluna dórica-romana, mós manuais e uma soleira de porta (...).*

Apesar das lacunas e falta de precisão, este texto constitui uma importante fonte de informação para a reconstrução da história da estação arqueológica. O facto de Serpa Pinto a ter intervencionado, ainda que pontualmente, é, de certa forma, revelador da importância do monumento e testemunho de que os inúmeros achados arqueológicos que se produziram ao longo da sua existência, suscitaram o interesse científico dos mais iminentes arqueólogos de então.

³⁹ As autoras relacionam esta segunda etapa com o aparecimento de um novo tipo de *habitat*, em altura, dotado de sistemas defensivos naturais que é acompanhado por um incremento da produção metalúrgica e de sinais de contactos com a cultura tartéssia (MOTES 2000, 223), e com a Meseta Norte. Do ponto de vista da ergologia regista-se uma maior quantidade e diversidade de instrumentos metálicos e de ourivesaria. A cerâmica, além das produções locais e suprarregionais, regista frequentemente cerâmicas brunidas, lisas ou decoradas com motivos tipo “Baiões” ou “Cogotas I” (MARTINS; JORGE 1992, 356).

Fase I – ... 900/700 a. C. | 500 a.C. (início da fase II da cultura castreja)
Fase II –138/136 a.C. (campanha de *Decimus lunis Brutus*) | 14/54 (reinados de Tibério/Cláudio)
Fase IIb – (reinados de Tibério/Cláudio) 14/54 | 69 (Vespasiano / atribuição do *ius latii* à Península)
Fase III – 69/74 (atribuição do *ius latii* à Península por Vespasiano) | 284/288 (criação da província da Galécia por Diocleciano)
Fase IV – 284/288 (criação da província da Galécia por Diocleciano) | 409/411 (fixação de Vândalos e Suevos na Galécia)
Fase V – 409/411 (fixação de Vândalos e Suevos na Galécia) | 455/459 (guerra civil entre Suevos e Visigodos. Queda do reino Suevo)
Fase VI – séc. IX/X (início da reconquista */incastellamento*) | séc. XII/ XIII (abandono do castelo / construção da igreja e cemitério paroquial)
Fase VII – séc. XII/XIII (construção da igreja e cemitério paroquial) | séc. XVI/ início do séc. XVII (abandono da igreja e cemitério paroquial)

As áreas intervencionadas reportam-se aos espaços identificados nas plataformas intermédia e inferior, assumindo cada uma das realidades construídas uma designação individual de acordo com a sua natureza, características arquitetónicas e, no caso dos edifícios privados de época romana a referência a um objeto diferenciado do espólio exumado. Algumas das estruturas registaram uma ocupação que se manteve ao longo das várias fases evidenciando uma longa cronologia que não reflete uma ordem sequencial das fases cronológicas.

Fase I

900/700 a.C. - 500 a.C.

Corresponde à etapa do Bronze Final do Norte de Portugal, cuja periodização tem vindo a ser definida entre 900/700 - 500 a.C., e identificada como a Fase I da Cultura Castreja (MARTINS; JORGE 1992, 356).

A intensa atividade arqueológica desenvolvida no âmbito desta cultura nas duas últimas décadas no Norte de Portugal e na Galiza tem permitido definir com rigor o seu âmbito cronológico, assim como as suas diferentes etapas evolutivas e ergologia correspondente. Em termos genéricos, ao nível do povoamento caracteriza-se pelo surgimento de uma nova estratégia de organização do território, na qual as novas fundações ocupam promontórios de topografia favorável com defesas naturais expressivas e pela manutenção de povoados abertos característicos da primeira fase, fenómeno que, segundo alguns autores, permite definir hierarquias entre os povoados, podendo determinadas características corresponder a funções específicas de alguns deles, nomeadamente no controle da produção metálica e na redistribuição de produtos de consumo (MARTINS; JORGE 1992, 356)³⁹.

Amplamente documentada na bacia hidrográfica do rio Ave, a Fase I revela uma alta densidade de povoados com características topográficas e de implantações muito heterogéneas, cujo enquadramento, em paralelo com um alargado número de vestígios dispersos, eventualmente conotados com outros povoados na sua periferia, ainda não identificados, permite uma visão mais abrangente do quadro de povoamento. No âmbito geográfico do Castro de Alvarelhos, regista-se ocupação relativa à Fase I, no Castro do Padrão e no povoado da Bouça da Cova dos Mouros, Ardegães, Maia.

Este último constitui o único tipo de povoado aberto conhecido na região e compreende uma realidade arqueológica mais abrangente, composta por um núcleo de arte rupestre ao qual pertence a *Pedra de Ardegães*. O sítio arqueológico desenvolve-se por aproximadamente 3h. Encontra-se implantado numa vertente de meia encosta orientada a nascente, de declive suave, cuja hipsometria varia entre os 101 m e os 120 m. O local foi alvo de várias intervenções encontrando-se já referenciado na bibliografia arqueológica. Contudo, recentes descobertas arqueológicas revelaram com mais precisão o seu horizonte cronológico-cultural, assim como as dimensões e características do povoado (JÚNIOR 1940, 357; 1963, 119-120; TWOHIG 1981, 49-55).

Os achados dispersos conotados com este horizonte cultural, eventualmente relacionados com outros povoados, ainda não detetados, são numerosos e expressivos. Para além do machado de duplo anel, proveniente de Palmazão, Guilhabreu, Vila do Conde, relacionado com o Castro de Alvarelhos, regista-se o “depósito” identificado no lugar da Abelheira, S. Martinho de Bougado, Trofa, composto por 30 machados de talão de dupla face e duplo anel (LIMA 1940; SILVA 1986, Gráfico 4; MOREIRA 2007, 29) cuja localização não permite relacioná-lo com nenhum povoado conhecido na região. Outro achado isolado documentado na região, hoje em depósito no MMAP, do qual também se desconhece o contexto arqueológico é proveniente do Chão da Presa, Santo Tirso. Consiste num machado de talão de duplo anel (MOREIRA 2007, 53, n.º 33; 2013, 51-52; 2014, 171-172). Identifica-se ainda um machado de alvado de duplo anel referenciado como proveniente de Santo Tirso (CARDOZO 1969, fig. 5; MONTEAGUDO 1977, 245, Tipo 41 C; HARDAKER 1976; COFFYN 1983, 194; 1985, 221, 331, carta 42, est. LV, n.º 4; SILVA 1986, Gráfico 4; MELQ; ARAÚJO 2000, 53-56), enquadrado na tipologia de Monteagudo como *Tipo 41 C Santo Tirso*. Por último, provavelmente relacionado com o Castro do Padrão, Santo Tirso, referira-se a identificação de um machado plano, em bronze, recolhido em Monte Córdova, cujo paradeiro atualmente se desconhece (REY, 1998, 89, n.º 102)⁴⁰.

A Fase I de Alvarelhos desenvolve-se até ao período definido como a Fase II da Cultura Castreja (500 a.C. | 138/136 a.C.), cujas principais características se definem a partir de influências centro europeias, post-hallstáticas e meridionais, designadamente através do comércio púnico e grego, documentado por cerâmicas gregas e pré-campanienses (SILVA 1986, 37)⁴¹.

Os materiais identificados não se encontram documentados estratigraficamente nas áreas intervencionadas, porém, as cerâmicas e os líticos recolhidos permitem, por conexão com realidades arqueológicas próximas, devidamente referenciadas estratigraficamente, enquadrar cronologicamente os materiais nesta fase⁴². Sobre a organização do povoado pouco se sabe, uma vez que não foram intervencionados estratos arqueológicos relacionáveis com

esta fase. Contudo, se atendermos ao padrão de seleção dos locais de implantação dos povoados na bacia média e final do Ave⁴³ constata-se que, a importância estratégica do local, nomeadamente no controle das vias naturais de comunicação, desempenhou um papel determinante. Neste sentido, é possível que a ocupação se restringisse à acrópole da principal elevação - Monte Grande - que, apesar da sua reduzida cota de implantação (222 m), apresenta algumas condições defensivas, naturalmente reforçada por afloramentos graníticos que existem na plataforma superior, propiciando um controle visual assinalável sobre a área envolvente, em particular na face oeste, a partir da qual se controla visualmente toda a faixa costeira, desde Labruge a Vila do Conde.

Entre o espólio cerâmico destacam-se dois fragmentos que formam um perfil completo de uma taça carenada de fundo umbilical (MARTINS 1990, 128, forma 5), vários fragmentos de produção manual com decoração tipo Baiões e um amplo repertório de instrumentos líticos. Referira-se ainda o aparecimento de um machado de talão e dupla aselha, recolhido nas suas imediações, no lugar de Palmazão, Vila do Conde, que poderá estar diretamente ligado à ocupação do Bronze Final deste povoado⁴⁴. As taças carenadas formam um tipo de recipiente com características morfológicas muito características encontrando-se amplamente documentadas em povoados no Norte de Portugal. São produções com um acabamento muito cuidado, com superfícies externas alisadas e brunidas, constituídas por pastas relativamente bem depuradas com escassos elementos não plásticos de pequeno calibre. Morfológicamente apresentam a parede em calote com carena média alta, bem vincada, bordo vertical ou levemente esvasado com lábio arredondado. Os fundos podem ser umbilicais ou rasos. As suas dimensões revelam variações significativas. As variações morfológicas patentes conduziram a uma subdivisão tipológica a que não corresponde uma diferenciação temporal⁴⁵. A sua cronologia (séc. X/IX a.C.), definida com base em datações por C14 no Castro de S. Julião, Coto da Pena e Castro de Barbudo (MARTINS 1990, 131), em certa medida contraria as propostas anteriormente formuladas (SILVA 1986, 119-120), que relacionava este tipo de produções com a expansão de elementos culturais dos “Campos de Urnas “, do centro de Espanha e sul de Portugal. Os dois exemplares integram a forma 5 A da tipologia proposta por Manuela Martins. Trata-se de duas taças de dimensões médias com parede em calote e carena intermédia bem vincada. O bordo é curto, de desenvolvimento vertical e apresenta uma ligeira curvatura intermédia conferindo à parede um perfil ligeiramente côncavo. O lábio adelgaçado apresenta um perfil arredondado. O fundo em ambos os casos é umbilical. As pastas apresentam uma coloração castanho-clara, de cozedura homogénea, relativamente bem depuradas, com baixa concentração de elementos não-plásticos, constituídos essencialmente por grãos de quartzo de pequeno calibre. As superfícies são espatuladas e bem brunidas com acabamento cuidado.

^[1] Segundo a descrição de Comendador Rey (REY 1998, 89, n.º 102), que tem por base o trabalho de Monteagudo e Mário Cardozo (CARDOZO 1930, 61; MONTEAGUDO 1977, n.º 66), trata-se de um machado plano de perfil trapezoidal, de talão truncado e lados retos. Segundo o desenho a secção apresenta-se sub-rectangular com talão pontiagudo e lâmina triangular, de gume simétrico de recorte convexo, com as arestas levemente projetadas para além do desenvolvimento das faces laterais, apresentando uma ligeira curvatura para o interior. As dimensões apresentadas são; Comprimento máximo 90 mm; Largura máxima 43 mm; Espessura máxima 10 mm.

^[2] Na área em estudo apenas se identifica no Castro do Padrão a partir da cultura material associada às primeiras estruturas habitacionais pétreas intervencionadas na face nordeste da plataforma superior, nomeadamente as casas VI e VII e uma outra estrutura que, eventualmente, corresponderá à primeira estrutura defensiva (MOREIRA 1991, 5, corte estratigráfico este A - A', camada 4; 2005, 15; 2007, 25). As cerâmicas indígenas caracterizam-se por um forte arcaísmo e simplicidade nas formas e técnicas de fabrico.

^[3] Os materiais foram recolhidos em 1985 no decurso de uma intervenção de emergência realizada no lugar da Quinta dos Aidos e encontram-se hoje em depósito no Museu Municipal Abade Pedrosa, em Santo Tirso. São ainda conhecidas referências a outros materiais de superfície recolhidos por Carlos Alberto Ferreira de Almeida, designadamente uma taça carenada.

^[4] Na bacia média e final do rio Ave identificam-se seis povoados nos quais se documenta a ocupação da Fase I; Castro da Falperra, Braga, Castro de S. Julião, Vila Verde (MARTINS 1990, 119), Alto do Crasto, Braga; Castro do Padrão, Santo Tirso; Cividade de Terroso, Vila do Conde (SILVA 1986, 121), Castro de Alvarelhos, Trofa; Castro de Penices, Vila Nova de Famalicão (QUEIROGA 1992, 90). Resultados de prospeções recentes apontam como provável uma ocupação para esta fase inúmeros outros castros - Castro das Lages, Braga; Monte Vasconcelos, Braga; Monte da Forca, Guimarães; Monte do Facho, Vila Nova de Famalicão (DINIS 1993, 117-118), sendo ainda admissível considerar uma ocupação efetiva no Castro de Sabroso, Guimarães e no Castro do Monte da Soledade, Vila do Conde.

^[5] O machado de bronze foi recolhido num campo agrícola no mesmo local onde se encontra implantado um casal de época romana. Encontra-se hoje em depósito na Câmara Municipal de Vila do Conde (CRUZ; BRITO 1991, 5-13; ALMEIDA 1995, s/nº).

^[6] Armando Coelho considera 3 variantes em função da dimensão, perfil e localização da carena, existência de asa e características do fundo, às quais faz corresponder, in genere, à forma 8C de G. Marques e M. Andrade (SILVA 1986, 120, Gráfico 3). Manuela Martins considera três tipos (Forma 5 A/B/C) (MARTINS 1990, 127-128, Quadro 10).

Estações Arqueológicas

Os achados líticos em pedra polida e sílex são particularmente abundantes, evidenciando, uma vez mais, a perenidade das tradições artesanais e, simultaneamente, a reduzida expressão de instrumentos metálicos. Entre os materiais líticos polidos destaca-se um conjunto de dez machados e três lâminas de sílex (uma delas retocada), um fragmento de lasca de dorso preparado e um raspador duplo com gume lateral em *coche*.

Fase II

138 / 136 a.C. - Tibério/Cláudio

(138/136 a.C. - Campanha de Decimus Iunius Brutus / Reinados de Tibério/Cláudio - 14/54)

Define genericamente a etapa que corresponde ao auge da Cultura Castreja, que parcialmente se desenvolve na esfera do mundo romano. Esta fase tem vindo a ser balizada entre os finais do séc. II a.C. e início do séc. I a.C., para uns (MARTINS 1990, 149), a partir da campanha militar de *Decimus Iunius Brutus* a meados do séc. I, para outros (SILVA 1986, 43, Gráfico 2), ou mesmo considerando a mesma campanha militar como início, mas balizando o seu *terminus* com o início do reinado de Augusto (MOTES 2000, 231). Caracteriza-se pelos primeiros contactos diretos entre romanos e as populações indígenas que tiveram início com a campanha de *Decimus Iunius Brutus* e que foram seguidos por outros episódios militares ocorridos na península que deram origem a amplas movimentações internas e, consequentemente, num contacto mais direto com o mundo indígena, entre as quais se destacam as campanhas sertorianas.

A este momento corresponde o período de maior desenvolvimento da cultura dos castros, cujo nível civilizacional, quer ao nível da ergologia, quer ao nível da estrutura e arquitetura dos povoados, atingiu o seu auge, correspondendo à imagem vulgarmente transmitida sobre a “Cultura Castreja ”.

É, geralmente, identificada como a fase na qual se desenvolve um fenómeno de reorganização do quadro do povoamento, com destaque para o surgimento de grandes povoados, dotados de uma organização proto urbana e estruturas defensivas de grande imponência, a que, hipoteticamente, corresponderá uma certa preponderância económica, militar e política na sua área de influência. O florescimento económico, certamente relacionado com a precoce pacificação do Noroeste, terá proporcionado uma crescente complexidade social, eventualmente estruturada numa sociedade bélica cuja evidência arqueológica se traduz na expressão plástica de estátuas antropomórficas, representativas de chefes guerreiros heroicizados (MARTINS 1989, 10). Após o término das guerras cántabras e, fundamentalmente, a partir a implementação do modelo administrativo romano, na área que viria a ser mais tarde a província da Galécia, documenta-se uma gradual e profunda assimilação cultural, na qual as elites indígenas assumem um papel preponderante em todo o processo.

Nesta fase de ocupação o enquadramento arqueológico do Castro de Alvarelhos far-se-á no âmbito dos limites geográficos definidos do território do qual terá constituído o “lugar central”. A unidade gentilícia que habitava o castro identifica-se a partir da epígrafe dedicada a *Ladronus Antonius*, dedicada pelo *Madequisenses*, habitantes residentes da região e naturalmente do castro, admitindo-se que este assumiu a designação de *Castellum Madiae*. O seu território seria definido transversalmente pela linha

de cumeeira da serra da Agrela, limitando a leste com o território dos *Fidueneae*⁴⁶, a norte o rio Ave, a sul o rio Leça e a oeste a costa marítima. Esta proposta baseia-se num princípio de estruturação hierárquica do povoamento regional, fundamentada em aspetos de carácter sociocultural que noutras áreas se expressaram no domínio religioso, designadamente no culto de divindades tutelares próprias, a partir das quais se tem vindo a identificar os territórios dos *castella*, presumindo uma autonomia relativa destes em relação aos *populi*⁴⁷. No território identificam-se treze assentamentos distribuídos aproximadamente por uma área de 339 km². Do conjunto apenas se conhecem referências estratigráficas dos castros de Alvarelhos e Monte Padrão, identificando-se pontualmente elementos cronológicos em alguns deles, mas insuficientes para uma completa compreensão da evolução do povoamento e respetiva cultura material. No entanto, assinale-se o facto do Castro do Padrão registar uma evolução crono-estratigráfica semelhante assinalando nesta fase o seu apogeu enquanto povoado castrejo, à qual correspondem a maior parte das estruturas habitacionais identificadas na acrópole, assim como as suas estruturas defensivas que nesta fase foram alvo de significativos trabalhos de ampliação e melhoramento (MOREIRA 2005, 27), contrariando, em certa medida, o processo de reordenamento do povoamento estruturado em grandes povoados providos de capitalidade, que alguns autores defendem ter-se concretizado através do abandono de povoados de menores dimensões, localizadas na periferia destes novos grandes assentamentos. Como se depreende da estrutura do povoamento da área de entre Leça e Ave⁴⁸, na qual se verifica uma significativa ampliação das áreas ocupadas e a instalação de novos assentamentos, este fenómeno estará seguramente relacionado com um significativo aumento populacional, que terá resultado de um acelerado e profundo crescimento económico, documentado pelos crescentes contactos comerciais com o mundo mediterrânico.

O Castro de Alvarelhos

No *Castellum Madiae* documenta-se a partir de finais do séc. II a.C. desenvolvendo-se até ao reinado de Tibério / Cláudio, momento a partir do qual se registam as primeiras construções romanas integradas numa reforma urbanística programada que implicou o sacrifício de parte das construções indígenas, designadamente no espaço que viria a ser o centro cívico do povoado. As estruturas identificadas correspondem apenas a sete casas e a três estruturas individualizadas de difícil caracterização, cujo estado de conservação, em conjugação com as limitadas áreas intervencionadas, não permite conhecer a organização do povoado indígena, cuja estratigrafia se limita à última fase ocupacional.

O Castro de Alvarelhos

A cultura material documentada nesta fase corresponde ao auge tecnológico, cujo desenvolvimento ocorre já na esfera do mundo romano, evidenciando um grande progresso económico e cultural. A cerâmica, na fase anterior praticamente limitada a recipientes de perfil em S, modestamente decorados com motivos incisos, amplia o seu repertório de formas registando uma maior adequação na relação forma / função. Generaliza-se a utilização do torno, as pastas são agora mais depuradas e melhor calibradas e os acabamentos mais elaborados. Surgem, pela primeira vez, tons claros, resultantes de cozeduras oxidantes, de cor bege, rosado e amarelo.

As inovações morfológicas enriqueceram o espectro das formas, registando-se o aparecimento de talhas, painelas de “asa de orelha”, painelas de asa interior, etc. As decorações, mais abundantes e

diversificadas, conjugam frequentemente várias técnicas, sendo agora mais comuns os motivos impressos e as aplicações plásticas (asas, cintas, elementos decorativos, etc.). O instrumental lítico utilitário reduz-se, sendo de salientar a generalização da utilização da mó circular. Os metais conhecem nesta fase uma ampla difusão e registam importantes melhorias no seu processo de fabrico. Todavia, o instrumental metálico é relativamente pobre, merecendo apenas destaque a significativa abundância de vestígios relacionados com a atividade metalúrgica.

No plano comercial verifica-se um forte incremento das importações, nomeadamente de ânforas e, na fase final do séc. I a.C., de vidros e materiais cerâmicos, concretamente de produções de *terra sigillata* de tipo itálico e sudgálico e, mais tarde de produções hispânicas. A fachada atlântica da área meridional do Noroeste Peninsular, precocemente pacificada, revelou nesta fase uma significativa capacidade de assimilação de inovações técnicas e importação de produtos forâneos, designadamente do sul da península, revelando um estágio de desenvolvimento económico⁴⁹ e social assinalável que, apesar de poder ser considerado um fenómeno relativamente autónomo, tem lugar num quadro de contactos frequentes com do mundo mediterrâneo, que constituirá um elemento facilitador do processo de romanização que, por este motivo, se revelará mais precoce e mais profundo na área litoral do convento bracaraugustano.

O Castro de Alvarelhos

Fase IIb

Tibério/Cláudio - Flávios

(14/54 - Início do reinado de Vespasiano / atribuição do ius latii à Península - 69/74)

O Castro de Alvarelhos

Corresponde ao momento de transformação do povoado castrejo em *aglomerado urbano secundário* no âmbito do fenómeno de romanização do Noroeste Peninsular, iniciado com o ordenamento administrativo implementado por Augusto. Cronologicamente encontra-se definido entre o momento em que se registam as primeiras construções romanas, a partir do qual se consolida o “projeto urbanístico” do povoado, cuja cronologia aponta a primeira metade do séc. I, que marca o início do programa construtivo que viria a prolongar-se pelo período flaviano. Documenta-se na face oeste da plataforma central, na área que se convencionou designar por Área Habitacional Sudeste, Área Pública, Área Habitacional Norte e Área Habitacional Sudoeste. A evolução crono-estratigráfica revela uma intervenção planeada de reestruturação do povoado, nomeadamente da sua área central que, pelas características que evidencia ao nível do programa e estrutura do complexo edificado, revela ter-se tratado de uma intervenção de significativa expressão, alicerçada num planeamento administrativo que, seguramente, contou com a intervenção direta de elementos relacionados com a administração, de técnicos de construção, dirigentes e provavelmente militares⁵⁰, que não só terão projetado como acompanhado e fiscalizado as obras.

A presença militar na região não conta com muitos vestígios de

natureza arqueológica ou epigráfica, todavia, os existentes são particularmente expressivos e parecem evidenciar a presença de um destacamento da *legio VI victrix*⁵¹, possivelmente encarregada de promover a construção da cidade de *Bracara Augusta*, assim como as vias de ligação a *Lucus Augusti*, *Asturica* e, para sul, a via XVI, de ligação à Lusitânia. A ação difusora da cultura romana associada à transmissão de conhecimentos de engenharia civil e técnicas construtivas operada pelo exército ter-se-á difundido direta e indiretamente na região a partir da envolvente dos grandes centros urbanos, neste caso *Bracara Augusta*, através da realização de obras concretas, como, por exemplo, a que se reconhece na *Ponte de Negrelos*⁵², ou de âmbito mais alargado em povoados cujo plano de obras implicou uma intervenção de maior envergadura, suportado por um planeamento e construção de grandes edifícios públicos e privados como é o caso do *aglomerado urbano secundário* / *vicus* de Alvarelhos. Será neste contexto que se desenvolve a construção da via *Bracara-Cale* que, apesar da primeira balizagem datar do reinado de Adriano, concretamente dos anos 133-134, terá constituído uma das principais ações da organização do noroeste hispânico promovida por Augusto (MANTAS 2000, 65).

Na área em estudo, a primeira metade do séc. I corresponde ao momento em que tem início o processo de transformação do quadro do povoamento e a reestruturação de alguns assentamentos, como o Monte Padrão, cuja intervenção terá efeitos duradouros, registando-se também alterações pontuais em povoados de menor dimensão, como, por exemplo, o Castro da Retorta, Vila do Conde, o Monte Castro e o Castro Boi, Vairão, Vila do Conde, que parecem corresponder a um momento de grande dinamismo e desenvolvimento económico, no qual se vai implantando progressivamente um sistema de matriz monetário⁵³ que é sentido em toda a área meridional do convento bracaraugustano, com reflexos nos assentamentos indígenas ao nível das estruturas habitacionais e defensivas e da própria economia doméstica⁵⁴. Simultaneamente, surgem os primeiros assentamentos de tipo *villa*, como se documenta no caso da Quinta da Devesa, em Santo Tirso, e da *villa* de Vila Boa, Guilhabreu, Vila do Conde, cuja diminuta representatividade, provavelmente ficará a dever-se mais ao desconhecimento de outras realidades crono-estratigráficas, do que propriamente questões específicas.

No *aglomerado urbano secundário* de Alvarelhos a cultura material diversifica-se aumentando exponencialmente o espectro dos materiais importados, nomeadamente de vidros, ânforas, *sigillatas* gálicas, sudgálicas e hispânicas, assim como de materiais de âmbito regional como sejam as cerâmicas bracarenses, ou as cerâmicas calcíticas pintadas. As produções locais ou regionais conhecem neste período uma alteração profunda quer ao nível da tecnologia de fabrico, quer ao nível do repertório de formas que agora revela um elevado grau de especialização, percetível pela adequação formal dos recipientes às atividades a que eram destinadas. A esta padronização das formas juntam-se aspetos tecnológicos importantes, como sejam a calibração das pastas e o melhor controlo das cozeduras, que se repercute na qualidade final dos objetos⁵⁵.

^[1] O território dos Fidueneae, cuja capital se identifica na Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira, o qual integraria o Castro do Padrão, identifica-se genericamente com a área geográfica compreendida entre a face oriental do planalto da Serra de Monte Córdova e a Serra da Agrela. Concretamente, definido pela serra da Agrela a oeste (na qual confrontava com o território dos Madequisenses), o rio Ave a norte, a leste a área superior dos rios Sousa e Ferreira e o rio Leça a sul (SILVA 1999, 64-65; MOREIRA 2005, 33).

^[2] Situação que se verifica no território dos Fidueneae, no qual se constata a existência de uma divindade tutelar própria - Turiaco - reconhecida nas epígrafes de Santo Tirso e de Lamoso, Paços de Ferreira, cuja interpretação tem vindo a ser feita como constituindo uma evocação de uma forma especial de proteção divina relacionada com as atividades produtivas, associadas à produtividade e à fecundidade, que, em conjunto com Cosunea (Marte) e Iupiter, formaria uma tríade de divindade superiores identificadas, respetivamente, com a fecundidade, a guerra e a sabedoria (SILVA 1999, 64-65; MOREIRA 2005, 33).

^[3] Os dados arqueológicos mais significativos que garantem a continuação de ocupação dos povoados localizados entre Leça e Ave ao longo da primeira metade do séc. I, para além do Castro de Alvarelhos e do Monte Padrão, identificam-se no povoado de Monte Castro, Lavra, Matosinhos; no Castro Boi, Vairão, Vila do Conde; e no Castro da Retorta, Vila do Conde.

^[4] Aspeto documentado na construção de imponentes muralhas dos castros mais importantes, cuja monumentalidade demonstra uma grande capacidade tecnológica e torna bem patente a capacidade económica de algumas das comunidades indígenas (MARTINS 1990, 169).

^[5] O plano urbanizador do Noroeste, implementado por Augusto, baseado na criação de centro urbanos (Asturica Augusta, Lucus Augusti, Bracara Augusta e, eventualmente, Ara Augusta (Campa de Torres, Gijón), certamente custoso e difícil de implantar pelos condicionantes físicos e hábitos mentais e culturais dos indígenas, assim como pela falta de aliciantes propiciadores de uma imigração de natureza civil, teve no exército o seu principal suporte, ao qual incumbia não só o controlo da região, mas também a estruturação da rede viária e a promoção urbana (COLMENERO 1991, 100).

^[6] Referimo-nos, em concreto, à epígrafe votiva dedicada por Lucius Valerius Silvanus a Turiaco identificada em Santo Tirso.

^[7] A ponte de S. Martinho do Campo, vulgarmente designada por Ponte de Negrelos, é uma notável obra de engenharia romana que mantém ainda hoje as principais características construtivas da sua fábrica de origem, que, entre outros aspetos característicos das técnicas construtivas romanas, conserva no intradorso do 1º arco da margem esquerda um silhar com a marca VI, de grafia indiscutivelmente romana, que associa a sua construção a militares da Legio VIª Victrix (MOREIRA 2004, 31-32; 2007, 2010ª, 2014, 122-127).

^[8] Veja-se, por exemplo, a expressiva ocorrência de numismas em Braga no lapso temporal que correspondente à dinastia Júlio-Cláudia (MORAIS 2005, 400).

^[9] São conhecidos vários contextos arqueológicos de povoados indígenas que, estratigraficamente, registam este fenómeno interpretado por alguns autores como característicos do tempo de Augusto. Refira-se, a título de exemplo, as obras documentadas no Morro da Sé, no Porto, datadas da época de Tibério / Cláudio, no Castro de Romariz, Santa Maria da Feira, no Castro da Senhora da Saúde, Vila Nova de Gaia e na Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira (SILVA 1994, 84).

^[10] Predominam produções resultantes de ambientes oxidantes de tonalidades claras com pastas compactas dotadas de elementos não plásticos à base de quartzo, com cozeduras a altas temperaturas, revelando um certo grau de vitrificação. Os acabamentos são cuidados, frequentemente com a aplicação de aguadas ou engobes. Mesmo os recipientes de maior dimensão revelam os mesmos cuidados decorativos e de acabamento, apesar da relativa simplicidade dos motivos mais frequentes.

O esmero e nível tecnológico patente nas produções cerâmicas encontra paralelo nas técnicas de construção, quer na arquitetura privada quer na construção de edifícios públicos, cujas obras evidenciam uma criteriosa seleção de matérias-primas, como um apurado método construtivo que suporta soluções de engenharia de edifícios com equipamentos de conforto, como claramente se aprecia na *Domus do Grafito*.

Representa o momento de definição dos principais eixos da estrutura viária que consolida o ordenamento do complexo edificado (Decumano, Cardo Oeste, Cardo leste e arruamento privado). No âmbito da arquitetura privada regista-se a construção da *Domus do Grafito*, *Domus do Complexo Artesanal*, *Domus do Golfinho* e, no domínio público, a construção da *Praça*. A Fase IIb regista ainda a manutenção de construções habitacionais edificadas na Fase II, nas áreas periféricas da plataforma intermédia, como é o caso das Casas V, VI e VII, localizadas na plataforma inferior, localizadas na área de implantação da *Domus do Tesouro*, cuja datação de construção se reporta à Fase IV.

Fase III

Flávios - Criação da Província da Gallaecia (Diocleciano) (69/74 - Atribuição do ius latii à Península / Criação da província da Galécia - 284/288)

Define-se a partir do reinado de Vespasiano, em concreto, com a atribuição do *ius latii* à Península em 73-74, data que tem vindo a ser considerada de forma consensual como sendo o momento a partir do qual se acelera e generaliza o processo de romanização da *Gallaecia*, com repercussões na organização administrativa, territorial e militar⁵⁶. A atribuição do *ius latii*⁵⁷ configurou-se, entre muitos outros aspetos, como fator mobilizador da transformação da vida das comunidades indígenas, nomeadamente no abandono do modelo tradicional de povoamento e no desaparecimento das formas ancestrais de organização social e política (ACUÑA 1993, 35). O estímulo à adoção do modelo romano proporcionado pela promoção jurídica manifestar-se-á em pleno na organização social e política na medida em que este resultou na difusão do modelo de cidade e da respetiva adaptação das elites indígenas dominantes ao carácter das oligarquias que governam os centros urbanos, constituindo-se em corpos políticos que, graças às magistraturas que passam a exercer, adquirem a cidadania romana, beneficiando a população do facto de deixarem de ser estrangeiros, originando, dessa forma, uma rutura definitiva com o paradigma político e social indígena, uma vez que no plano institucional implicou a substituição do arquétipo do modelo de povoamento, representado pelos *castella* – expressão fragmentada de uma soberania superior do *populus* ou *civitas* –, pelos novos modelos romanos cuja expressão física é a cidade, tendo implicado o desaparecimento do papel dos *castella* na estrutura e organização política, social e cultural do mundo indígena (MENAUT 1983, 211-212). Este processo marcou definitivamente a conversão do horizonte cultural indígena no mundo provincial romanizado. Salvaguardando a imprecisão própria das grandes generalizações, a partir de meados e finais do séc. I verifica-se um abandono genérico da maior parte dos castros que marca o seu desaparecimento ou a passagem a um nível de significativa marginalidade na estrutura de povoamento. Na realidade, com exceção dos grandes povoados que por motivos

de diferente natureza se transformaram e adaptaram à nova dinâmica económica social e política implementada pela administração romana, como é o caso de Monte Mozinho, Alvarelhos, Padrão e Castro das Eiras, só para referir alguns exemplos na área meridional do convento bracaraugustano, que, em paralelo com as cidades e as novas formas de assentamento – *vici*, *villae*, *aedificia* –, terão exercido uma forte atração e captação dos anteriores habitantes dos castros. Nesta medida, a atribuição do *ius latii* constitui um processo que culminou com a desarticulação da estrutura do povoamento indígena e no consequente desenvolvimento de modelos ocupacionais caracteristicamente romanos que conduziram à integração definitiva das populações do Noroeste Peninsular na administração romana. Efetivamente, o forte processo de municipalização implementado pela dinastia Flávia esteve na origem da criação de novos polos de romanização ancorados em núcleos urbanos, como, por exemplo, *Aquae Flaviae*, ou de *Tongobriga*, que se constituíram como verdadeiros epicentros regionais e que, por efeito difusor, conduziram a uma verdadeira estruturação do território. A estabilidade política, económica e social do período Flávio e Antonino proporcionou um florescimento económico e social sem precedentes no Noroeste Peninsular, que na área meridional do convento bracaraugustano teve como base de sustentação a intensa exploração mineira da Serra de Santa Justa e Pias no concelho de Valongo, e Serra das Banjas nos concelhos de Gondomar e Paredes, que terá justificado a partir do final do séc. I / início do séc. II a existência de um procurador local, *procurator metalli* (SILVA 1994, 95). A exploração mineira ter-se-á mantido até meados do séc. III, momento em que as minas terão sido desativadas devido à exaustão dos filões ou por questões relacionadas com a falta de mão-de-obra, eventualmente associadas à instabilidade política e militar dessa época de crise.

A este momento corresponde um período de grande dinamismo económico em todo o convento bracaraugustano que se manifestou ao nível da ocupação do território e na exploração dos recursos naturais. No segundo quartel do séc. II, no reinado de Adriano, assiste-se à renovação da via de ligação de *Bracara-Cale*, cujos trabalhos, seguramente financiados pelas populações locais⁵⁸, revelam não só a importância estratégica e económica da região, como uma densidade populacional verdadeiramente notável para a época⁵⁹. Para além do *aglomerado urbano secundário* de Alvarelhos documenta-se uma ocupação efetiva no Castro do Padrão, na *villa* da Quinta da Devesa, Santo Tirso, na *villa* de Vila Boa, Guilhabreu, Vila do Conde.

Nesta fase assiste-se à consolidação do “projeto urbanístico” implementado a partir das Fase IIb que, irá manter a ocupação dos edifícios já construídos, registando a construção de novas edificações, como é o caso da *Domus da Lucerna Cristã* e da *Domus Norte*, estendendo a área edificada para a plataforma intermédia, refletindo, dessa forma, o florescimento económico do período Flávio e Antonino, apenas contrariado pela relativa pouca expressão do quantitativo numerário recolhido, aliás comum a todo o noroeste que neste período sofreu uma certa escassez monetária que não deve ser valorizada enquanto indicador do estado da economia⁶⁰. Do ponto de vista da arquitetura assiste-se à continuação das boas práticas construtivas cujo critério se define a partir da seleção dos materiais, do trabalho de talhe e construção dos paramentos, como bem ilustra o alçado sul da *Domus da Lucerna Cristã*, levantado em *opus*

vitattum, cujos alicerces são talhados na rocha de base com criterioso alinhamento dos blocos, cujo resultado final revela uma estereotomia regular e equilibrada, reforçada pelos elementos maiores que formam os cunhais que apresentam um “almofadado” bem proporcionado. O segundo momento da Fase III, definido temporalmente entre o final do primeiro quartel e o último quartel do séc. III, regista uma significativa retração da área de ocupação, observando-se o abandono parcial de algumas construções como se documenta na *Domus da Lucerna do Golfinho*.

A cultura material referente à Fase III evidencia uma economia florescente, na qual o *vicus*, à semelhança da maioria dos aglomerados urbanos romanos, independentemente da sua categoria, terá desenvolvido uma economia mista baseada na agricultura, comércio e indústria. No presente caso com clara preponderância da primeira, bem documentada por um conjunto significativo de alfaias agrícolas, assim como instrumentos associados à pratica da ganadaria. Todavia, atendendo às características estruturais identificadas no centro cívico do povoado, o comércio parece ter desempenhado um papel fundamental no seu desenvolvimento. A existência de um mercado periódico (*macellum*)⁶¹, que teria lugar no principal equipamento público do povoado, a *Praça*, terá permitido o desenvolvimento de uma forte atividade comercial de expressão regional, onde este assumia claramente o papel de centro redistribuidor de produtos manufaturados localmente e, eventualmente, de produtos de importação de âmbito interprovincial, facilitado pelo seu posicionamento estratégico sobre uma das principais vias de comunicação e abastecimento de *Bracara Augusta* a partir do entreposto portuário de *Cale*⁶², cuja localização reunia todas as condições para que ascendesse na hierarquia urbana, uma vez que, além de porto marítimo e fluvial encontrava-se implantado sobre a fronteira de duas províncias, conjugando as funções de *mansio*, *traiectus* e *portus*, facto que lhe conferia uma importância singular no sistema de comunicações terrestres, fluviais e marítimas (MANTAS 2000, 63). Pela análise do material de importação pode constatar-se que o período de maior dinamismo das importações interprovinciais coincidiu com o período das dinastias Flávia e Antonina, correspondendo, portanto, à primeira metade da Fase III⁶³, para se notar uma clara retração no período compreendido entre o segundo e terceiro quartel do séc. III, período de crise interna das instituições romanas e de instabilidade⁶⁴ regional que, entre outros aspetos, parece ter resultado num certo isolamento comercial da *Gallaecia*, reforçado pela sua vocação de grande centro mineiro (MACIEL 1996, 28). Do ponto de vista do comércio regional, o povoado encontra-se perfeitamente integrado na dinâmica económica do convento registando uma presença significativa de produções de âmbito regional, como sejam as cerâmicas tipo bracarense, ou mesmo as lucernas e os vidros produzidos em Braga. A produção de cerâmica local ou regional, apesar de não se encontrar arqueologicamente documentada, terá seguramente constituído uma realidade muito presente na vida do povoado. Em termos genéricos, assiste-se a uma produção morfolologicamente muito uniforme e padronizada, de boa qualidade. As formas revelam uma significativa variedade de modelos de vocação específica, assistindo-se à generalização de formas que

se inspiraram em protótipos de cerâmicas de luxo de proveniência forânea, como sejam as *sigillatas*, os almofarizes ou os contentores metálicos.

Fase IV
Diocleciano - Início do séc. V (284/288 - Criação da província da Gallaecia / Fixação de Vândalos e Suevos na Gallaecia - 409/411)

O final do séc. III marca uma nova fase no domínio romano do Noroeste Peninsular que se estenderá por todo o séc. IV e início do séc. V, amplamente documentada em todo o território, cuja diversidade da cultura material, nomeadamente de produtos importados, evidencia um assinalável ressurgimento económico. Corresponde ao período em que a *Gallaecia* foi constituída como província, em 284-288, que teve como capital *Bracara Augusta*, tendo-se separado definitivamente da Citerior, incorporando os três conventos jurídicos do noroeste e parte do de Clúnia (ALARÇÃO 1988, 61). A capital conventual readquiriu a partir desse momento uma importância política e económica muito relevante, entretanto perdida com o relativo apagamento registado com a quebra da exploração aurífera (ALMEIDA 1993, 192). Esta medida da importante reforma administrativa de Diocleciano foi acompanhada por outras de menor expressão, mas cujo efeito terá sido verdadeiramente significativo como sejam, a elaboração de novos cadastros e a nova tributação da terra, concretizada agora em função da aptidão agrícola, dos bens produzidos e sobre as pessoas (*iugatio-capitatio*). Acompanha a reforma uma ação de arranjo das vias que alguns autores associam à retoma da exploração aurífera (MACIEL 1996, 44), embora relativizada por outros (ALMEIDA 1993, 192). O reflexo do reflorescimento económico do Noroeste Peninsular está patente na profícua quantidade de *milliara* datados deste período que nos dão conta dos trabalhos de conservação das vias e o seu intenso uso, mesmo levando em consideração a intenção política por parte da administração provincial, especialmente patente nos casos que respeitam a imperadores fugazes da segunda metade do séc. IV. A renovação urbana constitui também uma evidência inquestionável, conforme se documenta em todos centros urbanos, nomeadamente em Braga⁶⁵, apesar da inferior qualidade dos métodos construtivos. A atividade agrícola encontra neste momento um incremento significativo com a criação de novos assentamentos de carácter rural, ou com a reocupação de outros, cujas particularidades de implantação favoreciam a agricultura, que alguns autores identificam como resultado da reforma administrativa, designadamente das novas exigências fiscais (ALMEIDA 1993, 192). As atividades artesanais conheceram um significativo incremento, bem patente no aumento de produções cerâmicas que atingem uma circulação suprarregional, em muitos casos inspiradas em protótipos de origem Tunisina cuja importação assume neste momento uma grande expressão, todavia insuficiente em relação à procura e, como tal, motivadora das produções de imitações vulgarmente designadas *cerâmicas de engobe vermelho não vitrificável*. Também o comércio interprovincial se anima, nomeadamente com a área meridional, bem evidente na expressiva representação de contentores de preparados piscícolas e de vinho, assim como de âmbito geográfico

^[56] Neste domínio assiste-se à transformação do dispositivo militar de Augusto com a saída das legiões da Península à qual só voltaria a VII Gemina, que se instalou em Léon, ficando o Noroeste Peninsular apenas guarnecido com unidades auxiliares das quais temos referência dos acampamentos de Aquis Querquennis e de Cidadela (Cohors I Celtiberorum), com clara função de controle e vigilância da costa e vias interiores (QUIROGA 2004, 30).

^[57] Define-se como um conjunto de direitos de tipo privado do cidadão romano, mas que se reconhecem a um grupo ou população alheio à cidade de Roma (ACUÑA 1993, 33).

^[58] Situação que se depreende do facto dos milários da via Bracara-Cale se encontrarem em dativo (ao imperador César Trajano Adriano Augusto), aspeto que permite considerá-los como um sinal de respeito pelo governante e uma certeza que as obras foram custeadas pelas populações locais apesar da iniciativa da administração provincial das mesmas (MANTAS 2000, 65).

^[59] A densidade populacional do convento bracaraugustano, confirmada por Plínio, o Velho, seguramente após o censo de 73-74, corresponderia a uma população livre de 285 000 pessoas (GUERRA 1995, 64 65).

^[60] Paradoxalmente, a cidade de Braga revela uma expressiva quantidade de numismas datáveis do período Flávio e Antonino bem revelador da crescente importância da cidade.

^[61] Apesar do carácter misto da economia do povoado, com forte peso da agricultura, é provável a existência de um mercado de natureza rotativa (nundinae), diretamente relacionado com os ciclos agrícolas, destinados a uma população mais abrangente, constituindo um suporte fundamental na economia regional (GABBA 1988, 144-149).

^[62] Portus Cale constituiu um porto marítimo de grande relevo na área do convento bracaraugustano, apesar de não ser considerado por alguns autores como porto de escala regular, mas sim como porto de destino (LOPEZ 1991, 127).

^[63] A dinâmica comercial de natureza interprovincial registada no aglomerado urbano secundário de Alvarelhos é, em certa medida, um reflexo do panorama constatado em Braga, cidade que terá beneficiado de uma economia de escala, relativamente bem servido de meios de comunicação, que, à semelhança das outras capitais conventuais do Noroeste Peninsular, terá desempenhado uma função de centro redistribuidor de larga escala (MORAIS 2005, 392).

^[64] A instabilidade sentida no séc. III é valorizada por vários autores devido à existência de inúmeros tesouros monetários que poderão testemunhar os ecos da invasão bárbara de 275/276, ou um mesmo, devido a um fenómeno semelhante à guerra civil das Gálias do tempo do imperador Probus (MACIEL 1996, 29).

^[65] Entre outras referências veja-se a cronologia das termas públicas do Alto da Cividade (GASPAR; LEMOS; DELGADO 1986, 35-39) e a ocupação da Ínsula das Carvalheiras (DELGADO; DIAS; LEMOS; GASPAR 1984, 159-164; MARTINS 1999, 65). Efetivamente, em todas as áreas intervencionadas em Bracara Augusta foi possível documentar extensas obras de renovação urbana datadas desta fase, merecendo particular destaque as que se observam sobre a muralha, detetadas, entre outras áreas, na zona do Fujacal (MARTINS 1999, 66-67).

Estações Arqueológicas

mais alargado com a presença significativa de *sigillatas* africanas e mesmo de âmbito continental, como sugere a presença de vidros tipo *diatetra* de proveniência renana identificados em Braga (CRUZ 2001, 57, est. VIII, 239). Consequentemente, a circulação monetária era igualmente expressiva, bem patente ao nível dos tesouros, que regra geral, documentam as emissões mais representativas do séc. IV. Outro aspeto em que está bem patente o assinalável desenvolvimento económico deste período reporta-se à arquitetura privada que, genericamente, regista um incremento significativo de elementos de conforto, apreciável, entre outros aspetos, na proliferação de revestimentos de mosaicos identificados na área de estudo na *villae* de Fontão, Lavra e em Vila Boa, Guilhabreu⁶⁶. É também no decurso do séc. IV que se assiste à progressiva instalação da “igreja” e ao aumento de comunidades cristãs, fenómeno que terá implicado a organização do território a partir das sedes episcopais em diferentes territórios diocesanos que, paulatinamente, se vão configurando (QUIROGA; GARCIA 2006, 30-31), e que terão nos *aglomerados urbanos secundários* uma presença cultural paleocristã significativa, como se constata em Alvarelhos através da valorização contextual de um *chrísmon* insculturado num dos elementos pétreos do nível inferior do alicerce do paramento leste da *Domus do Tesouro*⁶⁷. O mesmo contexto reflete a colher (*ligula*) de prata identificada no edifício a que deu o nome, cuja função está diretamente relacionada com as primeiras comunidades cristãs, associada à prática da eucaristia dos comungantes, à moda do médio oriente, cujo costume se encontra preservado na igreja ortodoxa (BELLIDO 1971, 95), ou mesmo relacionada com o batismo conforme sugerem algumas inscrições identificadas em exemplares tipologicamente idênticos⁶⁸. Em síntese, o florescimento económico que atravessa todo o séc. IV, em boa medida, não sofre alterações nas primeiras décadas do séc. V permitindo que um estrato social mantivesse o seu *status* socioeconómico e desenvolvesse um conjunto de atividades que sustentaram um desenvolvimento cultural importante, propiciando a emergência de um conjunto de personalidades de grande relevo no contexto político, cultural e religioso que marcaram a realidade sociológica do final do séc. IV e princípio do séc. V.

A área geográfica localizada entre Leça e Ave regista neste momento um excecional número de vestígios que documenta o florescimento económico registado no séc. IV, cuja principal nota de registo se relaciona com a diversificação do tipo de assentamentos, a sua dispersão na paisagem e a riqueza da cultura material associada. Ao nível do povoamento concentrado regista-se apenas a ocupação de Alvarelhos, que neste momento evidencia a sua maior expressão espacial ao nível da área ocupada e um assinalável florescimento económico patente na cultura material, particularmente evidente na qualidade e quantidade de materiais de importação. Paradoxalmente, em contraciclo, regista-se o abandono do Castro do Padrão cuja

localização sobre a via secundária que unia a cidade de *Bracara Augusta* a *Cale*, por intermédio da via *Emerita Augusta* - *Bracara Augusta*, à qual ligava na área de S. João de Ponte, Guimarães, certamente relacionado com a dependência do povoado à dinâmica gerada pelo “couto mineiro” agora em retração, terá estado na origem ou acelerado o processo. Ao nível do povoamento disperso assinale-se que, das sete *villae* identificadas, todas registam ocupação relativa a este período e, salvo demonstração estratigráfica que contrarie esta evidência, apenas duas delas apresentam elementos que permitem classificá-las como fundações alto-imperiais (Quinta da Devesa, Santo Tirso e Vila Boa, Vila do Conde). Do mesmo período datará o único estabelecimento de tipo B, claramente de vocação industrial. A *villa* de Fontão, Lavra, constitui um complexo piscatório, dotada de uma unidade industrial de transformação de peixe de dimensões assinaláveis⁶⁹ que ilustra a intensa atividade e dinamismo económico ao longo do séc. IV, como demonstram os elementos de conforto identificados na área residencial (colunas, mosaicos). As restantes *villae* caracterizam-se por uma vocação marcadamente agrícola, claramente evidente pela sua implantação em áreas de elevada aptidão agrícola, cuja relação de dependência com o sistema viário sugere um tipo de produção destinada ao abastecimento dos centros urbanos, nomeadamente de *Cale* e *Bracara Augusta*. Das vinte e seis unidades agrícolas identificadas na área entre Leça e Ave a totalidade conserva referências cronológicas relativas a este período, percebendo-se uma densificação da malha de ocupação que nesta fase preenche todos os nichos do território, distinguindo-se três tipos em função da vocação preferencial da exploração, valorizando para o efeito a sua localização e a predisposição para a agricultura da terra existente nas imediações. A intensa ocupação do território encontra-se também patente nas 16 necrópoles identificadas, das quais apenas a de Areias, Azurara, Vila do Conde, e o *columbarium* identificado na proximidade da *villa* de Vila Boa, Guilhabreu, não evidenciam elementos classificáveis nesta Fase. Em síntese, os dados arqueológicos disponíveis entre Leça e Ave, à semelhança do restante território da área meridional do convento bracaraugustano, ilustram um momento de prosperidade económica, patente na retoma do comércio interprovincial e na dinamização do mercado regional, alicerçado, entre outros aspetos, em produções artesanais de âmbito regional que implicariam uma organização de carácter proto industrial de que são um exemplo a indústria vidreira, e a produção de *cerâmicas de engobe vermelho não vitrificável* e de *cerâmicas cinzentas finas tardias*.

As referências estruturais e estratigráficas registadas refletem, de forma sintomática, o forte dinamismo económico identificado em toda a região. Do ponto de vista da estrutura funcional do povoado, a malha de arruamentos regista uma continuação em relação à Fase III, apesar de se documentarem ajustes pontuais ocasionados pela

Estações Arqueológicas

a uma lavra de qualidade inferior que, genericamente, se caracteriza por um relatório relativamente limitado, acompanhado pela mesma tendência no que respeita aos motivos decorativos. Predominam formas abertas, essencialmente copos e tigelas e, em menor número, garrafas circulares, geralmente de vidro de pouca qualidade, cujas cores predominantes são o verde-musgo e o amarelo-melado que revelam uma tendência estética generalizada, à semelhança do que se aprecia nas produções cerâmicas. A relativa exclusividade dos produtos alto-imperiais de melhor qualidade na Fase IV dá lugar a uma banalização de baixa qualidade cujas características permitem identificar os recipientes de vidro de maior circulação como de pouco valor económico. Por último, merece também uma referência a identificação de um número significativo de contentores de armazenagem de grandes dimensões cuja padronização formal, constituição das pastas e técnicas de cozedura, indica a existência de uma produção local que, no entanto, não se encontra arqueologicamente documentada.

Fase V

Início do séc. V - Queda do reino Suevo (*409/411 - Fixação de Vândalos, Suevos e Alanos na Gallaecia - Guerra civil entre Suevos e Visigodos. Queda do reino Suevo - 455/459*)

Cronologicamente enquadra-se a partir do início da segunda década da centúria de quatrocentos, com a fixação de Vândalos e Suevos na Galécia, prolongando-se até meados do séc. V, concretamente no período balizado entre 455/459, momento que corresponde à avassaladora guerra civil ocorrida entre suevos e visigodos⁷⁰. Esta fase, que abarca a primeira metade do séc. V, caracteriza-se pelo estado de frequente guerra civil e profunda insegurança, encontrando-se amplamente documentada no registo arqueológico. Segundo Hidácio⁷¹, após um ciclo de pilhagens, os germanos instalaram-se no Noroeste Peninsular, tendo os Vândalos Hasdingos ocupado o *conventus lucencis* e os Suevos a parte ocidental do *convento bracarenis*, a que correspondia, *grosso modo*, a da região de Entre-Douro-e-Minho, constituindo a faixa costeira a base política e territorial do reino suevo⁷² (QUIROGA 2004, 39-40). Apesar de hoje se considerar que, numa primeira fase, a instalação dos povos germânicos no Noroeste Peninsular não ter resultado numa rutura brusca com as especificidades culturais da sociedade galaico-romana, a profunda alteração política com a criação de reinos, sobretudo com o dos Suevos a partir de 419, gerou um profunda instabilidade política e militar que culminaria com a queda do reino suevo na sequência da guerra civil de 455-459, período em que a região do convento bracaraugustano foi particularmente afetada. Entre os episódios mais marcantes contam-se o ataque a *Bracara Augusta* em 455 promovido por *Theudoricus II* que culminaria com a captura e a execução de *Recharius* em 456 em *Portucale*, no âmbito de ataques contínuos por parte dos visigodos a toda a região costeira da região bracarense⁷³. Os episódios militares prolongar-se-iam até 459, ano em que *Maldras* ataca *Portucale*, tendo vindo a ser eleito rei pelas estirpes suevas agrupadas à volta do Porto, verificando-se a partir desse momento o emergir de um certo protagonismo portugalense que se irá impor ao longo da Alta Idade Média até à formação de Portugal.

Do ponto de vista económico, apesar da conjuntura política e militar extremamente negativa, na primeira metade do séc. V assiste-se ainda à manutenção do vigor económico e comercial da Fase anterior, que regista a continuação dos vínculos comerciais com o mediterrâneo oriental, como documentam algumas ocorrências de

reconstrução parcial de alguns das principais construções. Todos os edifícios anteriormente ocupados, com exceção da *Domus do Grafito*, que não manteve ocupação nesta fase, conhecem profundas obras de remodelação e alteração do seu programa que implicaram a sua reorganização interna com a construção de novos compartimentos e de instalação equipamentos de natureza doméstica, como é o caso dos fornos de cozinha que passam a estar presentes em todos os edifícios. Assiste-se também à construção de edifícios de raiz (*Domus da Lucerna do Cavalo*, *Domus da Colher de Prata* e *Domus do Tesouro*), que comprovam um momento de crescimento urbano, no qual se amplia a área de construção de características urbanas para espaços marginais ao centro cívico do povoado.

Estruturalmente, pela primeira vez, convivem realidades arquitetónicas que claramente evidenciam estratos económicos distintos patentes na qualidade construtiva dos edifícios e grau de complexidade das plantas. Pertence ainda a este momento a área oficial integrada na *Domus do Complexo Artesanal*, cujo edifício integra duas realidades funcionais - habitacional e oficial -, que ilustra o nível de sofisticação arquitetónica atingida nesta Fase, assim como a clara vocação do povoado enquanto centro produtor e distribuidor de produtos manufaturados. Assinale-se, contudo, que a vocação comercial e artesanal não diminuiu a importância da atividade agrícola e ganadeira na economia do povoado, bem patente no conjunto de alfaias agrícolas e instrumentos associados à exploração de gado recolhidos em diferentes edifícios. Do ponto de vista estratigráfico constitui a fase melhor documentada, encontrando-se registada em todas as áreas intervencionadas com exceção da *Domus do Grafito*.

A cultura material regista uma forte dinâmica comercial interprovincial, na qual se destaca a presença muito significativa de cerâmicas de proveniência tunisina, eventualmente integrada em correntes de relações comerciais privilegiadas com o Norte de África, importante província cristã do baixo-império. Ainda no âmbito do comércio de longo curso merece destaque a presença de contentores anórficos de preparado piscícola provenientes da Lusitânia, nomeadamente as formas tipo - Almagro 51 a/b e 51 c (Classe 23). As *sigillatas* hispânicas tardias registam também uma presença assinalável documentando que os canais comerciais com o interior norte se mantinham operacionais e em funcionamento. Apesar de o comércio interprovincial evidenciar alguma normalidade, a procura, certamente superior à oferta, deu origem a um conjunto de produções cerâmicas de âmbito regional morfológicamente inspirada nas produções africanas e gálicas, formalmente bem caracterizadas, cuja representatividade e área de dispersão progressivamente se vai conhecendo melhor. A sancionar esta perspetiva de desenvolvimento económico encontra-se uma significativa movimentação monetária, bem documentada nas referências estratigráficas estudadas, assim como nos tesouros datados do séc. V, nos quais se regista uma forte presença de emissões do séc. IV, em consequência da instabilidade provocada pelas invasões e guerras civis. A produção metalúrgica assume nesta fase uma assinalável expressão, tanto em artefactos utilitários, como em objetos de maior requinte, nomeadamente lucernas, adereços de vestuário e de ourivesaria, merecendo destaque os vestígios de produção de objetos de bronze identificados na área oficial da *Domus do Complexo Artesanal* e *Domus da Colher de Prata*. A produção vidreira identificada na *Domus do Complexo Artesanal* concorre também para documentar o já referido dinamismo económico apesar de se reportar exclusivamente

^[66] Para além das villae referenciadas identificaram-se mosaicos, na villa do Alto de Martim Vaz, Póvoa de Varzim (FORTES 1905), Oleiros, Guimarães (CHAVES 1936, 58; CASTROVIEJO 1974a, 35), a villa de Dume, Braga (FONTES 1987, 111-148), e a villa de Sendim, Felgueiras (DIAS 1995, 246).

^[67] Refira-se, contudo, que a informação arqueológica é pouco abundante e heterogênea, proporcionando elementos aparentemente contraditórios, como se constata pela relativa abundância de necrópoles datadas do séc. IV-V, cujo espólio e rituais de enterramento parecem revelar uma certa reafirmação da religiosidade pagã em contradição com as crenças e práticas do cristianismo. Efetivamente, são relativamente escassos os vestígios paleocristãos identificados na área meridional do convento bracaraugustano, dos quais, entre os mais significativos, se destaca o mosaico de Frende, Baião (ALMEIDA 1972, 127-129; 1974; MACIEL 1996, 164-166), o sarcófago da Sé de Braga (MACIEL 1996, 176-171), a necrópole e Beiral, Ponte de Lima (VIANA 1961, 6; LANCHAS 1969, 249-260; ALMEIDA 1980, 312; ALMEIDA 1990, 133-139), um disco de lucerna com a inscrição de um Chrísmon (SILVA 1994, 97), assim como duas taças de vidro decoradas por abrasão com um Chrímon gravado, recolhidas em Braga que enquadram um largo conjunto de vidros gravados por abrasão decorados com motivos cristão ou cristianizados (ALARCÃO 1970, 32; CRUZ 2001, 137-138, n.º 478-479).

^[68] As inscrições em aclamativo vivas in Deo ou vivas in Christo, como a referência identificada na colher de Terrugem, Elvas, é precedida por um nome (Elias, no caso da colher de Terrugem), permitindo admitir uma função relacionada com o ato de batismo, em que o nome do catecúmeno poderia ser gravado como recordação, assim se explicando o contexto habitacional e funerário de muitos dos exemplares conhecidos. O facto de o suporte ser um metal precioso parece valorizar esta perspetiva de análise, uma vez que os exemplares em bronze conhecidos no Noroeste Peninsular não conservam inscrições do tipo aclamativo. Conhecem-se vários exemplares portugueses em prata, como, por exemplo, o de Terrugem, Elvas (DEUS; LOURO; VIANA 1955, 572, fig. 2, 19-24). Esta colher com concha de formato oval, haste de secção quadrangular, evoluindo para circular com adelgaçamento progressivo, possui como elemento de ligação uma voluta de características naturalistas. Apresenta uma inscrição na face anterior inscrita num campo rebaixado - AELIAS - VIVASIN - rematando com a representação de um chrísmon. Sobre a haste conserva duas letras A Q. Um outro exemplar proveniente de Nossa Senhora da Luz, Lagos, de características similares, apresenta uma haste de secção circular separada da concha por uma voluta. A decoração inscrita na face exterior da concha desenha uma nervura de uma folha com elementos radiais (VIANA, FORMOSINHO; FERREIRA 1953, 128, lám. IV, 55-56, fig. 7; BELLIDO 1971, 94, fig. 2).

^[69] O complexo industrial inclui tanques de salga escavados na rocha, tanques construídos em opus signinum e uma unidade de produção de sal (salinas). Vários equipamentos industriais equivalentes identificam-se ao longo da costa minhota, entre os quais merece uma referência o extenso parque de salinas descoberto entre o Forte de Âncora e a Praia de Moledo em Viana do Castelo (SILVA 1994, 93).

^[70] Efetivamente, foi no Porto que o rei Requiário (448-456) se refugiou após a derrota infligida pelo rei visigodo Teodorico II na batalha do rio Orbigo, próximo de Astorga, tendo vindo a ser capturado e executado no Porto (SILVA 1994, 99).

^[71] Segundo Hidácio através de um sorteio (...) sorte ad inhabitandum sibi provinciarum dividunt regiones (...) (TRANOY 1974, 117-118).

^[72] Na expressão de Hidácio (...) Gallaeciam Vanndali occupant et suevi sita in extrimitate oceani maris occiduai (...) (TRANOY 1974, 117-118).

^[73] Alain Tranoy, com base em referências de Hidácio, que refere o ano 456 como o momento em que, latrones pilham a região do convento bracaraugustano, reforça a gravidade da situação referindo que a desorganização da administração e a destruição causada pela atividade militar favoreceu o desenvolvimento do banditismo (TRANOY 1981, 446).

Estações Arqueológicas

sigillatas africanas, foceanas e cipriotas tardias (DELGADO 1988, 35-49), assim como de âmbito continental documentado através de *sigillatas* paleocristãs e de alguns contentores anfóricos provenientes da Bética, documentadas através das formas Almagro 50/Keay XVI, a Oriental Tardia e a Africana/Tunisina (MORAIS 1998).

Na área meridional do convento, do ponto de vista arqueológico, os elementos crono-estratigráficos não são abundantes, mas os existentes são extremamente significativos. Identificam-se referências estratigráficas no Morro da Sé, Porto, nos quais, sobre estratos tardorromanos se documenta um nível de incêndio associado a um horizonte de destruição datado do período suevo-visigótico, que se relaciona com os episódios militares referidos (SILVA 1994, 99: REAL; TÁVORA; OSÓRIO; TEIXEIRA 1985-86). Neste período a cidade de Braga manteve um ritmo de reestruturação assinalável, decorrente do seu estatuto de capital do reino suevo, cujo registo arqueológico claramente evidencia uma continuidade de ocupação com certas transformações datáveis até ao séc. VII. Os vestígios relativos à primeira metade do séc. V reportam-se a realidades cemiteriais, à arquitetura privada e pública. Quanto aos primeiros, identificam-se enterramentos coevos na necrópole de Cangosta da Palha⁷⁴ e na necrópole localizada nas imediações da igreja de S. Victor. Também na arquitetura pública se reconhecem importantes transformações das quais a mais significativa terá sido o desaparecimento das termas públicas do Alto da Cidade no séc. V, agora convertidas num edifício de natureza privada⁷⁵. Entre os vestígios conhecidos entre Leça e Ave destacam-se as necrópoles de Rorigo Velho, S. Martinho de Bougado e de Vila Nova da Telha, Maia, cujas produções cerâmicas de *engobe vermelho não vitrificável*, designadamente da forma Hayes 52 / Hispânica 6 *TSHT*, permitem, com alguma segurança, prolongar a sua cronologia para a primeira metade do séc. V.

Os elementos estruturais e estratigráficos identificados no *aglomerado urbano secundário* de Alvarelhos são significativos e abundantes, ora registando uma continuação da ocupação da Fase IV, ora evidenciando significativas obras de adaptação e reestruturação do programa dos edifícios preexistentes (dimensão, número e funcionalidade dos aposentos), apresentando por vezes soluções arquitetónicas inovadoras nas quais se identificam novos elementos de conforto.

A rede de arruamentos interna mantém-se operacional, apesar do plano de obras implementado na Fase IV ter comprometido em parte a sua funcionalidade, uma vez que a ortogonalidade rígida do projeto da Fase IIB e III sofreu reajustamentos em função das obras de remodelação dos edifícios, garantindo-se assim a funcionalidade do centro cívico do povoado. A ocupação registada compreende a *Praça*, os diversos arruamentos, a *Domus do Complexo Artesanal*, a *Domus da Lucerna do Golfinho*, a *Domus da Lucerna do Cavalo*, a *Domus Norte*, a *Domus da Lucerna Cristã*, a *Domus da Colher de Prata* e a *Domus do Tesouro*. Entre estas merecem destaque as duas *domus* que se implantaram nos topos laterais da *Praça* (*Domus da Lucerna do Cavalo* e *Domus do Complexo Artesanal*) pelo facto de aí se terem registado significativas obras de remodelação interna assinalando-se a criação de novas funcionalidades e a ampliação do número e área dos aposentos. Genericamente, as intervenções construtivas apresentam alvenarias de qualidade inferior ao nível dos aparelhos, argamassas e acabamentos, assim como nos pavimentos, tanto os lajeados como os de saibro ou terra batida.

Como se constata na leitura estratigráfica, a ocupação termina com a destruição do povoado, cuja *interface* corresponde a uma generalizada camada de incêndio que incorpora as coberturas dos edifícios, constituindo uma camada uniforme e espessa que se sobrepõe a uma camada onde se deteta o espólio relativo a esta última ocupação.

O espólio arqueológico associado a esta fase constitui um natural prolongamento da Fase IV, tanto ao nível das produções locais e regionais, como dos materiais importados, registando-se um significativo incremento das produções regionais características deste período como, por exemplo, as *cerâmicas cinzentas finas tardias*. As cerâmicas comuns acentuam as características desenvolvidas na Fase IV que consistem na predominância de pastas relativamente pouco depuradas, com elementos não plásticos constituídos por quartzo mal calibrado. Ao nível dos acabamentos verifica-se também um decréscimo qualitativo sendo a solução mais frequente o simples alisamento acompanhado por uma aguada pouco espessa. As decorações simplificam-se passando maioritariamente a ser constituídas por aplicação de cordões ao nível da transição do colo para o bordo, simplesmente digitados, formando motivos de repetição simples. O reportório das formas diminui progressivamente observando-se um menor requinte morfológico, assim como uma menor especificidade funcional. Predominam formas abertas de pequena dimensão relacionadas com as atividades do quotidiano (pratos, panelas, potes, tigelas e taças). As formas de armazenamento de média e grande dimensão diminuem de expressão quantitativa. As cerâmicas de mesa são agora constituídas por produções de imitações, vulgarmente designadas por *cerâmica de engobe vermelho não vitrificável*, *cerâmicas cinzentas finas tardias*, *sigillatas* hispânicas tardias e, em menor número, por *sigillatas africanas*. A produção de vidro identificada na área ofical da *Domus do Complexo Artesanal* mantém-se, consistindo maioritariamente em peças de pouca qualidade, com um reportório de formas limitado (tigelas, copos e taças)⁷⁶, produzidas em vidro de cor verde-musgo que, em certa medida, explica a diminuta quantidade de formas, destinadas a beber, produzidas em cerâmica comum. As produções metálicas não revelam alterações significativas sendo apenas de realçar a ocorrências de novas composições decorativas formadas por círculos e representações figurativas de traços grosseiros que se irão generalizar ao longo do séc. V.

Fase VI
séc. IX/X - séc. XII/XII (Fenómeno de incastellamento)

Corresponde à ocupação relacionada com o movimento de reconquista. É no contexto do incremento que Afonso III imprimiu ao processo de reconquista, alicerçado numa importante reorganização militar e administrativa, que se compreende a instalação de um reduto defensivo na área de Alvarelhos. Esta nova fase inaugura-se em 868 com a presúria do Porto por Vimara Peres, acompanhada com a de Chaves pelo Conde D. Odário. O controlo destes dois pontos estratégicos veio a revelar-se fundamental para a evolução do processo de reconquista do Noroeste de Portugal. Em finais do séc. IX, princípios do séc. X, os frequentes ataques de Normandos e Muçulmanos em toda a costa norte terão originado, por motivos de segurança, um fenómeno de construção de fortificações que na historiografia portuguesa se conhece por *incastellamento*. Este fenómeno, desenvolvido entre nós a partir de finais do séc. IX, até aos princípios do séc. XII⁷⁷, está subjacente ao processo de organização

defensiva do povoamento e administração do território (ALMEIDA 1978, 27). Estas fortificações de iniciativa popular constituíram a resposta das populações locais às incursões normandas e às investidas muçulmanas. Apesar dos poucos vestígios arqueológicos conhecidos deste tipo de redutos, anteriores ao castelo românico, a impressão geral formada pela análise dos vestígios conhecidos, permite desenvolver a ideia de que deveriam ser constituídos por construções muito rudimentares, dotadas de estruturas defensivas precárias, cuja implantação privilegiaria espaços onde a morfologia do terreno acentuasse as diferenças de cota entre a área intramuros e a extramuros, assim como a existência de afloramentos rochosos que diminuíssem o esforço de construção. A sua área deveria ser reduzida e adaptada à disponibilidade do espaço existente nos promontórios em que estavam instalados, favorecendo sempre uma implantação que permitisse um amplo domínio visual sobre a área envolvente e, em particular, das vias de comunicação. Posteriormente, com o incremento da reconquista cristã e a reorganização administrativa do território, nomeadamente com a criação dos *territoriae* e das *civitates* assiste-se à personificação dos destinos militares, concentrados agora num castelo governado por um nobre, mas cuja existência não terá vindo anular o papel das fortalezas de iniciativa local, pelo contrário, veio dar um novo enquadramento ao processo da reconquista, sobretudo nas zonas de fronteira (BARROCA 1990-91, 92). É neste âmbito que se inscreve a guarnição militar de S. Marçal que encontra paralelo e enquadramento estratégico num conjunto de redutos defensivos identificados na área meridional do Noroeste Português, que obedecem aos mesmos critérios de implantação, geralmente associados a mosteiros de fundação do séc. X e XI, cuja emergência corresponde às mesmas prerrogativas sendo evidente que a sua localização estabelece uma relação de proximidade com a rede viária e a existência de terrenos de elevada aptidão agrícola, que, naturalmente, estarão diretamente relacionados com os principais núcleos populacionais existentes e com as estruturas defensivas referidas.

Na área geográfica envolvente que, *grosso modo*, corresponderá à “Terra da Maia”, identificam-se mais de uma dezena de “castelos” cuja implantação nos permite desenhar a distribuição dos núcleos populacionais então existentes e a sua relação com as vias de comunicação em funcionamento. Alvarelhos é referenciado em 907 (*DC* 14), 990, 1052 e 1076 como *castro* (*DC* 158; *DC* 382; *DC* 533), e como *monte* em 1059 (*DC* 413), 1083 (*DC* 1083), e 1089 (*DC* 729). Este último reporta-se à venda de uma propriedade sita na vila de Guidões⁷⁸. Neste exemplo ressalta o facto de, apesar da propriedade em questão se localizar em Guidões, a cerca de dois quilómetros de Alvarelhos, este serve como referência geográfica para a localização da propriedade. Este fenómeno não encontra explicação em hábitos de diplomática dos diferentes cartórios, ou na notoriedade orográfica dos montes a que se referem, mas sim devido ao facto de estes espaços servirem de locais de refúgio da população em momento de perigo. Efetivamente, este aspeto é particularmente evidente, uma vez que, junto a Guidões, existem outras elevações, inclusivamente de maior altitude e com particularidades geomorfológicas que as distinguem na área envolvente (MOREIRA 1997b, 141-142). A área intervencionada não contemplou a área de implantação do reduto defensivo “Castelo”, pelo que não se conhece a sua

realidade estrutural e cronológica. Os elementos que se recolheram resultaram de uma ação de limpeza na área de implantação da capela de S. Marçal na qual, superficialmente, se identificaram alguns materiais cerâmicos enquadráveis neste período. Predominam os potes de perfil em S com base de assentamento discoidal e bordo contracurvado com aba e rebordo interior para assentamento de testo. Os fabricos, geralmente grosseiros, são formados por pastas mal depuradas de aspeto arenoso e friável cujos elementos não plásticos predominantes são o quartzo e a mica.

Fase VII
séc. XII/XIII - séc. XVI

Corresponde, *grosso modo*, à ocupação medieval e pós-medieval. Encontra-se documentada pela igreja de Santa Maria de Alvarelhos e a necrópole que lhe está associada. Os elementos arqueológicos recolhidos, designadamente os numismáticos, sugerem uma cronologia balizada entre o reinado de D. Afonso III (1248- 1279), e o reinado de D. João III (1521-1557). A ocupação encontra-se referida nas Inquirições de D. Afonso XIII (1258) onde se menciona expressamente a igreja que cuja localização original seria outra, tendo a atual sido transladada para o local em data que não se especifica, justificando-se, desta forma, o facto da cruz de sagração do altar se encontrar invertida, conforme se documentou na sua escavação. Relativamente à datação da sua transladação não possuímos elementos crono-estratigráficos seguros, restando-nos a referência do prelado ouvido nas inquirições mencionadas que refere - (...) *ouviu muitas vezes dizer a homens muito velhos que a metade dessa igreja pertencia ao Sr. Rei* (...) - o que colocaria a possibilidade de a sua trasladação ter ocorrido nos em princípios do séc. XII. O seu abandono e destruição deverão ter acontecido por meados do séc. XVI no reinado de D. João III, conforme sugerem a datação dos numismas recolhidos.

O cemitério anexo enquadra-se no fenómeno de emergência dos cemitérios rurais polarizados em torno das igrejas paroquiais, documentado no Noroeste Peninsular a partir do séc. IX, a que vulgarmente se designa por *tumulatio appud ecclesiam*⁷⁹. A igreja de Santa Maria de Alvarelhos constituía o polo sacralizador de todo o espaço da *freguesia* que não só abrigava e protegia os mortos como beneficiava os vivos, assumindo-se como a garantia da proteção de Deus e fundamental da paróquia rural que se estruturou a partir do séc. XII-XIII (ALMEIDA 1981, 202-212)⁸⁰.

A ocupação medieval identificada, à semelhança da registada no Monte Padrão, parece corresponder a um prolongamento sequencial da ocupação iniciada na Fase VI que, embora motivada por circunstâncias decorrentes da conjuntura militar, terá originado uma ocupação de carácter religioso assegurando assim a proteção do centro espiritual a partir do qual se garantia a sacralização do território que, por partir da igreja, tinha uma natureza centrífuga e abrangeria todo o espaço no qual se distribuíam os fregueses, constituindo-se como o polo unificador e sacralizador de todo o espaço da freguesia. O povoamento medieval da área envolvente do povoado, em conformidade com o da região minhota, é disperso, no qual, por

^[1] Identificam-se na necrópole de S. Victor sepulturas prismáticas ou retangulares feitas à base de elementos cerâmicos (QUIROGA 2004, 72).

^[2] Aspeto valorizado por certos autores como um exemplo de transformação formalizada num contexto de alteração da conceção de funcionalidade do espaço público urbano (QUIROGA 2004, 75).

^[3] As formas mais frequentes são; Copo/Taça Isings 96/106, Isings 106, 116 e taças campaniformes.

^[4] Segundo Mário Barroca as referências documentais a essas estruturas defensivas multiplicam-se ao longo do séc. X e encontram a sua máxima expressão no séc. XI (BARROCA 1990-1991, 91).

^[5] Portugaliae Monumenta Histórica. Diplomata et chartae, DOC. 413 (1059), vol. I, 1867, (...) Pactum venditionis praedii cusjusdam in villa Quintones dicta. Quintones dicta. Ex charta autographa, ad Monasterium Morariense pertinente, in Publico Archivo servata, descriptusimus.Christus. In dei nomine Ego nantildo una com subrino meo gudino in domino deo eterna salute ámen. Ideo plagui nobis per Bona pacis et uoluntas ut per scriptura firmitates vinderemus a uobis tritesendo gotierizi et uxori nestra gontrade sicut et uendimus eridimate; nostra própria que avemus; in uilla que uocidant quitones subtus mons alvarelios discurente riuolo quitones prope litore maris teritorio portugalensi in logo predicto. (...) (MOREIRA 1997, 142).

^[6] A emergência do processo de tumulatio appud ecclesiam, por oposição à tumulatio ad sanctos, consiste num fenómeno tipicamente rural que se desenvolve a partir do séc. IX, verificando-se, a partir desse momento, a polarização dos cemitérios em torno das igrejas paroquiais (BARROCA 1987, 24).

^[7] Sobre o papel sacralizador e protetor do espaço e dos fregueses Carlos Alberto Ferreira de Almeida realça a dimensão estruturante da igreja na organização do território - (...) A igreja não só abriga e protege os mortos, assegurando-lhes o além, mas também beneficia os vivos e é a garantia da protecção de Deus para os frutos da terra e do exorcismo dos males. Dela saíam as procissões com relíquias e ladainhas, a abençoar os campos e a excomungar as pragas das sementes. Ela era o pólo de protecção de deus e dos seus santos para os vivos e seus interesses, com um sino que tudo anunciava e cujo som também sacralizava o espaço paroquial (...) - (ALMEIDA 1981, 207).

ESTAÇÕES ARQUEOLÓGICAS

sistema, as casas se instalavam entre o *ager* e o monte ou entre campos, junto dos caminhos, com uma certa proximidade, originando assim minúsculos núcleos de povoamento, designados por lugares que, no seu conjunto configuravam a paróquia. Explicar-se-ia a manutenção da igreja relativamente afastada da área habitada até um período tardio pelo seu forte poder espiritual e simbólico, assim como pelo papel que desempenhava enquanto elemento estruturante e unificador, hierarquizando os lugares e harmonizando as inter-relações. A trasladação das igrejas para locais mais próximos e centrais aos núcleos habitacionais, como se depreende das palavras de Frei Leão de S. Tomás⁸¹ em relação à transferência da igreja de S. Salvador de Monte Córdova, localizada no Monte Padrão para o local de Quinchães⁸², parece decorrer de um processo de natural aproximação da igreja aos fiéis que reflete também um progressivo aumento populacional e desenvolvimento económico num quadro político-militar estabilizado. A sacralização dos espaços agora abandonados marcar-se-ia com a edificação de capelas. No caso do Monte Padrão dedicado ao Senhor do Padrão⁸³ e no caso de Alvarelhos a S. Marçal⁸⁴.

Os vestígios intervencionados localizam-se na plataforma intermédia, que corresponde à face leste da base da elevação que configura a acrópole do castro, designado na microtoponímia como Monte Grande. Os vestígios reportam-se à primeira igreja paroquial de Alvarelhos e respetivo cemitério, cuja cronologia se baliza entre meados do séc. XII e início do século XVI, momento em que se assiste à trasladação da igreja para o local onde atualmente se encontra.

Em termos genéricos, o espólio associado a esta fase é pouco significativo. Para além do acervo cerâmico, regista-se a presença de materiais metálicos associados à construção do edifício e abundantes espécies numismáticas da 1ª e 2ª dinastia. As cerâmicas, muito pouco abundantes, formam um acervo bastante uniforme ao nível tecnológico, distinguindo-se claramente dois grupos. O primeiro, de fabrico mais grosseiro, é constituído por cerâmicas de armazenamento, sobretudo por potes de perfil em S e bordo em forma de aba. As pastas são mal depuradas de aspeto arenoso e friável. O acabamento é rudimentar, essencialmente elaborado por um polimento incipiente. As decorações, pouco frequentes, são maioritariamente compostos por cordões aplicados ao nível do bordo com depressões de perfil oval. O segundo grupo é formado por materiais cerâmicos de construção compostos exclusivamente por telha cerâmica de meia cana. O contexto funerário, muito pobre ao nível de espólio, apresenta apenas algumas peças numismáticas.

Bibli. COSTA 1706-08, 366; SARMENTO 1883/1884; 1933, 165, 168; 1970, 48-52; FORTES 1899, 7-28; FERREIRA 1907, 285; 1923, 47; AZEVEDO 1939, 101-102; SANTARÉM 1956, 63-64; 1977, 161-170; TEIXEIRA; MEDEIROS; ASSUNÇÃO 1965, 46; ALMEIDA 1969, 31-32; 1973, 207; 1978, 29; TORRES 1978-1979, 15-250; SOEIRO 1980, 237-243; SILVA 1980, 79-90; 1986, 83, n.º 355; CRUZ 1982, 3, nota 2; CENTENO 1987, 34-41, 111; ALARCÃO 1988, 19, n.º 1/350; MOREIRA 1991b,

69-76=2000, 323-328; 1992, 34-47; 1992a, 15-33; 1992a; 1997a, 14-82; 1997b, 141-142; 1998; 2011, 509-537; 2007, 34-41; 2010; 2013a, 79-113; QUEIROGA 1992, 168, n.º 240; ALMEIDA 1992, sp. P.M.H. - Doc. n.º 14 (907), 16 (908), 65 (979), 126 (979), 151 (986), 158 (990), 382 (1052), 413 (1059), 603 (1076), 616 (1083), 729 (1089).

NECRÓPOLE DO CORVILHO, SANTO TIRSO, SANTO TIRSO
<i>Coordenadas geográficas</i>
<i>Lat. - 41° 20′ 31.23″ N</i>
<i>Long. - 8° 28′ 49.34″ W (meridiano de Greenwich)</i>
<i>Alt. - 75m (CM 1:25 000, SCE, fl. 98, 1977 - Santo Tirso)</i>

Conjunto de objetos arqueológicos recolhidos nas obras de construção do hospital da Santa Casa da Misericórdia de Santo Tirso, em 1915, num terreno desanexado à Quinta de Gião, junto do caminho do Corvilho, no lugar de Lagoa, Santo Tirso. O achado viria a designar-se na bibliografia da especialidade por *Necrópole do Corvilho*. Todavia, o contexto arqueológico do depósito é completamente desconhecido, não se sabendo qual a relação entre os diferentes materiais identificados, assim como a hipotética existência de estruturas associadas. Contudo, localmente regista-se uma forte tradição oral que refere “um cemitério muito antigo”, eventualmente relacionado com os achados que, associada às características morfológicas das peças em questão, e por conexão com contextos arqueológicos do mesmo horizonte cronológico com espólio de características tipológicas semelhantes permite, com alguma segurança, afirmar que provavelmente tratar-se-ia de um depósito funerário, cujo horizonte cronológico corresponde ao Bronze Final. Parte dos materiais arqueológicos então recolhidos foram oferecidos ao Abade Pedrosa pelo provedor da Santa Casa da Misericórdia, Domingos Venceslau Moreira da Silva, e os restantes pela sua filha, Conceição Marinho da Silva. O estudo das peças já foi abordado por vários autores (SANTARÉM 1956b, 169-177; SANCHES 1981, 97; 1982, 56-61; PEREZ 1997, 5-11, est. I, n.º 2; MOREIRA 2007, 40; 2007a, 53-54, MMAP; 2013d, 49-50; 2014, 82-85), cujo acervo é atualmente constituído por seis vasos troncocónicos e um bracelete de bronze, embora notícias da época refiram o aparecimento de outros fragmentos cerâmicos, de que se desconhece o paradeiro.

NECRÓPOLE DE RORIGO VELHO, SANTIAGO DE BOUGADO, TROFA
<i>Coordenadas geográficas</i>
<i>Lat. - 41° 19′ 35″ N</i>
<i>Long. - 8° 34′ 25″ W (meridiano de Greenwich)</i>
<i>Alt. - 35 m (C. M. 1:25 000, SCE, fl. 97 - Bougado, S. Martinho, 1975)</i>

A necrópole galaico-romana de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, foi descoberta em 1939 num terreno agrícola localizado a cerca de trezentos metros da EN n.º 14, que liga a cidade do Porto a Braga. Presumivelmente, a estrada neste local é coincidente com a via romana de ligação de *Bracara Augusta* a *Cale*, registando-se nas imediações vários locais em que se recolheram materiais de superfície que permitem admitir a existência de uma ocupação efetiva na área envolvente. Após a identificação de fragmentos cerâmicos no início dos trabalhos de arroteamento do terreno e dado a conhecer a existência de vestígios arqueológicos, foi efetuada uma intervenção arqueológica que teve como responsáveis Mendes Correia e António Cruz, coadjuvados por António Marques de Almeida⁸⁵. A escavação inicialmente consistiu na abertura de uma vala de 9 m por 2 m, tendo sido posteriormente abertas outras valas de 1,5 m. O relato da escavação, apesar de pouco detalhado, permite perceber que se trataria de uma necrópole de incineração - (...) *o mobiliário assentava em escórias de fogo* (...) –, tendo sido escavadas na totalidade oito sepulturas, cinco completas e três parcialmente destruídas, aludindo-se ao facto de as restantes, identificadas pelo aparecimento de cerâmica, terem sido destruídas pelos trabalhos agrícolas. Segundo os autores, a dimensão das sepulturas rondava 80x40 cm, pelo que se presume que configurariam uma planta retangular, sendo a sua distribuição aleatória. O espólio era composto por cerâmicas, vidros, moedas e um par de brincos em prata. Atualmente, o espólio conhecido encontra-se repartido entre o Museu Municipal Abade Pedrosa, a Faculdade de Ciências do Porto e diversos particulares e é composto por quarenta e cinco peças - quarenta e quatro objetos cerâmicos e uma pulseira de vidro. As cerâmicas, do ponto vista formal dividem-se em cinco grupos - pratos, taças, copos, jarros / púcaros, bilhas. Como elemento cronológico de referência para a datação da necrópole merece destaque a alusão à recolha de cinco moedas, cujo paradeiro se desconhece, descritas pelos autores da seguinte forma - (...) *2 médios bronzes, do imperador Alexandre Severo (222-234); 1 duplo denário do imperador Galieno (263-266); 1 médio bronze e 1 médio ou grande bronze, romanos imperiais, inclassificáveis* (...) - (CRUZ 1940, 214), assim como um prato de terra sigillata africana tipo Hayes 67 datado da 2ª metade do séc. IV - 1ª metade do séc. V.

Bibli. CRUZ 1940, 214; 1982, 26-27; SANTARÉM 1952, 105-111; CARDOZO 1961, 50-69; 1970, 13-25; ALMEIDA 1969, 44; ALARCÃO 1988, 19, n.º 1 / 346; MOREIRA 1995a, 85, est. XXIV n.º 85; 2007, 40-41, 144-145; 2010, 251-261, est. XXII.

MAMOA DE MONTE GRANDE, ALVARELHOS, TROFA
<i>Coordenadas geográficas</i>
<i>Lat. - 41° 17′ 10″ N</i>
<i>Long. - 8° 37′ 10″ W (meridiano de Greenwich)</i>
<i>Alt. - 194 m (CM 1:25 000, S.C.E., fl. 97 - Bougado, S. Martinho, 1975)</i>

Túmulo megalítico localizado nas imediações do Castro de Alvarelhos, concretamente no sopé da elevação denominada por Monte Grande que integra a vertente leste da Serra de Santa Eufémia

(MOREIRA 1991, 27, est. I; JORGE 1982, 768, 790, 794)⁸⁶. Trata-se de uma mamoa de planta circular, com cerca de 36 m de diâmetro, com cratera de violação onde são visíveis dois esteios, mas cuja estrutura interna se desconhece. Foram vários os materiais cerâmicos e líticos recolhidos no local que se encontram hoje em depósito no Museu Nacional de Arqueologia, no Museu do Instituto de Antropologia, na Câmara Municipal de Vila do Conde (Gabinete de Arqueologia) e no Museu Municipal Abade Pedrosa. Entre os materiais cerâmicos merecem destaque um vaso hemisférico liso e grupo de fragmentos decorados através de puncionamento arrastado, que Susana Oliveira Jorge enquadra nas organizações temáticas III a VI (JORGE 1986, 821). Os materiais líticos encontram-se representados por um machado polido de planta trapezoidal, alongado e secção elíptica e dois fragmentos de braçal de arqueiro.

Bibli. JORGE 1982, 768, 790, 794; MOREIRA 1991, 27, est. I; 2007, 40; 2010, 335.

CASTRO DA TORRE, AREIAS, SANTO TIRSO
<i>Coordenadas geográficas</i>
<i>Lat. - 41° 21′15″ N</i>
<i>Long. - 8° 28′ 38″ W (meridiano de Greenwich)</i>
<i>Alt. - 50 m (CM 1:25 000, SCE, fl. 98 - Santo Tirso, 1977)</i>

O Castro da Torre encontra-se implantado sobre um pequeno promontório sobranceiro à margem direita do rio Ave⁸⁷. Possui vertentes relativamente abruptas com exceção da face nordeste que configura a ligação ao interior. A acrópole, relativamente plana e extensa, apresenta uma planta ovalada, atualmente muito alterada devido à construção de um muro de sustentação de terras para a criação do adro da capela. A sua localização permite o acesso a terrenos agrícolas de aptidão agrícola elevada, formados pelos depósitos aluviais do rio Ave. No momento da construção de uma habitação, na encosta sudeste do povoado, na década de 70 do século passado, surgiu, a cerca de três metros de profundidade - (...) *“uma rua lajeada, muita cerâmica e pedras aparelhadas”* (...). Na abertura do caminho de acesso à capela também se identificaram “alicerces de casas e muita cerâmica”. A análise dos materiais cerâmicos e as características topográficas do terreno apontam para uma ocupação da Idade do Ferro, período romano e época medieval. Desta última há notícia da existência de uma torre ameaada, demolida no séc. XIX, para reutilização dos materiais construtivos na edificação da ponte sobre o rio Ave (LIMA 1956, 225-227)⁸⁸. O conhecimento oficial da existência da estação arqueológica por parte da Câmara Municipal remonta, pelo menos, à década de cinquenta, momento em que o então Presidente da edilidade, Alexandre Lima Carneiro, sugeriu a sua aquisição (Sessão de 12 de abril de 1955).

Relativamente à ocupação da Idade do Ferro o conhecimento atual decorre apenas da análise e interpretação de materiais de superfície que remetem para uma cronologia relativa à Fase 2 da II Idade do Ferro. Apesar de se desconhecer a sua estrutura organizativa e respetivo sistema defensivo, as restantes características permitem

^[81] A trasladação da igreja de S. Salvador de Monte Córdova para o lugar de Quinchães terá ocorrido entre 1624 e 1651, momento em que Frei Leão se refere ao processo de transferência da seguinte forma - (...) Poucos annos há, que a dita igreja do Salvador se mudou do alto do monte para outra parte da freguezia, aonde parece que ficuava mais accommodada pêra serviço dos Parrochianos, que são mais de quatrocentos (...) - (TOMÁS 1974, 161).

^[82] O lugar de Quinchães localiza-se nas imediações do povoado, cujo topónimo conservou a referência à sua ancestral ocupação, certamente relacionado com o Castro do Padrão, cuja origem etimológica se vincula a um possessor romano (latino) Villa Quintilianis (matriz de Quintum) - Quintilianis / Quintianis / Quinchães. Evolução fonética por palatização do grupo “ti”, após queda do l intervocálico.

^[83] A construção da capela do Senhor do Padrão data de 1738. Corresponde à última intervenção construtiva registada na área arqueológica (CORREIA 2004, 4; MOREIRA 2005, 57).

^[84] A capela dedicada a S. Marçal foi erigida numa pequena elevação localizada junto da plataforma intermédia. A construção do edifício é datada de 1605 e foi obra de Ana de Mendonça, então abadessa do mosteiro de S. Salvador de Vairão, cujo cenóbio foi detentor do direito de apresentação da reitoria de Alvarelhos até 1834. José Fortes, nos finais do séc. XIX conheceu a ermida em ruínas, aludindo à sua pequena dimensão e a uma inscrição gravada no lintel da porta de entrada, já então deslocada do seu sítio de origem. Segundo a transcrição do autor na epígrafe lê-se - “ESTA OBRA MANDOU ERIDIFICAR ABBADESA 1605 DONA ANA DE MENDONÇA” (FORTES 1899, 8). Martins Sarmento, que visitou o local e o descreveu com pormenor, refere-se à capela de S. Marçal apenas como estando desprovida de telhado, pelo que deveria ainda conservar-se estruturalmente integra no momento da sua visita, em 1878 (SARMENTO 1970, 49).

tardorromana. Referimo-nos, em particular, às *cerâmicas de engobe vermelho de verniz não vitrificável*, às cerâmicas comuns de mesa e de armazenamento, às lucernas de fabrico local ou regional e às cerâmicas pintadas. A mesma observação é válida ao nível das cerâmicas de importação, quer de *sigillatas* africanas quer hispânicas, que revelam a mesma representação percentual ao nível das formas e horizonte cronológico.

(...) Na zona 1.2, situada entre vários penedos, foram identificadas as seguintes fases arqueológicas - 1. Camada vegetal. 2. Camada alterada pelas raízes das árvores. 3. Camada de terras pretas. 4. Camada formada por derrube de pedras. 5. Buracos de poste. 6. Afloramento. As primeiras duas fases desta sondagem correspondem a níveis contemporâneos com materiais romanos dos séculos IV-V. A fase 3 corresponde a um nível de escorrimento de terras com materiais exclusivamente romanos, correspondentes aos séculos IV-V. As fases 4 e 5 oferecem menos materiais embora correspondentes também à época tardorromana. O nível de buracos de poste (Sondagens 11 e 14) pode estar estruturado com um pequeno muro e alguns penedos próximos. É provável que possa corresponder a uma estrutura agrícola de época tardorromana. Entre os materiais mais significativos encontrados nesta zona destacam-se 3 moedas do séc. IV, fragmentos de lucernas, terra sigillata, imitações de sigillatas, cerâmica pintada, cerâmica comum, vidros, tesselas de mosaico e fragmentos de materiais de construção - imbrex e tegulae - todos de época tardorromana. (...) (MENÉNDEZ; TEIXEIRA; FONSECA 2002, 4-5).

Em 2002, enquadradas no plano de trabalhos que tem por título - *Projeto de Estudo e Salvaguarda da Estação Arqueológica de Monte Padrão e Área Arqueológica de Monte dos Saltos* -, desenvolveram-se escavações arqueológicas com vista à avaliação do potencial arqueológico da plataforma intermédia da vertente sul.

(...) A área intervencionada recebeu a denominação de Monte dos Saltos 02B, perfazendo uma área total de 32 m2 dos quais foram intervencionados 16 m2. A quadrícula foi estabelecida para toda a plataforma intermédia, onde decorreu a escavação, segundos os eixos ortogonais, Norte/Sul e Este/Oeste, sendo que o primeiro estabelece a divisão entre o sector A / C e os sectores B / D e o segundo divide os sectores A / B dos sectores C / D, a partir do qual se desenvolve a quadrícula geral subdividida em quadrados de 4 m2. A área escavada delimita-se, em termos de referênciação, pelas

coordenadas A e as abcissas 1 - 9, tendo sido apenas intervencionados os Qs. A1, A2 / A 8, A9. A metodologia de escavação consistiu na decapagem horizontal dos estratos naturais, tendo por base uma quadrícula 8 m², mantendo-se, para efeito de referênciação, a quadrícula de 4m². A escavação foi acompanhada pela execução de planos e de registo fotográfico para cada estrato natural e pela realização de um posicionamento tridimensional dos materiais mais significativos, com referência a uma coordenada, uma abcissa e um posicionamento altimétrico.

A intervenção decorreu na plataforma intermédia da face leste, sobranceira à área intervencionada no âmbito do “Projeto de remodelação da linha de Guimarães, Troço – Santo Tirso / Lordelo”, levada a efeito pelas Arqueologia e Serviços e Arqueologia e Património em 2001. Os objetivos inicialmente definidos para a intervenção podem hierarquizar-se nos seguintes pontos;

- Identificar e confirmar a ocupação romana sugerida pelas várias fontes bibliográficas e, sobretudo, pelos resultados da intervenção acima mencionada⁹⁶.
- Recolher elementos de ordem crono-estratigráfica que permitissem contextualizar um conjunto de estações de época romana identificados na margem direita do rio Ave, no espaço administrativo de Santo Tirso. Os resultados, conforme dá conta o respetivo relatório, foram inconclusivos, uma vez que nas duas sondagens executadas, numa área total de 16 m², não foi detetado qualquer vestígio de ocupação, tendo resultado a intervenção na recolha de duas dezenas de fragmentos de cerâmica, muito rolados, de época contemporânea, sem expressão formal e cronológica precisa. A estratigrafia identificada resume-se a duas camadas, sendo a primeira de terra vegetal de cerca de 7/8 cm de espessura e a segunda de saibro muito argiloso completamente estéril, que, no entanto, foi escavada até à profundidade de 70 cm. Ficou por explicar a abundância de espólio recolhido na intervenção de salvamento já anteriormente referida, sobretudo se valorizarmos o facto de o local da sua implantação corresponder à área mais periférica e declivosa de todo o promontório.

Todavia, estamos certos da ocupação romana da estação de Monte dos Saltos, que, muito provavelmente, se encontrará na plataforma superior e/ou na face nordeste. (...) (MOREIRA 2003).

Merece ainda referência a identificação de uma estela em granito inclusa na face sul da igreja paroquial de Sequeiró. No mesmo local encontram-se depositados inúmeros materiais líticos, provavelmente recolhidos no Monte dos Saltos (mós rotativas e de naveta, estelas discóides, etc.).

Bibli.
SARMENTO 1888, 7; CRUZ 1896, 292; PIMENTEL 1902, 349;
LIMA 1940, 103; CARNEIRO 1955, 452; HIPÓLITO 1960-61, 124;
MONTEIRO 1985- 5/6/7, 3; SILVA 1986, 83, n.° 339; ALARCÃO 1988,
20, 1/356; LEMOS 1989, 10- 11/14; PEREIRA; BOST; HERNARD
1974, 307, n.° 62; ALARCÃO 1988, 20, n.° 1/356; DINIS 1993, 104,
n.° 5; MENÉNDEZ; TEIXEIRA; FONSECA 2002; MOREIRA 1991a,
28-34; 1992, 15-34; 2003; 2004, 41-42; 2004a, 61; 2007, 23-24;
2010a, 293; 2013d, 127-130; 2014, 116-120.

MOSTEIRO DE S. PEDRO DE RORIZ, RORIZ, SANTO TIRSO

Coordenadas geográficas

Lat. - 41° 20' 43,7'' N

Long. - 8° 22' 47" W (meridiano de Greenwich)

Alt. - 230 m (CM. 1:25 000, SCE, fl. 98 - Santo Tirso, 1977)

Imóvel classificado como Monumento Nacional (Dec. 16 de junho de 1910), beneficia de uma Zona de Proteção de 50 m estabelecida pelo n.º 3 do art.º 22, da Lei 13/85).

A configuração atual do imóvel é composta pela igreja, cuja estrutura revela uma nave de planta retangular, alongada e cabeceira de dois tramos com remate circular pelo exterior e poligonal pelo interior. O corpo e a capela-mor possuem alçados bastante elevados, sendo a nave coberta por telhado de duas águas e a cabeceira por abóbada de arestas radiais, incidindo nos ângulos do polígono interior da abside. Do lado sul da cabeceira encontra-se anexo um corpo mais baixo, de planta retangular com cobertura de telhado de duas águas, que serve atualmente de sacristia. Este aposento, que era a antiga Sala do Capítulo, delimitava pelo lado nascente o desaparecido claustro que após as obras de restauro apresenta na frontaria do mesmo lado, duas janelas, uma porta central, um arco quebrado com duas arquivoltas, e uma pequena rosácea na parede sul. Do lado norte da nave desenvolvem-se as ruínas da antiga igreja cemiterial de Santa Maria, de planta retangular com campanário de tripla ventana no topo norte e portal de arco quebrado com duas arquivoltas na parede leste. A fachada principal da igreja apresenta um portal de arco quebrado com três arquivoltas decoradas com bolas assentes em três colunas, duas das quais prismáticas. Possui tímpano liso, apoiado em consolas que representam cabeças de bovídeos. No alto, abre-se uma grande rosácea decorada com bolas e temas vegetalistas de talhe biselado. A empena, de duas águas, apresenta cornija decorada com bolas e remate encimado por cruz recortada. A fachada lateral norte da nave revela uma pequena porta de duas arquivoltas em arco quebrado, um nível de mísulas lisas de apoio de um antigo coberto lateral, e três frestas muito altas e estreitas. A fachada lateral sul possui duas portas.

O estudo da arqueologia da arquitetura, desenvolvido por Manuel Real e Pedro Sá, identificou cinco fases construtivas balizadas entre finais do séc. XII e finais do 3º quartel do séc. XIII. Todavia, vestígios arquitetónicos identificados nas obras de restauro promovidas pela DGEMN, em 1936, permitem confirmar a existência de um edifício anterior, de acordo com a documentação conhecida, cuja datação proposta se reporta a finais do séc. XI.

Bibli.
AZEVEDO 1938; REAL; SÁ 1982; CORREIA 1997; ALMEIDA 1976, 486; SANTARÉM 1955, 275-284; ALMEIDA 1972, 29, 33; 1978, 259-260; 1986, 82-84; MOREIRA 2014, 151-155.

MOSTEIRO DE SANTO TIRSO, SANTO TIRSO

Coordenadas geográficas

Lat. - 41° 20' 45" N

Long. - 8° 28' 11" W (meridiano de Greenwich)

Alt. - 50 m (CM 1:25 000, SCE, fl. 98, 1977 - Santo Tirso)

Imóvel classificado como Monumento Nacional (Igreja do Mosteiro de S. Bento, convento, cerca e cruzeiro processional - Dec. 16-06-1910, DG 136 de 23 de junho de 1910; Dec. n.º 38 491, DG 230 de 6 de novembro de 1951 e Dec. n.º 28/82, DR 47 de 26 de fevereiro de 1982) (Zona de Proteção de 50 m estabelecida pelo n.º 3 do art.º 22, da Lei 13/85 de 6. 7).

A ocupação alto-medieval identificada no atual concelho de Santo Tirso, no seguimento de uma longa presença humana documentada de forma sequencial desde o estabelecimento das primeiras comunidades de agricultores, enquadra-se no âmbito do processo de reconquista cristã implementado por Afonso III (866-910). Na região de entre Douro e Ave, esta nova fase tem início em 868 com a presúria de *Portucale* por Vimara Peres. A partir destas incursões militares, a fronteira cristã avançou até ao limite meridional da antiga Galécia, assistindo-se à reorganização do território, nomeadamente através do repovoamento de Braga, a fundação de Guimarães e a concretização de diversas presúrias em toda a região norte, na qual se destaca a de Chaves pelo Conde D. Odário.

Durante o séc. IX as forças Ásturo-leonesas continuaram as ações militares para sul acabando por controlar a área compreendida entre o rio Minho e o rio Mondego. No final do séc. X, esse largo domínio foi reduzido pelas vitoriosas investidas de Almançar que fizeram retroceder a fronteira cristã de novo até à margem esquerda do Douro, sendo também frequentes os ataques de Normandos na costa norte. Esta conjuntura de significativa instabilidade militar terá favorecido o desenvolvimento de um processo de construção de redutos defensivos de iniciativa popular que a historiografia consagrou como de *incastellamento*, cuja implantação das fortificações, próxima dos locais mais povoados, utilizaram espaços estratégicos e de grande controlo visual sobre a envolvente, nomeadamente as vias de comunicação, fluviais e terrestres, coincidindo muitas vezes, com antigos povoados da Idade do Ferro. Apesar de estruturalmente mal conhecidos, este tipo de equipamentos defensivos, anteriores ao castelo românico, muito rudimentares do ponto de vista construtivo, constituíram uma malha densa, bem representativa da dinâmica populacional da região, cuja importância estratégica se reflete na forma como recorrentemente são referenciados na documentação da época, onde são identificados como *Mons*, *Castro* e, excecionalmente, *Castelo*. Em síntese, no período que antecedeu à intervenção de Afonso III, quando a região era assediada por muçulmanos e normandos, os antigos castros serviram de refúgio temporário às comunidades de pastores e agricultores.

Posteriormente, com o incremento da reconquista cristã e a reorganização administrativa do território, nomeadamente através da criação dos *territoriae* e das *civitates*, assiste-se à personificação dos destinos militares, concentrados agora num castelo governado por um nobre, mas cuja existência, numa primeira fase, não terá anulado o papel das fortalezas de iniciativa popular, mas, pelo contrário, terá promovido um novo enquadramento ao processo de reconquista, sobretudo nas zonas de fronteira. Com o estabelecimento dos Condes delegados a situação alterar-se-ia, assistindo-se à criação de fortalezas exclusivamente militares, cuja principal vocação consistia no controle e vigilância dos povoados e respetivo território, garantindo a submissão dos habitantes que poderiam dessa forma usufruir de maior segurança, embora, eventualmente, de menor liberdade.

Nesta conjuntura enquadra-se também o fenómeno de fundações monásticas promovidas pela aristocracia condal e outros agentes proeminentes da sociedade. Constituía, na sua maioria, pequenos

⁹⁶ Referimo-nos em concreto a um amplo conjunto de cerâmicas de importação, assim como espólio vítreo, numismático, e musicário recolhido no âmbito da escavação que reflete uma intensa ocupação tardorromana (MENÉNDEZ; TEIXEIRA; FONSECA 2002). A estes elementos haverá que acrescentar importantes referências bibliográficas reveladoras de uma extensa ocupação, em particular os trabalhos desenvolvidos pelo Abade Pedrosa (LIMA 1940, 103; HIPÓLITO 1960, 61).

ESTAÇÕES ARQUEOLÓGICAS

cenóbios de tipo familiar compostos por um exíguo templo e uma reduzida comunidade de religiosos, facto que deu origem a que muitos deles tenham tido uma curta existência ou se tenham transformado em simples igrejas paroquiais. A sua expressão no seio da sociedade alto-medieva assume vários planos e níveis de interesse que extravasa o de centro de religiosidade, afirmando-se também no plano cultural, político, económico e simbólico como polos agregadores da sociedade. Os seus patronos, para além de beneficiarem de apoio espiritual e religioso, garantiam uma sepultura num espaço sacralizado, participavam nos rendimentos gerados e dos proventos oriundos de domínios territoriais crescentes, assim como do poder de legitimação perante a sociedade, decorrente da relação privilegiada com o poder divino⁹⁷.

Neste cenário geopolítico identificam-se no território tirsense vários mosteiros anteriores à nacionalidade, cuja origem partilha da mesma conjuntura geográfica, política, militar e administrativa, documentando um processo de estruturação e ocupação do território com soluções diversificadas e bem articuladas⁹⁸. A sua localização estabelece uma relação de subsidiariedade com os povoados, a rede viária, a disponibilidade de acesso a recursos diferenciados e, naturalmente com as estruturas defensivas preexistentes. Até meados do séc. XI persistiu uma grande quantidade de pequenos mosteiros familiares, certamente mais próximos dos meios populares do que as grandes abadias protegidas pelos condes e magnates, como se verificaria na região com a fundação e crescimento do mosteiro tirsense, vinculado à família dos Maias. Nas últimas décadas do século XI, concretamente a partir de 1080, com a chegada dos cluniacenses, difusores da liturgia romana, da Reforma Gregoriana e da *Regra de S. Bento*, iniciou-se um processo de transformação do panorama monástico, no qual os pequenos cenóbios ou optaram pelas novas ordens, como foi o caso do mosteiro de Santo Tirso que adotou a Regra Beneditina em 1090, ou foram, progressivamente conduzidos à extinção. Todavia, aqueles que perfilharam as novas observâncias conheceram um novo impulso. Os fundamentos em que assentava a *Regra de S. Bento - Ora et Labora* – conduziram as comunidades a empenharem-se na solenização do culto, no incremento de um maior número de manifestações litúrgicas, na melhoria do nível de vida da comunidade, numa maior atividade económica e na criação de edifícios mais amplos e melhor cuidados a nível artístico.

É neste contexto histórico-geográfico que se inscreve a fundação e o desenvolvimento do mosteiro de Santo Tirso, cumprindo o preceituado básico das regras monásticas, no qual o convento deveria implantar-se num local com terras agrícolas disponíveis, beneficiar de abundância de água e estar próximo de bosques, de forma a propiciar a autossuficiência e a vida recatada da comunidade. Implantado sobre um pequeno outeiro na margem esquerda do rio Ave, ladeado a leste pela Ribeira do Matadouro, que topograficamente o destaca na vertente inferior da Serra de Monte Córdova, com acesso a extensos terrenos de natureza aluviar de elevada aptidão agrícola que marginam o Ave, de áreas de floresta na envolvente, que a paisagem atual ainda pontualmente preserva, assim como de um certo isolamento, uma vez que a via medieval de ligação do Porto a Guimarães só se concretizaria em

data posterior à sua fundação, o local de implantação do mosteiro de Santo Tirso reunia as condições ideias. Desde a sua formação ao advento da industrialização, operada na região a partir da segunda metade do séc. XIX, que originou uma profunda transformação do território, o mosteiro marcaria a zona de separação entre o *ager*, os terrenos agrícolas da várzea fluvial, e o *saltus*, a zona superior de bosque onde se recolhem matos e lenhas, para acomodação de animais e produção de materiais de construção e matéria-prima para aquecimento.

O seu desenvolvimento económico consolidou-se a partir da doação do couto, em 1097, cujo património foi progressivamente ampliado através de inúmeras doações e da aplicação de uma política contínua de aquisição de terrenos, fortemente incrementada a partir da reforma da Ordem, em particular de propriedades confinantes com a Cerca ou localizados nas suas imediações, como bem documenta a aquisição da Quinta de Varziela, da Quinta do Penedo, da Quinta de Pereiras e da Quinta da Batalha. Enquanto território isento de direitos e com forte autonomia jurídico-administrativa, o couto ultrapassava os limites do próprio mosteiro, materializado pela cerca que limitava a Quinta de Dentro e a Quinta de Fora, concretizando os verdadeiros limites do mosteiro. Esse espaço disponibilizava tudo o que era necessário para que se desenvolvesse como um potentado económico na região, autossuficiente, porque era detentor de extensos terrenos agrícolas de elevada potencialidade e bem irrigados, uma significativa área florestal, um rio como fonte de energia e com abundantes recursos piscícolas, um território bem estruturado ao nível da rede viária e uma localização estratégica na região, equidistante dos principais centros de decisão – Porto, Braga e Guimarães.

Decorrente da sua existência milenar, o complexo edificado atual, como é frequente em monumentos similares, resulta de múltiplas intervenções de diferente cronologia, informadas por várias sensibilidades estéticas, colocando em evidência que a paisagem construída resultou de um processo contínuo, que apesar de ter conhecido períodos de estabilidade aparente, exprimindo a solidez da comunidade que a moldou, revela um dinamismo constante, derivado de distintos modos de apropriação da realidade material e de diferentes ritmos económicos, culturais e mentais que caracterizaram a Ordem de S. Bento ao longo do tempo, e este mosteiro em particular.

As soluções arquitetónicas patentes no mosteiro de Santo Tirso refletem na plenitude a sua adequação aos preceitos da vida em comunidade, formulados pelos ideais cluniacenses de clausura e recolhimento absoluto⁹⁹, sendo no entanto importante referir que a organização padronizada dos espaços por referência ao modelo ideal só se fixou com a construção de todo o complexo que teve início a partir da segunda metade do séc. XVII e mantida de forma consistente no edificado subsequente, no qual se reconhece uma exuberante expressão monumental, quer nos programas construtivos quer nos conteúdos artísticos, em que os edifícios, a cerca, os jardins e a paisagem agrícola se articulam numa verdadeira “obra de arte total” que conforma magistralmente o referencial da regra beneditina “*ora et labora*”.

Neste sentido, o mosteiro de Santo Tirso, à semelhança dos seus

congéneres, incorpora o conceito de “perfeição utópica”, na qual a síntese espiritual da Ordem Beneditina se encontra patente no programa do edificado, revelando características que podem, em certa medida, ser entendidas como uma materialização da própria Regra¹⁰⁰. Verifica-se na sua planta que todas as edificações e demais espaços que compoñham o universo do mosteiro estão ordenados de forma setorizada. A Igreja, uma vez que acolhia também a comunidade laica, localizava-se à margem do complexo monacal, limitada pelas outras construções interditas aos leigos, como, por exemplo, os claustros instalados na face sul, em torno dos quais se disponham diversos espaços com funções específicas - os dormitórios, a livraria, o cartório, a sala do capítulo, o noviciado, a escola, o refeitório, a cozinha e os serviços com eles relacionados. Fora deste núcleo, os celeiros e a adega, a sala do “recibo” a enfermaria, a hospedaria, a botica, estrebarias, diversas oficinas, hortas e pomares. O programa respondia à necessidade e a um desejo de recolhimento e isolamento da comunidade conventual em relação à comunidade laica, à vida reclusa dos seus monges e à autossuficiência do mosteiro.

A ordenação espacial do conjunto é formada por volumes adicionados em diferentes momentos, organizados por um eixo cartesiano principal e outro secundário que definem uma ortogonalidade rígida em toda a composição. O eixo principal (sudoeste - nordeste) organiza os diversos prismas da fachada principal e a orientação da igreja, enquanto o eixo (noroeste - sudeste) circunscreve os blocos que compõem os claustros, jardins, arruamentos internos e, *grosso modo*, os edifícios que constituíam a antiga botica.

Considerando a preponderância da organização linear ditada pelo sentido longitudinal dos blocos que compõem os claustros, os vínculos formais entre as partes, tal como os conhecemos atualmente, foram definidos pela introdução de um bloco de conexão e enceramento da composição, paralelo ao volume da igreja, constituído pelas hospedarias que, para além de cumprir uma função objetiva, satisfazia um dos principais preceitos do postulado de clausura, como bem expressou o estadista que documentou a sua construção no relatório trienal relativo ao abaciado de D. Frei Plácido de S. Bento (1737-1739) - (...) *E outro sim, porque dispõem a nossa Constituição não possuem entrar mulheres nas hortas imediatas ao Mosteiro, muito mais quando se não achão separadas com muro ou parede. Respeitando a extensão do Mosteiro como o choristado que de novo se fes, assignamnos por clausura exterior em cujo districto se não poderá tolerar o ingresso das mulheres...* (...).

Bibli.

PIMENTEL 1902; BARROS 1919; CRUZ 1951-1952, 177-186; SOUSA 1951-1952, 227-232; 1992;FEIO 1956-1957, 7-19; PASSOS 1956; 1956-1957, 251-252; SMITH 1972; CONDE 1973; TOMÁS 1974; RAMOS 1982; 1984, 159-186; MARQUES 1982, 209-232; OLIVEIRA 1982, 131-179; SILVA 1982, 297-305; MORENO 1982, 157-170; MATTOSO 1982, 281-295; 1995; 2000, 202-205; 2002; DIAS 1993, 95-133; 2000, 208; s/d, 235-247; REAL 1992, 118-132; MOREIRA 1995, 332-339; MELO 1995, 235-247; s/d, 235-247; PASCUAL 1998, 237-246; OLAIO 2002, 390-405; ABREU 2003, 803-822; 2010, 557-583; ANTUNES 2005, 295-308; MOREIRA 2005, 9-25; BARROCA 2006, 137-160; CORREIA 1991; 1998, 11-24; 2008; 2012; OLIVEIRA, 2006; MARQUES 2011; SOUZA 2011; VIEIRA 2012.

FÁBRICA DE FIAÇÃO E TECIDOS DE SANTO TIRSO, SANTO TIRSO

Coordenadas geográficas

Lat. - 41° 21′ 0.7″ N

Long. - 8° 28′ 32″ W (meridiano de Greenwich)

Alt. - 43 m (CM 1:25 000, SCE, fl. 98, 1977 - Santo Tirso)

Vista da Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Tirso, Santo Tirso, Portugal

O processo de industrialização do Vale do Ave teve início em meados do séc. XIX e foi implementado pela burguesia industrial e comercial da cidade do Porto, que reconhecia na região condições favoráveis ao recrutamento de mão-de-obra de baixo valor, pouco mobilizada pelas lutas operárias e detentora de uma longa tradição de produção têxtil artesanal à base de linho. Aliada a estas condições a disponibilidade de água proveniente da extensa bacia hidrográfica do rio Ave e a posterior construção da linha férrea (Porto-Fafe), tornaram os projetos industriais viáveis, reunindo-se, desta forma, as condições necessárias para a instalação das grandes “maquinofaturas” têxteis, primeiro movidas a energia a vapor, e depois a energia elétrica. Em função das características da região, as fábricas disseminaram-se pelo Vale do Ave, privilegiando espaços onde se conjugavam fatores propiciatórios para a instalação dos cuidados fabris, nomeadamente a existência de cursos de água necessários ao aproveitamento de energia hidráulica e a outras operações industriais, vias de comunicação de acesso aos mercados de aprovisionamento e de distribuição de matérias-primas, existência de potencial humano e disponibilidade de áreas para construção dos estabelecimentos industriais.

Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Tirso, Santo Tirso, Portugal

Este fenómeno foi muito distinto do convencional processo que a historiografia consagrou como “revolução industrial” que, por norma, associa a industrialização a um forte incremento de urbanização. No Vale do Ave, as fábricas localizaram-se ao longo dos rios e do caminho-de-ferro, originando uma forte concentração fabril, onde a produção industrial mobilizava grandes e pequenas empresas que frequentemente recorriam a trabalho ao domicílio.

Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Tirso, Santo Tirso, Portugal

A Fábrica de Fiação de Tecidos de Santo Tirso nasceu de uma disposição testamentária do Conde de S. Bento, executada pelo seu sobrinho José Luís de Andrade. Este benemérito tirsense deixou um legado destinado à construção, na vila de Santo Tirso, de uma fiação de algodão, a exemplo da Fábrica do Rio Vizela. No contrato estabelecido com a Santa Casa da Misericórdia de Santo Tirso, datado de 21 de fevereiro de 1894, identifica-se esta instituição como obrigada a executar a vontade testamentária do Conde. O concurso lançado em 1895 foi ganho pela sociedade “Vavasseur, Hagreaves & Costa, em comandita”.

A escritura celebrada no ano seguinte, a 26 de maio, transferiu para a sociedade parte dos terrenos da Quinta de Fora, propriedade do antigo mosteiro beneditino, e o capital inicial de 10.000\$000 reis, que seria duplicado pela sociedade.

A execução testamentária obrigava ainda a sociedade a empregar 50 trabalhadores locais. A construção do espaço fabril iniciou-se ainda em 1896. Dois anos depois, o engenheiro inglês Thomaz Heywood, montava uma máquina a vapor e iniciava-se a produção. A sociedade vencedora do concurso era composta por doze sócios, industriais e comerciantes de Santo Tirso e da cidade do Porto – Tomáz Hagraves, industrial; Honoré Vavasseur, industrial; João Gualberto, industrial; Adriano de Sousa Trepa, Funcionário Público; António Gualberto Soares, industrial; António José de Sousa Guimarães, comerciante; António Ribeiro Moreira, comerciante; Eduardo Veloso de Araújo, proprietário; Júlio de Moura Monteiro, proprietário, Dr. José de Sousa Coelho, médico; Felisberto de Moura Monteiro, capitalista;

^[1] No Noroeste Peninsular o monaquismo pré-beneditino foi, basicamente, um estado de vida regulado por códigos monásticos, como os de Santo Isidoro e de São Frutuoso, e por normas de direito eclesiástico, como as dos Concílios de Lérida (546), III, IV e IX de Toledo (589, 633, 655), II de Sevilha (619).

^[2] Refojos de Riba D’Ave (S. Cristóvão) - Mosteiro familiar cuja datação será anterior a 1036. Inicialmente ligado à família Raupário Jeremias por sucessivas alianças ligou-se à família dos Maias. Constitui um pequeno mosteiro de tipo familiar que se converteu em igreja paroquial numa data imprecisa balizada entre 1263 e 1320.

^[3] Monte Córdova (S. Salvador) - Mosteiro fundado no século X, associado à família de S. Rosendo, tendo sido criado por iniciativa do próprio santo. A sua fundação, segundo Frei Benito de La Cueva, terá ocorrido em 934.

^[4] Burgães (Monasterium Burguaes) - Documentado desde 1120.

^[5] S. Tiago de Landim, Areias - Já existia em data anterior a 991. Extinguiu-se no hiato compreendido entre 1016 e 1057, tendo-se transformado em igreja paroquial.

^[6] S. Pedro de Roriz - Manuel Real identifica a fundação do Mosteiro em data imprecisa na segunda metade do século XI.

^[7] S. Miguel de Vilarinho - Datado de 1070 por Frei Timóteo dos Mártires. Uma referência documental de 1120 menciona-o em simultâneo com os mosteiros de Roriz e de Burgães.

^[8] A clausura e o recolhimento absoluto contribuíam para a entrega total ao culto divino na vida contemplativa, nesse sentido, o programa de todo o conjunto edificado definia uma orgânica funcional em que a maioria dos lugares não era acessível à comunidade laica, tornando o esquema de circulação extremamente rígido, garantindo dessa forma uma privacidade total.

^[10] De acordo com os costumesiros – conjunto de normas e disposições internas pelas quais se deviam reger os monges –, que ao longo do tempo constituiram uma expressão mais alargada da Regra de S. Bento, indispensáveis para o bom funcionamento da comunidade, para além da Missa Conventual, as comunidades celebravam diariamente a Liturgia das Horas, composta por um conjunto de 7 ofícios distribuídos ao longo do dia: Vigílias (celebrada às 4:30 da manhã), Laudes (6:20), Terça (9:20), Sexta (11:15), Noa (15:00), Vésperas (17:15) e Completas (19:25). Entre as orações eram realizadas as restantes atividades. O trabalho, segunda principal função estabelecida pela Regra, podia ser de diferente natureza - intelectual ou manual – sempre executado de forma organizada e em silêncio.

Maria Emília de Jesus Magalhães, proprietária; Diogo José Cabral, proprietário; Victor Haettich, industrial. A primeira gerência da empresa foi constituída por Tomáz Hargreaves, engenheiro de filiação inglesa; Honoré Vavasseur, alsaciano e diretor técnico da Fábrica de Fiação e Tecidos do Rio Vizela e João Gualberto Costa, industrial portuense. A fábrica ficou concluída em 1900. Neste ano instala-se a luz elétrica no estabelecimento fabril, que em breve chegaria à outrora vila de Santo Tirso. Durante o século XX a Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Tirso adotou várias designações fruto da sua história. A empresa verticalizou o seu processo produtivo, tornando-se o algodão a principal matéria-prima.

Após três décadas de laboração, pontualmente abalada pela conjuntura económica e política do país - designadamente o período de implantação da 1.ª República, a 1.ª Guerra Mundial e a crise de 1929 -, a partir de 1939, a Fábrica iniciou um novo ciclo, embora interrompido pela morte do seu administrador, António José da Silva Teles Júnior. Sucedeu-lhe na gerência o seu filho, António Borges da Silva Teles. Volvidos três anos, a empresa lançou um projeto que marcou de forma indelével a unidade fabril, cujas obras de ampliação viriam a dar forma ao complexo industrial que chegou até ao momento de encerramento. Entre 1942 e 1945, ainda com a 2.ª Guerra Mundial como pano de fundo, António Borges da Silva Teles inicia a construção de um complexo conjunto arquitetónico de apoio à área de laboração - escritórios, armazéns, vestiários, oficinas de serralharia, mecânica e carpintaria para, posteriormente, duplicar a área de laboração com a construção da nova fiação e a ampliação da tinturaria.

Ainda em 1942, deu início à construção do primeiro grupo de habitações localizadas à face da Rua de Argemil (hoje Rua de S. Bento da Batalha), que viriam a formar o Bairro Operário composto por 49 habitações unifamiliares concluído em 1955, e posteriormente ampliado (1967) com nove moradias localizadas na Rua dos Muratinhos. O “bairro”, conforme vulgarmente se designava em Santo Tirso, tinha já sido iniciado pelo seu pai, António Teles, onde, no mesmo local, em 1930, edificou 4 grupos de casas geminadas. A intervenção do Arquiteto Sequeira Braga, chamado a remodelar e ampliar a fábrica, não foi apenas inovadora no complexo fabril, como também na Vila de Santo Tirso, onde projetou vários edifícios, como por exemplo, o Bairro dos Magistrados. Nas décadas de 1940 e de 1950, Sequeira Braga correspondeu ao propósito da administração de remodelação e ampliação da Fábrica com propostas construtivas que marcaram um novo *facies* da unidade industrial, que se mantiveram em funcionamento até ao seu encerramento. Com as mesmas caraterísticas arquitetónicas, que refletem as conceções estéticas do “modernismo português”, projetou o Bairro Operário, concluído em 1955.

Em 1970, verificou-se uma nova mudança na gestão da Fábrica cujos efeitos se fizeram sentir de forma generalizada em todos os setores da mesma. A saída de António Borges da Silva Teles foi colmatada pela incorporação do Eng.º Ireneu Moreira Pais e por Eduardo Leal na administração. A produção da “Fábrica do Teles” era destinada maioritariamente ao mercado nacional e às colónias. Após a revolução de 1974 a empresa orientou a sua produção para o mercado estrangeiro. A elevada qualidade dos seus produtos e as transformações técnicas do setor ao longo século XX garantiram-lhe um lugar de destaque entre a indústria têxtil da região, tendo os seus técnicos originado a criação de várias empresas ligadas ao setor.

Em 1984, numa fase em que a Fábrica já dava sinais de alguma fragilidade financeira, os novos administradores tentam inverter a situação introduzindo alterações significativas nos espaços laborais e nas linhas de produção de forma a ajustarem os serviços às necessidades de melhoria de produtividade. Todavia, o processo

de desindustrialização que atingiu o Vale do Ave nas décadas de oitenta e noventa do século passado provocou a falência da unidade industrial. A empresa encerrou as portas em 1993.

Bibli.
ARAÚJO; CASTRO 1986-1987; CARVALHO 2004; OLAIO; MOREIRA 1996; OLAIO 1997, 123-129; 2001; 2002, 390-405; MOREIRA 1993, 468-469.

BIBLIOGRAFIA

A

ABALAT, Blanca García Fernández (1990) - *Guerra y religión en la Gallaecia y la Lusitania antiguas*, A Coruña.

ABREU, Susana Matos (2003) - Livros e saber prático de um arquitecto do séc. XVII: a biblioteca de Fr. João Turriano e o mosteiro novo de Santa Clara em Coimbra, *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*, 1ª série, vol. 2, Porto, pp. 803-822. (2010) - A obra do arquitecto italiano Francesco da Cremona (c.1480-c.1550) em Portugal: novas pistas de investigação, *A Encomenda. O Artista. A Obra*, Coord. Natália Marinho Ferreira-Alves, CEPESE Porto, pp. 557-583.

ACUÑA, M. Villanueva (1993) - O *Ius Latii* e a transformación do hábitat galaicorromano, *Actas do Encontro científico en homenaxe a Fermín Bouza Brey (1901 -1973)*, Santiago de Compostela 1992, MPG, Noia, pp. 33-39.

AGUILLÓ, J. (1939-40) - La caetra y el scutum en Hispaniae durante la segunda Edad del Hierro, *Boletim del Seminario de Estudios de Arte y Arqueologia*, vol. VI, Valladolid, pp. 57-84.

ALARCÃO, Jorge (1970) - Abraded and engraved late-roman glass from Portugal, *Journal of Glass Studies*, 12, New York, pp. 28-34. (1971) - Mais algumas pequenas colecções de vidros romanos, *Conímbriga*, vol. X, sep., Coimbra. (1976) - Vidros romanos procedentes da Colecção do Rei D. Manuel, *Conímbriga*, vol. XV, Coimbra, sep. (1987) - Renovação urbana em Portugal: A formação de «Lugares centrais» em Portugal, da Idade do Ferro à Romanização, *Ciclo de Conferências - Cidades e História*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, pp. 35-71. (1988) - *Roman Portugal*, Warminster, England, vol. I, II, Fasc. 1. (1992) - A evolução da cultura castreja, *Conímbriga*, vol. XXXI, Coimbra, pp. 39-71.

ALARCÃO, Jorge; **ALARCÃO**, Adília (1963) - Quatro pequenas colecções de vidros romanos, *Revista de Guimarães*, vol. LXXIII, (3-4), Guimarães, pp. 1-23. (1965) - *Vidros romanos de Conímbriga*, Coimbra. (1966-67) - Achados na villa romana de Cardílio (Torres Novas), *Arquivo de Beja*, vol. XXIII-XXIV, Beja, pp. 58-88.

ALARCÃO, Jorge; **BARROCA**, Mário Jorge (2012) - Dicionário de arqueologia Portuguesa, Lisboa.

ALMAGRO, M. (1953) - *Las necrópolis de Ampúrias*, *Monografías Ampuritanas*, II, Barcelona.

ALMAGRO GORBEA, M.; **ÁLVAREZ SANCHÍS**, J. R. (2003) - La “sauna” de Ulaca: saunas y baxos iniciáticos en el mundo céltico, *Cuadernos de arqueologia de la Universidade de Navarra*, 1, Navarra, pp. 177-232.

ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado (1990) - *Proto-História e Romanização da Bacia Inferior do Lima*, Estudos Regionais, 7/8, Viana do Castelo. (1992) - *Plano Director de Vila do Conde - Relatório de arqueologia*, Vila do Conde, (policopiado). (1995) - *Plano Director de Vila do Conde - Relatório de Arqueologia*, Policopiado, Vila do Conde. (1996) - *Povoamento romano do Litoral Minhoto entre o Cávado e o*

Minho, VII volumes, Dissertação de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia, FLUP, policopiado, Porto. (2003) - *O povoamento romano do Litoral Minhoto entre Cávado e o Minho*, Porto.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira (1968) - *Vias Medievais de Entre-Douro-e-Minho*, Dissertação de licenciatura em História, FLUP, Policopiado, Porto. (1969) - *A romanização das Terras da Maia*, Estudos sobre a Terra da Maia, IV, Maia. (1972) - Notas sobre a Alta Idade Média no Noroeste de Portugal, *Revista da Faculdade de Letras do Porto*, 3, Porto, pp. 127-129. (1972a) - A Póvoa de Varzim e o seu aro na antiguidade, *Póvoa de Varzim - Boletim Cultural*, vol. XI (1), Póvoa de Varzim, pp. 5-34. (1972b) - *Primeiras impressões sobre a arquitectura românica portuguesa*, Porto. (1973) - Necrópole galaico-romana de Vila do Conde, *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Série História*, 4-5, Porto, pp. 209-222. (1974) - O monumento com forno de Sanfins e as escavações de 1973, *III Congresso Nacional de Arqueologia*, Porto, pp. 149-172. (1978) - *Casteologia medieval de Entre-Douro-e-Minho (desde as origens até 1220)*, Tese complementar de doutoramento, FLUP, policopiado, Porto. (1978a) - *Arquitectura Românica de Entre-Douro-e-Minho*, Dissertação de doutoramento em História da Arte, FLUP, Porto 1978, (policopiado). (1980) - A propósito de a «Galícia Sueva» de Casemiro Torres, *Gallaecia*, n.º 5, Santiago de Compostela, pp. 312-324. (1981) - Território paroquial no Entre-Douro-e-Minho. A sua Sacralização, *Nova Renascença*, vol. I, Porto, pp. 202-212. (1986) - O Românico, *história da Arte em Portugal*, Lisboa. (1993) - Arqueoloxía tardorromana e germânica no NW Peninsular, *Actas do Encontro científico en homenaxe a Fermín Bouza Brey (1901 -1973)*, Santiago de Compostela 1992, MPG, Noia, pp. 191-200.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de; **SANTOS**, Eugénio dos (1972) - O castro de Fiães, 2, *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Série História*, Porto, n.º 3, Porto, pp. 147-168 = (sep. 1-26).

ALMEIDA, José António Ferreira (org.) (1976) - *Tesouros Artísticos de Portugal*, Lisboa.

ANDRADE, Miguel Montenegro (1952) - Carta geológica da região de Santo Tirso, *Boletim Cultural - Câmara Municipal de Santo Tirso*, Porto, pp. 303-315.

ANTUNES, Manuel Antunes Engrácia (2005) - A fábrica de cera e Frei Manoel de Nossa Senhora nos Estados do Mosteiro de Santo Tirso, *Artistas e Artífices e a sua mobilidade no Mundo de Expressão Portuguesa*, Actas do VII Colóquio Luso-Brasileiro de História de Arte, Porto. 295-308.

ARAÚJO, Mário; **CASTRO**, E. M. de Melo (1986-1987) - *Manual de Engenharia Têxtil*, vol. I (1986), Vol. II (1987), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

ARGOTE, J. C. (1728-1738) - *De Antiquitatibus Conventus Bracaraugustani*, Lisboa. (1732-34) - *Memórias para a história eclesiástica do Arcebispado de Braga*, 4 vol., Lisboa.

AURRECOECHEA, J.; **FERNANDEZ**, C.; **KLINK**, A. Caballero (1986) - Mobilario metálico del yacimiento ibero-romano de La Bienvenida en la provincia de Ciudad Real, *Oretum*, Vol. II, Ciudad Real, pp. 249-292.

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Agostinho (1938) - *O mosteiro de Roriz. Subsídios para a sua história*, Artes e Letras, Suplemento Literário de “Novidades ”, n.º 25, Porto. (1939) - *A terra da Maia*, Subsídios para a sua monografia, vol. I, Porto.

AZEVEDO, Rogério (1957) - A “Ara de Burgães” e a “Ara de Ervedosa”, *O Concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural*, vol. V, n.º 3, Porto, pp. 293-301.

B

BACELAR, António Alberto Huet (1984) - Notas arqueológicas de Rui de Serpa Pinto sobre o litoral entre Douro e Vouga, *Gaya - Actas das Jornadas de História Local e Regional de Vila Nova de Gaia*, vol. II, Porto, pp. 73-82.

BARREIRA, Paula; **DORDIO**, Paulo; **TEIXEIRA**, Ricardo (1998) - 200 anos de cerâmica na Casa do Infante: do séc. XVI a meados do séc. XVIII, *Actas das Jornadas de Cerâmica Medieval e pós-medieval: métodos e resultados para o seu estudo*, Tondela 22 a 25 de Março 1995, 2, Vila da Feira, pp. 145-184.

BARROCA, Mário Jorge (1987) - *Necrópoles e sepulturas medievais entre Douro e Minho* (séc. V a XV), (Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica), Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, (policopiado). (1990-91) - Do castelo da reconquista ao castelo românico (séc. IX a XII), *Portugália*, Nova Série, vol. XI-XII, Porto, pp. 89-136. (2000) - *Epigrafia Medieval Portuguesa* (862-1422), Porto. (2006) - A Cruz do Lugar das Marcas (Lousado, Vila Nova de Famalicão) e o Couto do Mosteiro de Santo Tirso, *Estudos em homenagem ao Professor Doutor José Marques*, ed. FLUP, vol. IV, pp.137-160.

BARROS, João de (1919) - *Geographia d’entre Douro e Minho e Tras-os-Montes*, Biblioteca Pública Municipal do Porto, Porto.

BECKMANN, B. (1966) - *Studien uber die MetallnadeIn der romischen Kaisertzeit im freien Germanien*, *Saalburg Jahrbuch*, XXII, Berlin, pp. 7-100.

BELLIDO, A. García y (1947) - *El arte Iberico*, *Ars Hispaniae*, vol. I, Madrid. (1968) - Câmara funerária de la cultura castreña, *Revista de Guimarães*, 76 (1-2), pp. 5-24. (1971) - Cochleares romano-visigodos de la Península Hispánica, *Conímbriga*, vol. X, Coimbra, pp. 93-97.

BETTENCOURT, Ana M. S. (2010) - Comunidades Pré-Históricas da Bacia do Leça, *O rio da memória. Arqueologia no território do Leça*, CMM, Porto, pp.33-87.

BIDON, Alexandre (1993) - *A réveiller les morts: la mort au quotidien dans l’Occident médiéval*, Press Universitaires de Lyon, Lion.

BLÁZQUEZ, José Maria (1962) - *Las religiones primitivas de Hispania*, Fuentes literárias y epigráficas, vol. I, Roma.

BOHME, A. (1972) - *Die Fibeln der Kastelle Saaburg und Zugmantel*, *Saalburg Jahrbuch*, vol. XXIX,pp. 5-112. (1986) - *Das Ende der Romerherrschaft in Britannien die Angelsachsische Besiedlung England im 5. Jahrbuch des RomischGermanischen Zentralmuseum zu Maiz*, 33.

BORDE, F.
(1961) - *Typologye du Paléolithique Anvien et Moyen*, Paris.
(1967) - Considerátions sur la Typologie et les techniques dans le Paléolithique, *Quartär*, 18, pp. 25-55.

BOÛARD, M.
(1977) - *Manual de arqueologia medieval*, Barcelona, 1977.

BOUZA BREY, F.; **CARRO OTERO**, J.; **GARCÍA MARTINEZ**, C.
(1973) – Excavación de túmulos dolménicos en San Andrés de Lousada (Lugo), *Noticiario Arqueológico Hispánico*, 2, Madrid, pp. 39-55.

C

CABRERA, R. Barroso; **OVEJERO**, S. Jaque; **GONZÁLEZ**, M. Major; **PABLOS**, J. Morín; **COBO**, E. Penedo; **BAZTÁN**, Pilar Oñate; **VÁZQUEZ**, Juan Sanguino
(2001) - Los yacimientos de Tinto Juan de la Cruz - Pinto, Madrid - (ss. I al VI d.C.) 1ª parte, *Estudios de Prehistoria y Arqueologia Madrileñas - Museo de San Isidro de Madrid*, n.º 11, Madrid, pp. 129-204.

CALADO, Rafael Salinas
(1999) - *Azulejaria na Madeira e na Colecção da Casa - Museu Frederico de Freitas*, Lisboa.

CANO PAN, J. A.
(1986) - La industria lítica tallada en la cultura castreña de Galicia, *Actas - Coloquio de Proto-História e História Antiga da Península Ibérica*, Santiago de Compostela (policopiada).

CARANDINI, A; **TORTORELLA**, S.; **SAGUI**, L.; **TORTORICI**, E.
(1981) - Il. *Cerámica Africana*, *Suplemento Encicliopedia dell’Arte Antica, Classica e Orientale*. Atlante delle forme ceramiche, I, Cerámica fine romana nel Bacino Mediterraneo (Medio e Tardo Imperio), Roma, pp. 9-227.

CARDOSO, Carlos Lopes
(1981) - Símbolos profissionais em algumas sepulturas de Ciganos, *Revista Lusitânia*, Nova Série, n.º 1, Lisboa, pp. 27-35.

CARDOZO, Mário
(1930) - Joias arcaicas encontradas em Portugal, *Seminário de Estudos Galegos*, 75, VII, Santiago de Compostela, pp. 43-63.
(1928) - A Pedra Formosa, *Revista de Guimarães*, 38, Guimarães, pp. 139-152.
(1929) - A Pedra Formosa, *Revista de Guimarães*, 39, Guimarães, pp. 87-102.
(1932) - *A última descoberta arqueológica na Citânia de Briteiros e a interpretação da «Pedra Formosa»*, Guimarães.
(1935) - Possível identificação do primitivo local da «Pedra Formosa» na Citânia de Briteiros, *Revista de Guimarães*, 45 (3-4), Guimarães, pp. 150-153.
(1949) - Nova estela funerária do tipo da «Pedra Formosa», *Revista de Guimarães*, 59 (3-4), Guimarães, pp. 487-516.
(1951) - Monumentos arqueológicos da Sociedade Martins Sarmento, *Revista de Guimarães*, 61 (1-2), Guimarães, pp. 5-28.
(1960) - Cartas de Ricardo Severo para Martins Sarmento, *Revista de Guimarães*, 70 (1-2), pp. 5-20.
(1961) - *Francisco Martins Sarmento. Esboço da sua vida e obra científica*, Guimarães
(1969) - Machados de bronze ornamentados, *Abrente*, I, La Coruña, pp. 75-79.
(1970) - Pulseiras romanas de vidro encontradas em Portugal, *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, 2, Lisboa, pp. 13-25.
(1985 = [1935]) – *Catálogo do Museu Martins Sarmento*, 1ª parte: Secção lapidar e de escultura, Guimarães.

CARNEIRO, Alexandre Lima
(1955) - Documentário, Dicionário geográfico de Portugal, *O Concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural*, 3 (4), Santo Tirso, pp. 452.

CARVALHO, Joaquim Manuel Fernandes
(2004) *A Indústria do Mobiliário Escolar em Paços de Ferreira. O Caso da Fábrica Albino de Matos*, *Pereiras & Barros, Lda.*, 2 vols. FLUP, Porto.

CASTELO-BRANCO, Fernando
(1968) - As cabeceiras sepulcrais discóidais e a sua influência na decoração funerária contemporânea, *Geographica*, ano IV, n.º 15, Lisboa, pp. 58-67.

CASTRO, L. Albuquerque
(1962) - Achados romanos na mina do Fojo das Pombas (Valongo), Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro, 15, Lisboa, pp. 431-438; = Archivo Español de Arqueologia, 35, Madrid, pp. 166-176.

CASTROVIEJO, Fernado Acuña
(1974a) - *Mosaicos romanos de Hispania Citerior. III. Coventus Bracarensis*, Santiago de Compostela.

CENTENO, Rui Manuel Sobral
(1987) - *Circulação Monetária no Noroeste de hispanía até 192*, Sociedade Portuguesa de Numismática, Porto.

CERNADES, José Manuel Andrade
(1995) - *O Tombo de Celanova: estúdio introductorio, edición e índices (séculos IX – XIII)*, Santiago de Compostela.

CLETO, Joel
(1995-96) - Arqueologia Matosinhense. Notas histórico-bibliográficas, *Matesinius*, n.º 1/2, Matosinhos, pp. 11-19.

CHAVES, Luís
(1936) - Mosaicos lusitano-romanos em Portugal, *revista de Arqueologia*, 3, Lisboa.

COFFYN, A.
(1983) - La fin de Lâge do Bronze dans le centre - Portugal, *O Arqueólogo Português*, IV Série, 1, Lisboa, pp. 169-196.
(1985) - *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*, Paris.

COLMENERO, António Rodriguez
(1991) - El ejército romano y las obras públicas de *Gallaecia, Larouco*, 4, Lugo, pp. 99-107.

CONDE, António Linage
(1973) - *Los orígenes del monacato beneditino en la Peninsula Iberica*, Leon, 3 vol.

CORREIA, Francisco Carvalho
(1989) - Areias até ao séc. XI, *Ave - Cadernos de Cultura*, 4, Câmara Municipal de Santo Tirso, Braga.
(1991) - *A Igreja Matriz de Santo Tirso. Novas Perspectivas*, edição CMST, Santo Tirso.
(1997) - *O mosteiro de Roriz*, Guias do Património do Concelho de Santo Tirso, n.º 2, Porto.
(1998) - O mosteiro de Santo Tirso. Uma tentativa de periodização, *Os Beneditinos na Europa. 1º Congresso Internacional, de 23 a 26 de novembro de 1995*, Santo Tirso, pp. 11-24.
(2004) – A capela do Senhor do Padrão, Monte Córdova. Elementos para a sua história, *Jornal de Santo Thyrso*, 5 de Março de 2004.
(2004a) – Para a história do Património artístico do concelho de Santo Tirso. A capela do Senhor do Padrão (Monte Córdova), Página Literária de Cultura Tirsense, n.º 159, *Jornal de Santo Thyrso*.
(2008) - *O Mosteiro de Santo Tirso, de 978 a 1588*, volume I (Estudo),

vol. II (apêndices), Universidade de Santiago de Compostela, faculdade de Geografia, História e Arte, Departamento de História Medieval e Moderna, Santiago de Compostela, 29 de fevereiro de 2008;
(2012) - *O Mosteiro de Santo Tirso. O Perfil Jurisdicional dos seus abades* - Estudo (vol. III, 1ª /2ª parte), Câmara Municipal de Santo Tirso, 2012.

CORTEZ, Fernando Russel
(1948) - Actividade arqueológica de Portugal durante 1947, *Archivo Español de Arqueologia*, 21 (72), pp. 269-281.
(1950) - Objectos de liturgia visigótica encontrados em Portugal. Séculos V a VII (Alguns elementos para a sua cronologia), *O Instituto*, Coimbra, pp. 52-92.

COSTA, António Carvalho da
(1706-1712) - *Corografia Portuguesa e descripçam Topográfica do Reyno de Portugal*, 3 vols., tomo I (1796), II (1708), III (1712), Lisboa.

COSTA, António Domingos de Sousa
(1968-1990) - *Monumenta Portugaliae Vaticana (Introdução e leitura)*, vol. I (1968-69), vol. II (1970), vol. III-1 (1982), vol. III-2 (1982), vol. IV (1990), Braga.

CRAESBEECK, F. X. S.
(1992) - *Memórias ressuscitadas da provincia de Entre-Douro-e-Minho no ano de 1726*, 1, Ponte de Lima, pp. 44-45.

CRUZ, António
(1940) - Novos vestígios da ocupação do Termo do Porto pelos romanos. A necrópole luso-romana de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, *Boletim Cultural, C.M.P.*, vol. III, fasc. 1, Porto, pp. 203-215.
(1951-1952) - *O ensino da Filosofia no mosteiro de Santo Tirso de Riba d’Ave*, em CMST, I (1951-1952), Santo Tirso, pp. 177-186.
(1982) - A presença do romano no Vale de Bougado, *Jornal da Trofa* (22/10/1982), Trofa, p. 16
(1982a) - O Reguengo de Bougado, *Actas do Colóquio de História Local e Regional* (Santo Tirso 17-18 de Março de 1979), Santo Tirso, pp. 1-85.

CRUZ, Belchior da
(1896) - Notícias várias, 1. Thesouro de moedas romanas, *O Archeólogo Português*, vol. II, Lisboa, p. 292.

CRUZ, Domingos de Jesus; **BRITO**, Mário
(1991) - *A colecção arqueológica do Abade Sousa Maia*, Vila do Conde, N/S, 7, Vila do Conde, pp. 5-13.

CRUZ, Mário
(2001) - *Vidros romanos de Bracara Augusta*, Dissertação de mestrado em Arqueologia (Universidade do Minho - Instituto de Ciências Sociais), Braga.

CUEVA, Fray Benito de la
(1991) - *Historia de los monasterios y priorados anejos a Celanova*, Edición, notas e índices por María Teresa Gonzalez Balasch, introducción por José Ignacio Fernández de Viana y Vietes, Granada.
(2007) - *Celanova Ilustrada y Anales de San Rosendo*, Textos, edición y notas de Míguel Angel González García, José Ramón Hernández Figueiredo e Manuel Ángel Pereira Soto, Cambados.

CUNHA, D. Rodrigo da
(1623) - *Catálogo e Historia dos Bispos do Porto*, 2ª parte, Porto.
(1742) - Catálogo dos Bispos do Porto, 2ª parte, Porto.

D

DELGADO, Manuela
(1970) - Elementos de sítulas de bronze de Conímbriga, *Conímbriga*, vol. IX, Coimbra, pp. 15-44.
(1976) - Céramique à engobe rouge non grésé, *Fouilles de Conímbriga* (coord. Jorge Alarcão e R. Etienne), vol. VI, Paris, pp. 5258.
(1988) - Contribuição para o estudo das cerâmicas romanas tardias do Médio Oriente, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 5, Braga, pp. 35-49.

DELGADO, Manuela; **DIAS**, Lino Augusta Tavares; **LEMOS**; Francisco Sande; **GASPAR**, Alexandra
(1984) - Intervenções na área urbana de Bracara Augusta (1983), *Cadernos de Arqueologia*, Série II, Braga, pp. 104-106.

DELGADO, Manuela; **MARTINS**, Manuela
(1988-90) - Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas Cavalariaçs do Regimento de Infantaria de Braga), *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 5, 1988, Braga, pp. 77-90.

DENEAUVE, J.
(1969) - *Lamps de Carthage*, Paris.

DEUS, António Dias; **LOURO**, Henrique S.; **VIANA**, Abel
(1955) - Apontamentos de estações romanas e visigóticas da região de Elvas, Portugal, *Actas do III Congresso Arqueologico Nacional*, Galícia, 1953, Zaragoza, pp. 568-578.

DIAS, Geraldo Coelho
(1993) – O Mosteiro de Tibães e a Reforma dos Beneditinos Portugueses no século XVI, *Revista de História*, 12, Porto (1993), pp. 95-133.
(2000) - Beneditinos: I Idade Contemporânea, AZEVEDO Carlos Moreira (Dir.) *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Vol. I (2000), p. 208.
(S/d) - Na variedade dos foros, a singularidade dos coutos beneditinos, *2º Congresso histórico. Actas do congresso de Guimarães*, vol. IV “Sociedade, administração, cultura e igreja em Portugal no séc. XII”, ed. da Câmara Municipal de Guimarães, Universidade do Minho, pp. 235-247.

DIAS, Lino Augusto Tavares
(1995) - *Cerâmica comum romana em Tongobriga*, Trabalho complementar à dissertação de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto (policopiado).
(1997) - *Tongobriga*, Lisboa.

DIAS, Lino Augusto Tavares; **ENCARNAÇÃO**, José de
(1993) - *Grafito procedente do Castro de Alvarelhos (Conventus Bracaraugustanus)*, Ficheiro Epigráfico, n.º 45, Lisboa.
Dinis 2008-2009

DINIS, António Pereira
(1993) - *Ordenamento do território do Baixo Ave no I milénio a.C.*, FLUP, Porto (Tese de mestrado, policopiado).
(2002) – O balneário do Alto de Quintãs (Póvoa de Lanhoso, Norte de Portugal). Um novo caso a juntar ao livro negro da arqueologia de Entre-Douro-e-Minho, *Mínia*, 3ª Série, 10 Braga, pp. 159-179.

DINIS, António Pereira - **OLIVEIRA**, Felisbela - **QUEIROGA**, Francisco - **SILVA**, Armando Coelho Ferreira da
(2007) - Arqueologia de Famalicão, *Pedra formosa. Arqueologia experimental - Vila Nova de Famalicão*, Famalicão, pp. 93-211.

E

EIROA, Jorge Juan; **GIL**, José Alberto Bachiller; **PÉREZ**, Ladislao Castro; **MAURANDI**, Joaquín Lomba (1999) - *Nociones de tecnología y tipología en Prehistoria*, Barcelona.

ENCARANAÇÃO, José de (1992) - A propósito de um grafito romano achado no castro de Alvarelhos, *Santo Tirso Arqueológico*, 2, Santo Tirso, pp. 7-14.

F

FEIO, Alberto (1956-1957) – *As origens do mosteiro de Santo Tirso*, em CMST vol. V, Santo Tirso, pp. 7-19.

FERNÁNDEZ, Joaquín Aurrecoechea (1995-96) - Las guarniciones de cinturón y atalaje de tipología militar en la Hispania Romana, a tenor de los bronces hallados en la Meseta Sur, *Estudios de Prehistoria y Arqueologia Madrileñas*, 10, Mdrid, pp. 49-99.

FERREIRA, Ana Margarida; **CARDOSO**, Ana Paula Cardoso (1999) - A Sociedade Arqueológica da Figueira 1898-1910, Centenário, Museu Municipal Dr. Santos Rocha, Figueira da Foz.

FERREIRA, Monsenhor J. Augusto (1907) - O Couto e Mosteiro de Vairão, *O Archeólogo Português*, 12, Lisboa, pp. 281-289. (1923) - *Vila do Conde e o seu Alfoz*, Porto.

FERREIRA, Oliveira da Veiga (1970) – Alguns objectos inéditos, bastante raros, da colecção do Professor Manuel Heleno, *O Archeólogo Português*, 4, Lisboa, pp 165-173.

FONTES, Luís (1987) - Salvamento arqueológico de Dume: 1987: Primeiros resultados, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 4, Braga, pp. 111-148.

FORTES, José (1899) - *A estação arqueológica d´Alvarelhos*, Archeologia Portuguesa, I, Porto. (1905) - *Restos de uma «villa» lusitano-romana*, Póvoa de Varzim, Porto. (1905-08) - As fíbulas do Noroeste da Península, *Portugália*, vol. II, Porto, pp. 15-33.

FOWLER, E. (1960) - *The origins and the devlopments of the penannular brooch in Europe*, *Proceedings of the Prehistoric Society*, London, 149-177.

FRANÇA, Elsa Ávila (1968) - Alfinetes de Toucado, Romanos, de Conimbriga, *Conimbriga*, vol. VII, Coimbra, pp. 67-96.

G

GABBA, E. (1988) - *Del buon uso della ricchezza: saggi di storia economia e socieale del mondo antico*, Milão.

GANDOLFI, D. (1983) - La terra sigillata chiara D proveniente dagli scavi di Albintimilium, *RSL*, vol. XLVII, 1-4, Bordighera, pp. 53-149.

GARCIA, José Manuel (1991) - *Religiões antigas de Portugal. Aditamentos e observações às*

Religiões da Lusitânia de J. Leite de Vasconcelos. Fontes epigráficas, Lisboa.

GASCÓN, Covadonga Carreño (1993) - Sigillata Africana en Lucus Augusti, *Actas del XXII Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. I, Vigo, pp. 297-303.

GASPAR, Maria Alexandra de Medeiros Lino (1985) - Escavações arqueológicas na Rua de N.º Sr.º do Leite, Braga, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 2, Braga, pp. 51-125.

GASPAR, Alexandra; **LEMOs**, Francisco Sande; **DELGADO**, Manuela (1986) - O salvamento de *Bracara Augusta*. Reflexões, *Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana*, Setúbal 1985, Lisboa, pp. 35-39.

GUERRA, Amílcar Manuel Ribeiro (1995) - *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*, Lisboa.

H

HARDAKER, R. (1976) - Las hachas de cubo en la Península Ibérica, *Cuardenos de Pre-historia y Arqueologia Castellonense*, 3, Castellon de la Plana, pp. 151-171.

HAVERNICK, T. E. (1981) - Irilobitenperlen, Beitrage zur Glasforschung, Die wichtigsten Aufsätze von 180 bis 1981, Mainz am Rhein, pp. 265-276.

HAYES, J. W. (1972) - *Late Roman Pottery*, London.

HILGERS, W. (1969) - Lateinische Gefassnamen. Bezeichnungen, Funktion und Form romischer Gefasse nach den antiken Schriftquellen, B. J. Band 31, Dusseldorf.

HIPÓLITO, Mário Castro (1960-61) - Dos tesouros de moedas Romanas em Portugal, *Conímbriga*, vol. II-III, Coimbra, 1-166.

HÜBNER, Emílio (1879) - Citânea, *Archeologica Artística*, 1 (5), p. 19. (1880) - Citânia, *Altherthümer in Portugal*, Hermeszeitschrift für Classische Philologie, Berlin.

I

IGLESIAS, Miguel Anxo Araújo (1999) - *San Rosendo, Bispo e Fundador, Parroquia de San Rosendo e Concello de Celanova*.

Ilustração Portuguesa, Lisboa, 7 de dezembro 1908, nº 146, pp. 13-16.

J

JORDÁ CERDÁ, F. (1977) - *História de Asturias*, Vitoria, Ayalga.

JORGE, Victor Oliveira (1982) - *Megalitismo do Norte de Portugal: o distrito do Porto – Os monumentos e a sua problemática no contexto europeu* (dissertação de doutoramento (policopiado), Porto.

JORGE, Susana Oliveira (1980) - A necrópole do Tapado da Caldeira, *Arqueologia*, 2, Porto, pp. 36-44.

(1980a) - A estação do Tapado da Caldeira, Baião, *Portugália*, Nova Série, I, Porto, pp. 29-50. (1986) - *Povoados da Pré-História recente da Região de Chaves - V.º P.º de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental)*, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto, Braga. (1988) - *O Povoado da Bouça do Frade (Baião) no quadro do Bronze Final do Norte de Portugal*, Monografias Arqueológicas, 2, GEAP, Porto.

JÚNIOR, J. R. Santos (1940) - Arte rupestre, Congresso do Mundo Português – *Memórias e Comunicações apresentadas ao Congresso da Pré e Proto-História de Portugal (I Congresso)*, Lisboa, Comissão Executiva dos Centenários. Secção dos Congressos, vol. I, Lisboa, pp. 327-376. (1963) - As gravuras litotrípticas de Ridevides (Vilariça), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, n.º 19 (2), Porto, pp. 111-144.

L

LAMAS, M. Chamoso (1955) - Santa Mariña de Aguas Santas (Orense), *Cuadernos de Estudos Gallegos*, 10(30), Santiago de Compostela, pp. 41-88.

LAMBOGLIA, N. (1963) - Nuove osservazione sulla terra sigillata chiara, II, (Tipi C, lucente e D), *Rivista di Studi Liguri*, XXIX, 11-4, Bordighera, pp. 145 -212.

LAMBOGLIA, N; **BELTRÁN**, A. (DRESSSEL – LAMBOGLIA) (1952) - Apuntes sobre cronologia cerâmica, *Caesaraugusta*, 3, Zaragoza.

LANHAS, Fernando (1969) - O valioso espólio do Beiral, *Revista de Etnografia*, Junta Distrital do Porto, n.º 23, Porto, pp. 249-260.

LANHAS, Fernando; **BRANDÃO**, D. Pinho (1971) - “Pesos de rede” ou pesos de pedra com entalhes para pesca. Tentativa de sistematização, *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Lisboa, pp. 581-589.

LEAL, A. Pinho; **FERREIRA**, A. (1873-1928) - *Portugal Antigo e Moderno*, Lisboa, 12 vol (s).

LEIBUNDGUNT, A. (1977) - *Die romischen Lampen in der Schweiz*, Berna.

LEISNER, V. (1998) - *Die Megalithgräber der iberischen Halbinsel: Der Westen*, Berlin: Walter de Gruyter.

LEMOs, Francisco Sande (1989) - *O Abade Pedrosa e a Arqueologia de Santo Tirso*, Cadernos do Ave, C.M.S.T., Santo Tirso. (1993) - *Povoamento Romano de Trás-os-Montes Oriental*, 3 volumes, Universidade do Minho, Braga (Tese de Doutoramento, policopiado).

LEMOs, Francisco Sande; **LEITE**, J. M. F.; **BETTENCOURT**, Ana M. S; **AZEVEDO**, M. (2003) - O balneário pré-romano de Braga, *Almadan*, II Série, 12, Almada, pp. 43-46.

LILLIOS, Katina; **READ**, Caroline; **ALVES**, Francisco (2000) - The axe of the Óbidos lagoon (Portugal): an uncommon find recovered during an underwater archaeologica survey (1999), *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 3, n.º 1, Lisboa, pp. 5-14.

LIMA, Augusto César Pires (1940) - A correspondência Martins Sarmento - P. Joaquim Pedrosa,

Revista de Guimarães, vol. L, n.º 1-2, Guimarães, pp. 77-105. (1940a) - A correspondência Martins Sarmento - P. Joaquim Pedrosa, *Revista de Guimarães*, vol. L, n.º 3-4, Guimarães, pp. 181-214. (1951) - Subsídios para a História de Santo Tirso. A Terra – Esboço Histórico – Origem do nome «Santo Tirso», *O concelho de Santo Tirso – Boletim Cultural*, vol. I, 19, Santo Tirso, pp. 15-48. (1956) - O lugar da Torre, *O Concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural*, 4, (3), Santo Tirso, pp. 222-223.

LIMA, Joaquim Alberto Pires (1948) - *Estudos Etnográficos, Filológicos e Históricos*; vol. III, Junta Provincial do Douro Litoral, Porto.

Livro d’ouro da primeira viagem de S. M. El-Rei D. Manuel II ao norte de Portugal [S.l.], [s.n.], 1909, Typ. Occidental.

LOBATO, Maria José Folgado (1995) - A Necrópole Romana de Gulpilhares (Vila Nova de Gaia), *Portugália*, Nova Série, vol. XVI, Porto, pp. 31-110.

LOESCHCKE, Sigfried (1919) - *Lampen aus Vindonissa*, Zurich.

LÓPEZ, Juan Naveiro (1991) - *El comércio antiguo en el NO peninsular*, Monografias do Museo Arqueológico, 5, A Coruña.

LOSADA, Fermín Pérez (1992) - Contribuição ó estúdio da cerâmica de construción na Galicia Romana, *Actas do encontro científico en homenaxe a Fermín Bouza Brey - Galicia da Romanidade á Xermanización*, Santiago de Compostela, 1992, pp. 241-261.

LOZA, Rui; **TEIXEIRA**, Ricardo (1999) - *Plano de Bacia Hidrográfica do Rio Ave – Caracterização de Valores Patrimoniais, Arquitectónicos e Arqueológicos* (Tomo 8 B), Ministério do Ambiente, policopiado, Porto.

M

MACIEL, Manuel Justino Pinheiro (1996) - *Antiguidade tardia e paleocristianismo em Portugal*, Lisboa.

MACHADO, João (2005) – *Balneários castrejos no Norte de Portugal: Algumas considerações*, FLUP, Seminário de Projeto (Policopiado).

MANTAS, Vasco Gil (2000) - A via romana Bracara Augusta - Cale: Traçado, Funções e influência no povoamento regional, *Revista de Guimarães*, vol. CX, Guimarães, pp. 53-87.

MARQUES, Gonçalo Nuno Ramos Maia (1982) – Aspectos da vida interna do mosteiro de Santo Tirso, segundo a visitação de 1437, *Actas do Colóquio de História Local e Regional. Comemorações do milenário da fundação do mosteiro de Santo Tirso (978-1978)*, ed. CMST, Santo Tirso, pp. 209-232. (2011) - Do vinho de Deus ao vinho dos Homens: o vinho, os Mosteiros e o Entre Douro e Minho, dissertação de Doutoramento em História, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.

MARTIN, Th. (1977) - Quelques formes inédites de sigillée claire D, *Figlina*, 2, pp. 99-106.

MARTINS, Manuela (1985) - Sondagens arqueológicas no Castro de Monte Padrão em Santo Tirso, *Cadernos de Arqueologia*, Série II (2), Braga, pp. 217-230.

(1989) - A proto-história do noroeste português: Breve balanço dos conhecimentos, *Fórum*, 5, Braga 3-16.
(1990) - *O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado*, Cadernos de Arqueologia - Monografias, n.º 5, Braga.
(1999) - A urbanização do Noroeste Peninsular: O caso de Bracara Augusta, *Actas da Mesa Redonda “Emergência e desenvolvimento das cidades romanas no norte da Península Ibérica”*, Freixo, Marco de Canaveses 1999, Porto, pp. 53.

MARTINS, Manuela; **JORGE**, Susana Oliveira
(1992) - Substrato cultural das etnias pré-romanas do Norte de Portugal, «Paleoetnologia de la Península Iberica», Actas de la Reunión celebrada en la facultad de geografía e Historia de la Universidad Complutense, Madrid, 13-15 Diciembre de 1989, *Complutum*, n.º 2-3, Madrid, pp. 347-372.

MATTOS, Armando de
(1943) - *Nótulas epigráficas* (Iª série), Porto, (sep. De Douro – Litoral, fasc. VII).
(1946) - Epigrafia do Douro Litoral. II. Inventário das Inscrições do Douro Litoral, *Douro Litoral*, 2ª Série, vol. VI, Porto, pp. 60-79.

MATTOSO, José
(1968) - *Le Monachisme ibérique et Cluny. Les monastères du diocese de Porto de l'an mille à 1200*, Louvain.
(1982) - *Ricos Homens, Infanções e Cavaleiros*, Guimarães Editores, Lisboa.
(1982a) - A Família da Maia no século XIII, *Actas do Colóquio de História Local e Regional. Comemorações do milenário da fundação do mosteiro de Santo Tirso (978-1978)*, ed. CMST, Santo Tirso, pp. 281-295.
(1995) - Identificação de um país. Ensaio sobre as origens de Portugal (1096-1325), 2 vols., Editorial Estampa, Lisboa.
(2000) - Beneditinos: I Idade Média, AZEVEDO Carlos Moreira (Dir.) *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Vol. I, Lisboa, pp. 202 -205.
(2002) - *O monaquismo ibérico e Cluny*. Obras completas. Vol. 12, Círculo de Leitores, Lisboa.

MAYET, Françoise
(1975) - *Les céramiques à parois fines dans la Péninsule Ibérique*, Paris.
(1984) - *Les Céramiques Sigillées Hispaniques. Contribution à l'histoire économique de la Péninsule Ibérique sous l'Empire Romain*, Paris.

MELENDO, Enrique Luis Borbobia
(1988) - Instrumental Medico-Quirurgico en la Hispania Romana, Madrid.

MELO, Ana Ávila; **ARAÚJO**, Maria de Fátima
(2000) - Machados de Bronze de Santo Tirso, *Santo Tirso Arqueológico*, II Série, n.º 2-3, Porto, pp. 53-66.

MELO, Arnaldo Rui Azevedo de Sousa
(1995) - *O Couto de Santo Tirso (1432-1516): Espaço e Economia*, 2 vols., Dissertação de Mestrado, FLUP, Porto.
(s/d) - O Couto de Santo Tirso nas Cartas de Couto de 1097 e 1098, 2º *Congresso histórico. Actas do congresso de Guimarães*, vol. IV “Sociedade, administração, cultura e igreja em Portugal no séc. XII”, ed. CMG, Universidade do Minho, pp. 235-247.

MELO, Maria do Rosário
(2004) - A capela do Senhor Jesus do Padrão, *Santo Tirso Arqueológico*, n.º 4, 2ª Série, Porto, pp. 95-100.

MENAUT, Gerardo Pereira
(1983) - Las comunidades Galaico-Romanas. Habitat y Sociedad en transformación, *Estudos de Cultura castrexa e de hisória Antiga de Galicia*, Santiago de Compostela, pp. 199-212.

MENÉNDEZ, José Jorge Arguello; **TEIXEIRA**, Ricardo; **FONSECA**, Vítor
(2002) - *Sondagens Arqueológicas na Área Envolvente da Estação Romana de Portos. Reconversão em Via Larga e Electrificação da Linha de Guimarães - Troço Santo Tirso - Lordelo - Portos. 02 - Relatório Preliminar de Avaliação*, Porto (policopiado).

MEZQUÍRIZ, M. A.
(1961) - *La terra sigillata hispánica*, Valência.

MONTEAGUDO, L.
(1977) - *Die Beile Auf der Iberischen Halbinsel*, Prahistorische Bronzefunde, XI, n.º 6, Munich.

MONTEIRO, J. N.
(1985) - *Apontamentos para uma monografia de Sequeirô. Sequeirô pré-romano*, 4-6, Boletim Paroquial de Sequeirô, Santo Tirso.

MORAIS, Rui
(1998) - *As ânforas da zona das Carvalheiras. Contribuição para o estudo das ânforas romanas de Bracara Augusta*, Cadernos de Arqueologia - Monografias, n.º 8, Braga.
(2005) - Autarcia e comércio em Bracara Augusta, *Bracara Augusta - Escavações Arqueológicas*, 2, Braga.

MOREIRA, Álvaro de Brito
(1991) - O pontão do Arquinho, Água Longa, *Santo Tirso Arqueológico*, 1, CMST, Santo Tirso, pp. 7-24.
(1991a) - Elementos para a carta arqueológica do concelho de Santo Tirso. A estação arqueológica de Monte Padrão, *Santo Tirso Arqueológico*, 1, CMST, Santo Tirso, pp. 28-34.
(1991b) - Materiais arqueológicos do Museu Municipal Abade Pedrosa. Um bronze romano, *Revista de Ciências Históricas, Universidade Portucalense*, vol. VI, Porto, pp. 69-76 = Materiais arqueológicos do Museu Municipal Abade Pedrosa. Um bronze romano do castro de Alvarelhos, *Da cidade e do seu Termo*, Coord. Francisco Carvalho Correia, Braga, 2000, pp. 323-328.
(1991c) - *Relatório de escavações. Estação Arqueológica de Monte Padrão (Pad. 91)*, Santo Tirso (policopiado).
(1992) - Epigrafia romana do concelho de Santo Tirso, *Santo Tirso Arqueológico*, II, Santo Tirso, pp. 15-33.
(1992a) - Elementos para a carta arqueológica do concelho de Santo Tirso. A estação arqueológica de Alvarelhos, *Santo Tirso Arqueológico*, vol. II, Santo Tirso, pp. 34-47.
(1995) - *Relatório de escavações. Estação Arqueológica de Monte Padrão (Pad. 95)*, Santo Tirso (policopiado).
(1995a) - *Vidros romanos no noroeste português. Estudos monográficos de Tongobriga e Alvarelhos*, Estudos de Terceiro Ciclo (1993-1995), Trabalho de Investigação, Universidade de Santiago de Compostela - Facultad de Xeografia e História (policopiado).
(1997) - Materiais arqueológicos do Museu Municipal Abade Pedrosa (Santo Tirso). Uma placa esmaltada proveniente da estação arqueológica de Monte Padrão, *Santo Tirso Arqueológico*, IIª Série, n.º 1, Porto, pp. 83-87.
(1997a) - Vidros romanos no noroeste Português. Estudos monográficos de Tongobriga e Alvarelhos, *Santo Tirso Arqueológico*, n.º 1, IIª Série, Porto, pp. 14-82.
(1997b) - Documentos de Santo Tirso - *Portugaliae Monumenta Histórica. Diplomat et Chartae*, doc. 413 (1059), vol. I, 1867. Comentário, *Santo Tirso Arqueológico*, 1, 2ª Série, Santo Tirso, pp. 141-142.
(1998) - *A área arqueológica de Alvarelhos. Memória e identidade*, CMST, 1998, Santa Maria da Feira.
(2000) - Materiais arqueológicos do Museu Municipal Abade Pedrosa. Um bronze romano do castro de Alvarelhos, *Da cidade e do seu*

Termo, Coord. Francisco Carvalho Correia, Braga, 2000, pp. 323-328 = Materiais arqueológicos do Museu Abade Pedrosa. Um bronze romano, *Revista de Ciências Históricas*, Universidade Portucalense, vol. VI, Porto 1991, pp. 69-76.
(2003) - *Relatório de escavações. Estação Arqueológica de Monte Padrão (Pad. 2003)*, Santo Tirso, (policopiado).
(2004) - A necrópole romana da Quinta da Devesa, Santo Tirso, *Santo Tirso Arqueológico*, n.º 4, 2ª Série, Barcelos, pp. 7-54.
(2004a) - Elementos para a carta arqueológica do concelho de Santo Tirso. O Castro de Santa Margarida, S. Tomé de Negrelos, *Santo Tirso Arqueológico*, 3/4, 2ª Série, Barcelos, pp. 55-68.
(2005) - A origem romana da cidade de Santo Tirso, *Escola Secundária de Tomaz Pelayo* - 50 anos da sua história, Santo Tirso, pp. 9-25.
(2005a) - O castro do Monte do Padrão. Património e Identidade, *Actas do colóquio “O castro: um lugar para habitar”*, Penafiel, 5 e 6 de Novembro de 2004, Cadernos do Museu, 11, Penafiel, pp. 255-276.
(2005b) - *O Castro do Monte do Padrão. Do Bronze final ao fim da Idade Média*, Vila da Feira.
(2005c) - O lugar da escola. A origem romana da cidade de Santo Tirso, Catálogo da exposição - *Escola Secundária de Tomaz Pelayo* - 50 anos da sua história, Santo Tirso, p. 8.
(2006) - *O Castro do Monte do Padrão. Do Bronze Final ao fim da Idade Média, Santo Tirso*, Santa Maria da Feira.
(2007) - *Museu Municipal Abade Pedrosa. Colecção Arqueológica*, Santa Maria da Feira.
(2008) - Castro do Monte do Padrão. Projecto de estudo, valorização e dinamização, *Actas do Seminario Final “CASTRENOR: cultura castrexa no noroeste peninsular”*, Mondariz 22 e 23 de Xuño de 2006, Santiago de Compostela, pp. 129-145.
(2009) - A ocupação medieval do castro do Padrão. A igreja e o Mosteiro de Monte Córdova, *Monte Córdova, Santo Tirso. Elementos para uma Monografia*, Braga, pp. 9-93.
(2009a) - La ocupación medieval del castro de Padrão. La iglesia y el monastério de Monte Córdova, *Actas del Congreso Internacional, “Rudesindus. S. Rosendo. Su tiempo y su legado”*, Mondoñedo, Santo Tirso (Portugal) y Celanova, 27-30 de Junio, 2007, Santiago de Compostela, 2009, pp. 160-175.
(2010) - *Castellum Madaiae*. Formação e desenvolvimento de um “aglomerado urbano secundário” no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave, Tese de Doutoramento, Universidade de Santiago de Compostela (policopiado / http://hdl. handle. net/10347/2816), Santiago de Compostela.
(2010a) - O Monte Padrão no quadro do povoamento medieval entre Douro e Ave, *Rudesindus. Pastor egregio, monge piedoso, defensor do solo pátrio*, Porto, pp. 215-317.
(2011) - *Santo Thyrso de Riba D’Ave*. Notas e Comentários, Santo Tirso.
(2013) - O balneário castro do Monte Padrão, Santo Tirso, *Boletim Cultural - Vila Nova de Famalicão*, IIIª Série, nº 6/7, Vila Nova de Famalicão, pp. 101-127.
(2013a) - Provas públicas de defesa da tese de doutoramento - *Castelum Madaiae*. Formação e desenvolvimento de um aglomerado urbano secundário no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave, *Santo Tirso Arqueológico*, II Série, n.º 5, Santo Tirso, pp. 79-113.
(2013b) - Edições municipais dedicadas ao estudo e divulgação da história de Santo Tirso. Apontamento historiográfico, *Santo Tirso Arqueológico*, II Série, n.º 5, Santo Tirso, pp. 155-189.
(2013c) - O balneário castro do Monte Padrão, Santo Tirso, *Santo Tirso Arqueológico*, II Série, n.º 5, Santo Tirso, 2013, pp. 7-35.
(2013d) - Santo Tirso. As Origens do Povoamento. Das origens do povoamento à atualidade, Santo Tirso, pp. 9-130.
(2014) - *Carta arqueológica do concelho de Santo Tirso*, Santo Tirso.

MOREIRA, Álvaro de Brito; **FRANCISCO**, Carvalho Correia; **BORGES**, Nestor
(2007) - *Rudesindus. Pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio*. MC aniversário do nascimento de São Rosendo. Catálogo da

exposição comemorativa (Museu Municipal Abade Pedrosa), Porto, Santa Maria da Feira, pp. 264- 276.

MOREIRA, Álvaro de Brito; **CORREIA**, Francisco Carvalho
(2011) - *Santo Thyrso de Riba D’Ave*. Notas e Comentários, Santo Tirso.

MOREIRA, Álvaro de Brito; **SILVA**, Armando Coelho Ferreira
(2010) - *O rio da Memória. A romanização do vale do Leça, O rio da memória*. Arqueologia no território do Leça, CMM, Porto, pp. 125-198.

MOREIRA, José Beleza
(1982-1983) - Subsídios para o estudo das cabeceiras de sepultura no concelho de Sintra, *Sintria*, I-II (1), Sintra, pp. 477-450.

MOREIRA, Rafael
(1988) - D. Miguel da Silva e as origens da arquitectura do Renascimento em Portugal, *O Mundo da Arte. Revista de Arte, Arqueologia e Etnografia*, IIª Série, I, Lisboa, pp. 5-23;
(1995) - O primeiro mecenas: D. Miguel da Silva e a arquitectura no Norte, *História da Arte Portuguesa*, dir. Paulo Pereira, II – Do `Modo` Gótico ao Maneirismo, Círculo de Leitores, Lisboa, pp. 332-339;

MORENO, Humberto Baquero
(1981) - *A contenda entre o abade do mosteiro de Santo Tirso D. Fernão Lopes do Carvalhal e João Rodrigues de Sá, Alcaide-mor do Porto*, em “Estudos Medievais”, n.º 1, Porto, pp. 157-170;
(1982) - D. Soeiro Anes abade do mosteiro de Santo Tirso e a situação política do seu tempo, *Actas do Colóquio de História Local e Regional. Comemorações do milenário da fundação do mosteiro de Santo Tirso (978-1978)*, ed. CMST, Santo Tirso, pp. 369-380.

MOTES, J. Maluquer de
(2000) - Formación y Dessarrollo de la cultura Castreña, *Pyrenae*, 2 - 2/3, Barcelona, pp. 215-230.

N

NOLEN, Jannette U. S.
(1988-1990) - Vidros de S. Cucufate, *Conímbriga*, vol. XXVII, Coimbra, pp. 5-59.
(1994) - A Cerâmica comum, *História de Portugal*, Dos tempos pré-históricos aos nossos dias, A Idade do Ferro e a ocupação romana, Dir. João Medina, II, Alfragide, pp. 288-98.

NOLEN, Jannette U. S.; **DIAS**, Maria Luísa Ferreira; **VIEGAS**, João Rosa
(1981) - A necrópole de Santo André, *Conímbriga*, vol. XX, Coimbra, pp. 5-180.

O

OLAIO, Nuno
(1997) - «Regimento Interno da Sociedade do Rio Vizela. Comentário», *Santo Tirso Arqueológico*, nº 1, 2ª série, Santo Tirso, Câmara Municipal de Santo Tirso, pp. 145-150;
(1997a) - «Elementos para a Arqueologia Industrial do Concelho de Santo Tirso: a Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Tirso» in *Santo Tirso Arqueológico*, 2ª serie. Santo Tirso: Câmara Municipal de Santo Tirso, 1, pp. 123-129;
(2001) - *A Industrialização do Vale do Ave. A indústria têxtil algodoeira na III metade do século XIX*. O Caso da Fábrica do Rio Vizela, Dissertação de mestrado, FLUL, Lisboa;
(2002) - A indústria têxtil em Santo Tirso», *Património e Indústria no Vale do Ave. Um Passado com Futuro*, (Coord. José Amado Mendes e Isabel Fernandes), Adrave, Guimarães, pp. 390-405.

OLAIO, Nuno; **MOREIRA**, Álvaro (1996) - *Comemoração dos 150 Anos da Fábrica de Fiação e Tecidos do Rio Vizela*, Santo Tirso, Câmara Municipal de Santo Tirso, s.d. [1996].

OLIVEIRA, Aurélio de (1982) - Contabilidades monásticas e produção agrícola durante o Antigo Regime. Os dízimos do mosteiro de Santo Tirso, *Actas do Colóquio de História Local e Regional. Comemorações do milenário da fundação do mosteiro de Santo Tirso (978-1978)*, ed. CMST, Santo Tirso, pp. 131-179;

OLIVEIRA, Paulo (2006) - *A congregação beneditina portuguesa no percurso para a extinção: 1800-1834*, Viseu, Palimage Editores, 2006,

P

PARENTE, J. (2003) - *O castro de S. Bento (Concelho de Vila Real) e o seu ambiente arqueológico*, Vila Real.

PASCUAL, Ernesto Zaragoza (1998) - La Congregación beneditina observante de Valladolid y la reforma de los monasterios benedictinos portugueses (1390-1590), *Os Beneditinos na Europa. 1º Congresso Internacional, de 23 a 26 de novembro de 1995*, Santo Tirso, pp. 237-246.

PASSOS, Carlos (1956) - O mosteiro e a igreja de Santo Tirso, ed. da Câmara Municipal de Santo Tirso, 1956. (1956-1957) - A fundação do mosteiro de Santo Tirso, *O Concelho de Santo Tirso – Boletim Cultural*, V, Santo Tirso, pp. 251-252.

PERALTA, Juan Ángel Paz (1991) - *Cerámica de mesa romana de los siglos III al VI d.C. en la provincia de Zaragoza*, Zaragoza.

PEREIRA, Maria Amélia Horta (1970) - O Dolium cinerário, com Skyphos vidrado a verde, da necrópole de Paredes (Alenquer), *Conímbriga*, vol. IX, Coimbra, pp. 45-74.

PEREIRA, Isabel; **BOST**, Jean-Pierre; **HENARD**, Jean (1974) - *Les Monaies*, Fouilles de Conímbriga, vol. III, Paris.

PÉREZ, Ladislao Castro (1997) - Brazalete de bronze de Santo Tirso, *Santo Tirso Arqueológico*, 2ª Série, n.º 1, Porto, pp. 5-11.

PIEL, Joseph; **MATTOSO**, José (1980) - *PMH, Livros Velhos de Linhagens*, nova série, vol. I, Ed. Crítica, Lisboa.

PIMENTEL, Alberto (1902) - *Santo Thyrso de Riba d’Ave*, ed. do Club Thyrsense.

PINHEIRO, Luís Gonzaga Martins (1957) - *À roda de Negrelos*, Sep. “O concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural”, Porto.

PINHO, M. R. M. (1947) - *Elementos para a história de Castelo de Paiva*, Câmara Municipal de Castelo de Paiva, Esposende, pp. 50-53.

PINTO, Ruy Serpa (1930) - Machados de bronze das margens do Ave, *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnografia*, Porto, 4 (3), pp. 306-308.

PONTE, Salete (1980) - A génese das fíbulas do Noroeste Peninsular, *Actas do seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, 2, Guimarães, 1980, pp. 111-119. (1984) - Fíbulas de sítios a Norte do rio Douro, *Lucerna*, Porto, pp. 111-114. (2004) - Fíbulas proto-históricas e romanas de Portugal, *Conímbriga*, vol. XLIII, Coimbra, pp. 199-213.

PONTE, Salete; **MARQUES**, Carlos Santos (1980) - Fíbula anular romana e fivela de cinturão romana do Museu Eduardo Malta (Covilhã), *Arqueologia*, 2, Porto, pp. 60-61.

PROVOOST, A. (1976) - Les lampes antiques en terre cuite. Introduction et essai de typologie général avec détails concernant les lampes trouvées en Italie, *L’Antiquite Classique*, XLV, Bruselas, pp. 5-39; 550-586.

Q

QUEIROGA, Francisco Reimão (1992) - *War and Castros. New approaches to the Northwestern Portuguese Iron Age*, Dissertação de Doutoramento, Oxford, policopiado.

QUEIROGA; Francisco Reimão; **DINIS**, António Pereira (2008-2009) - O balneário castrejo do Castro das Eiras, *Portugália*, Nova Série, vol. XXIX-XXX, Santa Maria da Feira, pp. 139-147.

QUIROGA, Jorge López (2004) - *El Final de la Antigüedad en la Gallaecia. La transformación de las estructuras de poblamiento entre Miño e duero (siglos V al X)*, Santiago de Compostela.

QUIROGA, Jorge López; **GARCÍA**, Clara Bango (2006) - Los edificios de culto como elemento morfogénético de transformación del paisaje rural en la antigüedad tardía y la Alta Idade Média, Cuadernos de Prehistoria y Arqueologia, *Sésion monográfica realizada en el marco del IV Congreso de Arqueologia Peninsular, celebrado en la Universidade de Algarve – Faro, Portugal, Setembro de 2004*, Universidad Autónoma de Madrid, 31-32, Madrid, pp. 29-59.

R

RAMOS, Luís Oliveira, (1982) - Problemas e virtualidades da Congregação de S. Bento nos fins do século XVIII (Tentativa de exemplificação), *Actas do Colóquio de História Local e Regional. Comemorações do milenário da fundação do mosteiro de Santo Tirso (978-1978)*, ed. CMST, Santo Tirso, pp. 115-130. (1982a) - *Pombal e a reforma dos estudos monásticos (o caso beneditino)*, Separata de “O Marquês de Pombal e o seu tempo”, número especial da Revista de História das Ideias, Faculdade de Letras de Coimbra, Coimbra.

RAMOS, Luís Oliveira (1984) - «Os beneditinos e a cultura: ressonâncias da ilustração», in *Separata da Revista de Faculdade de Letras - História*, Porto, IIª Serie, vol. I, Porto, pp. 159-186.

RAPIN, André (1991) - Lârmamento, *I Celti*, (coord. Sabatino Moscati) Milano, pp. 478-485.

REAL, Manuel Luís (1992) - «A organização do espaço arquitectónico entre beneditinos e agostinhos no séc. XII» *in Arqueologia*, N° 6, Publicação semestral editada pelo Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, pp. 118-132.

REAL, Manuel Luís; **SÁ**, Pedro (1982) - *O mosteiro de Roriz na arte românica do Douro Litoral*, Sep. Actas do Colóquio de História Local e Regional – Santo Tirso, 1979, Santo Tirso.

REAL, Manuel Luís; **DORDIO**, Paulo; **TEIXEIRA**, Ricardo; **MELO**, Rosário (1998) - Conjuntos cerâmicos da intervenção arqueológica da Casa do Infante, Porto: elementos para uma sequência longa (séc. IV-XIX), *Actas das Jornadas de Cerâmica Medieval e pós-medieval: métodos e resultados para o seu estudo*, Tondela 1995, 1, Vila da Feira, pp. 171-186.

REAL, M. L.; **TÁVORA**, M. J.; **OSÓRIO**, M. I.; **TEIXEIRA**, F. F. (1985-86) - Escavações arqueológicas no Morro da Sé, *sep. Boletim Cultural da Câmara do Porto*, 2ª série: 3/4, Porto, pp. 7-42.

RELLÁN, Rodriguéz; **VALCARCE**, Ramon Fabregas (2011) - La industria lítica en el Noroeste de la Península Ibérica durante el III y IV milénios a.C., *Las Comunidades Campaniformes en Galicia. Cambios sociales en el III y IV milénios BC en el NW de la Península Ibérica*, Pontevedra, pp. 249-258.

RIBEIRO, F. (1930-34) - Novas descobertas arqueológicas na Citânia de Briteiros, *Revista de Guimarães*, 40(3-4), 1930, pp. 171-175; 44 (3-4), 1934, pp. 205-208.

RIGAUD SOUSA, J. (1966) - Subsídios para a Arqueologia Bracarense, *Lucerna*, 5, Porto, pp. 589-599.

REY, Beatriz Comendador (1998) - Los inícios de la metalurgia en el Noroeste de la Península Iberica, *Brigantium*, vol. 11, A Coruña.

RODRÍGUEZ, Jose Ramon López (1985) - *Terra sigillata hispánica tardía decorada a molde de la Península Ibérica*, Valladolid.

RODRÍGUEZ, Perez; **ARAGON**, F. (1992) - Los broches de los cinturones tardorromanos y el inicio de la presencia germánica en la Península Ibérica, *Codex Aquilarensis*, 4.

ROMERO CARNICERO, M. V. (1985) - *Numancia I. La terra sigillata*, Barcelona.

S

SALAÑER, Eduardo Pitillas (1998-1999) - Integracion y promocion social de las poblaciones indígenas del noroeste hispánico dentro del esquema organizativo romano: Ejercito y minería, *Memorias de Historia Antigua*, XIX-XX, Oviedo, pp. 225-244.

SANTARÉM, Carlos Manuel Faya (1951) - O castro de Monte Padrão, *O Concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural*, vol. 1, (1), Santo Tirso, pp. 49-66. (1952) - Algumas peças inéditas do Museu Abade Pedrosa, *O concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural*, vol. II, n.º 1, Porto, pp. 105-111. (1954) - Um bronze de arte, *Revista de Guimarães*, LXIV, 1-2, Guimarães, pp. 31-39. (1955) - O castro de Monte do Padrão. Campanhas de 1952-53-54, *O Concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural*, 3 (4), Santo Tirso, pp. 397-429. (1956) - Inscrições romanas no concelho de Santo Tirso, *O concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural*, vol. V, Santo Tirso, pp. 63-70. (1956a) - Um notável instrumento pré-histórico do círculo nórdico encontrada em Monte Córdova, *O Concelho de Santo Tirso - Boletim*

Cultural, IV, n.º 1, Porto, pp. 69-72. (1956b) - Algumas peças inéditas do Museu Abade Pedrosa II - Espólio arqueológico do Corvilho, Santo Tirso, *O Concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural*, vol. IV, n.º 2, Porto, pp. 169-177. (1956c) - Inscrições romanas no concelho de Santo Tirso, *O Concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural*, vol. V, n.º 1, Porto, pp. 63-70. (1956d) - *Santo Tirso. Ligeiros apontamentos para uma monografia*, Santo Tirso. (1977) - Santo Tirso. Ligeiros apontamentos para uma monografia, *O Concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural*, vol. IV, n.º 1, Santo Tirso, pp. 161-170.

SARMENTO, Martins (1883-84) - Inscrições inéditas, *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses*, vol. IV, 2ª Série, Lisboa = *Dispersos* 1993, p. 175. (1879) - Arte pré-romana, *O Occidente*, 2, Lisboa, p. 157. (1888) - A propósito do “Roteiro de Tesouros”, *Revista de Guimarães*, vol. V, Guimarães, pp. 5-11. (1888a) - Antigualhas, *Revista de Guimarães*, vol. V (4), Guimarães, pp. 157-163. (1933) - *Dispersos*, vol. I-II, Coimbra. (1906) - Materiais para a archeologia do concelho de Guimarães, *Revista de Guimarães*, 23(1), pp. 41-51. (1970) - Os inéditos de Martins Sarmento, Antíqua, *Revista de Guimarães*, vol. LXXX, 1-2, Guimarães, pp. 11-72. (1999 = [1880]) - *Antiqua*, SMS, Guimarães.

SANCHES, Maria de Jesus (1981) - Recipientes cerâmicos da pré-história recente no Norte de Portugal, *Arqueologia*, n.º 3, Porto, pp. 88-98. (1982) - Vasos da estação arqueológica do Corvilho - Santo Tirso, *Arqueologia*, n.º 4, Porto, pp. 56-61. (1988) - O povoado da Lavra (Marco de Canaveses), *Arqueologia*, 17, Porto, pp. 125-134.

SANTOS, Cândido Augusto Dias (1973) - *O censual da mitra do Porto*, Publicações da Câmara Municipal do Porto.

SCHULE, W. (1969) - *Die Meseta – Kulturen der Iberischen Halbinseln*, Berlim 1969.

SERRÃO, J. (1971) - *Dicionário de História de Portugal*, Porto.

SILVA, A. C. Correia da (1982) - «Frei João de Jesus Maria e a Pharmacopeia Dogmática», in *Actas do Colóquio de História Local e Regional. Comemorações do milenário da fundação do mosteiro de Santo Tirso (978-1978)*, ed. da Câmara Municipal de Santo Tirso, Santo Tirso, pp. 297-305.

SILVA, Armando Coelho Ferreira da (1980) - Organizações gentílicas de entre Leça e Ave, *Portugália*, Nova Série, 1 Porto, pp. 79-90. (1982) - Organizações gentílicas de entre Leça e Ave, *Actas do Colóquio de História Local e Regional* (Santo Tirso 1979), Santo Tirso, pp. 381-399. (1983) - *Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira)*, Paços de Ferreira. (1983-1984) - A cultura castreja no Noroeste de Portugal: habitat e cronologias, *Portugália*, Nova Série, 3-4, (Colóquio Inter -universitário de Arqueologia do Noroeste), Porto, pp. 121-129. (1986) - *Cultura castreja no Noroeste de Portugal*, edição CMPF, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins. (1986a) - Paços de Ferreira. As origens do povoamento: do megalitismo à romanização, *Paços de Ferreira - Estudos monográficos*, Paços de Ferreira, pp. 95-196. (1994) - Origens do Porto, *História do Porto* (Dir. Luís A. de Oliveira

Ramos), Porto, pp. 44-117.
(1995) - A evolução do habitat Castrejo e o processo de proto-urbanização no Noroeste de Portugal durante o I milénio a.C., *Revista da Faculdade de Letras - História, Universidade do Porto*, Porto, 505-546.
(1999) - *Citânia de Sanfins*, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
(2007) - *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira.
(2007a) - *Pedra formosa. Arqueologia experimental* - Vila Nova de Famalicão (Coord.). Vila Nova de Famalicão.

SILVA, Armando Coelho da; **CENTENO**, Rui Manuel Sobral
(1980) - Escavações arqueológicas na Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira), 1977-1978, *Portugália*, Nova Série, vol. I, Porto, pp. 57-78.

SILVA, Armando Coelho Ferreira; **MACHADO**, João
(2007) - Banhos castrejos do Norte de Portugal, *Pedra formosa. Arqueologia experimental* - *Vila Nova de Famalicão* (Coord. Armando Coelho Ferreira da Silva). Vila Nova de Famalicão, pp. 21-62.

SILVA, Armando Coelho Ferreira; **MOREIRA**, Álvaro de Brito
(2010) - O rio da Memória. Proto-História no vale do Leça, Porto, pp. 89-123.

SILVA, Armando Coelho Ferreira; **MACIEL**, Tiago
(2005) - Balneários castrejos do Noroeste peninsular. Notícia de um novo monumento do castro de Roques, *Portugália*, Nova Série, 25, Porto, pp. 115-131.

SILVA, J. P. N.
(1876) - Esculptura romana conhecida pelo nome de Pedra Formosa, achada em Portugal, e o que ella representa, *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, 2ª Série, 9, Lisboa, p. 136.

SMITH, Robert C.
(1972) - *Frei José de Santo António Ferreira Vilaça Escultor Beneditino do século XVIII*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

SOEIRO, Teresa
(1980) - Objectos de bronze do Castro de Alvarelhos, *Gallaecia*, n.º 6, Santiago de Compostela, pp. 237-243.
(1981-82) - Monte Mozinho: Cerâmica cinzenta fina, *Portugália* - *Nova Série*, n.º 2, Porto, pp. 97-120.
(1981) - Objectos em bronze do castro de Alvarelhos, *Gallaecia*, n.º 6, A Coruña, pp. 237-243.
(1984) - Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana, *Penafiel* - *Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, n.º 1, Penafiel.

SOMMER, M.
(1984) - Die GurtelGurtelbeschlage des 4. Und. 5. Jahrhunderts im romischen Reich. Boner Hefte zur Vorgeschichte, 22, Bonn.

SOUSA, Armindo
(1981) - «O Mosteiro de Santo Tirso no século XV», *Estudos Medievais*, 1, Porto, pp. 95-156.

SOUSA, D. Gabriel
(1951-1952) - *O Brasão da Porta Branca do mosteiro de Santo Tirso, em CST*, vol. I (1951-1952), Santo Tirso, pp. 227-232.
(1992) - *Mosteiro de Singeverga: Cem anos 1892-1992*, Singeverga, Ora & Labora, Braga.

SOUSA, Élvio Melim
(1989) - O Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, *Ler História*, n.º 15, pp. 182-182.

SOUSA, J.M.C.
(1948) - Inscrições dos séculos VIII a XII existentes em Portugal, *Ethnos*, vol. III, Lisboa, pp. 113-133.

SOUZA, Jorge Victor de Araújo
(2011) - *Para Além do Claustro: Uma História Social da Inserção Beneditina na América Portuguesa.*, c. 1580-c. 1690, Nitéroi.

T

TEIXEIRA, C.; **MEDEIROS**, A. Cândido; **ASSUNÇÃO**, C. Torre
(1965) - Carta Geológica de Portugal (1 / 50 000). Notícia explicativa da folha 9-A, Póvoa de Varzim, SGP, Lisboa.

TOMÁS, Fr. Leão de São
(1974) - *Beneditina Lusitana*. Introdução e notas de José Mattoso, Coimbra: Imprensa Nacional Casa da Moeda, Reedição fac-simile, 2 tomos.

TORRES, Joaquim
(1978-79) - *Tesouro monetário do castro de Alvarelhos. Estudo numismático* - *Seriação cronológica e histórica*, Boletim Cultural de Santo Tirso, vol. I, n.º 2-3, Santo Tirso.

TRANOY, Alain
(1974) - *Hydace Chronique*, Paris.
(1981) - *La Galice Romaine. Recherces sur le nord-ouest de la Péninsule Ibérique dans l’antiquité*, Paris.

TWOHIG, E. Shee
(1981) - A pedra decorada de Ardegães de Águas Santas (Concelho da Maia), *Arqueologia*, n.º 3, GEAP, Porto, pp. 49-55.

V

VALCARCE, Ramon Fabregas
(1984) - La indústria de piedra polida en las sepulturas megalíticas de Galicia, *Trabajos de Prehistórias*, 41, Madrid, pp. 129-163.
(1984a) - Para una tipologia de los utiles de piedra pulimentada de la cultura megalítica de Galicia, *Boletim do Museo Provincial de Lugo*, n.º II, Lugo, pp. 5-11.
(1992) - Estudio funcional de utiles pulimentados: Experimentos de tala y analyses de microdesgaste, *SPAL*, I, pp. 107-123.

VALVÍS, F. Conde
(1955) - Las termas romanas de la «Cibdá» de Armea en Santa Marina de Aguas Santas, *III Congreso Arqueologico Nacional (Galicia, 1953)*, Zaragoza, pp. 432-446.

VASCONCELOS, José Leite
(1905) - *Religiões da Lusitânia*, vol. II, Imprensa Nacional, Lisboa.

VAQUERO, Santiago Carretero
(1998) - *El Campamento Romano del Ala II Flavia en Rosinos de Vidriales (Zamora)* - *La cerâmica*, Valladolid 1998 (Tesis Doctoral - Policopiada).

VAZQUÉZ, A.
(1987) - *Sigillata Africana en Augusta Emerita*, Mérida, Badajoz.

VEIGA, Augusto Botelho da Costa
(1936) - *Estudos de História Militar Portuguesa*, Lisboa, 2 vols.

VIANA, Abel
(1961) - *Uma necrópole romano-suévica (?) de Beiral, Ponte de Lima*, Ponte de Lima.

VIANA, Abel; **FORMOSINHO**, José; **FERREIRA**, Octávio Veiga
(1953) - De Lo prerromano a lo árabe en el museo regional de Lagos, *Archivo Español de Arqueologia*, Madrid, pp. 113-138.

VIEIRA, José Augusto
(1887) - *O Minho Pittoresco*, t. II, p. 300.

VIEIRA, Marta Paula Andrade
(2012) - *Vida e morte na comunidade beneditina do Mosteiro do Salvador de Paço de Sousa (1625-1826)*, Dissertação de Mestrado apresentada à FLUP, Porto.

Y

YANGUAS, J. Santos
(1997) - Ejército romano y minería del oro en el Norte de la Península Ibérica, *HAnt.*, XXI.

Z

ZOREDA, L. Caballero
(1974) - *La necrópolis tardorromana de Fuentespreadas (Zamora). Um asentamiento en el valle del Duero*, Excavaciones Arqueológicas en España, 80, Madrid.

FICHA TÉCNICA			
ENTIDADE DE TUTELA		Câmara Municipal de Santo Tirso Presidente Joaquim Barbosa Ferreira Couto	
MUSEU MUNICIPAL ABADE PEDROSA		Director Curador Álvaro Brito Moreira Conservação e produção Álvaro Brito Moreira Rogério Alves Rosário Melo Tânia Pereira Sofia Carneiro Helena Loureiro Comunicação GABCOM Patrícia Gonçalves Filipa Tavares Renata Mota	Coordenação editorial Álvaro Moreira Serviço Educativo Sílvia Costa Helena Loureiro Serviços Administrativos Sílvia Costa
EXPOSIÇÃO		Comissariado Álvaro Brito Moreira Montagem Álvaro Moreira Rogério Alves Rosário Melo Tânia Pereira Sofia Carneiro Helena Loureiro	Design gráfico Studio WABA Suportes digitais Skillmind Agradecimentos Polopiqué
CATÁLOGO		Promotor do projeto Câmara Municipal de Santo Tirso Título Museu Municipal Abade Pedrosa. Espólio Arqueológico Autor Álvaro Moreira Revisão Sílvia Costa Tânia Pereira Design gráfico Studio WABA Impressão NORPRINT - a casa do livro	Capa Nome Papel Miolo Nome Papel Tipografia Fedra Serif A Avenir Next ISBN 978-972-8180-51-5 Depósito legal ???????????????????? Local e data de edição Santo Tirso, maio 2016



SANTO TIRSO
CÂMARA MUNICIPAL